

AUTORA BESTSELLER EM ESPANHA

Alice
Kellen

Tudo o que
somos juntos

DEIXA
ACONTECER

2

2.ª EDIÇÃO

EDITORIAL PRESENÇA



Alice Kellen



Tradução de
Cláudia Gomes Oliveira



 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Todo lo que somos juntos*

Autora: *Alice Kellen*

Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2019

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2021

Tradução: *Cláudia Gomes Oliveira*

Revisão: *Ricardo Batalheiro/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, setembro, 2021

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a Elena, a Dunia e a Lorena,
obrigada por me acompanharem nesta viagem*

«Toda a gente sabe:
quando te partem o coração em mil pedaços
e te baixas para os apanhar,
há apenas novecentas e noventa e nove partes.»

CHRIS PUEYO, *Aquí dentro siempre llueve*

Nota da Autora

Em todos os meus romances, há canções que acompanham muitas das cenas que ficam no papel. A música é inspiração. Neste momento, é mais do que isso. É um revestimento em certos momentos, um fio que prende um pouco as personagens. Podem encontrar a lista completa das canções que ouvi enquanto escrevia a história, mas, se vos apetecer, convido-vos a ouvir algumas das mais importantes no momento exato em que marcaram o romance. No capítulo 50, *Too Young To Burn*; no 48, *Let It Be*. E no epílogo, *Twist and Shout*.

Prólogo

Tinha medo de que a linha que separa o ódio do amor fosse tão fina e estreita, que pudesse ir de um extremo ao outro só com um salto. Eu amava-o... amava-o visceralmente, com o olhar, com o coração; todo o meu corpo reagia quando ele estava por perto. Mas outra parte de mim também o odiava. Odiava-o com as recordações, com as palavras nunca ditas, com o rancor, com esse perdão que era incapaz de lhe oferecer de mão beijada, por muito que desejasse fazê-lo. Ao olhar para ele, via o negro, o vermelho, um púrpura latente; as emoções a transbordar. E sentir algo tão caótico por ele fazia-me mal, porque Axel era uma parte de mim. Sê-lo-ia sempre. Apesar de tudo.

Novembro

(PRIMAVERA, AUSTRÁLIA)

Leah

Ainda tinha os olhos fechados, quando senti os lábios dele a deslizar pela curva do meu ombro, antes de descer um pouco mais e deixar um rasto de beijos junto do umbigo; beijos doces e delicados, daqueles que fazem estremecer. Sorri. Mas o sorriso desapareceu logo, quando dei conta da sua respiração quente perto das costelas. Perto dele. Das palavras que um dia Axel traçou com os seus dedos na minha pele, esse *Let It Be* que eu tinha tatuado.

Mexi-me, inquieta, antes de abrir os olhos. Apoiei uma mão na sua face e puxei-o até a sua boca encaixar na minha e uma sensação de calma me inundar. Tirámos a roupa no silêncio daquela manhã tranquila e soalheira de um sábado qualquer. Abracei-o quando deslizou para dentro de mim. Lento. Profundo. Fácil. Arqueei as costas quando precisei de mais, daquele impulso final, duro e intenso. Não o encontrei. Pus uma mão entre nós e acariciei-me com os dedos. Atingimos o orgasmo ao mesmo tempo. Eu a respirar agitada. Ele a gemer o meu nome.

Afastou-se para um lado e eu fiquei a olhar para o teto branco e liso do quarto. Não passou muito tempo até eu me levantar na cama e ele me segurar no pulso.

— Já vais? — tinha a voz suave.

— Sim, tenho muita coisa para fazer.

Levantei-me e fui descalça até à cadeira em que tinha deixado a roupa na noite anterior. Enquanto me vestia, Landon olhava para mim ainda deitado entre os lençóis, com as mãos atrás da nuca. Apertei o cinto fino da saia antes de enfiar a blusa de alças pela cabeça. Pendurei ao ombro a mala que o meu irmão me tinha oferecido no Natal e, a caminho da porta, preendi o cabelo num puxo.

— Ei, espera. Um beijo antes de ires, não?

Aproximei-me da cama a sorrir e inclinei-me para o beijar. Acariciou-me o rosto com ternura antes de suspirar, satisfeito.

- Vemo-nos esta noite? — perguntou.
- Não posso, vou ficar no estúdio até tarde.
- Mas é sábado — insistiu. — Vá lá, Leah.
- Desculpa-me. Jantamos amanhã?
- Pode ser.
- Eu ligo-te.

Desci pelas escadas do prédio. A suave luz do dia recebeu-me sob o céu acinzentado. Tirei os auscultadores da mala enquanto caminhava, peguei num chupa-chupa e levei-o à boca. Atravessei uma passadeira a correr quando o semáforo estava prestes a mudar para vermelho e cruzei um parque salpicado de flores que me servia de atalho até ao meu estúdio.

Na verdade, não era meu, não completamente.

Mas tinha trabalhado muito durante aqueles anos de universidade para conseguir uma bolsa que me permitia dispor de um pequeno espaço para mim.

Quando cheguei, o cheiro a tinta envolvia tudo. Deixei as minhas coisas em cima de uma poltrona redonda e peguei na bata que estava pendurada atrás da porta. Enquanto a apertava, fui-me aproximando do quadro que ocupava o centro das velhas águas-furtadas.

Estremeci ao contemplar os traços delicados da curvatura das ondas, os salpicos de espuma e a luz iridescente do Sol que parecia escorregar pela tela. Peguei na paleta de madeira e misturei algumas cores, enquanto continuava a olhar de soslaio aquela tela, que, de alguma forma perversa, parecia desafiar-me. Ergui o pincel e reparei que a mão me tremia quando as memórias tomaram conta de mim. O meu estômago encolheu-se ao lembrar-me da noite em que tive de correr para ali, porque, de repente, precisei de pintar aquele pedaço de praia que tão bem conhecia, apesar de não o pisar há três anos...

Três anos sem esse pedaço de mar, diferente dos outros.

Três anos nos quais eu tinha mudado muito.

Três anos sem o ver. Três anos sem Axel.

Axel

Deslizei pela parede da onda, debaixo do sol ténue do amanhecer, antes de cair na água. Fechei os olhos enquanto me afundava, e os sons do mundo exterior tornaram-se longínquos. Dei impulso para cima ao perceber que me afogava. Com esforço, consegui agarrar-me à prancha de *surf*. Inspirei fundo. Uma e outra vez. Mas nenhuma dessas inspirações me encheu por dentro. Fiquei ali, a flutuar na saudade do meu mar, a contemplar o rasto de espuma e a luz salpicada que brilhava entre as ondas, e perguntei-me quando voltaria a respirar.

Leah

Tinha trabalhado sem parar durante toda a semana. Às vezes, assustava-me pensar que nem sequer era isso, o trabalho, mas sim a necessidade, ou uma mistura de ambas. A pintura era o motor da minha vida, a razão pela qual me mantinha de pé, forte, cheia de coisas para expressar e descarregar. Lembro-me do dia em que Axel me perguntou como conseguia fazê-lo e eu respondi-lhe que não sabia, que simplesmente o fazia. Se me tivesse feito essa pergunta algum tempo depois... não lhe teria dado a mesma resposta. Ter-lhe-ia confessado que era o meu escape. Que aquilo que não sabia expressar por palavras, transmitia através de cores e formas e texturas. Que era uma coisa minha, e só minha, mais do que qualquer outra no mundo.

Se nessa noite não fosse o meu aniversário, teria ficado a pintar nas minhas pequenas águas-furtadas até às tantas, como fazia muitas vezes aos fins de semana, mas os meus amigos da universidade tinham-se empenhado em me preparar uma festa e eu não podia não ir. Enquanto me vestia, recordei a chamada de Blair umas horas antes, felicitando-me e aproveitando para me dar a notícia de que o bebé que esperava de Kevin era um menino. Era sem dúvida o melhor presente que receberia nesse dia.

Aproximei-me do espelho para fazer uma trança. Tinha o cabelo comprido e já quase nunca o deixava solto; tinha pensado várias vezes em cortá-lo, mas o cabelo lembrava-me aqueles dias em que caminhava descalça e vivia numa casa isolada do resto do mundo, dias em que não me preocupava muito se me penteava ou não. Até nisso tinha mudado. Na maneira de vestir, mais cuidada. Tentava controlar-me quando sentia algum tipo de impulso em mim, porque tinha aprendido que os estímulos nem sempre seguem pelos caminhos mais adequados. Esforçava-me por ser mais serena,

pensava nas coisas antes de me lançar no vazio e obrigava-me a pensar nas consequências.

O telemóvel tocou outra vez. Como sempre, o meu coração pareceu parar ao ver aquele apelido no ecrã: Georgia Nguyen. Inspirei antes de atender.

— Parabéns, querida! — exclamou. — Vinte e três anos já. Nem acredito que o tempo passou tão depressa, parece que ainda ontem te segurava nos braços e passeávamos no jardim para que parasses de chorar.

Sentei-me na beira da cama e sorri.

— Obrigada por ligares. Como estão vocês?

— Prestes a apanhar o avião, na porta de embarque. — Desatou a rir como uma criança, porque, ao que parece, o marido estava a tentar fazer-lhe cócegas para lhe tirar o telemóvel. — Não sejas chato, Daniel, já te passo o telemóvel! Como ia dizendo, querida, estamos no aeroporto de São Francisco e o nosso voo para Punta Cana sai daqui a uma hora.

— Que viagem a vossa. E que inveja.

— Ligo-te daqui a uns dias para falarmos com mais calma e sem interrupções.

— Não te preocupes, passa ao Daniel.

— Parabéns, Leah! — exclamou de imediato. — Vais celebrar com os teus colegas? Tem um dia feliz. Aproveita.

— Obrigada, Daniel. Tentarei fazê-lo.

Desliguei e, durante uns instantes, fiquei a olhar para o ecrã do telemóvel com nostalgia, a pensar em todas as felicitações que tinha recebido naquele dia... e também nas que não tinha recebido.

Era um disparate. Um daqueles que, de vez em quando, me assaltavam, porque, afinal, a recordação das pessoas reside em pormenores que parecem insignificantes, mas que acabam por ser os que realmente importam. Axel sempre fora uma presença importante em todos os meus aniversários; a única pessoa que eu desejava ver quando chegava o dia de celebrar, que me fazia os presentes de que eu mais gostava, e que fazia parte dos meus desejos no momento de soprar as velas desde que era apenas uma criança.

Sentia que tinha passado uma eternidade desde tudo aquilo...

Voltei a olhar para o telemóvel. Não sei o que esperava, mas não tocou.

Suspirei profundamente e levantei-me para me aproximar do espelho grande que estava encostado à parede, exatamente no mesmo sítio em que Oliver o pusera quase três anos antes, quando o comprei por impulso numa loja perto da minha residência de estudantes.

Distraidamente, toquei na ponta da trança, sem deixar de olhar para o meu reflexo. «Vais ficar bem», disse, mais por hábito do que por outro motivo, «vais ficar bem».

Quando saí de casa, já tinha anoitecido e caminhei até ao restaurante em que tínhamos combinado. Tinha dado apenas alguns passos, quando ele apareceu.

— Que fazes aqui? — ri-me.

— Queria acompanhar-te. — Landon estendeu-me a rosa que trazia na mão antes de me dar um beijo lento.

Olhei a flor quando ele se afastou e acariciei as pétalas vermelho-escarlates. Levei-a ao nariz para a cheirar, enquanto retomávamos o passo em silêncio.

— Conta-me o que fizeste hoje. O dia correu-te bem?

— Sim, estou quase a terminar um quadro... — Voltei a lembrar-me daquele pedaço de mar tão meu, tão nosso, e abanei a cabeça. — Não te quero aborrecer com isso. Fala-me de ti.

Landon contou-me detalhadamente como lhe tinha corrido a semana, que trabalhara muito no projeto que estava a desenvolver para terminar o curso de gestão, falou da vontade que tinha tido de me ver durante os últimos três dias, em que não havíamos conseguido encontrar um tempinho para nos vermos, do quão bonita eu estava naquela noite...

Quando avistámos o restaurante, caminhámos mais depressa.

— Espero que gostes da tua festa surpresa — brincou, voltando a ficar sério logo de seguida. — Vieram todos. Às vezes, quando te fechas tanto em ti mesma e naquelas águas-furtadas, preocupo-me contigo, Leah. Esta noite, quero que te divirtas.

Emocionei-me com as suas palavras e abracei-o com força.

Prometi-lhe que o faria.

Um sorriso desenhou-se no meu rosto ao atravessar a ombreira da porta do restaurante e ver os nossos amigos a levantarem-se na mesa do fundo enquanto cantavam os *Parabéns*. Recebi abraços e beijos antes de me sentar junto deles. Tinham vindo quase todas as pessoas que faziam parte da minha vida em Brisbane: alguns colegas de turma e Morgan e Lucy, as raparigas que conheci no primeiro mês na residência e das quais não me tinha separado desde então. Foram as primeiras a dar-me o seu presente.

Desembrulhei-o com cuidado, nada que ver com a impaciência que outrora me dominava; tirei a fita-cola com a unha e dobrei o papel antes de dar graças por encontrar material de desenho, utensílios que sabiam que eu precisava.

— Vocês são incríveis e não era preciso...

— Não vale chorar! — gritou Morgan imediatamente.

— Sim, não ia...

— Já te conhecemos — cortou Lucy.

Desatei a rir ao ver a sua expressão.

— Está bem, nada de lágrimas, só diversão! — dirigi o olhar para Landon, que sorria satisfeito e me piscou o olho do outro lado da mesa.

Quando a festa terminou, eram altas horas da madrugada e eu tinha bebido mais do que o aconselhável, tendo em conta que o meu irmão Oliver chegaria no dia seguinte. Mas não me importei, porque ali, sob as luzes daquele lugar em que acabámos por beber uns copos, senti-me bem, feliz, envolta pelos braços de Landon e pelo riso das minhas amigas. Deixei de pensar nos que não estavam, na voz rouca de Axel ao felicitar-me e no que me teria oferecido nesse ano, numa realidade paralela em que nós continuaríamos a ser as mesmas pessoas que acreditaram que nunca se afastariam.

Tinha demorado algum tempo a compreender, mas... a vida continua. Axel não tinha sido o destino, somente o início de um troço do caminho que percorremos juntos e de mão dada, até ele ter decidido fazer um desvio.

Caí na cama embriagada e o quarto parecia andar às voltas. Abracei a almofada. Havia alturas em que mal pensava em Axel, ocupada com as aulas, com as horas que passava nas águas-furtadas e aquelas em que estava com Landon, ou com as minhas amigas, mas regressava sempre. Ele. Aquela sensação, que me irritava cada vez mais, de o trazer ainda debaixo da pele. As memórias despertavam no momento mais inesperado: ao ver um desconhecido a segurar num cigarro com o indicador e o polegar, com o cheiro do chá, com uma música, um gesto tonto... com qualquer pormenor.

Lembrei-me do que tinha guardado na primeira gaveta da mesa de cabeceira, mas controlei a vontade de a abrir e de segurar naquele objeto que tinha comprado num mercado, pouco depois de chegar a Brisbane.

Fechei os olhos com força. Estava tudo a andar à roda.

Perguntei-me que estaria ele a fazer naquele momento...

Axel

Olhei uma última vez para a galeria antes de sair e de regressar a casa. Voltei a pé, porque nunca tinha pressa de chegar, não havia ninguém à minha espera.

Naquele dia, enganei-me.

Oliver estava sentado no degrau da porta.

Por alguma razão, causou-me uma impressão tão forte como na primeira vez em que o vi ali mesmo, quatro meses antes. Porque não o esperava, claro, e porque... porra, porque fiquei sem ar ao perceber a falta que me fizera durante aqueles anos de ausência.

Então, Oliver voltou de repente à minha vida, numa tarde qualquer, tal como se fora embora.

Fiquei paralisado e demorei uns segundos a convencer-me de que era real; estava igual, parecia que nada tinha mudado. Olhou-me, atrapalhado, e, quando abri a porta da minha casa e lhe perguntei se queria entrar, não disse nada, simplesmente seguiu-me até lá dentro. Agarrou na cerveja que lhe ofereci, fomos para o terraço e fumámos um cigarro em silêncio. Não sei quanto tempo estivemos ali, se foram horas ou somente vinte minutos, estava tão perdido nos meus pensamentos que nem sequer dei conta. Só sei que, quando se levantou, abraçou-me com raiva e com carinho ao mesmo tempo, tudo misturado, e, de seguida, foi-se embora sem se despedir.

Repetiu aquilo um par de vezes. Aparecer de surpresa em minha casa. Eu sabia que ele vinha quando ia visitar a irmã a Brisbane; de passagem, tentava sempre aproximar-se e estar um pouco com a minha família. Durante os três anos que tinham passado desde a última vez que nos víamos, tinha feito o mesmo sem se dar ao trabalho de me vir cumprimentar. Até algum tempo mais tarde, não soube o que o terá feito mudar de ideias e bater à minha porta. De qualquer modo, não lhe perguntei. Também nunca mais voltámos a

falar de Leah. Foi um acordo tácito entre os dois, cujas normas ambos conhecíamos bem. E voltámos a ser amigos. Mas foi uma amizade... diferente, porque quando uma coisa se quebra e se volta a colar, nunca fica perfeita, tal qual fora antes, aparecem fendas e arestas desiguais.

— Não sabia que vinhas — disse-lhe na quarta vez em que me visitou.

— Nem eu. — Seguiu-me quando entrei em casa. — Na verdade, não tinha dias livres, mas consegui fazer uma troca de última hora para...

«O aniversário de Leah.» Merda. Fechei os olhos.

— Uma cerveja? — interrompi-o.

— Bem gelada. Está um calor do caracas.

— É normal, com essas roupas que tens vestidas.

— É o que dá não viver como um eremita.

Depois de olhar novamente para as suas calças escuras e aquela camisa que era demasiado quente, mesmo com as mangas arregaçadas, neguei com a cabeça.

— Tudo bem, Oliver? — Saímos para o terraço.

— Sim, e que tal a galeria? — perguntou.

— Não me queixo. Entretenho-me. É diferente.

Fazia pouco mais de um ano que começara a trabalhar naquela pequena galeria de Byron Bay, na qual, um dia muito distante, desejei expor a minha obra. Além disso, ela também estava relacionada com uma promessa. Mas não tinha aceitado o emprego por causa disso, foi mais porque... não encontrara nenhuma razão para o recusar. Tinha pouco que fazer. Estava aborrecido. O silêncio, às vezes, era demasiado esmagador. E pensei que me faria bem passar por ali para ajudar pontualmente, sem horários.

Não me enganei. Foi uma das poucas decisões acertadas que tomei nos últimos tempos. Continuava a ilustrar, mas era mais exigente com os trabalhos que aceitava.

O requisito fundamental para que uma galeria funcione bem é ter um plano claro e sólido. Encarregara-me de o traçar, de indicar que tipo de obras de arte e que tipo de artistas iríamos promover; algo que era, essencialmente, o trabalho básico que sustentava aquele

negócio. O dono, Hans, era um empresário que só aparecia muito esporadicamente e que me dava liberdade para fazer e desfazer a meu bel-prazer, sempre apoiado na gestão pela Sam, que trabalhava a tempo inteiro.

Os primeiros meses foram difíceis, mas, por fim, chegámos a um catálogo mais definido, uniforme e coerente, graças aos vínculos que íamos estabelecendo entre os estilos dos artistas que agenciávamos. Eu ocupava-me de os encontrar e de os convencer a juntarem-se ao nosso projeto, convidando-os a fazer uma primeira exposição em Byron Bay, e depois Sam encarregava-se de manter uma relação mais próxima com eles. Ela fazia bem essa parte a que os galeristas costumam chamar «a poesia do seu trabalho», talvez por ser uma mulher doce, mãe de três filhos e com uma paciência infinita, capaz de aguentar o ego de qualquer artista vaidoso, coisa que eu não estava para aturar. Eu sabia da magia que aquele processo tinha para Sam: ver crescer as promessas mais jovens em quem havíamos apostado, ter um contacto regular com elas e, sobretudo, visitar os seus estúdios.

Para mim, continuava a ser difícil envolver-me a tempo inteiro.

Havia uma coisa... algo que me impedia.

— Quantos artistas tens agora? — Oliver olhou-me com curiosidade enquanto brincava com o rebordo do rótulo da cerveja.

— Eu? — ergui as sobrancelhas. — Nenhum.

— Sabes o que quero dizer.

— A Sam é que tem. Eu apenas os encontro e atraio-os para a galeria.

Ficámos calados enquanto o Sol descia em direção ao horizonte. Voltar a ter Oliver na minha vida dava-me uma falsa sensação de normalidade, porque tudo estava diferente, claro. Ou talvez fosse eu que tivesse mudado muito desde aqueles tempos da universidade em que éramos inseparáveis. Continuava a ser uma das pessoas de quem eu mais gostava, mas tinha a sensação de que, pouco a pouco, tínhamos andado a pôr tijolos até erguermos uma parede entre nós. Pior ainda: falávamos através dessa parede. E começámos a fazê-lo ainda antes da minha relação com a sua irmã. Aquela certeza de saber que a outra pessoa te escuta e assente,

mas que não te compreende inteiramente, não porque não queira, mas porque não consegue. E eu detestava sentir essa incompreensão no ambiente quando falávamos, porque me fazia recordar a única pessoa que sentia que me tinha visto completamente, do princípio ao fim, pedaço a pedaço, uma miúda que tinha sabor a morango e de quem eu tinha tantas saudades...

Leah

Quando a professora Linda Martin me chamou no final da aula para marcar uma hora de tutoria comigo, fiquei muito nervosa. Por isso, enquanto aguardava na sala de espera, não conseguia parar de roer a unha do dedo mindinho. Ela abriu a porta do seu gabinete um minuto depois da hora combinada e sorriu-me. Isso relaxou-me ligeiramente. Tinha-me empenhado tanto nos estudos, que a ideia de ter cometido algum erro no último exame, de baixar a média ou de desiludir alguém me apavorava.

Ela sentou-se na sua cadeira e eu instalei-me do outro lado da secretária. Mordi o lábio para tentar conter-me, mas foi em vão.

— Que foi que fiz? — atirei à queima-roupa.

Detestava aquela parte de mim. A impulsiva. A que me impedia de gerir bem as emoções, de as controlar e digerir aos poucos. Aquele lado um tanto oculto, que outrora me fez despir numa noite qualquer à frente dele e perguntar-lhe porque nunca se tinha interessado por mim. Por algum motivo, aquela memória assaltava-me com frequência.

— Não fizeste nada, Leah. Ou, sim. Fizeste muito e muito bem. — Abriu uma pasta que estava em cima da secretária. Tirou algumas fotografias em que se viam obras minhas. — Recomendei-te para a exposição que começará daqui a um mês, em Red Hill. Achei que serias a candidata perfeita, porque encaixas no perfil.

— Está a falar a sério? — pisquei os olhos para não chorar.

— Será uma grande oportunidade. Foste selecionada.

— É... não sei que dizer, professora Martin.

— Um «obrigada» basta. Serão apenas obras tuas, mas é perfeito, porque a exposição atrairá bastantes visitantes. Que achas?

— Acho que vou gritar de felicidade!

Linda Martin desatou a rir e, depois de comentar rapidamente alguns pormenores, agradeceu-me mil vezes, enquanto me levantava

e pegava na mala. Quando saí da universidade, levantei o olhar para o céu e respirei fundo. O vento era morno e agradável. Pensei nos meus pais, em quão orgulhosos estariam, em como teria gostado de partilhar com eles aquela vitória... agarrei imediatamente no telemóvel, que estava no meio das coisas todas que tinha na bolsa pequena da mala, e marquei o número de Oliver. Esperei, impaciente, até que atendeu ao quinto toque.

— Estás sentado? — perguntei, entusiasmada.

— Estou... sim, bem, na cama. Deitado. Serve?

— Oh, merda, não me digas que estavas com a Bega!

— Vá, diz lá o que ias contar.

— Fui selecionada... vou expor... — Respirei. — Só três obras, mas é...

— Fónix, Leah. — Houve alguns segundos de silêncio e percebi que o meu irmão se tinha emocionado. E que se levantava da cama, porque ouvi os seus passos enquanto recuperava o fôlego. — Não fazes ideia de como estou orgulhoso de ti. Finalmente, anãzinha.

— É tudo graças a ti... — sussurrei.

E ele não negou, sabia que era verdade.

Quando tudo caiu por terra, três anos antes, fiquei chateada com o meu irmão durante algumas semanas, quase sem lhe dirigir a palavra.

Comportei-me assim no início, antes de compreender que ele não tivera culpa. Oliver não tomara a decisão. Oliver não estragara tudo. Oliver não escolhera que caminho seguir.

Mas, naquela altura, não queria vê-lo. Não queria admitir que Axel se passava sempre que algo era demasiado confuso para ele, que, ante a mínima complicação, fazia um desvio e desistia das coisas que não conseguia controlar, que nunca parava de implicar com tudo e com todos.

E talvez a culpa tenha sido minha, por idealizar.

Axel não era perfeito. Como ele mesmo me dissera, havia partes feias, daquelas que todos desejamos limar e polir até que desapareçam. E também zonas cinzentas. Virtudes que por vezes se podem transformar em defeitos. Coisas que um dia foram

brancas e que, com o passar do tempo, acabaram por escurecer: os sonhos, a coragem.

Abanei a cabeça e virei à direita numa esquina.

Toquei à campainha. Landon respondeu e abriu.

Quando acabei de subir as escadas, ele estava à minha espera, apoiado na ombreira da porta. Tinha o cabelo despenteado e a camisa com as mangas arregaçadas; pensei que estava bonito e sorri antes de me lançar sobre ele e de o abraçar com força.

— Tanto entusiasmo... — brincou.

— Vou expor três obras! — gritei.

— Uau, querida, nem imaginas como fico feliz...

Engoli em seco, com o rosto escondido junto ao seu pescoço, detestava que ele tivesse dito aquela palavra que eu não gostava de ouvir e que lhe pedia sempre que não usasse.

«Querida...» Continuava a ouvi-la com a voz rouca de Axel. Com desejo. Com amor.

Abracei Landon com mais força, obrigando-me a deixar de pensar noutra coisa além da boa notícia. Dei-lhe um beijo no pescoço e subi até encontrar os seus lábios suaves. Ele fechou a porta enquanto eu lhe abraçava a cintura com as pernas. Fomos andando pelo seu apartamento até ele me deixar cair na cama. Olhei-o enquanto ele, de frente para mim, desabotoava a camisa.

— Volto num segundo — disse ele e, depois de alguns instantes em que ouvi barulho na cozinha, regressou com duas cervejas na mão. — Pensava que tinha uma garrafa de champanhe, mas não. Isto vai ter de servir.

— Isto é perfeito. — Agarrei no abre-garrafas e tirei as caricas.

— A ti. — As nossas garrafas de cerveja tilintaram ao bater uma na outra. — Aos teus sonhos.

— E a nós — acrescentei.

Landon olhou-me agradecido antes de beber um gole e tirar a camisa. Deitou-se ao meu lado, na cama, e puxou-me para ele. Beijou-me. Sossegou-me. Preencheu-me. Envolvi as pernas entre as suas e pensei que nada podia ser melhor.

Leah

Conheci Landon pouco depois de chegar a Brisbane.

Tinha acedido a sair um pouco com Morgan e Lucy após um dia terrível, daqueles que me deitavam abaixo nos primeiros meses e que vinham carregados de memórias. Talvez por isso mesmo me tenha forçado a lavar a cara, porque ainda tinha os olhos inchados de tanto chorar, a vestir um vestido, que ainda não tinha tirado do armário, e a ir a algum lado beber um copo com elas.

Em certa altura da noite, começámos a dançar. Quando começou a tocar uma música lenta, afastei-me dizendo que ia pedir outra bebida, mas o que queria era deixá-las a sós. Sentada num banco junto ao bar, olhei para elas a moverem-se ao som da música, sorrindo uma para a outra e oferecendo-se beijos e sussurros ao ouvido.

— Tu pintas? — perguntou-me um rapaz.

— Como é que sabes? — Franzi o sobrolho.

— As tuas unhas — respondeu, ao sentar-se no banco ao lado, procurando o empregado com o olhar. Tinha o cabelo castanho-escuro, uns olhos rasgados e um sorriso contagioso. — E pintas o quê, exatamente?

— Não sei. Depende — respondi baixinho.

— Estou a ver. És uma daquelas miúdas misteriosas...

— Isso não sou de certeza. — Sorri, porque achei a sua dedução engraçada. Eu era mais o contrário: demasiado transparente. — É só... um dia mau.

— Percebo. Vamos começar outra vez. Chamo-me Landon Harris. Estendeu-me a mão. Apertei-a.

— Muito prazer. Leah Jones.

Estivemos toda a noite a conversar. Não sei que horas seriam quando, tendo já bebido o suficiente, decidi que seria boa ideia desabafar com um completo desconhecido. Contei-lhe vagamente

sobre a morte dos meus pais, a minha história com Axel, os meses difíceis que tinha passado ao chegar a Brisbane... tudo.

Landon era uma daquelas pessoas que emanam confiança. Escutou atentamente, interrompeu-me quando era necessário e partilhou também pormenores da sua vida: o quão exigentes eram os seus pais com ele, o quanto gostava de fotografia e de praticar escalada sempre que podia escapulir-se.

Quando as minhas amigas quiseram ir-se embora, disse-lhes que ficaria um pouco mais com Landon. Ele ofereceu-se para me acompanhar a pé até à residência. Ao percorrermos as ruas, as nossas vozes quebravam o silêncio da noite, e dei conta de que não me sentia tão tranquila há muito tempo. Ao chegarmos à porta do bloco de edifícios, ele aproximou-se, ligeiramente inseguro, apoiou uma mão na parede e deu-me um beijo; não foi desconfortável, foi bonito.

Afastou-se e olhou para mim sob a luz alaranjada dos candeeiros de rua.

— Ainda estás apaixonada por ele.

Não foi uma pergunta, apenas uma afirmação, mas, de qualquer modo, assenti com a cabeça e tentei não começar a chorar, porque gostaria de que as coisas fossem diferentes; queria ter o coração em branco e conhecer melhor um rapaz como Landon, tão encantador.

Desde aquele dia, tornou-se num dos meus melhores amigos. Durante os anos que se seguiram, conheci muitos rapazes e ele teve um par de namoradas que acabaram por não ser o que ele esperava. Eu limitava-me a relacionamentos de uma noite, nos quais procurava algo que nunca chegava a encontrar. Depressa percebi a diferença entre fazer sexo e fazer amor, entre desejar alguém e amá-lo. Era uma linha tão grossa que não me sentia capaz de voltar a cruzá-la.

Foi numa madrugada de inverno que toquei à campainha da sua casa, a chorar e com o coração a bater com força contra as costelas. Landon abriu imediatamente.

— Que se passa? — perguntou depois de fechar a porta.

Ansiedade. Conhecia bem os sintomas. Engoli em seco.

— Acho que não sinto nada, Landon, acho... acho que...

Não conseguia falar. Ele abraçou-me e eu escondi a cabeça no seu peito, reprimi um soluço. Estava a passar por uma fase difícil.

Voltar a estar vazia aterrorizava-me, a ideia de entorpecer. Deixar de pintar... só de pensar nessa possibilidade, ficava com um nó na garganta. Mas, em cada dia que passava, as emoções pareciam diminuir e via-me a mim mesma a levantar-me da cama todas as manhãs só porque sabia que tinha de o fazer. Os beijos de qualquer desconhecido já não me satisfaziam, nem as recordações a que me agarrara quando precisava de as pintar, de as deixar sair.

— Calma, Leah. — Landon acariciou-me as costas.

Senti um leve estremecimento à medida que a sua mão se movia para cima e para baixo. E depois não pensei, deixei-me apenas levar pelo impulso. Respirei encostada ao seu rosto, a tremer de medo, dando conta de que cheirava tão bem e de que a sua pele era tão suave...

Os nossos lábios encontraram-se como se fosse algo natural. Landon apertou-me mais contra ele e ficámos a beijar-nos durante o que pareceu uma eternidade, sem pressa, apenas a deleitarmo-nos com o beijo. Quando começámos a tirar a roupa, senti-me segura. Quando aterrámos no colchão do seu quarto, fui envolvida por uma sensação confortável. E quando o senti mover-se dentro de mim, senti-me amada. Há muito tempo que não me sentia assim, por isso, agarrei-me a ele, às suas costas, à sua amizade, ao seu mundo, porque tê-lo por perto era a serenidade e a bonança depois da tempestade.

Uma semana depois, o meu irmão veio visitar-me. Fomos a um café tranquilo em que faziam uma sanduíche de frango deliciosa. Pedimos duas e refrigerantes, como sempre, e reparei então que ele estava a coçar a nuca antes de ter suspirado.

— Passa-se alguma coisa? — perguntei, inquieta.

— Eu... acho que tenho de te dizer.

— Vá lá. Diz-me, o que quer que seja.

— Voltei a estar com o Axel.

O meu estômago encolheu-se ao ouvir o seu nome. Quem me dera poder dizer que não me afetava, quem me dera ser indiferente

àquelas quatro letras, quem me dera...

— Porque é que me estás a contar isso? — protestei.

— Acho que devo, Leah. Não quero que haja mentiras entre nós. Nem sequer o planeei, só que, depois de passar um pouco de tempo com os Nguyen no outro dia, conduzi até à casa dele, sem pensar. Ou a pensar. Porque, desde que fiquei noivo da Bega, não consigo deixar de dar voltas à cabeça... ela perguntou-me quem seria o meu padrinho e eu... porra...

— Não precisas de ficar assim. Está tudo bem, Oliver.

Ele olhou-me, agradecido. Eu compreendia-o, a sério que sim.

Sabia que Axel tinha sido muito importante para o meu irmão e não fazia tenções de interferir, se tinham algo a recuperar... mas isso não significava que doesse menos. Doeu-me durante todo o almoço, ainda que não tenhamos voltado a mencionar o assunto. E doeu-me depois, enquanto caminhava pela rua. A dor só acalmou quando cheguei ao apartamento de Landon e os seus braços me acolheram. A segurança. Longe de tudo o resto.

Desde então, passámos a ser algo mais.

Não tinha a certeza do que implicava esse «mais» e nem me sentia preparada para tentar descobrir. Não éramos um casal, mas também não éramos só amigos. Landon tinha tentado, em várias ocasiões, que falássemos do assunto, e eu... pedia-lhe tempo.

Axel

Quando ela apareceu, caía uma chuva miudinha.

Apaguei o cigarro que estava a fumar e baixe-me diante dela. Estava muito magra e respirava com dificuldade. Há semanas que não a via. Deitou-se no chão do terraço e acariciei-lhe o dorso com delicadeza. Gemeu baixinho, como se estivesse com dores.

— Que tens, linda?

A gata tinha os seus olhos rasgados entreabertos.

E não sei como nem porquê, mas percebi-a.

Percebi que tinha vindo morrer comigo, passar os últimos minutos da sua vida protegida nos meus braços. Vieram-me as lágrimas aos olhos ao pensar na saudade e em como por vezes pode ser tão cruel. Sentei-me no chão, com as costas apoiadas numa das vigas de madeira, e deitei-a no meu colo. Acariciei-a devagar, apaziguando-a, acompanhando-a, até que a sua respiração se foi tornando cada vez menos audível, como se adormecesse...

Quis pensar isso. Que foi uma morte tranquila.

Fiquei ali um pouco mais, a ver chover, a contemplar o céu escuro daquela noite amena. Levantei-me quando já só chuviscava. Entrei em casa e vasculhei o armário das ferramentas até encontrar uma pequena pá.

Cavei e cavei, fiz um buraco muito mais fundo do que era preciso, mas não conseguia parar de cavar mais e mais... Já era de madrugada quando parei. Estava coberto de lama. Enterrei-a ali, com um nó na garganta, e apressei-me a voltar a pôr a terra no seu lugar.

Regressei a casa, meti-me no duche e fechei os olhos.

Levei uma mão ao peito.

Continuava sem conseguir respirar.

Axel

— Estás com má cara — disse-me Justin, preocupado.

— Não dormi quase nada. A minha gata decidiu que preferia morrer comigo a desaparecer sozinha.

— O curioso é que a primeira vez em que te referes a esse animal como sendo teu é precisamente quando já cá não está — refletiu o meu irmão, enquanto secava alguns copos.

Bufei, acabei o chá que tinha pedido e saí da pastelaria depois de me despedir com um gesto vago. Caminhei até à galeria e fiquei um momento a dar uma vista de olhos aos quadros pendurados nas paredes, a pensar nos segredos que se escondiam por trás de cada traço e que cada obra representava pensamentos, emoções, algo humano gravado para sempre num pedaço de tela. Engoli em seco e perguntei-me porque é que nunca conseguira. Fazer aquilo. Pintar. Deixar partes de mim numa tela.

— Ena, hoje chegaste cedo. — Sam sorriu-me.

— Deixa-me ajudar-te. — Segurei nos dois sacos que ela trazia na mão e acompanhei-a até ao seu escritório.

Sam tinha as faces rosadas. Dediquei-me a contemplar as paredes daquele canto dela, que, quase de forma irónica, estavam cheias de obras mais... *amateur*. Sorri ao ver o último desenho que ela tinha pendurado ao lado dos restantes: representava cinco pessoas desenhadas com pauzinhos coloridos, debaixo das quais se podia ler «Para a melhor mamã do mundo», com letra infantil e irregular.

— Tem futuro — brinquei, apontando para o desenho.

— Já me bastava que, de vez em quando, me deixassem dormir mais de duas horas seguidas.

— Uma questão importante sobre a qual refletir antes de optar por não usar preservativo.

— Axel! — Atirou-me uma caneta enquanto se ria.

— Assédio no trabalho? — Ergui uma sobrancelha.

— És um caso perdido. Concentremo-nos. Combinei com o Will Higgins para visitar o seu estúdio amanhã pelas dez; diz que alguns dos seus novos trabalhos podem ser interessantes para nós. Espero que sim, porque o último dele... — Fez uma careta engraçada.

— Tira fotografias. Quero ver.

— Não seria mais fácil se viesses comigo?

— Dispenso. Visitar um estúdio, ver aqueles quadros todos, aturá-lo...

Sam deixou escapar um suspiro e prendeu o cabelo num puxo.

— És a pessoa mais estranha que conheci em toda a minha vida.

— E conheceste muitas? — repliquei.

— Umas quantas. Querido, tu gostas de arte ou detesta-la?

— Ainda não decidi. — Levantei-me. — Almoçamos juntos mais tarde?

— Claro. Vou adiantar umas coisas.

Dediquei-me a rever o calendário do mês seguinte, as obras que teriam de entrar e as que saíam, também as feiras de arte que estavam programadas e que tínhamos referido a vários dos nossos artistas. Era a melhor maneira de promover os seus trabalhos; isso e os contactos que Hans tinha por toda a Europa, claro.

Uma hora mais tarde, saímos para almoçar.

Sam costumava relatar-me, com todos os pormenores, cada uma das proezas dos seus três filhos. Um deles, o mais velho, frequentava o mesmo colégio que os meus sobrinhos e pareciam dar-se muito bem no que toca a inventar novas travessuras. Segundo o meu irmão Justin, os gémeos tinham herdado «os genes maus» da família; ou seja, os meus.

— E então, quando cheguei, estavam os três cobertos de calda de chocolate, pelo que os meti diretamente na banheira, com roupa e tudo, para poupar tempo. — Levou o garfo à boca, mastigou e pareceu ficar mais séria. — E tu, Axel? Não te atrai a ideia de ter filhos? Seriam adoráveis, com esses teus olhinhos e esse sobrolho franzido...

— Eu? Filhos? — Senti um aperto no peito.

— Sim, não disse extraterrestres nem dinossauros.

— Acho que isso seria mais provável.

Sam tinha «instinto maternal» para dar e vender. Muitas vezes, quando passava por mim, beliscava-me o rosto, despenteava-me o cabelo ou apressava-se a medir-me a temperatura com a mão sempre que me doía a cabeça, algo que começava a acontecer-me com frequência. Também trazia sempre uma mala enorme às costas com todo o tipo de coisas úteis: toalhitas, rebuçados de menta para as dores de garganta, lenços, pomada para as picadas de mosquito...

Segurou no seu café com leite e olhou-me, pensativa.

— Nunca estiveste apaixonado, Axel?

A pergunta apanhou-me de surpresa. Leah apareceu como um clarão na minha cabeça, uma das muitas fotografias mentais que tinha dela. O sorriso que lhe preenchia todo o rosto, o seu olhar penetrante, a sensação da sua pele nos meus dedos...

— Já. Há muito tempo — disse com a voz rouca.

— E que aconteceu?

Mexi-me na cadeira, desconfortável.

— Nada. Não resultou — resumi.

Sam pareceu compadecer-se e esperou, sem mais perguntas, que me levantasse e fosse pagar a conta. Depois, dirigimo-nos em silêncio para a galeria e cada um se concentrou nas suas tarefas pendentes. Sam apareceu à minha porta mais tarde, quase na hora de fechar.

— Só queria ter a certeza de que estavas bem.

— Porque é que não haveria de estar? — Franzi o sobrolho.

— Vou sair agora. Precisas de alguma coisa?

— Não. Fecha quando saíres, vou ficar aqui mais um bocado.

— Tudo bem. — Passou ao meu lado, despenteou-me o cabelo como se eu fosse um dos seus filhos pequenos e deu-me um beijo na face, ao que respondi com um grunhido.

Esfreguei a cara. Tirei da gaveta os óculos de ver ao perto, de que havia começado a precisar quando estava cansado, e continuei a ler alguns currículos interessantes que Hans me enviara. Quando saí, já era de noite. Pensei em passar por casa do meu irmão, porque de repente a ideia de jantar com alguém me pareceu agradável; poder

passar um bocado com ele e Emily e os miúdos, longe do silêncio. Acabei por desistir e fui para casa.

Preparei uma sanduíche e saí para o terraço para fumar um cigarro. Sem música. Sem vontade de ler. Sem estrelas no céu nublado. Sem ela.

Deveria ter deixado de sentir a falta dela... deveria...

Dezembro

(VERÃO, AUSTRÁLIA)

Leah

— Vá lá, deixa-me ir contigo. Quero ver como é.

Landon lançou-me um olhar encantador, mas recusei. Não o podia deixar entrar nas águas-furtadas, no meu estúdio. Na verdade, não queria. A ideia de ele invadir aquele espaço apavorava-me, porque, de algum modo, aquele lugar era só meu, um sítio em que estava de coração aberto, sem nada a esconder. E não havia ninguém em quem eu confiasse o suficiente para deixar entrar lá assim, de repente, nem sequer o meu irmão.

— Seria estranho — insisti. — Tu não percebes...

— Então, explica-me outra vez — sorriu.

— É que... é demasiado pessoal.

— Mais pessoal do que partilhar a cama com alguém?

«Sim, muito mais», quis dizer-lhe, mas mordi a língua.

— Não é isso, Landon. É uma coisa muito minha.

— E eu quero fazer parte de tudo o que é teu.

Senti um ligeiro aperto no peito. Ele pareceu perceber que me estava a sufocar um pouco e deu um passo atrás antes de me dar um beijo suave.

— Está bem, desculpa. Vemo-nos logo?

— Sim, eu ligo-te quando acabar.

Fui andando até ao estúdio um pouco absorta, sem prestar atenção ao que me rodeava. Subi as escadas do edifício antigo de par em par e, quando cheguei às águas-furtadas, fui invadida por uma sensação de tranquilidade. O cheiro a tinta. As telas que me olhavam de volta. O ranger da madeira do chão. Vesti a bata e abri a janela pequena, aquela que emperrava sempre e que acabava por abrir com umas pancadinhas.

Contemplei novamente o pedaço de mar banhado pelo sol na tela, e pensei que talvez o quadro não fizesse justiça àquele lugar, não pelo sítio em si, mas por tudo o que significava para mim, aquele

pedaço de praia em que me recompus, pedaço a pedaço, antes de voltar a despedaçar-me. Por sorte, quando isso aconteceu, fi-lo de maneira diferente. Não em pedaços pequenos, não. Parti-me simplesmente em dois. Uma rutura rápida e limpa; foi assim o Axel.

Peguei na paleta e, durante uns instantes, misturei as cores, antes de decidir voltar a empunhar o pincel. Suspirei profundamente e depois só pinte e pinte e pinte, até que o meu estômago começou a rugir de fome e decidi descer até à rua para ir buscar uma das empadas de frango que faziam no café da esquina. Assim que voltei, sentei-me na pequena poltrona para a comer, sem deixar de observar o quadro, as cores, a maneira como a luz se arrastava até à água...

Ultimamente, pensava mais em Axel.

Talvez fosse por estar a desenhar uma coisa que, para mim, era ele de todos os ângulos. O mar. Imenso, misterioso na sua profundidade, bonito e transparente junto à beira-mar. A força das ondas. Também a sua cobardia quando lambiam a areia antes de se chegarem para trás...

Ou talvez não me lembrasse dele só por isso, mas também por causa da exposição. Porque, em algum momento da minha vida, talvez antes de fazer quinze anos, ou aos dezanove, quando me apaixonei por ele, tomei por garantido que ele estaria ao meu lado se conseguisse essa primeira vitória. Que no dia em que um quadro meu estivesse pendurado numa parede com uma etiqueta por baixo, teria o Axel ao meu lado, sorrindo orgulhoso antes de dizer uma palermice qualquer para me acalmar.

Mas não seria assim... E doía. Não pelo que vivemos, não por não sermos um casal, mas por não o ter como pessoa, como amigo. Por ele não estar comigo nesse momento...

Pousei os restos da empada quando o nó que tinha na garganta me impediu de engolir mais o que quer que fosse. Levantei-me, segurei no pincel com o coração a bater com força, contundente, forte. E, em vez de escolher um pouco do azul-pastel que estava a usar para o céu, peguei no tubo de um tom mais escuro.

Observei as nuvens esponjosas que tinha desenhado.

Algumas horas depois, estavam tapadas por um céu tempestuoso.

Axel

Vi-o ao entrar no meu quarto, como sempre.

O único quadro que tinha pintado nos últimos anos. O que fiz com Leah, enquanto fazia amor com ela lentamente em cima daquela tela e preenchia a sua pele de cor, de beijos e de palavras que se tinham perdido no esquecimento. Contemplei os traços, as manchas caóticas. Depois, ergui o olhar até ao cimo do armário e respirei fundo. Hesitei. Como havia hesitado em muitos outros dias. Segui a rotina habitual, saí do quarto e agarrei na prancha de *surf*.

Axel

Oliver estava sentado nos degraus da entrada quando cheguei, quase ao cair da noite. Cumprimentei-o com um gesto rápido e ele entrou em casa comigo. Abriu o frigorífico como se nunca tivéssemos perdido a confiança e tirou duas cervejas.

Parecia feliz, exuberante.

— Brindemos! — disse.

— Ena!, e brindamos a quê?

— Não te queria dizer, mas depois pensei... — Coçou a nuca, atrapalhado. — Pensei que devia. A Leah vai expor este mês em Red Hill. Apenas três obras. Mas é um grande passo, a professora dela recomendou-a. E achei que... devias saber. Porque, apesar de tudo, isto está a acontecer graças a ti. — Estendeu o braço e bateu com a sua garrafa de cerveja na minha.

Mas eu não me mexi. Não conseguia fazê-lo. Não conseguia...

Fiquei ali a olhar fixamente para ele. A odiá-lo. E a odiar-me ainda mais a mim. Dei conta de que não gostara de que ele me tivesse contado aquilo, que trouxesse de volta tantas recordações. Mas o pior é que ainda ficaria mais chateado se não mo contasse, se ficasse calado. Era igual. Nenhuma das alternativas me satisfazia e estava... a ter sérios problemas em fingir, perante ele, que não se passava nada, que estava tudo bem.

— Axel... — Olhou-me com cautela.

— Quando é? — grunhi baixinho.

— Na próxima semana.

— Vais lá estar?

— Vou estar a trabalhar, não consigo ir.

— Eu vou. — Não foi uma pergunta, nem uma sugestão. Foi uma decisão firme. Iria, tinha de ir, tinha de ver com os meus próprios olhos.

Oliver pousou a cerveja em cima da bancada.

— Não podes fazer isso. Queres estragar-lhe o dia? Só te queria contar porque estou orgulhoso e porque, porra, porque sei que a ajudaste, apesar de tudo o resto... Pensei muito nisso, ultimamente... — Calou-se, como se não soubesse como prosseguir.

— Não me importa o que digas. Eu vou.

Contraiu um músculo no maxilar.

— Não vais lixar tudo outra vez.

O meu coração batia com força, depressa.

— Preciso de um cigarro.

Saí para o terraço. Oliver seguiu-me. Acendi um e dei uma passa profunda, tentando acalmar-me, apesar de já saber que estava longe de o conseguir. Porque aquilo... desestabilizara-me. Imaginá-la. A ela numa galeria, diante de algo seu...

— Porquê?

Eu não esperava aquela pergunta.

— Porque preciso... — Esforcei-me por raciocinar como uma pessoa normal. — Porque foi toda uma vida, Oliver, e não consigo não estar presente num momento como este. Porque... — «Continuo a amá-la.» Engoli as palavras. — Mas tens razão. Não vou lixar a noite. Não me vou aproximar dela. Tentarei fazer com que não me veja.

Oliver pôs as mãos na cara e resmungou.

— Foda-se, Axel. Detesto isto. A situação. Tudo.

Mordi a língua para não lhe dizer o que pensava, porque ele ainda continuava a fazer parte da minha vida, por muito que as coisas fossem diferentes; mais frias, mais tensas.

Apaguei o cigarro. Olhámo-nos. Vi, nos seus olhos, a dúvida, a incerteza. E suponho que ele tenha encontrado determinação nos meus, pois acabou por desviar o olhar antes de tirar um cigarro do maço que eu tinha nas mãos. E soube que, pelo menos, tinha ganhado aquela batalha. Não reparei que foi uma das primeiras vezes em que encarara algo de frente.

Leah

Dei um gole no segundo chá de tília do dia, mas não parecia estar a surtir grande efeito, porque continuava muito nervosa. Ainda faltavam algumas horas para a inauguração da exposição e não parava de pensar em todas as coisas que poderiam correr mal: críticas destrutivas, olhares de indiferença, tropeçar nos meus próprios pés e cair no meio da galeria...

O telemóvel soou. Era uma mensagem de Blair dando-me força. Depois de saber que ela não estava muito bem durante aquelas primeiras semanas de gravidez, tinha-a proibido de vir. E não só a ela, também a Justin e Emily, que tinham sugerido deixar os gémeos com uma vizinha para saírem por um bocadinho; assegurei-lhes que não seria necessário. Também tentei sossegar Oliver, que tinha pedido outro dia livre ao chefe e este, depois de lhe ter dado um pelo meu aniversário, desta vez não cedeu.

Voltei a pensar nos meus pais... oxalá pudessem estar presentes...

Respirei fundo e fui à casa de banho minúscula para me pentear. Tinha-me vestido quase a meio da tarde, pouco antes de me maquilhar. Voltei ao quarto, remexi o resto do chá e terminei-o de um trago, precisamente quando tocaram à porta.

Abracei-o com tanta força que temi tê-lo magoado.

— Estou tão nervosa! — Levantei uma mão em frente a ele. — Olha. Estou a tremer.

Landon desatou a rir, segurou-me na mão e fez-me dar uma volta completa.

— Não sejas exagerada. Estás linda. Vai correr tudo bem.

— Achas? Porque estou com vontade de vomitar.

— Estás a gozar ou queres que te segure no cabelo?

— Não sei. Tenho o estômago às voltas.

Fiquei mais tranquila ao fim de algum tempo, depois de Landon conversar comigo, contando-me as palermices que o seu colega de

projeto fazia constantemente, como aparecer de pijama para trabalhar ou meter um lápis no nariz, porque dizia que isso despertava a sua criatividade. Quando dei por mim, ria-me e estava quase na hora de irmos. Pus-me de pé, lentamente, e procurei a minha mala pela casa.

— De certeza que me estou a esquecer de qualquer coisa importante.

— Dizes sempre isso e nunca acontece.

— Mas... — Olhei em redor, ansiosa.

— Temos de ir, Leah. Vamos.

Assenti, apesar de estar inquieta, e segui-o enquanto descíamos as escadas e saíamos. A galeria não ficava longe. Caminhámos de mão dada, em silêncio, juntos. Sabia que ele estaria ao meu lado naquela noite. Também alguns amigos apareceriam mais tarde, bem como Linda Martin, a minha professora. Acalmei-me um pouco.

O local era pequeno, porque não era uma das grandes galerias da cidade, mas a mim parecia-me o melhor lugar do mundo. Tinha um telhado de duas águas, um letreiro verde com o nome e a fachada pintada de grená.

Ainda não estava aberta ao público, por isso, os nossos passos ecoaram fortemente no parquê de madeira quando avançámos até à primeira sala, de onde vinham as vozes.

Linda já lá estava. Sorriu-me e apresentou-me ao diretor da galeria e a outras pessoas que colaboraram na exposição, incluindo vários artistas.

Tentei descontrair e aceitei a bebida que nos ofereceram, a mim e a Landon. Durante a meia hora seguinte, conversámos com as outras pessoas e passeámos pelas salas ainda sem visitantes, contemplando as obras penduradas nas paredes. Quando chegámos à zona em que estavam as minhas, estremeci. Procurei a mão de Landon e apertei-a entre os meus dedos.

Tinha discutido muito com Linda acerca de que três quadros eleger. Não foi fácil, porque eu tinha uma ideia na cabeça cuja importância Linda não conseguia entender. Ao levantar o olhar para a parede vestida com os meus quadros, senti pela primeira vez orgulho em mim mesma. Reparei que os joelhos me tremiam.

O primeiro estava pintado apenas com cores escuras. Uma noite cerrada. Um coração destrozado. A angústia. A incompreensão. O medo.

O segundo era agrídoce, com alguns traços luminosos e cheios de intenção, mas outros mais apagados, como se a própria tela os consumisse. A nostalgia.

O terceiro era luz. Mas uma luz real, com as suas sombras. A esperança.

Não tinham títulos individuais. Dei o nome de *Amor* ao conjunto dos três.

Olhei Landon de soslaio e perguntei-me se entenderia o significado que encerravam. Uma vez, quando ainda éramos só amigos, pedi-lhe que me dissesse o que via numa gravura que lhe mostrei e foi incapaz de descortinar as linhas enredadas. Não o censurava, porque compreendia que não tivessem o mesmo significado para uma pessoa que as via de fora. Porque não conseguiria sentir aquelas linhas da mesma maneira; talvez de um modo diferente, sim, mas não igual.

Começaram a chegar alguns visitantes. Senti-me mais tranquila conforme as salas se iam enchendo e as vozes se elevavam em meu redor. Os meus amigos apareceram pouco depois e Landon deixou-me a sós com a professora Martin para que falássemos, enquanto ele os acompanhou à sala contígua.

— Já houve duas pessoas que perguntaram por eles.

— A sério? Quem é que quereria...?

— Ter algo teu? — Linda interrompeu-me. — Hás de começar a assimilá-lo.

Esfreguei as mãos, nervosa, quando o ajudante do diretor da galeria se aproximou de nós e encetou conversa com a minha professora. Fiquei ali, entre os dois, sem saber muito bem o que dizer nem o que fazer. Não me atrevia a ir para outra sala e ver as reações dos visitantes ao olharem para os meus quadros; tinha pavor.

Respirei fundo, porque o pior já tinha passado.

E então, senti-o. Não sei como. Na pele. No corpo. No coração.

Quantos batimentos cardíacos são necessários para reconhecer uma pessoa? No meu caso, foram precisos seis. Dois em que fiquei paralisada, aquele instante em que o mundo parece cair subitamente num silêncio completo. Outros três, para me decidir a dar a volta, porque tinha medo de o fazer. E um... um só para tropeçar naqueles olhos azuis que me perseguiriam toda a vida.

Depois, não me mexi. Não consegui.

Os nossos olhares entrelaçaram-se devagar.

E foi vertiginoso. Como cair de repente no vazio.

Axel

Não tinha a intenção de me cruzar com ela, mas vi-a quando entrei na galeria. Fiquei sem ar, como se tivesse acabado de levar um murro no estômago. Leah estava de costas. Pensei nas vezes em que a beijara na nuca antes de a abraçar, enquanto fazíamos o jantar na cozinha; ou, no terraço, quando me aproximava dela por trás. Fixei o olhar no cabelo louro que estava apanhado num coque bem preso, apesar de algumas madeixas suaves já se terem desprendido do elástico e dos ganchos que as seguravam.

E então, como se me conseguisse sentir, virou-se.

Fê-lo devagar, muito devagar. Fiquei quieto no meio da sala. Os seus olhos esbarraram nos meus. Contemplámo-nos em silêncio e eu senti que tudo à nossa volta desaparecia: as vozes, as pessoas, o mundo. Dei um passo em frente, quase sem dar conta, como se alguma coisa me puxasse para ela. E outro. Mais outro. Até que ela estava à minha frente. Leah não desviou o olhar de mim em nenhum momento; um olhar desafiante, perigoso, duro.

Sustive a respiração. Tinha um nó na garganta. Queria dizer alguma coisa, porra, qualquer coisa, mas que se diz à única pessoa que te fez sentir tudo antes de lhe teres partido o coração? Não encontrei palavras. Só conseguia olhá-la, e olhá-la como se fosse desaparecer de um momento para o outro e eu precisasse de reter aquela imagem o mais nitidamente possível na minha cabeça. Fixei o olhar na curva do seu pescoço. Nas suas mãos trémulas. Na sua boca. Aquela boca.

Precisamente no momento em que encontrei coragem para tentar que me saísse a voz, a mulher que estava ao seu lado voltou-se de repente e segurou o braço de Leah com firmeza.

— Anda, tenho de te apresentar a umas pessoas.

Ela lançou-me um último olhar penetrante antes de se afastar até ao outro extremo da sala. Eu quase agradei a interrupção,

porque... precisava de me recompor.

«Merda.» Tinha saído tudo ao contrário.

Mexi-me, desassossegado, dando uma vista de olhos a alguns quadros enquanto me tentava acalmar. Avancei até à sala seguinte. Naquela galeria, havia potencial, mais numas obras do que noutras. Concentrei-me nisso, em analisá-las para não pensar nela, no facto de ela estar a escassos passos de distância e de eu não estar muito seguro do que lhe dizer.

Quando os vi, engoli em seco. Não foi preciso aproximar-me para ler o nome e saber que eram os de Leah, reconheceria os seus traços em qualquer lugar. Não sei quanto tempo estive ali, imóvel, a olhar para aqueles três quadros, mas quando senti a sua presença ao meu lado, estremeci e inspirei bruscamente.

— Amor — sussurrei o nome da composição e soou-me irónico que fosse essa a primeira palavra que acabara por lhe dizer ao fim de três longos anos de ausência. — A dor. A nostalgia. A esperança.

Ambos mantivemos o olhar fixo nas obras.

— Muito intuitivo — sussurrou em voz baixa, somente uma carícia.

Senti um aperto no peito e levei lá a mão. Pestanejei. Não me lembrava de ter chorado em toda a minha vida. Sim, sentira as emoções à flor da pele, prestes a transbordar, mas conseguira sempre controlá-las. No entanto, nessa noite, diante daquele *Amor* que um dia foi nosso, chorei. Uma lágrima, em silêncio. E não foi de tristeza, muito pelo contrário. Com a voz rouca, disse-lhe:

— Estou orgulhoso de ti, Leah.

Leah

Fechei os olhos quando as suas palavras me atravessaram, preenchendo-me e pousando dentro de mim. Aquele «estou orgulhoso de ti» que detestei e amei quase na mesma medida. Tive de reunir toda a coragem que me restava para me atrever a olhá-lo. Axel tinha os olhos um pouco vermelhos, e eu... não soube o que dizer. Só conseguia pensar que o tinha à minha frente e que não parecia real. Que a sua presença se apoderava de toda a sala, de cada canto, cada parede...

— Leah, estavas aqui. Não te encontrava.

Virei-me para Landon.

E creio que lhe bastou um olhar rápido para deduzir quem era a pessoa que estava ao meu lado, e também que eu precisava de sair dali, porque não conseguia respirar...

Segurei na mão que me estendeu. E afastei-me de Axel...

Não olhei para trás. Não me despedi. Continuei a andar, apenas, porque era disso que precisava: avançar para algum lado. Quase sustive a respiração, até que o vento da noite me acariciou o rosto. Quando o silêncio da rua se tornou denso à nossa volta, Landon abraçou-me. E agarrei-me a ele, à segurança.

— Estás bem? — Não me soltou.

— Não sei. Não sei como estou.

— Vamos para casa. — Beijou-me na testa e voltou a dar-me a mão.

Cada passo que dávamos me afastava mais, me aliviava mais. Antes de virar na esquina seguinte, olhei para trás por cima do ombro e pareceu-me ter visto a sua silhueta diante da porta da galeria, mas, quando pisquei os olhos, já não estava lá, e disse para mim própria que era melhor assim, muito melhor.

Não demorámos a chegar ao apartamento de Landon.

Metemo-nos na cama e encolhi-me ao seu lado. A minha mão rapidamente se perdeu por baixo da sua camisola e cobri os seus lábios com os meus. Ele ofegou e as nossas línguas encontraram-se num beijo carregado de necessidade e de mais, muito mais. Tirei o vestido e desfiz o penteado, deixando o cabelo solto.

— Leah... — Landon respirou, agitado.

Inclinei-me sobre ele e alcancei um preservativo da mesa de cabeceira. Voltou a sussurrar o meu nome sobre os meus lábios e segurou-me o pulso sem que eu pudesse continuar.

— Assim não, Leah. Isto...

— Mas preciso de ti — supliquei.

— Porquê?

— Porque tu és a melhor pessoa que conheço. Porque quando estou contigo me sinto segura e há já uma eternidade que tenho a sensação de viver em bicos de pés, com medo. Porque me fazes ser mais forte...

Landon rodou até se deitar por cima de mim, e depois já só pensei nele e no momento que estávamos a partilhar: nos seus beijos, nas suas carícias e na sua maneira de fazer amor comigo, sempre doce, sempre fazendo-me sentir maravilhosa aos seus olhos.

Axel

O tempo... o tempo não cura tudo. O tempo apazigua, suaviza e arredonda as arestas mais pontiagudas, mas não faz com que desapareçam. O tempo não me curou dela. O tempo não foi suficiente para evitar que todo o meu corpo reagisse ao vê-la, como se recordasse cada sinal da sua pele e cada curva que as minhas mãos acariciaram três anos antes. O tempo não fez nada disso. E quando a tive diante de mim e mergulhei naqueles olhos cor de mar, percebi que jamais a conseguiria esquecer, porque, para isso, teria de me esquecer também de mim próprio.

Leah

Superei a perda dos meus pais. Não, não seria honesto dizer isto; na realidade, assimilei-a, aceitei-a, mas, em troca, deixei partes de mim nesse processo. E trouxe outras novas. Abri-me. Apaixonei-me. E partiram-me o coração. Saí de casa de Axel numa noite em finais de primavera com todos esses pedaços nas mãos. Foi outro tipo de dor. Uma dor que mastiguei sozinha nos dias em que passeava por Brisbane e me perdia nas suas ruas.

Num desses dias, visitei um mercado junto ao rio. Tinha inúmeras bancas com uma variedade incrível de produtos, porém, apenas um captou a minha atenção. Se calhar, porque naquela altura ainda sentia a sua falta e acreditava que assim me sentiria mais próxima dele. Por isso, comprei o objeto que mais tarde meti na primeira gaveta da mesa de cabeceira, com a esperança de não voltar a precisar dele. E, nessa noite, quando a nostalgia e a saudade me envolveram, fui buscá-lo. Segurei no búzio que tinha comprado, encostei-o à minha orelha e escutei o som do mar de olhos fechados. Escutei-o a ele.

Leah

Durante as semanas seguintes, estive um pouco isolada, concentrada nas minhas coisas. Em primeiro lugar, nem sequer atendi o telefone a Oliver durante vários dias, depois de perceber que ele sabia que Axel iria à inauguração da exposição. As suas explicações não me convenceram. Mas, como é o meu irmão, lá acabei por atender e, entre o quarto ou o quinto pedido de perdão, acabei por refilar um pouco e aceitar as suas desculpas.

Quanto ao resto, concentrei-me em pintar mais do que nunca.

A exposição tinha corrido bem. A crítica não tinha sido excecional, mas também não fora má. A experiência foi uma espécie de empurrão para a frente, o impulso de que precisava para me dedicar ainda mais à pintura nas noites que começava a passar nas águas-furtadas. Não disse a ninguém, mas já tinha chegado a dormir ali num par de ocasiões e, às vezes, obrigava-me a pisar o travão para levar uma vida normal, ver Landon ou estar com as minhas amigas.

Quando a professora Linda Martin me pediu novamente que nos reuníssemos na hora de tutoria, eu não estava tão nervosa. Talvez tenha sido esse o meu erro. Porque não esperava o que aconteceu. Sentei-me simplesmente no seu gabinete com um sorriso e a olhá-la, expectante.

— Tenho uma boa notícia, Leah. — Os seus olhos brilhavam.

— Não me faça suplicar... — disse com um fio de voz.

Ela encostou-se à sua cadeira, visivelmente feliz.

— Há um agente interessado em ti — soltou.

— Em mim? — Pestanejei, fascinada, contendo a emoção.

Nem nos meus melhores sonhos imaginara algo assim; para começar, porque ainda estava a aprender, a experimentar técnicas novas, a consolidar o meu estilo. E, além disso, o mundo da arte era complicado, duro e competitivo; poucos conseguiam viver da arte ou obter agenciamento.

— Sim. Trabalha numa galeria em Byron Bay...

— Como se chama? — Senti que ficava sem ar.

— Axel Nguyen. É uma galeria importante, porque, apesar de ser pequena, o dono, Hans, tem muitos contactos na Europa e colabora com... Leah, que se passa? — Acho que devo ter ficado pálida, porque ela se mostrou preocupada.

— Eu... não posso... — Levantei-me. — Desculpe.

— Leah, espera! Não ouviste o que te disse?

— Sim, mas não estou interessada — consegui dizer, enquanto apertava a alça da mala entre os dedos. Tremiam-me os joelhos; foi como se o gabinete se tornasse cada vez mais pequeno.

— É uma oportunidade única. Não só para ti, mas também para a universidade. O prestígio de uma aluna nossa ser agenciada mesmo antes de se formar...

— Desculpe, mas é impossível — interrompi-a e saí do gabinete.

Axel

Quando abri a porta, Oliver entrou em casa como um vendaval. Não se deu ao trabalho de me cumprimentar, pôs-se a andar na minha sala de um lado para o outro até que, por fim, me olhou, com as mãos nas ancas e o rosto crispado com uma expressão zangada.

— Que é que fizeste, caralho? Como é que foste capaz? Primeiro, disseste-me que ela não te ia ver, que não ias lixar a noite. Segundo, contactaste a universidade dela para a agenciarem? A sério? Não te passou pela cabeça dizeres-me alguma coisa a respeito disso?

— Ia fazê-lo. Não tive tempo.

— Que raio de merda se passa contigo? — gritou.

— O que se passa é que estou cansado de fingir.

Apoiei-me na bancada da cozinha, tentando manter-me tranquilo, porque foi a única maneira que me ocorreu de ter aquela conversa sem que acabássemos a usar as mãos, algo que não sabia se acabaria por acontecer, porque estava tudo demasiado... viciado, como se já tivéssemos falado de Leah antes, quando a verdade era que nunca havíamos chegado a fazê-lo em condições. Pelo menos, não sem nos esmurrarmos. Essa foi a única vez em que tentámos entender-nos e não, não correu bem.

— Que queres, Axel?

— Não consigo ignorar mais isto.

— O quê? — Oliver respirou fundo.

— A ela. Ao que aconteceu. Ao que existiu, porra. Não consigo continuar a falar contigo através desta maldita parede que há entre nós e fingir que não se passa nada, que continua tudo igual — subi a voz sem dar conta.

— Que estás a tentar dizer? — perguntou Oliver, e pareceu-me que estava verdadeiramente surpreendido.

Revolvi o cabelo e procurei sopesar cada palavra.

— Porque é que voltaste? Porque é que apareceste de repente em minha casa?

Ele continuava surpreso, agora pela pergunta que mudava o rumo do nosso confronto iminente. Indicou o terraço com a cabeça e segui-o lá para fora. Dei-lhe um cigarro. Tirei outro para mim. Demorou uns minutos a decidir-se a continuar com a conversa. Dessa vez, eu não estava disposto a recuar.

— Vou casar — atirou de repente.

— E que é que isso tem que ver, caralho?

Não é que não ficasse feliz por ele, mas...

— Quando a Bega me perguntou quem iria ser o meu padrinho... percebi que não podia ser mais ninguém senão tu. E dei conta... de que nós não tínhamos sido apenas amigos, tínhamos sido família.

— Olhou para mim. — E a família é para sempre, Axel. Não consigo parar de dar voltas à cabeça, de pensar em tudo o que aconteceu, no que fiz mal...

Dei uma passa demorada no cigarro. Porra, estava adormecido há três anos, estagnado na minha rotina e, de repente, tudo parecia desmoronar-se de uma vez e eu não queria que isso acontecesse, que as coisas resvassem e rebentassem de uma vez por todas, porque já não aguentava mais aquela indiferença na minha vida, aquela monotonia que me obrigava a passar o dia a relembrar o passado, tempos melhores e cheios de cor que tinham desaparecido.

— Porra, Oliver...

— Então, passei semanas a pensar em ti, em tudo o que vivemos juntos e depois, um dia, vim aqui. Nem sequer pensei. E foi fácil não falar de temas incómodos, como se nada tivesse acontecido.

— Mas aconteceu — sussurrei.

— Queria esquecer-me disso. Deixar para trás.

Sim. O problema era que eu não queria o mesmo. Que o tempo não me tinha curado. Que não a tinha conseguido esquecer. Que deixar Leah para trás era como ignorar o melhor que tinha tido e não o conseguia fazer. Abanei a cabeça.

— Desculpa-me, Oliver. Não consigo...

— Ser meu padrinho? — Franziu o sobrolho.

Senti, então, que uma parte de mim se quebrava.

— Sim, nem ser teu amigo. Não como dantes.

Oliver resmungou, zangado e atordado.

— Que merda se passa contigo, Axel?

— As coisas não podem ser iguais. Não tem nada que ver contigo, é que... é que quando a vi...

Merda. Ia dizer uma barbaridade. Dei a volta, mas ele agarrou-me o ombro antes que me pudesse afastar.

— Espera. Explica-me. Quero entender.

— Quando a vi, no outro dia... quando a vi...

— Ainda gostas dela? Ao fim de tanto tempo?

Aquilo quase doeu mais. Que ele continuasse a pensar que Leah tinha sido um capricho meu, que em nenhum momento tivesse considerado a verdade: que me tinha apaixonado por ela, que aquilo que sentia era real. Perguntei-me como seria aos seus olhos; cínico, covarde, impulsivo.

— Eu vou gostar dela a vida inteira, porra.

— Mas, Axel... — Olhou-me confuso.

— Sim. Sei que estraguei tudo pela maneira como fiz as coisas, por não lhe contar. E também que não era o momento, e que acreditei que era uma coisa passageira. — Hesitei entre ser completamente sincero e disfarçar as coisas. Optei pela primeira opção, suponho que por já não ter nada a perder, estava tudo tão mal... — Tu és importante para mim, mas ela será sempre mais, de uma maneira diferente... e não podemos ser amigos, porque ela é tua irmã e eu pensava que conseguia fazer isto, mas... não, porque a única coisa em que conseguia pensar, quando a vi na galeria, era em tirar-lhe aquele vestido e fazer amor com ela num canto qualquer.

— Axel, foda-se, estás doido!

— É assim que estão as coisas.

— Tem atenção ao que dizes!

— Queria ser sincero.

— Porra! É a minha irmã. — Despenteou o cabelo e voltou-se para a porta.

Pensei que ia entrar e pirar-se pela porta de casa, mas não o fez. Voltou a virar-se e respirou fundo enquanto me olhava.

— Não te quero perder. E tens razão, não pensei que fosse sério com ela, mas, porra, é porque tu nunca levas nada a sério. E não fizeste bem as coisas, Axel, mentiste-me, traíste-me, lixaste tudo...

Agarrei-me com força ao varandim de madeira.

— Eu sei... — respondi, sentindo o maxilar tenso.

Oliver acendeu outro cigarro e eu imitei-o. Às vezes, pensava que o fazíamos para termos as mãos ocupadas quando a situação nos ultrapassava. Uma pausa para o acender, dar uma passa, deitar fora o fumo, devagar...

— E agora? — perguntou Oliver.

— Agora, quero que ela assine contrato comigo.

— Não é uma boa ideia...

— Sabes que é, sim. Ninguém a poderá agenciar melhor, ninguém olhará mais pelos seus interesses. E acredita, alguém a vai agenciar brevemente, porque ela tem muito talento.

— Pensava que não agenciavas ninguém, que apenas os encontravas — disse, repetindo as palavras que lhe tinha dito no mês anterior, naquele mesmo terraço.

— Mas com ela fá-lo-ei. Juro-te que vou cuidar dela e...

— Porra, não, não faças isso, não me digas que vais cuidar dela — disse bruscamente.

Lembrei-me de que não era a primeira vez que o prometia.

— Tentarei fazê-lo o melhor possível. E ela tem futuro, Oliver. Sei que fará algo em grande se tiver as ferramentas necessárias para o conseguir. E eu posso dar-lhe isso.

Oliver franziu o rosto. Parecia exausto.

— Acho que ela tem uma pessoa...

— Ninguém perguntou isso — atirei.

O silêncio envolveu-nos durante alguns instantes.

— Achas mesmo que ela pode ter sucesso?

— Não acho, sei-o. Ela sempre teve talento.

— Vou tentar falar com ela, mas não te prometo nada.

Uns minutos mais tarde, depois de Oliver se ter ido embora, fui direto à cozinha, tirei uma garrafa sem me dar ao trabalho de ver a

etiqueta e saí de casa. Avancei pelo caminho da praia, dei um trago generoso e deitei-me à beira-mar. Fechei os olhos e respirei... ou, pelo menos, tentei fazê-lo. Oxalá o murmúrio do oceano tivesse podido serenar os meus pensamentos.

Eu tinha criado aquilo tudo. Eu sozinho.

Lembrei-me do tipo que estava com ela na galeria, o que a tinha levado dali como eu mesmo o fizera três anos antes, afastando-a do que era prejudicial. Que ironia fodida que a pessoa que mais gostava dela acabasse por lhe pedir, numa noite qualquer, que conhecesse outras pessoas, que vivesse, que aproveitasse, que fizesse sexo. Porque achei que seria apenas isso. Que com ela aconteceria o mesmo que me acontecera a mim, que entre todo aquele mar de desconhecidos, acabaria sempre por me escolher a mim, mesmo se não lhe tivesse dado essa opção. Que nos voltaríamos a ver mais cedo ou mais tarde. Que, de algum modo, nessa altura, estaríamos em igualdade de circunstâncias.

O problema era que havia uma distância infinita entre imaginá-la numa cama, entre outros braços, e saber que sentia alguma coisa por outra pessoa. Uma ligação. Uma relação. Algo como aquilo que tivéramos.

A primeira ardia. A segunda doía tanto...

Leah

Não queria ver ninguém. Não queria pensar. Limitei-me a ir às aulas, pintar e dormir. Tinha a sensação de estar presa num daqueles globos de neve que se agitam para que os flocos se movam e caiam lentamente. Um globo gigante. Podia caminhar e caminhar mas, de algum modo, acabava sempre por voltar ao mesmo lugar, à mesma rua, aos mesmos olhos. E não importava o quanto eu corresse ou tentasse afastar-me, no final do caminho... continuava a estar com ele.

Axel

— Não podemos oferecer mais alguma coisa? Melhorar o contrato? Falar com a universidade?

— Axel, porque é que queres tanto agenciar esta rapariga? — Sam encostou-se na cadeira e olhou-me, como quando apanhava os filhos a fazer alguma traquinice, com o sobrolho franzido. — Tem talento, mas nunca te vi tão interessado por alguém.

— É... — Engoli em seco, incapaz de lhe confessar a verdade, de falar sobre ela em voz alta com outra pessoa.

Tivera apenas um par de conversas com o meu irmão, logo no início, quando ainda mal conseguia encontrar palavras que pudessem definir a maneira como me sentia, porque, bem, não sentia.

— Tenho um pressentimento — concluí.

Levantei-me e regressei ao meu escritório. Abri a gaveta da secretária e tomei um comprimido para a dor de cabeça, embora normalmente evitasse fazê-lo. Não gostava de medicamentos, mas nesse dia o meu cérebro ia explodir. Andava assim há algum tempo. Claro que a minha mãe insistira que fosse ao médico e acabei por ceder, só para que ela deixasse de me ligar de hora a hora para me lembrar. O diagnóstico? Tensão, consumo de álcool, tabaco, *stress* emocional, ansiedade, não dormir o suficiente...

Fiz algumas chamadas que estavam pendentes e dediquei o resto do tempo a contemplar a fotografia que a galeria de arte me tinha fornecido na semana anterior. Aqueles três quadros, chamados *Amor*, captados numa imagem que não conseguia conter tudo o que representavam. Suspirei e guardei a imagem numa pasta.

Nesse dia, saí mais cedo, porque tinha combinado encontrar-me com Justin à tarde. Já não me recordava de quando tinha sido a primeira vez que ele aparecera lá em casa com os filhos, com uma prancha de *surf* debaixo do braço, disposto a deixar que lhe

ensinasse a fazer uma coisa que sempre parecera ter detestado; mas acabou por se tornar num momento familiar e, de vez em quando, combinávamos estar juntos.

Os meus sobrinhos encurralaram-me quando chegaram, falando comigo ao mesmo tempo, aos gritos, enquanto o pai os tentava controlar e lhes dizia para se acalmarem. Não tinham saído a ele, não. Eram barulhentos, doidos e pouco dados a seguir as normas que os pais lhes impunham.

— Hoje, posso levar a tua prancha? — perguntou Max.

— Claro que não. — Tentei não me rir.

— Vá lá, tio Axel! — pediu outra vez.

— Eu também quero! — Connor olhou para nós.

— Meninos, cada um com a sua prancha — concluiu Justin. — Vão andando para a água, vamos!

Os miúdos correram até à beira-mar, enquanto o meu irmão e eu os seguíamos a um passo mais descontraído. Conseguia senti-lo a olhar para mim. Revirei os olhos, pois na semana anterior contara-lhe que tinha ido à galeria para a ver e, claro, ele não abandonaria o assunto facilmente.

— Já deu alguma resposta acerca da proposta?

— Se tivesse dito que sim, eu já saberia, não?

Entrámos na água. Os meus sobrinhos estavam a alguns metros de distância, perto de umas ondas mais pequenas junto à beira-mar. Acho que a minha cara fechada foi suficiente para que o meu irmão percebesse que precisava de um pouco de tempo a sós com a prancha para descarregar a energia acumulada e ficar esgotado, embora, por azar, isso não me ajudasse a dormir melhor. Então, concentrei-me somente no meu corpo, na postura, em equilibrar o peso e em deslizar pelas paredes das ondas como se não houvesse mais nada à minha volta.

Quando Justin se cansou de fazer o mesmo, veio ter comigo. Connor e Max já estavam fora de água a rir-se de uma piada qualquer que só eles pareciam compreender. Fiquei ali, deitado na prancha ao lado do meu irmão, sob um céu alaranjado.

— Não podes continuar assim todo fodido, Axel.

— Não posso é não estar assim.

— Sabes que eu percebo, mas...

— Ela tem uma pessoa — atirei bruscamente, e foi como se as palavras se me espetassem na garganta, afiadas e duras. — Não sei o que esperava, mas isto não, foda-se.

— Não te passou pela cabeça que ela pudesse conhecer alguém em três anos?

— Conhecer, sim. Apaixonar-se, não.

— E isso não é a mesma coisa?

— Não, nem sequer é nada parecido. São duas merdas de planetas diferentes.

O meu irmão tinha-se casado com a namorada do liceu, Emily, a única rapariga por quem sentira alguma coisa. E eu já tinha estado com tantas mulheres, que nem me lembrava de metade e, para mim, todas elas representavam esse «conhecer alguém» que nunca levava a lado nenhum. Não tinha nada que ver com o que eu vivera com Leah. Nada. Nem sequer o sexo, porque, com ela, não era pelo prazer, era... necessidade, tão simples quanto isso.

— Axel, que esperavas? — Sentado na prancha, o meu irmão olhou-me sério.

— Não sei. Esperava... — respirei fundo, fiz uma pausa, tentei aclarar todos aqueles pensamentos emaranhados que me assaltavam. — Creio que uma parte de mim sempre pensou que voltaríamos a ver-nos e que, nessa altura, seria como se nada tivesse mudado. Que, se calhar, há três anos não resultou porque não era o momento nem a situação, mas agora...

É provável que me tivesse tentado enganar a mim próprio. Durante aquele tempo, tinha sido mais fácil agarrar-me àquela ideia do que reconhecer outra, a de que tudo estava estragado para sempre.

— E que vais fazer?

— Não faço ideia. Tentar que ela aceite ser agenciada por mim. — «E morrer um pouco por dentro sempre que a vir.» — Acredito nela. Preciso de fazer isto...

— Pelo Douglas? — adivinhou Justin.

— Sim. E também por mim. E por ela.

— Vais meter-te num belo sarilho. Sabes disso, certo?

— As coisas com a Leah nunca foram fáceis.

Leah

— Não podes estar a falar a sério!

— Leah...

A voz de Oliver era suave. Porém, não queria saber se o meu irmão estava a tentar ser meigo, nem dos seus esforços para soar delicado, porque eu só conseguia pensar que um dia tentou afastar-me dos braços de Axel e, agora, parecia disposto a atirar-me para ele de olhos fechados. E eu estava furiosa. Muito furiosa. Tinha aceitado que retomassem a amizade sem lhe pedir nenhuma explicação, mas as suas mudanças de opinião não me diziam respeito, era tudo muito inconstante.

— Ouve, é uma boa oportunidade — suspirou do outro lado da linha. — Sei que é uma situação complicada, mas o tempo passou. Tu estás com um rapaz, não é? O Axel agencia artistas e é... é família, Leah.

— Isso não é verdade. Já não. — E desliguei.

Desliguei porque não era capaz de continuar a ouvir coisas que não eram verdade, porque aquilo tudo me doía e porque não entendia Oliver. Sabia que ele se importava com a minha carreira e com o facto de eu conseguir criar nome, mas, a que preço? Não sabia se valia a pena atravessar uma linha tão perigosa. Sobretudo, porque conhecia bem Axel e havia sempre uma razão por detrás de tudo o que fazia.

Deixei-me cair na cama do apartamento de Landon e afundei a cabeça na almofada. Desde o dia da exposição que me sentia instável, desconcentrada. Sempre que me lembrava do instante em que o vi ali parado no meio da sala, a olhar para os meus quadros, sentia que havia umas garras que me apertavam os pulmões até eu ficar sem ar. E não suportava aquela sensação, voltar a sentir-me tão frágil. Estremeci ao recordar os seus olhos húmidos, a sua expressão...

As suas palavras: «Estou orgulhoso de ti.»

Levantei-me da cama ao ouvir o barulho da chave na fechadura. Agarrei nos sacos do supermercado que Landon trazia e ajudei-o a guardar as compras no frigorífico. Era sexta-feira e tinha decidido passar a noite no seu apartamento; podíamos jantar algo simples, ver um filme juntos e depois dormir abraçados.

— Isto é para o congelador.

— Gelado! — sorri, contente.

Dei-lhe um beijo na face antes de pegar na embalagem e de a guardar, e continuei a organizar as batatas fritas de pacote e mais algumas coisas que ele me foi passando.

Ouvi o toque do meu telemóvel, que tinha deixado no quarto.

— Estão a ligar-te, Leah.

— Sim, já ouvi.

— E não vais atender?

— É o meu irmão. Chateei-me com ele, por isso, não.

— Que aconteceu desta vez?

Oliver e eu costumávamos ter desentendimentos com frequência, mas por coisas parvas, como dois irmãos que gostam um do outro, apesar dos percalços do dia a dia. Contudo, Axel não era isso para nós; Axel era uma pancada seca, a barreira mais alta que nos separava, e eu não estava disposta a saltar de um lado para o outro consoante as vontades de Oliver.

Olhei para Landon, um pouco incomodada.

— Ele quer que eu aceite... — sussurrei.

— Que ele te agencie? — quis certificar-se, porque eu só tinha comentado com ele por alto, na semana anterior, quando fora ao seu apartamento alterada, depois de sair do gabinete de Linda Martin, ainda com o coração na garganta.

Depois, tentei não falar disso, embora não conseguisse deixar de pensar no assunto.

— Sim. O Oliver é assim, muito coerente.

Landon apoiou-se na bancada.

— E que é que tu achas?

— Não tenho de achar nada — respondi enquanto guardava um pacote de sumo no frigorífico.

Landon olhava-me, mordendo o lábio.

— Que se passa?

— Nada. É só que... talvez devesse considerar essa hipótese.

— O quê? Não podes estar a falar a sério!

Segurou-me no pulso antes de eu conseguir sair da cozinha. Tentei manter o controlo, respirar fundo e ouvir o que ele me queria dizer.

— Espera, Leah, querida...

— Não me chames isso — pedi.

— Desculpa. — Passou uma mão pelo cabelo, tenso.

Não estávamos habituados a discutir; Landon e eu não tínhamos discussões de casal, apenas passávamos bons momentos abraçados no sofá ou a passear pela cidade.

— Não me expliquei bem. Se não quiseses, não há nada para falar, está bem? Tens as tuas razões, eu sei. Acredita, sou o primeiro a nem querer pensar em ti perto dele... — A voz falhou-lhe ligeiramente antes de me olhar de novo. — Mas consigo perceber porque é que o teu irmão acredita que é uma boa oportunidade para ti nesse mundo tão complexo. Vá, dá-me um abraço.

Agarrei-me a ele. Fechei os olhos quando senti o seu peito contra o meu rosto. Eu compreendia. Se me esforçasse bastante, conseguia entender que pensassem no meu futuro, e também reconhecer que tinham passado três anos, o que parecia ser tempo suficiente para enfrentar demónios do passado que ficaram por resolver. Fazia sentido, mas... na prática, parecia-me asfixiante, porque Axel estava a pôr-me em frente a um bombom a que sabia que eu não conseguiria resistir: a pintura, os meus sonhos. E a condição para alcançar tudo isso era liberar sentimentos que eu queria manter fechados.

Landon afastou-se de mim suavemente.

— Vamos esquecer isso. Que te apetece jantar?

Mordi a bochecha, inquieta.

— É que ia ser muito complicado...

Ele ficou calado quando percebeu que eu continuava a falar do assunto. Pôs-me duas madeixas do meu cabelo, que tinham

escapado do elástico, atrás das orelhas, e inspirou, antes de fazer uma pergunta que parecia estar há muito guardada no seu interior:

— Ainda estás apaixonada por ele?

— Não.

Não estava, porque Axel não tinha sido a pessoa que eu pensara conhecer, porque, com o passar dos meses e dos anos, ia tirando as camadas pelas quais me tinha apaixonado: a sua sinceridade, a sua forma de viver, o seu olhar transparente... E quando as tirei todas e olhei de novo, vi que não restava nada. Só o vazio. Não encontrara o rapaz que pensei estar por baixo daquele papel de embrulho brilhante e bonito.

Percebi que Landon respirava aliviado.

— Então, que te preocupa?

— Não sei! Ia ser difícil e desconfortável. Não me sinto capaz de estar ao pé dele como se nada tivesse acontecido, depois de todo o mal que me fez. Não é só pelo que aconteceu entre nós quando eu vivia na casa dele, foi por tudo o resto, o de antes. Éramos amigos, família. Éramos aquele tipo de pessoas que, quando olhas para elas, pensas que jamais se irão separar porque as suas vidas estão, de certo modo, interligadas.

Reparei que tinha estado a andar na cozinha de um lado para o outro, alterada, quando Landon me obrigou a parar, posicionando-se à minha frente. Baixou a cabeça para que ficássemos da mesma altura.

— E não consegues recuperar disso? — perguntou.

Pensei nisto. Separar uma parte de Axel, a dos seus beijos, dos nossos corpos unidos e das noites no terraço, da outra, que tinha sido a origem de tudo aquilo: a amizade, o carinho, aquele amor incondicional de toda uma vida...

— Não sei, mas esta situação é...

— Desconfortável. Imagino. Só quero que avalies bem as tuas opções, que penses com calma antes de tomares uma decisão. — Landon deu-me um beijo na testa e envolveu-me num abraço. — E agora vamos deixar este assunto. Hoje, escolhes tu o filme, pode ser?

Leah

Estava chateada.

Chateada com o mundo por me pôr nesta situação. Chateada com Oliver por ser tão contraditório. Chateada com Landon por não me ter dito o que eu queria ouvir. Chateada com a professora Linda Martin por continuar a insistir e voltar a ligar-me durante a hora de tutoria. Chateada com Axel por tudo. E, sobretudo, chateada comigo mesma, por estar prestes a perder uma oportunidade, por resistir a descobrir se teria, de facto, superado aquela parte do meu passado; ironicamente, os meus sonhos cruzavam aquele caminho que há muito eu evitava. Tinha de decidir se iria atrás deles ou se os deixaria escapar.

Leah

As dúvidas cercam. É como estar debaixo de uma manta grossa que não consegues tirar e, quanto mais tempo passas lá debaixo, mais te sufoca. Tinha tentado livrar-me dela, mas não era capaz: quando levantava uma ponta, a outra voltava a cair; quando pensava que tinha uma resposta diante de mim, o medo espreitava de novo e fazia-me recuar e continuar a andar em círculo sob todas aquelas dúvidas que me esmagavam.

Até que, certa manhã, respirei fundo e decidi arrancar aquela manta de uma vez. Tentei pensar friamente, sem deixar que o enredo de sentimentos me apanhasse mais uma vez. Levantei-me da cama, olhei pela janela e tomei uma decisão.

Axel

Levei o telemóvel à orelha, ainda desorientado.

— Aceitou? — perguntei outra vez.

— Não exatamente. Quer discutir o assunto. Já é qualquer coisa.

— Oliver... — Inspirei, nervoso, porque uma parte de mim já se tinha conformado com o seu silêncio indicar um «não», e a outra parte, bem, tinha feito um enorme esforço nas últimas semanas para não me meter no carro e ficar plantado em frente à porta da residência dela com a ameaça de não sair dali até conseguir o que queria. — Obrigado por isto.

Houve um silêncio tenso do outro lado da linha.

— Deu-me a morada de um café para se encontrarem lá na próxima segunda-feira a meio da tarde. Tens papel e caneta à mão? Toma nota.

Anotei o que me ditou enquanto segurava o telemóvel entre o ombro e a orelha, perguntando-me porque é que Leah tinha decidido usar o irmão como intermediário. E então pensei... pensei que talvez tivesse apagado o meu número da lista de contactos. Talvez o tivesse feito num dia em que estava zangada, premindo o botão com raiva, como quando queremos apagar para sempre da nossa vida algo que deixámos para trás, à medida que entramos numa nova etapa.

— Então, segunda-feira, às cinco — repeti.

— Sim. Uma coisa, Axel... sê delicado. Sê como nunca és. — Revirei os olhos e dei graças por ele não me poder ver. — Limita-te à pintura.

— Oliver, tranquilo.

— É muito fácil dizer. Sentir é bem mais merdoso — ripostou.

— A Leah é adulta, porra. Tem vinte e três anos, creio que será capaz de ter uma conversa normal comigo num café.

Ironicamente, eu não tinha a certeza de ser capaz, tendo em conta que na galeria as palavras mal me tinham saído. Seja como for, queria tranquilizar Oliver, queria que isto não fizesse com que a nossa relação fosse ainda mais tensa e incómoda; porque, às vezes, parecia que estávamos bem, como sempre, e, no minuto seguinte, sentia que éramos dois desconhecidos.

Estava prestes a desligar, quando ele acrescentou:

— Axel, mais uma coisa...

— Diz. — Inspirei.

— Não me faças arrepender disto.

Percebi a leve súplica escondida nas suas palavras e perguntei-me que sentiria ele, já que parecia disposto a deixar que me aproximasse novamente de Leah, embora também mostrasse relutância.

Não cheguei a perguntar, porque Oliver se despediu rapidamente.

Fiquei uns segundos com o telemóvel na mão, vendo, através de uma janela, como o vento sacudia as árvores que cresciam em torno da cabana, a pensar sempre nela, em como a iria ver dentro de apenas alguns dias e que não sabia muito bem o que esperar. E isso irritava-me. A incerteza, quando se tratava daquela miúda que eu tinha visto crescer, com quem tinha, depois, partilhado tudo: a minha casa, a minha vida, o meu coração.

E que importância tinha tudo isso?

As pessoas vão e vêm constantemente, fecham e abrem portas através das quais entram ou saem. Está sempre a acontecer. Alguém sai do teu mundo e nunca mais volta a ligar, mas, que acontece com tudo o que não se consegue aceitar? As memórias, os sentimentos, os instantes... Podem desaparecer e transformar-se em pó? Onde ficam? Talvez fiquem mais nos braços de um do que do outro. Talvez, no meu caso, tivesse sido eu a ficar com todos esses pertences invisíveis, uma mala enorme, cheia, ao passo que ela tinha conseguido seguir o seu caminho sem carregar peso nos ombros.

Peguei num cigarro e saí para o terraço. Acendi-o.

Fumei-o devagar, no silêncio da noite. Uma das memórias que trazia sempre comigo fez-me estremecer enquanto o fumo se perdia

na escuridão. Os acordes daquela música amontoaram-se à minha volta e voltei a ouvir *The Night We Met*, quando dançava com Leah colada ao meu corpo, mesmo antes de a beijar e de pisar a linha que mudara tudo.

Fechei os olhos e suspirei profundamente.

Axel

Não me lembrava de alguma vez ter estado tão nervoso.

O café em que tínhamos combinado tinha um aspeto rústico, com as paredes cobertas de madeira e estantes cheias de plantas e objetos antigos, cuja função era agora decorativa. Quando entrei, Leah ainda não tinha chegado, por isso, sentei-me numa das mesas do fundo, perto de uma janela grande que dava para uma rua pouco movimentada. Pedi um café forte, embora soubesse que não me ajudaria a acalmar, e massajei as têmporas com os dedos, enquanto fixava o olhar numa das varandas do edifício em frente, com as suas floreiras a combinar, as cores estendendo-se pelas ramagens que deslizavam até mais abaixo, por terem crescido demasiado, as flores amarelas salpicando o verde intenso...

Tudo era arte. Tudo. Que pena não conseguir expressá-lo.

Ergui o olhar ao ouvir as sinetas penduradas sobre a porta de entrada. A minha boca secou. Leah avançou devagar, com os seus olhos cravados nos meus, justamente como achei que não faria. Parecia que ela tinha sempre a capacidade de me surpreender.

Tão imprevisível...

Tinha a certeza de que o seu olhar seria escorregadio, mas não. Era desafiante. Sustive a respiração ao vê-la aproximar-se. Trazia umas calças de ganga justas e uma blusa simples, cinzenta, de manga curta, mas eu só conseguia pensar que era a miúda mais brilhante que tinha visto em toda a minha vida. Porque era isso mesmo. Brilhava. Perguntei-me como era possível que mais ninguém naquele café desse conta da luz que a sua pele parecia refletir, dos seus olhos resplandecentes e da força que se desprendia a cada passo que dava.

Apoiei as mãos na mesa e levantei-me.

Leah ficou parada à minha frente. Eu inclinei-me para ela e dei-lhe um beijo na face. Na verdade, não foi tanto um beijo, mas mais um

toque, porque ela afastou-se rapidamente, sentou-se e pôs a mala nas costas da cadeira. Instalei-me à sua frente.

Olhámo-nos. Faltava-me o ar.

Como começar? Que dizer?

Fixei-me na tensão presente nos seus ombros estreitos e desejei poder acalmá-la. Como dantes. Como em cada vez que ela estava mal, quando eu era o seu porto de abrigo e não aquele que causava problemas.

— Deseja tomar alguma coisa?

Leah demorou-se a desviar o olhar de mim e a olhar para a empregada que tinha vindo tomar nota do seu pedido, depois de me servir o café. Contemplei o líquido escuro ao mesmo tempo que ela pedia um sumo de maçã e desejei trocá-lo por um copo de qualquer coisa que pudesse beber de um trago, para acalmar os nervos.

— Então... aqui estamos — sussurrei.

— Aqui estamos — repetiu ela, baixinho.

Voltámos a ficar calados. Eu era um idiota de merda. Depois de anos sem falar com Leah, a única coisa que me ocorria era dizer aquilo. Fechei os olhos e respirei fundo, enchendo-me de coragem.

— Leah... eu... — Tinha um nó na garganta.

— O contrato — cortou ela. — Temos de falar sobre isso.

— Sim. Isso. — Fiz uma pausa quando a empregada regressou para lhe servir o sumo. — Enviei-o à tua professora.

— Ela não me falou de nada — respondeu.

— Porquê? — Olhei-a intrigado.

— Porque eu não a quis ouvir.

— Bem, isso é... prometedor.

Não sorriu. Nem um pouco. Nem eu devia ter esperado que o fizesse. Reprimi um suspiro e abri a pasta que tinha pousado na mesa. Deslizei uma cópia até ela e peguei na minha. Leah franziu o sobrolho ao lê-lo. Não tinha tocado no sumo. Tentei parar de olhar para ela como uma criança embasbacada e concentrei-me em mexer o café.

— Há alguma coisa que queiras saber? — perguntei.

— Sim, quero que me expliques tudo. Sem surpresas.

— Antes, gostavas de surpresas...

Perfurou-me com o olhar. Foi uma estupidez dizer uma coisa assim, mas que saudades tinha daquela sensação que ela despertava em mim apenas com um simples olhar.

— Axel, não quero perder tempo.

— Está bem. O que precisas de saber é...

Leah

Queria levantar-me e correr dali para fora.

Todo o meu corpo me pedia que o fizesse: o coração a bater acelerado, os nervos na barriga, as palmas das mãos suadas e, sobretudo, o meu instinto. Aquela sensação que não parece seguir a razão, mas que, por vezes, simplesmente nos guia.

Axel estava igual. O cabelo um pouco mais comprido, a chegar às orelhas; os olhos de um azul-escuro que lembrava as profundezas do mar; a pele bronzeada pelo sol, os lábios cheios e o maxilar definido. Reparei que tinha feito a barba antes de vir; nunca fora muito cuidadoso com a gilete. Depois, fixei-me na sua mão pousada sobre o papel do contrato: masculina, com os dedos compridos, as unhas cortadas e algumas peles levantadas.

Respirei fundo e desviei o olhar.

Foi como se precisasse de voltar a memorizar cada pormenor, todas aquelas pequenas coisas que ficam esquecidas com o passar do tempo; a cicatriz minúscula que lhe atravessava a sobrancelha esquerda e que fora o resultado de uma pancada da prancha de *surf* quando ele tinha dezasseis anos, os primeiros botões da camisa que desapertava sempre, a curva dos seus lábios...

— Como artista agenciada, a galeria compromete-se a manter um mínimo de dez obras tuas por mês em catálogo; não é uma coisa estática, a ideia é renová-las com frequência. Também conseguiremos que participes em feiras de arte e em exposições. Os lucros dividem-se a meio, cinquenta por cento para cada.

— Não me parece justo.

— Desculpa? — ergueu uma sobrancelha.

— Não aceito menos de sessenta por cento.

Axel pareceu surpreendido, mas logo a seguir vi que apertou os lábios para reprimir um sorriso. Ficou calado um longo minuto antes de suspirar.

— Tudo bem. Sessenta. Mas lembra-te de que a galeria investe em ti, encarrega-se do transporte, que não é coisa pouca, de te assessorar e de te promover, entre outras coisas.

Entrelacei as mãos debaixo da mesa, mas para Axel mantive-me firme, apesar de estar a tremer. Uma pequena parte de mim esperara que ele não aceitasse tão facilmente a minha objeção. Quem sabe desse modo não chegássemos a acordo e eu... sentir-me-ia menos cobarde por não seguir em frente.

Tentei manter a calma. Engoli em seco.

— Tu é que te vais encarregar de tudo isso?

— Sim. — Olhou-me fixamente.

— Não pode ser outra pessoa?

O rosto de Axel foi atravessado por uma expressão estranha.

— Achas assim tão mau? — A sua voz rouca acariciou-me.

Pestanejei e fiquei um pouco perturbada. Que responder àquilo?

Sim, era muito mau pensar em todo o tempo que teríamos de passar juntos, perceber que olhar para ele me magoava, que sentia muito a falta do que tivéramos antes de eu ter posto um pé na casa dele e o meu universo ter mudado para sempre. E entristecia-me pensar em tudo o que não poderíamos recuperar.

— Que mais irás fazer? — Esquivei-me com outra pergunta.

— Vou avaliar as obras. É complicado, mas é importante estipular preços. Vamos estudá-las antes de decidir como devemos venderte.

— De quanto tempo é o contrato?

— Dezoito meses.

— E que acontece se me arrepender ou se quiser denunciá-lo?

— Leah... — Respirou fundo. — Isso não vai acontecer. Não te vais arrepender.

— Surpreende-te que duvide das tuas promessas?

Axel demorou uns segundos a assimilar as minhas palavras. No seu maxilar, houve um músculo que ficou tenso.

— Desta vez, não te vou falhar.

A sua voz era apenas um sussurro. O primeiro pensamento que me assaltou foi que parecia sincero, e depois arrependi-me de ainda confiar nele.

Neguei com a cabeça.

— Quero renegociar a duração.

— É o contrato padrão, Leah.

— Então, quero um contrato «não padrão».

— Isto não funciona assim — replicou, tenso.

— Não vou assinar por dezoito meses.

— Fónix. — Axel esfregou o rosto, deixou escapar o ar que estava a conter e encostou-se às costas da cadeira — Está bem. Um ano. E é uma exceção, por isso não estiques mais a corda, Leah.

— Como estava, era descabido — defendi-me.

E estava a falar a sério. Todos tinham a mesma opinião do setor. Muitas vezes, as galerias aproveitavam-se dos artistas que assinavam contratos abusivos pela ilusão de verem as suas obras expostas; não era raro alguns negócios oferecerem aos artistas somente trinta por cento dos lucros e as galerias ficarem com setenta, ou que o artista tivesse de cobrir os gastos extraordinários, ou que afinal não cumprissem o que ficara estabelecido.

— Dá-me a tua morada para te enviar uma cópia depois de fazer as alterações ao contrato — disse ele ao pegar nos papéis para os arrumar na pasta. — Depois de assinares, combinamos um dia para a visita ao teu estúdio.

— Ao meu estúdio? — interrompi-o.

— Tens uma bolsa da universidade, não é?

Assenti com a cabeça, mas tive de pousar o copo, porque a mão me tremia. Notei que Axel nem sequer tinha provado o seu café, que continuava intacto à sua frente.

— Não quero que ninguém lá entre.

Axel franziu o sobrolho, contrariado.

— Estás a gozar?

— Não, claro que não.

— Isso não é negociável, Leah.

— Tudo é negociável — repliquei.

— Tenho de ver as tuas obras. Tenho de as estudar a todas. Tenho de as avaliar, definir preços e catalogá-las, percebes?

— Sim, mas... — Queria chorar. Queria fugir.

— Leah... — Axel estendeu a mão por cima da mesa para segurar a minha, quando me viu piscar os olhos rapidamente, mas afastei-a e retomei o controlo. — Faremos isso gradualmente, pode ser? No primeiro dia, vou só dar uma vista de olhos. Teremos tempo.

Assenti, porque não conseguia falar.

Quando me senti mais sossegada, levantei-me.

— Tenho de ir.

Axel abriu a boca, mas deve ter pensado melhor, pelo que a fechou e manteve-se calado, enquanto eu me inclinava e escrevia o meu endereço de *e-mail* da universidade no guardanapo. Antes de eu conseguir dar a volta, ele levantou-se e segurou-me o pulso. Senti um arrepio. Ainda tinha a pele morna e um agarrar firme, decidido.

— Ainda tens o meu número?

— Apaguei-o — admiti.

A sua maçã de Adão moveu-se quando ele engoliu em seco. Escreveu o seu número de telemóvel noutra guardanapo, que acabei por guardar no bolso traseiro das calças de ganga. Não lhe disse que sabia o número de cor. Não lhe disse que seria bom se outras coisas também se pudessem apagar assim, premindo simplesmente um botão.

Saí do café sem olhar para trás.

Precisava de ar, de me afastar, de me encontrar.

Axel

Sentei-me num banco e pus uma mão no ombro do meu irmão, abanando-o um pouco até ele começar a protestar. Ri-me à medida que o empregado se aproximava.

— Dois runs? — disse para Justin.

— Pode ser, mas não muito forte.

— Só temos uma marca — respondeu o rapaz.

— Bem, então... — Justin franziu o sobrolho.

— Então, dois desses — cortei.

O empregado afastou-se e Justin deu-me uma cotovelada.

— Não decidas por mim! — queixou-se, amuado.

— São as consequências de me convidares para sair.

— Só queria saber como estavas. — Segurou na bebida que nos tinham acabado de servir, deu um trago e fez uma careta. — Isto é como beber fogo!

— Vá, mostra lá que és meu irmão.

Justin sorriu antes de abanar a cabeça e bater com o seu copo no meu, num brinde improvisado. Depois, acabámos de beber, enquanto ele me contava as últimas traquinices dos gémeos ou assuntos de interesse duvidoso, como o trinco que tinha colocado na porta do quarto, para poder ter algum tipo de intimidade com Emily sem interrupções. Fi-lo parar quando começou a relatar o último encontro amoroso.

— A sério, Justin, não é preciso contares-me os pormenores.

Durante os últimos anos, o meu irmão e eu tínhamo-nos aproximado e, quase sem que tivéssemos dado conta, tornáramo-nos em dois amigos que estavam juntos de vez em quando a beber um copo, ou a passar um bom bocado. Ele continuava a ser demasiado correto para o meu gosto, um tanto impertinente e pouco dado a fazer todas as coisas que me divertiam, mas, em sua defesa, aturar-me depois do que acontecera com Leah não tinha sido tarefa

fácil, e ele foi o único que se manteve disponível de forma incondicional, inclusivamente quando os meus pais me deram a maior descompostura da minha vida, tendo eu uns preocupantes trinta anos.

Com o meu pai tinha sido mais fácil, mas quanto à minha mãe... bem, não tinha a certeza se ela ainda me guardava algum rancor. Passou meses a papaguear «não posso acreditar», chorando ao verificar que, após a morte de Douglas e Rose, a nossa família se tinha desfeito ainda mais, porque já não haveria mais almoços de família aos domingos nem nada do género. Ironicamente, foi essa situação que fez com que, alguns meses mais tarde, os meus pais fizessem as malas e emprendessem a sua primeira viagem. Aquela fora a mais curta, quase como que experimental. Seguiram-se muitas mais, cada vez maiores. Tinham-se tornado dois viajantes.

— Mais uma rodada — disse ao empregado, levantando o copo.

— Não podemos dividir um? — Justin olhou para mim, e penso que a minha expressão foi suficiente para ele suspirar, resignado.

— Sabes onde estão os pais agora? — perguntei.

— Acho que estão no Panamá. Não te ligaram?

— Não. — Dei um trago grande.

— Isso é porque a mãe se queixa de que, quando tenta ligar-te, tens sempre o telemóvel desligado. Custa-te muito manter o telemóvel com bateria?

— Na minha língua, armares-te em «irmão mais velho» significa que ainda não bebeste o suficiente. E, para tua informação, há já vários dias que tenho o telemóvel ligado — acrescentei ao mesmo tempo que tirava o telemóvel do bolso das calças. — Vês? Magia!

— Uau, que bom para ti. A que se deve isso?

— Quero estar contactável. — Encolhi os ombros.

Não expliquei que, desde o dia em que anotara o meu número para Leah naquele guardanapo do café, me tinha tornado numa daquelas pessoas que não largam o telemóvel. E para quê? Para nada, porque ela não tinha ligado. Nem tinha respondido ao *e-mail* que lhe enviara com o novo contrato.

— Pareces um miúdo de quinze anos que acaba de conhecer uma miúda — disse Justin com aquela voz séria que não lhe saía nada bem quando estava a gozar. Não consegui evitar rir, porque era verdade, embora jamais o admitisse em voz alta. — Não te respondeu?

— Não. Ninguém me quer ligar, como vês.

— Isso é porque és insuportável.

Dei-lhe um soco no ombro e ele soltou um queixume ridículo que nos deixou a rir. Na realidade, rimo-nos durante toda a noite e, sempre que Justin pensava em se ir embora, convencia-o a ficar mais um pouco e a pedirmos outra rodada. Não queria estar sozinho. Não queria voltar para casa, porque quando lá estava, pensava e recordava, e morria um pouco por dentro entre tanto silêncio.

Respirei fundo e ele deu-me uma cotovelada.

— Alegra-te! É suposto estarmos a celebrar ela ter aceitado assinar o contrato. — Justin tinha os olhos brilhantes e uma expressão tonta que indicava que já tinha bebido de mais.

— Sim, já é qualquer coisa, acho eu.

— Ela não te vai odiar para sempre, Axel.

Sim, era fácil dizê-lo sem conhecer Leah. O problema era esse, que ninguém a conhecia melhor do que eu: aquele seu hábito de se abrir e de dar tudo, ou de acontecer exatamente o contrário, de se fechar completamente e de te olhar com aquela frieza que punha os cabelos em pé. Porque com Leah as coisas nunca podiam ser intermédias; era emocional, impulsiva, daquelas pessoas que, quando querem realmente uma coisa, fazem tudo o que puderem e lutam com unhas e dentes para o conseguirem.

Tão especial. Tão diferente de mim...

— Espera aqui, já volto.

Levantei-me e atravessei o bar para ir à casa de banho. A sala principal estava cheia de gente que conversava e dançava sob as grinaldas de luzes coloridas. Em fundo, ouvia-se música *chill out*, como em quase todos os bares da marginal da praia.

Quando regressei, Justin já lá não estava.

Revirei os olhos, peguei no *mojito* que continuava no balcão e dei uma volta para tentar encontrá-lo. Cumprimentei várias pessoas conhecidas e esclareci as dúvidas de duas turistas, cujas intenções não pareciam limitar-se a saber um pouco mais sobre Byron Bay, porque tive de segurar a mão de uma delas para que deixasse de assaltar os pobres botões da minha camisa, que já estava meio desabotoada.

Afastei-me delas e avistei o meu irmão no terraço. Ao aproximar-me dele, vi que cambaleava um pouco. Estava a falar com um rapaz jovem.

— E que tipo de chocolate é que levam? — perguntava-lhe ele.

Fiquei estupefacto quando percebi que o tipo estava a tentar vender-lhe bolinhos de canábis. Tive de recorrer a todo o meu autocontrolo para não desatar a rir. Pus um braço à volta do pescoço do meu irmão.

— Justin, isto não é o que tu pensas...

— Eu tenho uma pastelaria. Nós fazemos bolos.

O tipo franziu o sobrolho, um pouco confuso.

— Se o que queres é chocolate em vez de maria, tenho um amigo que...

Interrompi-o para tentar acabar com aquela situação.

— Ele não quer nada. Já está em altas.

— Claro que quero! — exclamou Justin. — Dá-me um.

— Justin, aconselho-te a não fazeres isso...

Hesitei enquanto ele pagava o bolinho, apenas um segundo antes de o meter na boca de uma vez e de mastigar sem se preocupar em fechá-la. O rapaz desapareceu, à procura de novos clientes, e eu limitei-me a reprimir um sorriso e a dar-lhe um gole do meu *mojito* enquanto me encostava a um dos pilares do terraço do bar.

— É *ódimo* — murmurou Justin.

— Que tipo de juventude é que tiveste?

— Que é que queres dizer? — Olhou para mim.

— Refiro-me a que porra fazias quando eras jovem para não conhecer esses bolinhos.

Não era segredo que em Byron Bay havia um grande consumo de canábis em todos os seus usos e preparações. Por vezes, tinha a

sensação de que o meu irmão vivia num planeta diferente do meu ou algo assim. Dei-lhe umas palmadas nas costas quando se engasgou.

— Então, o normal. Estava com a Emily.

Senti inveja dele por um instante. Se Leah e eu nos tivéssemos conhecido tendo ambos dezasseis anos, provavelmente também não me teria interessado muito por experimentar aquelas merdas ou em sair até às tantas. Porque, claro, teria estado mais ocupado a olhar para ela, a fazer amor com ela todas as noites.

Merda. Engoli em seco e suspirei.

— Daqui a uns minutos, vais começar a sentir-te esquisito — expliquei-lhe. — Por isso, para teu bem e dos teus tomates, vou ligar à tua mulher para lhe dizer que estás maldisposto e que vais dormir em minha casa.

Ele ignorou-me e começou a dançar uma música com as mãos no ar. Um grupo de miúdas seguiu-lhe o exemplo, riam-se e dançavam em volta dele como se fosse muito divertido ver um tipo, que provavelmente engomava os *boxers*, a fazer figuras tristes.

Perdi-o de vista durante um segundo para ligar a Emily, que quis logo saber em que sarilho se tinha metido o seu marido. Acabei por lhe dizer a verdade.

— Bem, vai fazer-lhe bem divertir-se um bocado — respondeu.

— Já alguma vez te disseram que és incrível?

— Não gozes comigo, Axel, que já me conheces.

— Contigo isto sai-me naturalmente.

No fim, concordámos que o melhor seria que os gémeos não o vissem assim, portanto, quando regressei ao bar, encontrei-o e consegui tirá-lo daquele grupo que troçava dele. Justin protestou, mas acabou por ceder quando o empurrei em direção à saída. Caminhámos até minha casa pelo caminho de terra. Justin cambaleava, falava em voz alta da primeira coisa que lhe vinha à cabeça e apoiava-se no meu ombro sempre que sentia que lhe faltava o fôlego. Quando passámos a ombreira e ele se deixou cair no sofá como um peso morto, percebi que há muito tempo não me sentia tão bem. Quem diria, anos antes, que o meu irmão acabaria por ser um bom companheiro de farra? Saí para o terraço e acendi

um cigarro, deitado no chão de madeira. Era de madrugada e eu só conseguia pensar nela e na vontade que tinha de voltar a vê-la. Contemplei, ensimesmado, o fumo que ondulava rumo ao céu estrelado. Perguntei-me que estaria Leah a fazer naquele preciso instante e obriguei-me a parar quando a imaginei entre outros braços e lençóis enrodilhados, porque doía, doía demasiado...

— Que estás a fazer?

Virei a cabeça para Justin, que se deitou ao meu lado.

— Nada. A pensar. Como te sentes?

— Relaxado. — Aguentei uma gargalhada. — Em que pensas?

— Nela...

— Antes, eras diferente.

— Sim.

— Ou se calhar sempre foste assim, mas não sabias até a pessoa certa aparecer. Embora isso não faça sentido, porque ela sempre esteve por perto, mas...

— Não te esforces.

Ficámos calados por momentos. Passado um bocado, tirei o telemóvel do bolso e procurei o nome dela na lista de contactos.

— Que estás a fazer? — Justin franziu o sobrolho.

— Vou enviar-lhe uma mensagem.

— Que tipo de mensagem?

— Uma a dizer que, se não me responde para marcarmos um dia para a assinatura do contrato, vou tomar a liberdade de aparecer de surpresa na residência dela.

— Tens a certeza de que é uma boa opção?

— Não, mas ela não me está a dar muitas mais.

Premi o botão de enviar e voltei a olhar para as estrelas, que pareciam tremer. Não era a primeira vez que sentia que tinha de pressionar Leah e esticar a corda, porque sabia que, se não o fizesse, ela escaparia. E isso assustava-me muito...

Já tinha passado por isso uma vez e não estava disposto a repetir a experiência e a deixá-la ir-se embora. Vê-la tinha feito com que revivesse tudo com intensidade, como se as memórias tivessem permanecido ligeiramente adormecidas até então. Tinha estado três anos sem ter contacto com Leah e, subitamente, a ideia de não

saber nada dela durante uma semana era insuportável. E era um caminho em que não podia recuar.

Leah

O telemóvel vibrou. Pousei o pincel e estremei quando vi o nome dele no ecrã. Então, li a mensagem, a ameaça implícita naquelas palavras que pareciam casuais, mas que não eram.

Suspirei profundamente.

A noite de sexta-feira foi passando e, quando a madrugada chegou, eu ainda estava nas águas-furtadas a pintar uma coisa a que não conseguia dar um nome, porque eram somente traços trémulos, uma explosão de cores intensas, um grito contido numa tela. Analisei as minhas opções, porque uma parte de mim continuava a não permitir que Axel interferisse na minha nova vida e estava ciente de que, depois de assinar aqueles papéis, ele estaria, inevitavelmente, junto de mim.

Mas também não podia dar um passo atrás...

Axel

Subi os degraus da residência de par em par e bati à porta com os nós dos dedos. Esperei, inquieto. Leah havia respondido à minha mensagem e dissera-me para aparecer na segunda-feira, durante um intervalo que ela tinha livre entre duas aulas, algo que, evidentemente, tinha feito de propósito, para não prolongar demasiado o nosso encontro. Eu tinha aceitado porque... bem, porque teria dito que sim a qualquer coisa que ela me pedisse, quem queria eu enganar? Era naquele estado que eu estava, bem fodido.

Leah abriu. Olhou-me antes de se desviar.

Entrei no seu quarto e contemplei cada canto, enquanto ela fechava a porta atrás de mim. Esperava ver alguma gravura dela, mas as paredes estavam vazias. Em troca, tinha a secretária repleta de livros e material. Aproximei-me para ver melhor um desenho a carvão que se destacava entre várias folhas, mas ela tirou-o bruscamente quando lhe toquei com os dedos.

— Não toques em nada — sussurrou quase sem ar.

Olhei fixamente para a forma como a sua garganta se movia e desejei beijá-la ali mesmo, naquele pedaço de pele que sempre pensara ter sido feito para os meus lábios.

— Está bem, mas já sabes que tocar é uma das minhas especialidades...

Leah perfurou-me com o olhar. Sorri, porque preferia aquela reação à indiferença. Bastava-me despertar algo nela novamente, mesmo que fosse raiva.

— Tenho pouco tempo, Axel.

— Está bem — suspirei profundamente.

Leah

Forcei-me a engolir com força para desfazer o nó que tinha na garganta, à medida que ele se sentava na minha cama e abria a pasta. Estendeu-me dois contratos agrafados.

— Um é para mim, a outra cópia é tua.

— Muito bem. Posso dar uma vista de olhos?

— Claro. Não sou eu que tenho pressa.

Estive prestes a revirar os olhos, mas, no último momento, evitei fazê-lo, porque conhecia Axel e sabia o que ele queria: provocar-me, desestabilizar-me. Sentei-me na cadeira que estava em frente à secretária e li-o em silêncio. Nem levantei a vista quando vi pelo canto do olho que ele se deitava na cama. Na minha cama. Respirei, incomodada; a ideia de perceber, nessa noite, que os lençóis cheirariam a ele, era mais do que eu conseguia aguentar. Pus uma madeixa de cabelo atrás da orelha, ao mesmo tempo que sentia que o quarto ia ficando cada vez mais pequeno em cada segundo que passava, como se Axel encolhesse as paredes meramente com a sua presença, até ao ponto em que o seu perfume masculino me envolveu e me transportou para outro lugar: o mar, o sol, o sal...

Acabei por passar as páginas quase sem as ler, só para chegar rapidamente à última, assinar e evitar que o encontro se prolongasse mais.

— Já está. Toma. — Estendi-lhe a cópia dele.

— Vês como não era assim tão difícil?

Um «cala-te» passeou-se pela ponta da minha língua, mas consegui engoli-lo, porque não lhe queria dar a satisfação de cair naquilo que ele procurava. Reparei, ao engolir, que também estava cheia de raiva. Que saberia ele de coisas difíceis? Que saberia ele de todas as noites em que eu tinha adormecido a chorar naquela mesma cama em que ele estava deitado? Que saberia ele de

sentimentos, de ser fiel aos sentimentos, de lutar por uma coisa mesmo que não fosse fácil?

— Tenho de ir — disse secamente.

— Para a universidade? — perguntou.

— Sim. — Depois de sairmos, tranquei a porta com a chave.

— Eu acompanho-te — disse ele.

Parei no meio das escadas e segurei-me ao corrimão de madeira, antes de o olhar por cima do ombro. Ele sorriu-me de lado. Quis apagar aquela imagem.

— Não podes fazer isso.

— Porque não?

— Porque eu não quero.

Continuei a descer até chegarmos ao rés do chão. Ao sair para a rua, agradei o vento que soprava nesse dia, porque sentia que Axel não só encolhia os espaços, como também absorvia o ar à minha volta. Comecei a caminhar em direção à universidade até que ele me impediu, colocando-se à minha frente e pousando as suas mãos nos meus ombros.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Axel, não piores as coisas...

Até pronunciar o seu nome me deixava um gosto amargo na boca. «Axel.» Aquelas quatro letras que pareciam perseguir-me. «Axel.» Uma vida inteira resumida numa só pessoa. Inspirei fundo, reunindo forças quando ele se inclinou mais para mim.

— Eu sei que isto não é fácil — murmurou.

— Então, não compliques mais.

— A questão é que vamos ter de trabalhar juntos e, fónix, não suporto que me olhes assim, Leah. Devíamos, não sei... falar. Ou fazer tréguas. O que quer que precisas.

O meu coração acelerou. «Falar.» Não, não estava preparada, porque isso significava remexer em gavetas cheias de pó que eu tinha fechado à chave, e, só de pensar nisso, ficava apavorada. Porque não havia uma coisa concreta sobre a qual tivéssemos de estar de acordo; era tudo!, era uma relação de uma vida inteira que se tinha despedaçado bruscamente e eu ainda continuava a pisar em pedaços que não tinha apanhado do chão.

As pessoas continuavam a passar no passeio ou a atravessar a passadeira que estava a poucos metros, mas, durante uns segundos, enquanto nos olhávamos, foi como se o mundo congelasse completamente.

— Tréguas — consegui dizer num murmúrio.

Axel deu um passo atrás. Não sei se parecia desiludido ou aliviado. Talvez ambas.

Retomei o passo e Axel imitou-me, caminhando ao meu lado. Não falámos. Foram dez minutos que me pareceram, ao mesmo tempo, eternos e efémeros. A sua presença inquietava-me, o quão próxima estava a sua mão da minha, a firmeza dos seus passos, a sua respiração calma...

— Chegámos. — Parei diante da porta da universidade.

— Está tudo igual. — Axel contemplou os jardins e, em seguida, baixou o olhar até encontrar os meus olhos. — Diz-me em que dia podemos combinar uma visita ao teu estúdio.

— Ainda não sei...

— Leah...

— Quinta-feira, talvez...

— Talvez ou de certeza?

Detestava quando ele pressionava e pressionava e pressionava. Algo que Axel fazia muito bem. Ele não era daqueles que sabem abrandar ou ficar com a boca fechada, não, ia até ao fim, mas só em determinadas situações; quando se tratava dele próprio, não o fazia.

— De certeza. Saio das aulas às cinco.

— Estarei aqui mesmo, à tua espera.

— Está bem. — Fui-me embora sem me despedir.

Leah

Landon suspirou e esfregou o maxilar com um gesto cansado. Não suportava vê-lo assim, ele costumava estar sempre alegre e animado, era uma daquelas pessoas que tendem a ver o copo meio cheio.

Sentei-me no extremo oposto do sofá.

— Então, na quinta-feira ele vai ao teu estúdio — repetiu.

— Sim, é... é por causa de trabalho.

Ele olhou fixamente para as suas mãos.

— Porra, Leah, é que...

— Eu sei — cortei. — E lamento.

— Se ao menos mo deixasses ver a mim também...

— Talvez um dia, mais para a frente.

Naquela altura, não era uma opção. Se pudesse, teria evitado que Axel pusesse um pé nas minhas águas-furtadas, mas, por algum motivo, não me incomodava assim tanto a ideia de que o fizesse. Talvez porque, de certo modo, Axel já me tinha visto por inteiro, de mil ângulos diferentes, sem nenhuma capa que me protegesse. Não havia nada a esconder. Isso evidenciava que, no passado, me tinha enganado. Porque o que acontece quando te abres completamente ante outra pessoa é isso, depois passas a ser transparente aos seus olhos. E, quando dás tudo, esvazias-te por dentro. E eu não queria voltar a cometer esse erro. Durante o tempo em que estive com Axel, fui tão inconsciente, que não guardei nada para mim. Entreguei-lhe o meu coração, pedaço a pedaço, não, ofereci-lho inteiro, de olhos fechados e sem hesitar. Precisamente o contrário do que estava a viver com Landon...

Com ele, era diferente. Um caminho que percorríamos com passos curtos, a um ritmo tranquilo, mas seguro, como se avançasse agarrada a um corrimão. Não me sentia instável, como com Axel,

com medo de tropeçar ou cambalear em cada esquina. Tinha o controlo nas minhas mãos e apavorava-me voltar a perdê-lo.

— Vem cá. — Landon abraçou-me.

— Lamento que isto seja tão complicado...

— Havemos de nos habituar — disse-me com um beijo na cabeça.

— Vai ser uma ótima oportunidade para ti, tenho a certeza. É curioso, porque ainda há um par de noites sonhei com isto, que triunfavas e que os teus quadros acabavam nas melhores galerias do mundo.

Afastei a cabeça, que tinha encostada ao seu peito, para olhar para ele.

— Porque é que és tão bom para mim? — gemi.

— Porque sou o teu melhor amigo.

— És muito mais do que isso.

Escondi o rosto na sua clavícula; não sei quanto tempo fiquei ali a sentir o toque morno e confortável da pele do seu pescoço junto à minha face. Landon era um pilar sólido e eu girava à volta dele, incapaz de me afastar o suficiente por ter medo de cair.

Suponho que o primeiro amor é cheio de carências e inseguranças, mas também é especial e mágico, porque, quando descobres o que é estar apaixonada, não estás preparada para sentir todas aquelas emoções a envolverem-te, muito menos para as gerir. Por isso, apenas sentes, amas e atiras-te. Vais sem travões, porque ainda não sabes que no final do caminho há uma parede contra a qual acabarás por chocar. O problema é que rapidamente ficas a saber. Quando voltas a sentir aquele formigueiro, lembras-te do que te aconteceu, da dor da pancada, e decides ir mais devagar, mas, claro, isso tem as suas consequências: a racionalização em vez do ato impulsivo, a calma em vez da intensidade. E comesças a ver cinzento onde antes vias cores vibrantes.

Mais tarde, ajudei-o a arrumar a cozinha antes de me ir embora. Nessa manhã, após sair da residência, com Axel a chatear-me, não me tinha lembrado de trazer os livros do dia seguinte, já que queria passar a noite no apartamento de Landon. Por isso, embora não me

apetecesse estar sozinha, despedi-me dele e caminhei até à residência, porque me apetecia dar um passeio e desanuviar.

Quando cheguei, tomei um duche. Deixei que a água quente caísse durante um bom bocado e concentrei-me em sentir como os músculos se iam descontraindo e a tensão de todo o dia se desvanecia. Tinha estado distraída nas aulas, a pensar na situação surreal de Axel me acompanhar até à porta da universidade, horas antes, como se nada fosse, após três anos sem nos vermos.

Mas as coisas com ele eram assim. Diferentes. Ilógicas. Talvez por isso me custasse tanto entendê-lo, porque não raciocinávamos da mesma maneira. Eu era incapaz de sentir ou de pensar algo e não o fazer ou gritar alto e bom som; perderia o impulso, o primeiro borbulhar das emoções. Ele não. Ele conseguia conter-se melhor. Ele pegava nessas minhas emoções e punha-as de lado ou enterradas em qualquer sítio, e depois... seguia em frente com a sua vida.

Saí do duche deixando um rasto de água, porque me esquecera de levar uma toalha. Tirei uma do armário, sequei-me e vesti um pijama confortável antes de pentear o cabelo e de o deixar solto, para que secasse. Quando me vi no espelho grande, que estava encostado a uma das paredes, voltei a pensar que devia cortar o cabelo porque estava demasiado comprido.

Meti-me na cama. E então, senti o cheiro. Dele.

Com a face apoiada na almofada, percebi que os olhos se me enchiam de lágrimas. Fechei-os para evitar que caíssem. Respirei devagar, guardando em mim aquele aroma... pensei no búzio que tinha guardado, aquele que me ajudara tantas vezes a adormecer durante os primeiros meses, mas resisti ao impulso de o ir buscar. E sabia... sabia que teria de me levantar, arrancar os malditos lençóis, metê-los na máquina de lavar e tirar uns lavados da cómoda. Georgia tinha-me oferecido três jogos distintos no ano anterior, sempre tão precavida: «De certeza que o Oliver não pensa nestas coisas», e estava certa.

Mas, por alguma razão, não o fiz. Deixei-me ficar ali, a engolir as lágrimas, a sentir o cheiro dele ao meu lado e a recordar como era bonito tê-lo na minha vida: mostrar-lhe cada quadro que pintava,

convidá-lo para o meu aniversário, vê-lo sorrir lentamente, ou que os nossos olhares se cruzassem a meio de um almoço de família de domingo...

Sentia tantas saudades da minha vida de antes. De tudo. Dos meus pais. Dos Nguyen. De que fôssemos uma família. De acordar em cada manhã em Byron Bay e contemplar o céu azul, tão azul...

Axel

Cheguei meia hora mais cedo, encostei-me ao muro da porta principal da universidade e esperei, contemplando as nuvens emaranhadas que atravessavam o céu de chumbo. Passara a noite em branco e estava com dor de cabeça, mas estava tão habituado a ambas as coisas, que nem sequer pensei em tomar um comprimido antes de sair de casa, apesar de me ter arrependido depois, porque queria ver tudo muito bem, queria estar a cem por cento quando entrasse no seu estúdio.

Pela primeira vez, entendi Sam.

Entendi a expectativa dela antes de visitar cada artista e de descobrir em que é que tinha estado a trabalhar nos últimos meses; ela costumava dizer que era mágico, como contemplar um mundo inteiro contido entre quatro paredes. E não havia nada que eu desejasse mais do que poder ver o mundo de Leah entre cores e traços.

Vislumbrei-a ao longe a caminhar distraída pelo caminho ladeado por plantas. Tinha os auscultadores nos ouvidos, parecia perdida nos seus pensamentos e trazia umas calças curtas e desfiadas, deixando à vista aquelas longas pernas que outrora me rodeavam as ancas cada vez que me afundava nela. Inspirei fundo e tentei afastar aquelas memórias, porque naquele momento estávamos tão longe delas... que quase pareciam pertencer a outras pessoas e não a nós.

Levantou a cabeça e viu-me. Quando chegou ao muro, tirou os auscultadores sem pressa e eu inclinei-me para lhe dar um beijo na face, apesar de saber que isso a irritaria. Reparei que tinha as unhas um pouco roídas e que o seu olhar denunciava algum desassossego.

— Prometo que não será tão mau como o que estás a pensar — sussurrei. — Vou só dar uma vista de olhos rápida, não é preciso

fazer tudo hoje.

— Não, é melhor terminarmos quanto antes.

Percebi que quisesse evitar passar mais tempo comigo do que o necessário, mas nem por isso me magoava menos. Meti as mãos nos bolsos e segui-a pelo passeio. Avançámos mais algumas ruas em silêncio antes de chegarmos a um edifício antigo que parecia ter apenas três andares. Leah tirou as chaves da mala e abriu a porta. Não havia elevador, por isso, subimos pelas escadas. Em seguida, comecei a discernir o odor a tinta e, quando chegámos ao estúdio, intensificou-se, até inundar tudo. Respirei fundo, porque aquele cheiro eram recordações: Douglas, ela, os meus sonhos esquecidos, uma vida inteira concentrada em algo invisível.

— Desculpa, está tudo um bocado desarrumado — disse Leah ao apanhar alguns tubos vazios que estavam pelo chão e uns quantos trapos manchados.

Não respondi, porque estava demasiado ocupado a tentar absorver tudo o que via em meu redor. Leah afastou-se quando dei um passo em frente para me aproximar da fileira de quadros apoiados numa das paredes. Não sei se era por ela, pelo teto inclinado e o soalho de madeira, ou pela torrente de cor que inundava aquele sítio, mas aquelas águas-furtadas eram... mágicas. Estremeci ao avançar devagar, percorrendo cada canto com o olhar, e fixei-me na força que todos os quadros possuíam, embora alguns fossem muito diferentes de outros, porque, provavelmente, teriam sido pintados em épocas distintas.

— De quanto tempo precisas?

Virei-me ao escutar a sua voz trémula.

Leah tinha-se sentado num banco preto, redondo, na esquina mais afastada de mim. Parecia tão indefesa, que, durante uns segundos, voltei a ver nela a menina que vira crescer ante os meus olhos. Sorri-lhe para tentar tranquilizá-la.

— É um processo longo, tenho de avaliar cada obra individualmente e separá-las por estilos, mas, se quiseres, já te disse que posso voltar noutro dia.

— Não, está bem, era só... para ter uma ideia.

Assenti, desejando que não se sentisse assim, porque ainda me lembrava daquela época em que ficava entusiasmada ao mostrar-me cada quadro e ao deixar que fizesse parte de todos os seus progressos. Que longe estava tudo isso. Como as coisas podiam mudar.

Continuei a dar uma vista de olhos geral durante mais algum tempo, sentindo um formigueiro estranho na pele; por alguma razão, aquilo parecia mais íntimo do que a ideia de a despir no meio daquelas águas-furtadas. Conseguia vê-la. Conseguia encontrar dor nas manchas de tinta, palavras não ditas, emoções em cada linha, confusão, esperança, nostalgia, bravura, retalhos de tempos passados, murmúrios do que veio depois...

Sustive a respiração e fiquei parado no meio das águas-furtadas. Quase tocava com a cabeça no teto. Durante aquele momento de quietude, fixei o olhar numa tela que estava tapada num canto, precisamente onde o pé-direito era menor. E fui, como que atraído, de uma maneira inexplicável. Avancei, decidido, até lá.

— Axel, não...

Mas não a ouvi, não consegui ouvi-la, porque estava tão absorto nas minhas próprias emoções, no que estava a sentir, que não era capaz de assimilar mais nada. Porque entrar no seu estúdio tinha sido como levar um murro; ver, de repente, o que Leah tinha sido durante aqueles três anos de ausência, abraçar cada instante em que não estivera junto dela através do rasto que ela havia deixado...

Por isso, não parei até chegar à tela.

E ao virá-la, fiquei sem ar.

Porque éramos nós... o nosso pedaço de mar...

Estava prestes a começar a chorar como uma criança. Ajoelhei-me no chão e deslizei os dedos pelo céu, reparando nas camadas de tinta, nas vezes que ela a tinha corrigido; desejei raspar a superfície para descobrir o que estava por baixo, qual teria sido a sua primeira versão... porque o que tinha diante dos meus olhos era um céu em tons azuis e púrpura, escuros, intensos. Era uma tempestade. Perguntei-me se seria assim que Leah se sentiria ao recordar o que tínhamos sido e odiei essa possibilidade, porque para mim continuava a ser um céu azul e limpo.

Senti o estômago encolher-se ao virar-me.

Leah estava ali parada, no meio das águas-furtadas, do seu mundo, olhando-me fixamente, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe deslizavam pelo rosto e eu... quebrei um pouco mais nesse momento. O coração ia sair-me pelo peito. Dei um passo a cada batimento, aproximando-me dela. Não sabia se ela se afastaria se lhe tocasse, se me daria um empurrão, ou se simplesmente ficaria como estava, sem se mexer, mas não consegui conter o impulso que me gritava que precisava de lhe tocar...

Abracei-a. Abracei-a com tanta força que temi magoá-la.

E, como sempre, Leah surpreendeu-me ao agarrar-se a mim, os seus braços rodeando-me o pescoço, porque aquela nem sequer era uma das três opções que eu tinha considerado segundos antes. Enterrei a cabeça junto ao seu ombro e ela apertou-se contra o meu peito e deixou escapar um soluço entrecortado, enquanto o seu corpo se sacudia. Quis fundir-me nela. Levar a sua dor comigo. Fechei os olhos e senti tanto, senti-a tanto... que me perguntei como era possível aguentar ficar ali abraçado a ela, a respirar contra a pele do seu pescoço.

Eu não sabia que um abraço podia ser mais do que um beijo, mais do que qualquer declaração, mais do que sexo, mais do que tudo. Mas aquele abraço foi.

Acariciei-lhe o cabelo com uma mão, sem a soltar.

— Pronto, minha querida, calma...

— Odiei-te muito... — sussurrou com a testa ainda apoiada no meu peito. Merda, senti que os joelhos me tremiam. Respirei fundo.

— Tanto quanto senti a tua falta...

Fui invadido por uma sensação de calor. Continuei agarrado a ela, ainda não estava preparado para a largar e deixá-la ir outra vez. Assim, concentrei-me na sensação suave do seu cabelo na minha face e em sentir as curvas do seu corpo a encaixarem-se nas minhas, como se aquele espaço vazio lhe pertencesse e o reclamasse como seu. Era uma miragem perfeita. E efémera.

Quando percebi, separei-me dela lentamente. Antes que ela pudesse virar-se e fugir de mim, retive-a ao meu lado e limpei-lhe as lágrimas com os polegares, passando os meus dedos por baixo dos

seus olhos. Segurei-lhe o rosto para a forçar a olhar para mim. Inspirei.

— Não quero dificultar as coisas, Leah. Sei que aconteceu muita coisa, mas, se me deixares entrar de novo na tua vida, prometo que vou tentar fazer com que não te arrependas. Querida... — gemi quando ela quis desviar o olhar e envolvi a sua face na palma da minha mão. — Não te pedirei nada que tu não me queiras dar.

Leah tinha os olhos brilhantes e húmidos.

— Porquê agora? Porque é que voltaste?

— Porque, no dia em que o Oliver me contou que ias expor, pensei que morreria se não pudesse testemunhar esse momento. Tinha de lá estar, Leah. Não te queria estragar a noite, mas, porra, tinha de ver aquilo. Além disso, tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde, e tu sabes disso.

— Eu já tinha fechado esta porta — replicou.

— Mas se calhar não chegaste a deitar a chave fora...

Leah foi até ao banco e pegou na mala.

— Preciso de apanhar ar.

— Vou adiantando trabalho — respondi.

Os seus passos tornaram-se menos audíveis conforme ela descia as escadas. No meio daquelas águas-furtadas que eram o mundo de Leah, fiquei a contemplar os quadros que pareciam olhar-me de volta e a sentir ainda a textura da sua pele na ponta dos dedos.

Leah

Fechei os olhos ao deixar o edifício para trás. Inspirei. Expirei. Tentei manter a calma concentrando-me em sentir o ar a entrar e a sair com lentidão. Tal como imaginara, foram precisos apenas alguns dias para me desmoronar diante de Axel.

Quando nos encontrámos na galeria, estava tão bloqueada, que mal registei o momento. Algumas semanas mais tarde, no café, consegui manter-me serena, apesar da tensão. No dia em que apareceu no meu quarto, comecei a cair um pouco, sobretudo quando, ao regressar à noite, percebi que a cama ainda cheirava a ele. E depois... depois o chão tinha tremido por baixo dos meus pés ao vê-lo nas águas-furtadas a observar tudo com aquele olhar curioso e aguçado que parecia ver mais do que aquilo que os quadros mostravam à primeira vista. Tinha ficado sem ar ao sentir os seus braços à minha volta e o seu corpo colado ao meu.

Desejei conseguir conter-me como ele e guardar para mim o que sentia, mas não fui capaz. Porque estava certo. Porque eu detestava a última parte da nossa história, aquela em que descobrira que Axel não era o rapaz que eu pensava conhecer, mas sim alguém com muitas mais camadas, algumas cheias de cobardia, de sentimentos que ficam pelo caminho. Continuava a lembrar-me das últimas palavras que ele havia pronunciado mesmo antes de eu me ir embora a correr da sua casa, a meio da noite. Sentia-me muito miúda ao escutar na minha cabeça a minha própria voz dizendo-lhe: «És incapaz de lutar pelas coisas que queres.» E, em seguida, a sua, a inundar tudo, o terraço, aquela madrugada, o meu coração: «Então, talvez não as queira assim tanto.»

Eu não queria nada daquele Axel. Nada.

Mas do outro, sim, do que tinha sido meu amigo e família, a quem não tinha de pedir mais do que me podia dar, porque a situação não o exigia. Daquele Axel sentia muitas saudades. Dele e das suas

brincadeiras, dos seus sorrisos e do seu bom humor. De o ter na minha vida.

O problema é que era complicado separar as duas partes, porque, por vezes, se misturavam como dois pingos de tinta de cores diferentes que, ao juntar-se, acabam por formar uma nova tonalidade com a qual eu não sabia o que fazer.

Dei um par de voltas ao quarteirão, em passo tranquilo.

Quando me senti mais calma, regressei, mas, em vez de subir novamente até às águas-furtadas, entrei no café dessa mesma rua e sentei-me numa das mesas do fundo. Pedi um café com leite antes de tirar da mala um caderno com alguns apontamentos das aulas, que comecei a reler em silêncio.

O telemóvel tocou quase uma hora depois.

Era Axel. Inspirei e atendi.

— Onde estás? — perguntou.

— Cá em baixo, no café.

— Vou aí ter — disse, antes de desligar.

E, cinco minutos depois, Axel estava sentado à minha frente, com um cotovelo apoiado despreocupadamente em cima da mesa de madeira e uma expressão pensativa, enquanto decidia o que iria beber. A empregada esperou e olhava-o com interesse; tinha-me esquecido das reações que Axel conseguia provocar à sua passagem, se quisesse.

— Que tal é a sanduíche vegetariana?

— Até agora, ainda ninguém se queixou. — Ela sorriu e ele correspondeu.

— Então, é uma dessas. E chá frio. Obrigado.

— De nada — piscou-lhe o olho.

A empregada afastou-se e eu ergui a sobrancelha.

— Já estava quase a ir-me embora... — esclareci, embora achasse que não fosse preciso, tendo em conta que a minha chávena de café já estava vazia.

— Ainda não terminei com os teus quadros.

— Quanto tempo vais demorar?

— Bastante mais tempo. Leah, tenho de organizar as obras, uma coisa em que me poderias ajudar, e também a estipular preços,

mas, para isso, vou precisar da opinião da Sam; não te preocupes, já tirei algumas fotografias. E a seguir temos de escolher alguns quadros para levar para a galeria. Talvez tenhas uma opinião a respeito disso.

— Como assim?

— Há algum quadro que seja especial para ti?

— Acho que sim. E quanto ao que se passou há pouco...

— Não temos de falar de nada, Leah.

Sim, já sabia, com Axel os silêncios diziam mais do que as palavras, mas eu precisava que os alicerces fossem sólidos antes de seguir adiante.

— Não vais mesmo dificultar as coisas?

Os seus olhos atravessaram-me. Tremi.

— Não. E tu, a mim?

— Eu? Eu nunca dificultei nada...

— Estás muito enganada, Leah.

A empregada regressou e deixou a sanduíche e o chá em cima da mesa. Axel encostou-se às costas da cadeira, suspirou e deu algumas dentadas, distraído, como se um minuto antes não estivéssemos a falar de nós, de tudo.

Concentrei-me nos veios da madeira da mesa.

— Então... tens uma pessoa — sussurrou com a voz rouca. Levantei a cabeça para ele e limitei-me a assentir com a cabeça. — Que bom. Fico feliz por ti. — Suspirou e pôs-se de pé, após terminar o chá de um trago. — Queres deixar-me as chaves? Posso passar mais logo pela residência para tas devolver, se não quiseres esperar aqui.

Pensei em como isso seria libertador, ir dar um passeio e não ter de entrar no estúdio com Axel a chatear-me outra vez, mas alguma coisa na sua expressão me fez mudar de opinião. Não sei o que foi. Não houve nada de especial, nenhum gesto revelador. De facto, o seu rosto parecia quase inexpressivo, e no entanto...

— Não, eu vou contigo — respondi.

O ranger das escadas foi o único som que nos acompanhou enquanto subíamos até às águas-furtadas. Desta vez, fiquei ao seu

lado enquanto ele tirava fotografias de cada quadro de diferentes ângulos e os organizava em três grupos.

— O bom é que é fácil diferenciá-los — apontou. — Estes aqui são mais sombrios, mais viscerais. Os do outro lado são mais luminosos. E o resto... bem, não tenho bem a certeza de como os catalogar — acrescentou, detendo-se no último grupo.

Tinha posto ali o quadro em que se via o nosso pedaço de mar. E também outros, alguns que nem eu sabia o que simbolizavam, mas que, simplesmente, havia sentido necessidade de pintar.

— Que é que têm esses? — perguntei.

— Nada, mas não me interessam.

Pestanejei, um pouco surpreendida.

— Não percebo. Disseste que eu tinha talento.

— Claro, mas entre tudo o que fazes, há coisas melhores e piores, não achas? — Percebi que ele tentava ser delicado, como se o meu ego fosse de vidro, e isso chateou-me um bocado. — E quanto a este aqui... — Pegou na tela do mar. — Quero comprá-lo. Diz o preço.

Abri a boca. Voltei a fechá-la. Franzi o sobrolho.

— Estás doido? — gemi.

— Não. Gosto dele. Vou pendurá-lo na cozinha.

— Axel, não gozes — pedi-lhe.

— Não estou a gozar, Leah. Diz um valor.

Ali estava, o Axel de sempre, aquele que me conseguia desestabilizar com apenas três ou quatro palavras. Mesmo que tentasse «não dificultar as coisas», seria sempre muito complicado. Tentei não ir na conversa dele, manter-me à tona.

— Podes levá-lo. É grátis.

— Tens a certeza? A que devo essa honra?

— Ao facto de querer que te cales já — repliquei. — E de ser um presente. Tu sabes, pelas nossas tréguas. Uma coisa simbólica.

Axel sorriu; vi, de soslaio, a covinha que a sua face direita fazia antes de ele se virar para ir deixar o quadro ao lado da porta. Depois, voltou a concentrar-se nos restantes, andando pelas águas-furtadas com um ar pensativo.

— Devíamos escolher cinco daqui e cinco dali.

— Está bem. Parece-me bem — disse. — Alguma preferência?

— Sem dúvida. Este é incrível. — Ficou um instante a olhar o desenho a que se referia, mergulhado no silêncio.

Senti-me... despida. Na tela, entre tons escuros que iam do preto até ao púrpura e ao grená, havia uma rapariga de perfil, da qual se via apenas o rosto entre traços confusos. Aquilo que se distinguia bem era o coração que tinha entre as mãos.

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Depende do que queiras saber.

— Tenho curiosidade na rapariga do quadro. — Deu um estalido com a língua. — O coração que segura, acabam de lho devolver ou é o momento em que ela o tirou do peito?

Mordi o lábio.

— Devolveram-lho.

Axel assentiu antes de deixar essa obra para trás e seleccionar mais algumas que queria levar para a galeria. Eu também quis participar e escolhi duas de que gostava particularmente. Quando acabámos a seleção, ele continuou a dar uma vista de olhos às restantes, as que tinha colocado no grupo de «inclassificáveis». Creio que, por alguma razão, eram as que mais despertavam o seu interesse. Ao vê-lo ali, ajoelhado diante das telas, fez-me lembrar um gato selvagem que só se aproxima o suficiente para comer, mas que, depois, acaba sempre por se afastar e por viver na sua solidão.

— A gata continua a aparecer...? — Ia a dizer «por casa», como se aquele sítio ainda fosse um pouco meu.

Axel olhou-me por cima do ombro.

— Morreu.

— O quê?

— Era velha.

— Axel...

— Foi no mês passado. Morreu nos meus braços, não sofreu. Enterrei-a nessa noite.

Eu continuava sentada no chão de madeira com as pernas cruzadas e ele prosseguia com a análise. Dei conta de que era tarde quando olhei para a janela e percebi que o céu já começava a tingir-se de um azul escuro e denso.

— Estes quadros... porque é que os pintaste?

A pergunta apanhou-me um pouco desprevenida.

— Não sei. A que te referes?

— Devias estar a sentir alguma coisa. Ter algum motivo.

— Não. — Encolhi os ombros. — Fi-los sem pensar. Como todos os outros. Acho que a ideia ou o sentimento apareceu de repente e eu canalizei-o para aí.

Axel assentiu, embora eu tenha percebido que a minha resposta não satisfizera a sua curiosidade. Lembrei-me de que aquilo era o que mais o corroía por dentro, não conseguir entender que pintar era tão simples quanto isso, quanto deixar-se levar, sentir, viver através do pincel que segurava...

Levantei-me ao ouvir o toque do telemóvel.

Era Landon. Atendi.

— Ainda estou aqui — disse.

— Queres que jantemos juntos?

— Está bem. — Movi-me para sair das águas-furtadas, mas parei ao perceber que a conversa não se iria alongar muito mais. Landon ofereceu-se para ir buscar comida a um restaurante mexicano que ficava a algumas ruas do seu apartamento. — Sim, podem ser tacos. Está bem, nachos também. Até logo.

Quando desliguei, Axel já estava quase na porta.

— Não te ocupo mais — disse com suavidade.

— Eu não queria... — comecei a reclamar.

— Eu percebo. É sexta-feira — cortou.

Descemos as escadas em silêncio. Ao sairmos para a rua, as lojas já tinham fechado e não se via ninguém. Apenas se percebia o sussurro das árvores que o vento agitava e o murmúrio de alguns carros ao longe.

— Então, e agora? — perguntei, nervosa.

Foi a primeira vez que Axel desviou o olhar. Enrugou levemente o sobrolho e parecia concentrar-se nas linhas do passeio e numa pedrinha que chutou com o ténis.

— Provavelmente, um dos dois devia dizer algo do género, é boa ideia começar do zero, mas soa tão ridículo que é melhor evitarmos isso. Por isso, acho que agora nos despedimos, tu vais jantar com o

teu namorado e eu vou a pé até à universidade, para ir buscar o meu carro e regressar a casa.

Inspirei e olhei para o céu escuro.

— Isto tudo é... desconfortável — disse.

— Eu sei — respondeu baixinho.

— Detesto que seja assim.

— Eu também.

— É horrível. É estranho.

— É uma questão de nos habituarmos — falou para o colarinho da camisa como se estivesse a falar para si próprio.

Olhámo-nos. Axel deu um passo em frente e abraçou-me novamente, desta vez com mais segurança, com força, como que quisesse memorizar o momento. Abracei-lhe o pescoço e ficámos ali, em silêncio, numa rua qualquer daquela noite tépida.

A sua respiração morna roçou a minha orelha.

— Fica bem, minha querida — sussurrou mesmo antes de me soltar repentinamente e de se despedir com um beijo suave na face.

Fiquei imóvel. Contemplei-o enquanto se afastava sob a luz alaranjada dos candeeiros de rua e vi-o acender um cigarro. Depois, desapareceu ao virar a esquina. Demorei alguns segundos a reagir, mas acabei por dar a volta e seguir na direção contrária.

Janeiro

(VERÃO, AUSTRÁLIA)

Axel

Teoricamente, a minha mãe gostava de mim. Teoricamente.

É que vê-la a cuspir fogo pelos olhos não era o que eu consideraria uma expressão de amor. E, no entanto, ali estava, olhando-me de uma forma que poderia fazer com que o próprio Inferno congelasse em três segundos. Por sorte, o pai detinha-a com um braço por cima dos ombros, numa atitude que pretendia parecer despreocupada, embora, na realidade, tivesse uma certa rigidez.

— Como é que semelhante ideia te passou pela cabeça? Aparecer na exposição da garota assim de repente? — Tentei manter a calma, porque detestei a maneira como pronunciou «garota», já que para mim estava muito longe de o ser. — Vamos de viagem e, quando voltamos, deparo com esta situação! Não vos podemos deixar sozinhos!

Bati no meu prato vazio com o indicador.

— Há algum sumo no frigorífico?

— Axel, que raios! — gritou ela.

Para minha desgraça, seguiu-me quando me levantei e abandonei a sala de jantar. Era domingo, os meus pais tinham regressado no dia anterior e, por isso, decidimos reunir-nos para almoçar, como nos velhos tempos. Não estávamos a deixar o conceito de família muito bem visto, não. Suspirei profundamente, abri o frigorífico e voltei a fechá-lo por não ter encontrado nada que me interessasse. A minha mãe estava ali, atrás da porta, uma pilha de nervos a olhar-me.

— Acalma-te — pedi-lhe. — Não aconteceu nada de mal.

— Mas a Leah disse... que a vais agenciar...

O aeroporto mais próximo era o de Brisbane e, sempre que iam ou regressavam de alguma viagem, os meus pais costumavam aproveitar a ocasião para a ver e passar algum tempo com ela.

— Sim, qual é o problema?

— Depois do que fizeste...

Porra, aquela doeu. Penso que os anos nos dão sempre uma perspetiva diferente, e aquilo que antes me parecia ser proibido ou mau, mais tarde, adquire novos matizes. Deixei de ver as coisas dessa maneira. E se pudesse voltar atrás no tempo... bem, aquela última noite em que Leah e eu nos vimos teria um final muito diferente. Tê-la-ia beijado antes de a segurar nos braços e a levar até à minha cama para fazer amor com ela e falar dos nossos planos do futuro, de manter uma relação à distância até que ela acabasse a universidade. Oliver teria entendido, com o tempo, como fez depois, quando se afastou e os meses e os anos acalmaram a situação. E o mesmo relativamente à minha família. Só teria de me manter firme e de lutar por aquilo que queria.

E o que queria era ela, de uma forma quase irracional.

Mas não foi nada disso que fiz, era apenas uma realidade paralela que jamais existiria, porque me tinha limitado a não mover uma palha ao mesmo tempo que Leah saía da minha vida. Ela lutou, veio procurar-me a minha casa de madrugada, tentou convencer-me de que nós valíamos a pena, chorou à minha frente, sem se esconder nem se preocupar em limpar as lágrimas, e eu... nada. Era sempre assim. Nada. Fiquei parado sem dar um passo para a frente. Nem para trás. Era assim que me sentia, ancorado no meio de lugar nenhum, preso por mim mesmo.

— Não fiz nada de errado — repliquei.

— Apareceres assim sem avisar!

Segurei-lhe o braço antes que começasse a papaguear sem parar. A minha mãe emudeceu.

— Não fiz nada de errado. Antes. Há três anos.

— Axel... — olhou para mim com um misto de ternura e desilusão.

— O que aconteceu não estava certo. A Leah era apenas uma criança e tinha acabado de passar por uma situação complicada.

Senti o meu maxilar tenso.

— Não fazes ideia de tudo o que vivemos quando ela esteve em minha casa. É fácil julgar as coisas de fora, sem te preocupares em tentar compreender. Eu simplesmente... apaixonei-me. Nunca

pensei que isso fosse acontecer, mas aconteceu. E o que tivemos foi real.

Afastei-me de repente. Nunca tinha falado assim com a minha mãe. Normalmente, passava o dia a fazer troça, a refilar ou a ser irónico com ela. Nem mesmo depois do que aconteceu lhe tinha dito uma palavra que fosse; ela empenhou-se em gritar comigo e eu aguentei aquilo tudo, porque pensava que merecia.

— Axel, querido... — Deixei que a minha mãe me abraçasse.

Justin e os gémeos entraram na cozinha antes que pudéssemos prosseguir com a conversa, coisa que agradeci, porque não estava muito familiarizado com a ideia de dizer em voz alta o que sentia e, ao fazê-lo, era como se subitamente me esvaziasse por dentro.

Depois, tirei uma cerveja do frigorífico e voltei para a sala. O meu pai estava sentado ao lado de Emily, a ver a secção de desporto dos jornais. Olhou para mim. Parecia feliz.

— Que se passa, companheiro? Como vai a vida?

— Faz-se o que se pode — respondi.

— Paz e amor, filho. Paz e amor.

Sorri. Sorri mesmo a sério.

Axel

Sam tirou os óculos e eu deixei-me cair na cadeira que estava em frente à sua secretária. Contemplei aquele espaço como de costume, fixando o olhar nos pormenores engraçados que ela punha em qualquer canto, como os desenhos dos filhos, bonecos que algum deles teria deixado ali durante uma visita, fotografias da família...

— Estás a pensar em dizer alguma coisa? — Olhou-me divertida.

— Só me queria certificar de que falaste com a empresa de transporte.

Tinha acordado com Leah que na semana seguinte traríamos os quadros para a galeria. Visto que as aulas já haviam terminado, ela aproveitaria para ficar mais uns dias em Byron Bay, ajudando assim na organização da exposição.

— Falei com eles, está tudo combinado.

— Boa. Ótimo. Então...

— Então, deves-me uma explicação.

— Os teus filhos puseram-te alguma coisa no café hoje?

— Não tentes disfarçar — advertiu. — Quero saber porque é que tens tanto interesse nesta rapariga. Não trabalhamos juntos há muito tempo, mas conheço-te o suficiente para saber que deve ser especial, para te envolveres assim. Vá, Axel, eu não mordo. Por enquanto.

Reprimi um sorriso e suspirei profundamente.

— É ela. A rapariga de que te falei.

— Foi por ela que estiveste apaixonado?

— Sim — consegui dizer, com dificuldade.

— Não me contaste nada, Axel.

— Já me conheces...

— E foi preciso pressionar-te durante semanas para me contares isso?

- Para mim, não é fácil.
- Estou a ver. E qual é o plano?
- Só quero que a exposição seja perfeita.

Guardei o importante, que era o cumprimento, enfim, da promessa que havia feito a Douglas numa noite que passámos em minha casa, no dia em que renunciei aos meus sonhos e os substituí pelos de outra pessoa. Estremeci ao recordar as palavras de Douglas: «Axel, ou pintas ou não pintas. E um dia vais amar ou não, porque não serás capaz de fazer as coisas de outra maneira.»

E ele estava certo, fónix.

- Queres que façamos alguma coisa especial?
- Não sei — esfreguei o queixo. — A minha ideia é que seja uma coisa familiar.

— Familiar? — franziu o sobrolho.

— Sim. Ela é daqui. Quero que seja acolhedor. Que quem vier ver não o faça só para olhar rapidamente para os quadros e já está, mas sim que tenham vontade de ficar algum tempo a conversar...

— Creio que estou a entender. Lembras-te daquela exposição em que contratámos uma empresa de *catering*? Podemos fazer isso, apesar de, no caso de Leah Jones, serem poucas obras.

— Sim. E também há a hipótese de trazer mais alguns quadros só para esse dia. Ela tem vários que são... inclassificáveis. — Sam olhou para mim com interesse. — Não acho que os devamos ter em catálogo, mas podíamos desocupar outra sala temporariamente, durante vinte e quatro horas.

— Acho que devias consultar o Hans. Mas parece-me uma boa ideia; há muito tempo que não temos uma exposição forte, e se ela é daqui, bem, isso atrai sempre mais público. Pode ser interessante.

Leah

Frida Kahlo disse uma vez: «A minha pintura leva consigo a mensagem da dor.» No dia em que li esta frase, interessei-me mais pelas suas obras, pela mulher que se escondia por trás de toda a popularidade que a sua figura parecia ter despertado nos últimos tempos. A mulher que tinha amado, sofrido, gritado. Havia alguma coisa que me ligava a ela. Acho que é essa a magia da literatura, da música, da pintura, de qualquer modo de expressão artística: encontrarmo-nos a nós próprios naquilo que outra pessoa criou.

Às vezes, sentimo-nos sozinhos, somos individualistas e achamos que só nós é que experimentámos aquela emoção que nos revolve a alma, ou aquela ideia que nos faz sentir esquisitos, mas um dia percebes que isso não é verdade. Há um mundo imenso lá fora, cheio de pessoas, de experiências e de vidas. Quando compreendes isso, acontecem duas coisas: ganhas consciência da imensidão que te rodeia e, conseqüentemente, sentes-te mais pequena, como uma formiga que corre de um lado para o outro e que percebe que o seu formigueiro não é o único que existe, mas que há milhões e milhões deles. E sentes-te aliviada pela compreensão que te abraça ao encontrares resquícios de ti na letra de uma canção qualquer, num poema ou em traços de um quadro.

É uma boa maneira de nos sentirmos acompanhados...

Pensei nessa ideia durante um instante, ao apanhar uma boa quantidade de tinta com o pincel firme. Estava a pintar uma rapariga de costas, com o cabelo escuro e comprido; do seu cabelo soltavam-se borboletas coloridas, notas musicais e flores, que simbolizavam memórias, algumas com pétalas mais envelhecidas, outras recentes. Usei a técnica do empastamento, aplicando pinceladas de tinta espessa por cima de outras, misturando as cores estriadas sobre a própria tela, tornando a obra mais real. Era importante ter atenção ao ângulo de cada traço para que a tinta não

escorresse. A minha concentração era tal, que demorei um momento a perceber que já tinha anoitecido.

Limpei o material, arrumei as minhas coisas e fui-me embora.

Quando cheguei ao apartamento de Landon, ele já tinha jantado e estava sentado no sofá a ver um episódio de uma série cómica de que gostava.

— Deixei-te um pouco de peixe no forno.

— Obrigada, mas não estou com muita fome.

Dei-lhe um beijo antes de ir à cozinha. Tirei uma peça de fruta do frigorífico e comi-a, distraída. Depois, voltei para a sala e sentei-me ao seu lado. Havia uma certa tensão entre nós, uma coisa que nunca tinha existido até à data. Eu não sabia como gerir aquela situação e nessa noite havia voltado a falhar-lhe, pois tinha prometido que jantaríamos e que passaríamos algum tempo juntos, e, além disso, não lhe tinha contado que estava a pensar passar uma semana em Byron Bay.

— Perdoa-me, não dei pelas horas.

— Não faz mal — encolheu os ombros.

— Landon. — Deixei a fruta na mesa, em cima de um guardanapo, e aproximei-me dele para o abraçar. Não se afastou. Abraçou-me pela cintura, com suavidade. — Estás chateado?

— Não. É que... — Mordeu o lábio antes de suspirar. — Quero que as coisas te corram bem, Leah, e entendo que para isso tenhas de trabalhar muitas horas.

— Mas... — adivinhei.

— Mas seria tudo mais fácil se a situação entre nós fosse clara. Há muitos meses que estamos assim e cada vez é mais complicado, porque sinto que isto não leva a lado nenhum.

Afastei-me um pouco para ter mais espaço.

Eu entendia Landon. Ele sempre tinha tido relações estáveis, quer durassem mais ou menos. Relações em que se podia referir à outra pessoa como «sua namorada» sem hesitações. Eu tinha chegado à sua vida quando já não era provável que a nossa relação passasse da amizade. E agora, ali estávamos, num limbo a que eu não sabia como chamar, mas que tinha medo de explorar. Porque gostava

muito dele e a ideia de o perder apavorava-me tanto... Já tinha renunciado a demasiadas pessoas pelo caminho.

— Não sei se estou preparada para isso — gemi.

— E quando é que vais estar? — perguntou.

— O que temos não chega?

Landon esfregou o rosto um pouco apreensivo.

— Às vezes, sim. Outras vezes, não — admitiu.

— Diz-me o que é que te preocupa.

Desviou o olhar antes de responder.

— Que encares o que temos como temporário.

— Eu nunca disse isso... — protestei.

— E achas que é para sempre? Olha para mim, Leah.

Senti um aperto incómodo no estômago. Para sempre? Ficar com Landon para sempre? Uma parte de mim queria-o, porque seria tão simples e confortável como aconchegar-me debaixo de uma manta quando está muito frio. Mas a outra parte não estava preparada para decidir uma coisa daquelas, a outra parte... nem sabia muito bem o que pensava de tudo aquilo.

— Deixa estar. Não respondas.

Landon levantou-se e eu fui atrás dele até ao quarto que tantas noites tínhamos partilhado nos últimos meses. Ele levou os dedos à ponta do nariz e fechou os olhos. Abracei-o por trás, agarrando-o.

— Desculpa. Eu gosto de ti, Landon, mas a ideia de definir agora que vou passar o resto da minha vida com alguém... Não te quero magoar. Acho que estamos em fases diferentes e nem me consigo entender a mim própria.

Como é que lhe podia explicar? Nem saberia por onde começar. Os últimos anos tinham sido cheios de mudanças e era complicado fazê-lo entender exatamente como eu tinha vivido. É que Landon nunca conhecera aquela miúda que passeava por Byron Bay com um sorriso constante antes do acidente de automóvel que mudara tudo. Nem tinha conhecido a outra, a que se fechara em si mesma, a que deixara de pintar e que conseguiu vir à tona graças a certa pessoa teimosa que fez tudo o que era possível para a tirar do buraco em que estava metida. Apesar de, depois... bem, depois

nada correu bem e quando cheguei a Brisbane, passei a ser outra versão de mim mesma.

Sentia-me como se, durante os últimos anos, tivesse mudado de pele uma e outra vez. Talvez por isso não estivesse muito segura de quem era naquele momento.

— Que vamos fazer? — perguntou.

— Não sei. — Continuei a abraçá-lo.

Teria gostado de lhe conseguir dar a resposta que ele queria ouvir, mas não lhe queria mentir. Não é que não me visse ao seu lado num futuro distante, é que nem sequer tinha considerado essa opção. Não me tinha passado pela cabeça. E isso preocupava-me.

— Tenho de ir a Byron Bay para a exposição. Queria dizer-to já há alguns dias.

Ele desprendeu-se dos meus braços, virou-se e olhou-me na penumbra do quarto.

— Eu percebo. — Deu-me um beijo na face.

— Vem comigo — sussurrei sem pensar. — Alugo um quarto num albergue e, sei lá, posso apresentar-te aos meus amigos, mostrar-te o sítio onde cresci...

— Leah, vais estar a trabalhar quase todo o dia e eu tenho coisas para fazer aqui, não posso deixar tudo. — Pôs-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Mas vais à exposição, certo?

— Sim, isso sim. Tentarei lá estar.

Pus-me em bicos de pés para lhe dar um beijo lento, que me aqueceu o peito. Os lábios de Landon eram suaves e firmes, e estavam cheios de promessas bonitas que uma parte de mim queria alcançar. O problema era a outra, a que continuava a resistir como se se agarrasse a alguma coisa...

Leah

Axel quis orientar ele mesmo todo o processo de acondicionamento e transporte, por isso, na terça-feira, estivemos desde manhã cedo no estúdio a acompanhar os trabalhadores que embrulhavam os quadros antes de os levarem para a carrinha de mudanças. Tirei um pedaço do plástico com bolhas que usavam para proteger as obras e entretive-me a rebentá-las com os dedos, enquanto saboreava um chupa-chupa de morango.

Ele aproximou-se, depois de falar com um dos homens.

— Aborrecida? — perguntou.

— Não, mas não tenho nada que fazer.

— Queres ir comer qualquer coisa ao café?

— Pode ser. — Pus-me de pé e segui-o até à rua.

Sentámo-nos na mesma mesa que havíamos ocupado no dia em que o deixei entrar nas águas-furtadas pela primeira vez. Pedimos duas sanduíches e refrigerantes.

— Pareces ausente — Axel inclinou a cabeça.

— Não é isso, é só que... quase não parece real. Tenho a sensação de que isto está a acontecer a outra pessoa e de que eu estou aqui apenas a assistir a tudo, como mais uma espectadora. Não lighes, maluquices. — Sacudi a cabeça.

— Não, acho que entendo. Ainda não assimilaste.

Olhámo-nos enquanto nos serviam a comida. Quebrei o contacto visual quando peguei na minha sanduíche e lhe dei uma dentada, embora não tivesse muito apetite. Axel pediu uma dose de batatas fritas e, quando me perguntou se queria partilhar, recusei com a cabeça, porque, por mais idiota que pudesse parecer, aquele ato tão insignificante pareceu-me íntimo e ainda me custava horrores levantar o olhar e encarar o rapaz que tinha à minha frente. Também ainda não tinha assimilado isso.

Ele, a exposição... tinha aparecido tudo de repente.

Concentrei-me nos seus braços dourados pelo sol. Nos dedos compridos, masculinos. Nas suas unhas ligeiramente roídas. Na firmeza de cada um dos seus movimentos.

Concentrei-me em tudo, na realidade. Havia qualquer coisa em Axel que cativava e eu dedicava-me a isso, a apanhar pequenos gestos e emoções, para logo os voltar a soltar e deixá-los *ser*. E ele *era* sempre, de uma maneira bizarra; estava convencida de que qualquer artista poderia criar uma série de quadros só de o observar com atenção durante uns momentos.

Quando acabámos de comer, Axel subiu uma última vez ao estúdio para se certificar de que não tinham deixado lá nada. Formou-se-me um nó na garganta ao ver aquele lugar tão vazio, sem todos aqueles quadros que eu tinha vindo a acumular, porque nunca tinha pensado no que fazer com eles.

Depois, verificou que tudo estava bem colocado na carrinha e despediu-se do homem que ia a conduzir, após repetir pela terceira vez que uma tal de Sam estaria à sua espera na galeria de Byron Bay.

— Estás um bocado obcecado, não? — perguntei-lhe, quando nos afastámos da carrinha, caminhando até à minha residência, onde nos tínhamos encontrado antes de irmos ao estúdio.

— Quero que tudo corra bem. — Sorriu-me.

E aquele sorriso despertou um formigueiro que me acompanhou à medida que avançávamos rua abaixo em silêncio. Pela primeira vez, desde que os nossos caminhos se tinham voltado a cruzar, a ausência de palavras não me incomodou. Foi um pouco como era antes, como quando conseguíamos estar calados um ao pé do outro.

Quando chegámos ao meu quarto, Axel agarrou na minha mala. Segui-o e, ao mesmo tempo, ia enumerando tudo o que tinha metido na mala para os dias que passaria em Byron Bay, porque tinha a sensação de que me tinha esquecido de alguma coisa.

— Fónix, que é que meteste aqui? — grunhiu, após metê-la no porta-bagagens do seu carro.

— O básico. — Sentei-me no lugar do passageiro.

— O básico? Roupas, pedras e um cadáver?

Reprimi um sorriso e repreendi-me por baixar a guarda tão depressa. Mas é que Axel tinha esse encanto que me lembrava porque sentira tanto a sua falta e me fazia esquecer todas as outras razões pelas quais o tinha odiado tanto durante aqueles três anos.

Cravei o olhar na janela à medida que deixávamos para trás o bairro de Brisbane, onde eu vivia. Estava uma dia soalheiro de verão e o céu azul sem nuvens acompanhou-nos durante todo o caminho. Estávamos prestes a sair da cidade, quando ele ligou o rádio.

A música *3 Rounds and a Sound* envolveu-nos.

— Então, vais ficar num albergue... — disse.

— Sim, a dormida saiu a um bom preço porque a dona conhece o Oliver.

— Podias ficar em casa do meu irmão — levantou um ombro com despreocupação. — Ou na minha.

A velocidade a que voltei a cabeça para ele deve ter sido um sinal claro de como aquele comentário me tinha perturbado. Olhei-o espantada enquanto ele conduzia tranquilo, com as mãos no volante, e perguntei-me como era possível que Axel pudesse aceitar tão bem aquela situação, como se o que tínhamos vivido anos antes não tivesse significado nada para ele. Durante um segundo, apenas um, invejei-o. Mas logo a seguir, senti somente pena.

Senti pena, porque Axel jamais morreria de amor por alguém. E, em troca, em algum momento da minha vida, eu tinha-o feito e conhecia muito bem essa sensação, que não se podia comparar com mais nada; o formigueiro que surgia devido apenas a um toque, as pulsações que um mero sorriso conseguia acelerar, ou o mundo inteiro a girar em redor de um rapaz que, aos meus olhos e apesar dos seus muitos defeitos, foi perfeito.

Tempos depois, dei conta de que, se calhar, não era o melhor para mim, nem para manter a salvo um coração que gritava por descanso. E então, pus um travão.

Mas trazia comigo aquela recordação.

Era capaz de perceber o que sentiam duas pessoas loucamente apaixonadas com que me cruzasse por acaso na rua, e ele... jamais conheceria essa emoção. Porque Axel nunca amaria ninguém o

suficiente para lutar por ela com unhas e dentes, contra tudo e contra todos.

— Leah, estás bem? Não respondeste.

Obriguei-me a olhar para ele, embora me custasse.

— Prefiro ficar no albergue, é mais cómodo.

— Cómodo para quem? — levantou uma sobrancelha.

— Para mim — repliquei secamente.

Axel

Contenção. Não era a primeira vez que essa palavra me sacudia quando estava perto dela. Tinha-me contido, anos antes, quando comecei a sentir algo por ela; pensava que era errado, que não estava certo, que não poderia permitir que acontecesse nada entre nós. Mas falhei, porque me estatelei ao comprido, e porque isso de conter os desejos mais primários não era uma coisa assim tão fácil de fazer.

Voltava a sentir-me na mesma situação. Contido. Sem deixar de pensar que ela refizera a sua vida, que tinha outra pessoa, que tinha deixado o que vivemos para trás. Foi como viajar ao passado, àquelas sensações esquecidas: de a ter próxima e estar morto por lhe tocar, apesar de não o poder fazer, de engolir as palavras, o desejo e a vontade.

Conduzi mais um pouco sem dizer nada, concentrado na estrada. As árvores frondosas ladeavam a estrada e eu tinha a estranha sensação de que, em cada quilómetro que ficava para trás, estava mais próximo dela, como se regressássemos a casa. E, em parte, assim era; ainda que apenas temporariamente. Olhei-a de soslaio. Tinha a cabeça apoiada no assento e contemplava a paisagem desfocada através da janela.

— Lembrava-me de ti mais faladora.

— A sério? — ergueu as sobrancelhas.

— Sem contar com o ano em que deixaste de o ser, claro.

— Muito engraçado — murmurou, e voltou-se novamente.

— A sério que não tens nada para me contar? Não fizeste nada interessante durante estes três anos? — insisti, porque, como sempre, preferia o seu mau humor e as respostas cortantes aos seus silêncios. Porque os silêncios de Leah... eram perigosos.

Ela franziu o nariz e fixou o olhar em frente.

— Pinteí. Estudei. Saí.

— Não aguento tantos pormenores.
— Porque não me contas algo sobre ti?
— Não fiz grande coisa, a sério.
— Mudaste de emprego, não foi?
— Continuo a ilustrar, mas escolho melhor os trabalhos que aceito.
No resto do tempo, dedico-me à galeria, ainda que sem horário fixo
— esclareci.

— Como é que foste lá parar? — perguntou.

— Queres mesmo saber a história?

Leah assentiu e cruzou as pernas lentamente. Desviei o olhar da estrada por instantes. Pensei que, se ela tivesse feito aquele movimento três anos antes, naquele momento, a minha mão já estaria entre as suas coxas, embora fosse apenas para a ouvir rir antes de me afastar. Suspirei profundamente.

— Na última passagem de ano, bebi mais do que gostaria de admitir. Estava sozinho. O meu irmão, a Emily e os miúdos tinham ido passar a noite com uns amigos, os meus pais estavam no outro lado do mundo e não me apetecia estar com ninguém, então, fui jantar ao restaurante mais caro que conhecia...

— Isso é triste — interrompeu Leah.

— Porquê?

— Podias ter ligado ao Oliver.

— Na altura, ainda não nos falávamos, mas essa não é a questão, Leah. Podia ter saído com alguns amigos, se quisesse, mas não me apetecia. Portanto, jantei sozinho. E jantei bem. Lembras-te de quando falámos de estarmos conscientes do momento e de o apreciarmos? Foi o que eu fiz. Depois, aproximei-me da marginal da praia e bebi uns copos. Não reparei que tinha bebido mais do que a conta, até um tipo se sentar ao meu lado e começar a falar comigo. Disse que a família vivia em França e que também estava a passar a noite sozinho, porque tivera de ficar ali por questões de trabalho. E adivinha onde trabalhava...

— Na galeria — sussurrou.

— Acontece que era o dono. E eu falei de mais, porque tinha bebido bastante e deixei escapar que metade das obras que lá expunham me pareciam medíocres. Acabámos a falar sobre arte,

daquilo que eles estavam a destacar... e, no final da noite, tinha uma oferta de trabalho, mas, tendo em conta que mal me aguentava de pé, não a levei muito a sério. Por isso, fui-me embora sem me despedir; a questão é que, no dia seguinte, Hans apareceu à porta de minha casa, e não fazes ideia do quão teimoso é aquele homem.

Leah sorriu timidamente.

— Típico de ti — disse.

— O quê, exatamente?

— Isso. Sair por aí numa noite sem objetivo, beber de mais, ser politicamente incorreto com um tipo que acabas de conhecer e acabar por ter sorte.

— Politicamente incorreto?

— Ou desnecessariamente sincero.

Franzi o sobrolho sem tirar os olhos da estrada.

— Explica lá. Acho que me perdi.

— Não interessa. Esquece. Era uma parvoíce.

— Preferes que te mintam, Leah?

— Claro que não. Mas essa sinceridade...

— Não, diz-me. Quero saber o que pensas.

— Penso que essa sinceridade não é real.

Leah inclinou-se para aumentar o volume da música e acabar a conversa, mas impedi-a, segurando-lhe no pulso. Afastou o braço rapidamente.

— Já não te apetece continuar a falar?

— Tens mais alguma coisa para me contar?

— Vejamos... — disse, pensativo. — Moro no mesmo sítio, tenho o mesmo número de telemóvel e uso o mesmo tamanho de roupa. Portanto, como sou muito pouco interessante, vamos falar antes de ti. Algo divertido terás feito, em três anos.

— Axel, estou cansada... — começou a dizer.

— Soa-me a desculpa — cortei.

— Porque é uma desculpa.

Reprimi um sorriso ante a sua sinceridade esmagadora, como se me quisesse intimidar, embora aquele «não é real» me estivesse a irritar, porque, basicamente, ela tinha razão. Nem sempre fora

honesto, não no que se refere a Leah. Às vezes, era um hipócrita de merda. E ela sabia.

Por isso, deixei-a descansar e concentrei-me na estrada enquanto ouvia rádio baixinho. Com as mãos no volante, pensei no quão eletrizante era a sensação de saber que Leah estava outra vez perto de mim, mesmo com todas as barreiras que nos separavam, porque sempre era melhor do que nada. Assim tinha sido, outrora, quando a preferia chateada e furiosa a ausente e calada. E era-o agora, mesmo sem que eu soubesse o que restava de «nós».

Adormeceu antes de chegarmos a Byron Bay.

Parei o carro em frente ao albergue em que ela iria ficar. Era um edifício de dois andares que só tinha seis quartos e que se situava num extremo da cidade, não muito longe da minha casa, a pé. Puxei o travão de mão e fiquei a olhar para ela durante alguns segundos. Não se ouvia nada. O meu olhar deslizou pelo cabelo comprido, que estava apanhado numa trança, e pelo seu rosto, o mesmo que eu cobrira de beijos, anos antes. Senti o impulso de esticar a mão e de lhe acariciar a face, mas contive-me.

— Leah... — Toquei-lhe devagar. — Já chegámos.

Ela piscou os olhos, confusa, até que percebeu onde estava. Então, endireitou-se rapidamente e saiu do carro. Ajudei-a a tirar a enorme mala e insisti em acompanhá-la até ao quarto, porque a mala pesava uma tonelada. Leah não protestou demasiado, certamente, por estar meio ensonada.

Deixei a mala em cima da cama ao entrarmos, depois de irmos buscar as chaves. O quarto era pequeno, mas estava limpo e, pela janela que dava para o jardim das traseiras, entrava a luz do sol do entardecer.

— Quando nos voltamos a ver? — perguntei.

— Não sei, diz-me tu. É suposto prepararmos as coisas da exposição...

— Descansa hoje. Eu trato de verificar se chegou tudo bem. — Dei um passo atrás, para a porta aberta. — Combinamos para amanhã, às dez na galeria?

— Pode ser.

Ela parecia estar tão desconfortável, que eu não quis prolongar mais o momento, despedindo-me com a mão antes de descer pelas escadas estreitas de madeira.

Mas, apesar de tudo, quando parei no meio da rua e respirei fundo, tive a sensação de que, de repente, algumas coisas encaixavam, como se ter Leah novamente em Byron Bay desse uma nova cor à cidade e se, após uns anos enferrujado, o motor da minha vida se voltasse a ligar com todas as suas engrenagens a girar numa direção.

Leah

Tirei algumas peças de roupa da mala e pendurei-as no armário, para não se amarrotarem. Em seguida lembrei-me de que estava em Byron Bay e que ali não importava muito se a roupa estava engomada ou não.

Não tinha dormido muito bem nessa semana, por isso estava cansada, mas ignorei a sensação, peguei na mala e saí do albergue. Ao caminhar por aquelas ruas que tão bem conhecia, liguei a Landon para o avisar de que tinha chegado.

Depois, limitei-me a passear sem rumo. Passara muito tempo desde a última vez em que tinha tido tempo para mim, para andar sem ter de chegar a um sítio concreto, apreciando apenas o caminho, as montras das lojas, o céu azul daquele dia de verão ou o aroma suave e agradável que vinha das pastelarias por que passava. Foi como se a minha vida estivesse em pausa. E embora pensasse que isso não pudesse acontecer, senti-me novamente em casa. Tinha crescido naquele lugar e, ao passear pelas suas ruas, não conseguia deixar de pensar que foi ali que comecei a pintar, que passei tantas tardes com Blair e os colegas do liceu, que tive uma infância feliz com os meus pais, que me despedi de Oliver, entre lágrimas, quando ele foi para a universidade e me deu, finalmente, autorização para usar o seu quarto quando não estivesse em casa, que me apaixonei, que o meu coração foi despedaçado, que me tornei na pessoa que era naquele preciso momento.

Quando cheguei à marginal da praia, fiquei uns instantes a contemplar o mar e os surfistas que se erguiam por entre as ondas. O meu estômago encolheu-se ao recordar que não me punha de pé numa prancha há três anos. Durante meses, tinha sentido saudades disso, levantando-me ao amanhecer e pensando que Axel estaria a acompanhar o nascer do sol no nosso pedaço de mar. E agora, a

sensação parecia tão distante que nem tinha a certeza de querer voltar a surfar.

Acabei por me sentar numa esplanada e pedi um café com leite e caramelo, enquanto desfrutava da brisa da marginal da praia. E, não sei porquê, mas quando já ali estava há um bocado e o café já estava frio, peguei no telefone e procurei o número de Oliver.

— Como vai isso, anãzinha? Já chegaste a Byron?

— Sim, estou aqui...

— Estás bem, Leah?

— É só que saí para dar um passeio e... não consigo parar de me lembrar de coisas... — Pisquei os olhos ao reparar nas lágrimas que pareciam desafiar-me para sair. Não sei porque me estava a ir abaixo daquela maneira, sem nenhum motivo, mas sentia um misto de nostalgia, tristeza e alegria ao mesmo tempo, tudo misturado de forma caótica. — Sinto-me esquisita, mas também em casa.

— Fónix, Leah, desculpa-me por não poder estar aí...

— Só penso nos pais. E na sorte que tivemos, sabes? — Limpei uma lágrima com as costas da mão e cruzei as pernas debaixo da mesa do café. — Porque foram os melhores do mundo e juro que continuo a sentir a falta deles em cada minuto de cada dia. Nem sei se essa sensação alguma vez irá desaparecer e agora, ao vir aqui, dando um passeio... era como se uma parte ridícula de mim achasse que, ao virar de qualquer esquina, os encontraria nas compras ou a rir por causa de uma piada qualquer que o pai dizia ao ouvido da mãe, lembras-te disso? Que costumavam dizer coisas às escondidas?

— Sim — Oliver demorou uns segundos a responder.

— Eu queria sempre saber o que diziam.

— Tenho a certeza de que não eram coisas apropriadas para a tua idade. — Começou a rir e depois deixou escapar um suspiro, que soou quase como um queixume abafado. — Eu também tenho saudades deles, anãzinha. E tenho pena de não ter conseguido estar aí contigo nestes dias, tentei tirar férias, mas...

— Eu sei, Oliver. Não deves fazer isso, não quero que gastes sempre os teus dias livres para me vires ver, não é justo para ti nem para a Bega.

— Não há nada mais importante do que estar contigo, anãzinha.

— Já sou crescadinha, Oliver.

— Para mim, nunca vais ser — brincou. — Mas consegui trocar um turno com um colega para ir à exposição. E antes que comeces a refilar, a Bega irá comigo. Ficaremos aí uns dias. Quero que ela conheça os Nguyen e quero mostrar-lhe a cidade.

Sorri, porque gostava de Bega e ficava feliz por ver que o meu irmão tinha encontrado a pessoa da sua vida quando menos esperava, durante aquela época em que teve de deixar para trás todo o seu mundo só para cuidar de mim e para me pagar a universidade. Era como se a sorte lhe tivesse devolvido um pouco daquela generosidade. Eu tinha tido a oportunidade de conhecer melhor Bega nos verões em que fora a Sidney passar uns dias em casa do meu irmão, e era perfeita para ele; uma miúda com carácter e, na aparência, um pouco fria, mas que se derretia sempre que Oliver olhava para ela.

— Vai ser espetacular — disse.

— Vamos estar todos juntos.

— Sim.

— Como vão as coisas com Axel?

— Vão indo. Acho. Aos poucos.

— Isso não me soa lá muito bem...

— É porque é complicado, Oliver...

E falar com o meu irmão sobre isso também o era. De facto, nunca o tínhamos feito, exceto naqueles primeiros dias em que eu tinha chorado sem parar, tentando convencê-lo de que o que tínhamos era real. Ainda me lembrava das únicas palavras que Oliver me tinha dito: «Tu não conheces o verdadeiro Axel. Não sabes como ele é nas relações, como sente, como desiste das coisas que já não lhe interessam. Por acaso contou-te como é que deixou de pintar? Explicou-te que, quando uma coisa se complica, é incapaz de lutar por isso? Ele também tem buracos negros.»

Por isso, uma vez demonstrado que tinha razão, não voltámos a remexer naquelas memórias. Mas acho que nenhum dos dois contou que, por vezes, a vida dá voltas inesperadas, ou que, de repente, se sente saudades de um amigo de quem se pensava já

não voltar a precisar, ou que aquele antigo amor entra na tua rotina quase sem pedir licença...

— Fez alguma coisa errada? — indagou.

— Não. — Era mais estar a comportar-se estranhamente bem, demasiado, para ele. Surpreendia-me que ainda não me tivesse feito nenhuma pergunta incómoda, mas eu conhecia-o o suficiente para manter a guarda levantada.

— Se alguma vez tiveres problemas...

— Eu conto-te — interrompi e ri-me.

— Está bem. Vemo-nos daqui a uma semana.

— Sim, manda beijinhos meus à Bega.

— E tu aproveita por mim estares em casa.

A voz do meu irmão encheu-se de nostalgia antes de desligar. Fiquei um pouco mais na esplanada do café, a olhar o brilho do mar lá em baixo uma última vez, e pensando na mescla de cores que usaria para o recriar, nas sombras e nos detalhes. Então, percebi que ali não tinha um estúdio nem as minhas tintas, nenhum sítio em que pudesse despejar tudo aquilo que me estava a remoar por dentro.

Perguntei-me quanto tempo conseguiria aguentar.

Era quase de noite quando deixei a marginal da praia e me perdi nas ruas conhecidas e nas memórias. Confirmei a morada que anotara no telemóvel antes de tocar à campainha de uma casa pequena e branca, de dois andares, com um jardim cuidado e bonito.

Fui recebida pelo seu sorriso imenso.

— Leah! — Blair abraçou-me com tanta força que desatei logo a rir. Não nos víamos há meses, desde a última vez que ela tinha ido a Brisbane tratar de uns assuntos e tínhamos almoçado juntas. — Desculpa-me, vou esmagar-te. — Soltou-me e deu um passo atrás.

Olhei, emocionada, para a sua barriga avantajada.

— Estás enorme! — gritei, sorrindo.

— Eu sei, acredita. Pareço um pião.

— Não digas disparates — interveio Kevin, entrando na sala. — Estás linda — disse-lhe ele antes de lhe afagar a barriga.

Sorri ao testemunhar aquele gesto e dei um beijo na face a Kevin. Estavam ambos resplandecentes.

— Fica à vontade, porque quero que me contes tudo — exigiu Blair enquanto levantava comicamente uma sobrancelha.

Já lhe tinha explicado o encontro inesperado com Axel e a exposição que faria em Byron Bay, mas não entrara em grandes pormenores.

— Tenho a frigideira ao lume, por isso vou deixar-vos. — Kevin olhou-me. — Jantas connosco?

— Não sei, estou um bocado cansada e...

— Janta — cortou Blair.

— Aconselho-te a não a contrariar, porque há uns meses ganhou o dom de se conseguir transformar num tiranossauro furioso numa questão de minutos.

Blair perfurou o namorado com o olhar.

— Sim, pensando melhor, janto — aceitei divertida.

Kevin foi para a cozinha e nós ficámos um bom bocado no sofá a conversar como nos velhos tempos. Blair contou-me que tinha deixado de trabalhar umas semanas antes, porque tinha de estar em repouso, mas estava desejosa de ir ao infantário assim que pudesse lá inscrever o seu filho. O tempo pareceu voar durante o tempo em que falávamos de tudo e de nada; de vez em quando, sempre que percebia que o bebé se mexia, punha a minha mão sobre a sua barriga, para que eu sentisse os pontapés que ele dava.

Era uma sensação... única.

Tanto me impressionou, que comecei a perguntar-me qual seria a sensação de ter uma vida dentro de mim, porque não imaginava nada tão íntimo e profundo.

— Estás a pensar em quê? — perguntou Blair.

— Em nada.

— Vá lá, Leah, eu conheço-te.

Mordi o lábio e abanei a cabeça.

— Nisto. Que é mágico. E que gostaria de viver um dia.

— Continuas igual, intensa — sorriu-me com ternura. — Tenho a certeza de que o viverás, Leah. E, quando isso acontecer, tendo em conta a maneira como sentes as coisas, será maravilhoso.

— Antes, tinha a certeza disso, agora... já não tanto.

— Estás a falar de quê? Que é que mudou?

— Tu sabes. Eu. Eu mudei. Não sei se serei capaz de amar da maneira que uma pessoa merece que a amem. Gostaria de conseguir. De poder optar por ser assim. Como quando vais a uma loja, vês um vestido de que gostas e o levas para casa, sem complicações. O amor não é assim.

— Não, não é — Blair suspirou.

— Quem me dera que fosse... — disse baixinho.

Não acrescentei que, assim sendo, tendo essa possibilidade, escolheria Landon. Escolheria amá-lo louca e apaixonadamente, como se deseja algo que não é possível controlar nem parar para analisar as consequências. Escolheria não conseguir estar nem um dia sem ele e sem sentir saudades dele. Escolheria tudo isso, porque sabia que assim seria mais feliz. Mas o amor era muito mais complexo. E existiam muitas formas de amar. Podia amar-se de outra maneira, com serenidade, confiança, segurança e amizade, e eu estava a aprender a fazê-lo.

Blair olhou-me um pouco atrapalhada.

— As coisas com o Axel foram complicadas?

Até parecia engraçado. A palavra «complicado» estava sempre presente no que se referia a ele.

— Um bocadinho, no início. Mas ultrapassei isso — apressei-me a dizer —, acho que com o tempo conseguiremos voltar a ser amigos.

— Não sabia que antes tinham sido amigos.

— Blair... — Dirigi-lhe um olhar de aviso.

— Desculpa, sei que não me diz respeito.

— Não é isso, mas... — Mordi o lábio.

— Eu percebo. Claro que conseguem ser amigos — corrigiu, embora não parecesse muito convencida. — Além disso, ambos mudaram.

— O Axel mudou? — ergui uma sobrancelha.

— Todos mudamos com o tempo, não achas?

Tinha as minhas dúvidas. Sérias e grandes dúvidas. Então, assaltou-me uma pergunta que já tinha afastado várias vezes da cabeça, nas últimas semanas. E senti-me péssima só por pensar

nisso, pela curiosidade que me atraía suavemente, como se quisesse chamar a minha atenção.

— Sabes se ele... durante este tempo, se ele...? Não interessa. Esquece.

— Se o Axel esteve com alguém? — adivinhou Blair.

O medo apoderou-se de mim, assustou-me que a minha amiga conseguisse ler-me tão bem e perguntei-me, aterrorizada, se mais alguém seria capaz de o fazer.

Quis levantar-me e fugir dali, das recordações e da ideia de continuar a ser tão previsível.

— Meninas, o jantar está pronto! — cantarolou Kevin.

Pus-me de pé imediatamente para evitar o olhar acutilante de Blair. Por sorte, o resto do serão foi tranquilo, sem que tocássemos em assuntos difíceis nem falássemos de nada transcendental. Como sempre, estar com Kevin era tão agradável que, quando percebi, já estava a comer a sobremesa e a lamber os lábios, após a última colher de *mousse* de limão.

Senti um aperto no estômago ao pensar que, de certo modo, Kevin era um pouco parecido com Landon. Ambos eram pessoas alegres e otimistas, pessoas transparentes que amavam com os braços abertos, pacientes e sem complicações. Eu perdera a oportunidade de ter aquilo de que Blair agora dispunha, aquele conforto, a segurança de saber que a vida não será uma montanha-russa, cheia de altos e baixos, mas sim um trajeto tranquilo que é possível apreciar sem a necessidade de apertar o cinto.

Blair levou-me à porta enquanto Kevin arrumava a cozinha. Demos outro abraço de despedida, longo e caloroso, que me emocionou.

— Parecem tão felizes... vocês merecem. Fizeste bem em não deixar o Kevin escapar, Blair. Ele olha para ti como qualquer rapariga desejaria que olhassem para ela. — A minha amiga sorriu devagar e passou os polegares pelo meu rosto. Só naquele momento dei conta de que tinha começado a chorar. — Juro-te que às vezes não sei que raio se passa comigo, pareço uma esponja emocional, acho que tenho um problema.

— Sentir como tu sentes não deveria considerar-se um problema.

— Se tu o dizes... — Ri-me entre as lágrimas.

— Ai, Leah, vem cá. — Abraçou-me outra vez.

Sorri-lhe antes de ir. Estava a debater-me com a fechadura do portão de madeira branca, quando a voz de Blair quebrou o silêncio da noite.

— Se queres mesmo saber, não o vi com ninguém durante estes anos todos.

Olhei para ela, engolindo em seco. E fui-me embora.

Caminhei lentamente até ao albergue, deleitando-me com Byron Bay, com o céu estrelado e a familiaridade que me inundava a cada passo. Quando subi para o quarto, tomei um duche, vesti o pijama e deitei-me na cama. Tirei um chupa-chupa de morango da mala e meti-o na boca antes de agarrar no telemóvel.

— Acordei-te? — perguntei quando atendeu.

— Não, ainda estava no sofá. Como estás?

Por alguma razão, apesar de termos falado umas horas antes, tinha a sensação de que não o fazíamos há vários dias. E gostei desse pensamento.

— Bem. Jantei com a Blair e o Kevin.

— Como te sentes ao regressar a casa?

— É estranho — admiti. — Por um lado, ainda é a minha casa. Mas, por outro, já não vinha aqui há tanto tempo, que parece que perdi um pouco a noção do tempo e de tudo, nunca te aconteceu isso? Como quando estás a viajar e te esqueces do dia da semana em que estás.

Landon riu-se e gostei desse som. Instalei-me melhor na cama, encostando as costas nas almofadas e tapando-me com os lençóis.

— Acho que sei o que queres dizer. É normal.

— Conta-me o que fizeste hoje — pedi-lhe, porque, por alguma razão, não queria desligar tão depressa, a sua voz era reconfortante.

— Bem... trabalho, trabalho e trabalho.

— Que divertido — brinquei.

— Sim. Enfim, acho que vou dormir.

— Claro. Descansa, Landon.

— Tu também, linda.

— Boa noite.

Deixei o telemóvel na mesa de cabeceira, virei-me na cama e aninhei-me entre os lençóis antes de fechar os olhos.

Axel

Cheguei à galeria nervoso, porque naquele dia as coisas estavam diferentes. Acordar e saber que Leah estava em Byron Bay mudava tudo. De manhã, tinha estado um bocado desconcentrado enquanto surfava, tendo até caído várias vezes da prancha, por isso, a caminho do trabalho, passei pela pastelaria e pedi a Justin que me servisse um café forte; uma péssima ideia, já que pouco depois começou a doer-me a cabeça.

— Que cara... — brincou Sam.

— Vá, diz de uma vez. — Revirei os olhos.

— Estás com a mesma expressão que os meus filhos têm no Natal, mesmo antes de abrirem as prendas que estão debaixo da árvore. Vem cá, deixa-me ajeitar-te o colarinho da camisa. Não sabes usar um ferro de engomar?

— Queres que responda?

— Estava-se mesmo a ver.

Nem sequer tinha ferro de engomar, porque nunca me pareceu necessário; em que momento é que o ser humano quis complicar a vida, decidindo que a roupa amarrotada não era bonita? Por que raio a moda não pode ser ao contrário? Suspirei, inquieto, enquanto Sam me endireitava a camisa e alisava o resto da roupa com as mãos, como se não aguentasse a ideia de que estivesse amarrotada. Sorri-lhe com carinho, porque ela era pouco mais velha do que eu e comportava-se como se fosse minha mãe.

— Duvido que uma ruga a mais ou a menos vá fazer com que ela deixe de me odiar — tranquilizei-a.

— Estragaste tudo mesmo a sério, não? — adivinhou.

— Mesmo a sério. Eu sou assim, quando me proponho a algo, vou até ao fim.

Sam deu-me uma cotovelada precisamente no instante em que bateram à porta do escritório. Felizmente, ela apressou-se a

convidá-la para entrar, porque eu ainda me estava a preparar para o impacto que sentia sempre que voltava a vê-la.

— Desculpe, a galeria estava aberta, por isso...

— Não é preciso pedires desculpa. Prazer em conhecer-te, Leah. Chamo-me Sam; suponho que já estás ao corrente de tudo, mas nunca é de mais repetir. Eu trato da gestão geral da galeria.

— Não, o Axel não me explicou muita coisa — dirigiu-me um daqueles olhares que não afetariam ninguém, mas que a mim me sacudiam, como se despertasse de uma espécie de letargia na qual havia estado mergulhado durante muito tempo.

— Anda, eu mostro-te o espaço — ofereceu-se Sam.

— Eu acompanho-vos.

Sam percorreu todo o espaço à medida que ia contando histórias sobre a galeria ou falava do nosso modo de trabalhar e de outros artistas que representávamos. Eu dediquei-me a segui-las. E, não vou mentir, também a olhar para o rabo de Leah. A verdade é que quase não ouvi Sam, porque Leah absorvia toda a minha atenção. Por isso, a pergunta de Sam apanhou-me desprevenido.

— Como? — Franzi o sobrolho.

— As molduras, Axel.

— Ah, sim. Que é que têm?

Sam cruzou os braços.

— Temos urgência em tê-las prontas e disseste que te encarregarias disso. As obras já estão no armazém, por isso, vocês podiam organizá-las ainda hoje. Seria bom estudar pelo menos duas propostas e decidir entre nós qual é que fica melhor. — Olhou-me preocupada. — Estás bem, Axel?

— Sim. É a cabeça, como sempre.

Tecnicamente, não era mentira.

— Toma um analgésico — aconselhou-me Sam. — Hoje, tenho bastante trabalho, mas, se precisares de ajuda, não hesites em pedir. E, Leah, bem-vinda.

— Obrigada.

A sós no meio de uma das salas vazias, olhámo-nos durante uns segundos que me pareceram eternos. Forcei-me a reagir quando o momento começou a tornar-se demasiado incómodo.

— Vem comigo ao meu escritório, tenho de ir buscar umas coisas.

Leah seguiu-me sem protestar. Parou antes de entrar e contemplou a divisão com interesse, enquanto eu tomava um comprimido e pegava numa pasta e nos óculos. Pu-los e, quando levantei a cabeça, ela tinha os olhos fixos em mim.

— São só uns óculos, não um nariz de palhaço — disse.

— Desculpa. É que... — abanou a cabeça.

— Não, vá, podes dizer o que quer que estejas a pensar. — Cruzei os braços e apoiei-me na secretária.

— É que não te ficam nada bem. — E então, começou a rir.

A desestabilizar-me, como sempre.

A primeira conversa mais longa que tínhamos tido, anos antes, quando ela mal falava, foi sobre as orelhas de um canguru de uma ilustração que eu estava a terminar. Não me devia surpreender que, no meio de toda aquela tensão que parecia latejar em nosso redor, ela fizesse algo imprevisto, como rir-se daquela maneira vibrante que fez com que eu desejasse não voltar a tirar os óculos nunca mais. Fingi ficar indignado.

— Queres deixar-me complexado?

— Acho que isso não é possível.

O seu riso extinguiu-se quando nos dirigimos à zona fechada ao público, uma espécie de armazém com paredes e chão de betão, onde se guardam as obras antes e depois de serem exibidas. Ao entrar, Leah deteve-se nos quadros de outro artista colocados em painéis deslizantes.

— Posso? — perguntou.

— Claro. Força.

Puxou um e tirou-o para ver melhor as duas obras desse painel. Eram retratos, precisamente aquilo que ela nunca fazia. Às vezes, desenhava o rosto de uma rapariga ou a curva de uma mão, mas nunca de nenhuma pessoa real.

— De quem são?

— Tom Wilson.

— Ele é bom.

— Sim, vende bastante bem.

— As duas coisas andam de mãos dadas?

— As vendas e a qualidade? Às vezes, sim. Nem sempre.

— É interessante isto tudo, o teu trabalho aqui.

Assenti enquanto ela espreitava, curiosa, outro painel.

— Porque é que nunca pintaste rostos, Leah?

Ela olhou para mim por cima do ombro. Franziu um pouco o nariz e continuou a estudar as obras de Wilson.

— Não me interessa. Não me diz nada.

— Preferes distorcer a realidade — sorri.

— Não diria isso. Mas antes, mostrar a minha interpretação. Não é sempre assim? Acho que não há mais nenhuma realidade além dessa. O ser humano é subjetivo, por isso, todos temos a nossa própria versão da cada coisa, de cada história. Uma perspetiva diferente.

Interiorizei as suas palavras. Sim, a vida era assim, por vezes, uma sucessão de maneiras distintas de ver um mesmo acontecimento que às vezes levava à incompreensão.

— É melhor começarmos a trabalhar.

Leah seguiu-me até ao outro extremo do armazém. As suas obras ainda estavam embaladas. Afinal, eu tinha decidido trazer quase todos os seus quadros «inclassificáveis».

— Que fazemos agora? — perguntou.

— Temos de pensar no conjunto da obra, entendes? Para a distribuição dos quadros no espaço, é importante conseguir que transmitam uma certa continuidade, como se estivessem a contar uma história aos visitantes.

— A ordem tem de ter uma lógica...

— Sim, porque essa ordem altera a perceção. Se, por exemplo, colocamos este quadro ao lado daquele ali, a pessoa que olhar para ele verá a luz e, ato contínuo, a escuridão. Isso revela algo importante. Uma mudança. Uma felicidade que foi abalada por um acontecimento doloroso, por exemplo. Se os colocarmos na ordem inversa... podem expressar precisamente o contrário: a esperança, a superação. Ninguém melhor do que tu sabe o que quiseste expressar em cada pintura e temos de criar uma estrutura atrativa, que transmita algo.

Leah mordeu o lábio inferior sem deixar de contemplar as suas próprias obras, como se não soubesse muito bem por onde começar. Obriguei-me a parar de olhar para ela embasbacado e sentei-me no chão, antes de lhe pedir que fizesse o mesmo.

— Começamos pelo princípio. Dispomos de três salas para a tua exposição. — Tirei uns papéis da pasta que tinha trazido e estendi-lhe um deles; eram as plantas da galeria. — Por exemplo, nesta sala, a mais pequena, só há espaço para três obras, por isso, creio que é importante que sejam impactantes, estás a perceber?

— Estou — sussurrou.

A hora seguinte passou a voar.

Ainda não tínhamos tomado nenhuma decisão concreta sobre a primeira sala, quando Sam entrou e nos perguntou se tomávamos o pequeno-almoço com ela. Acabámos no café da esquina a pedir o mesmo de sempre, café e torradas com *Vegemite*¹. Sam começou a falar ininterruptamente do seu marido, dos filhos e da ementa do restaurante a que tinham ido jantar na noite anterior; de algum modo, conseguiu que aquele momento fosse agradável e que Leah se descontraísse.

— Por falar em ementas, ontem tive uma ideia para a exposição. E se o meu irmão Justin se encarregasse de preparar o *catering*? Podia pedir-lhe algumas opções de salgados.

— Isso seria excelente! — O sorriso de Leah deixou-me deslumbrado. — E também pode fazer doces.

— Um *catering* com doces numa exposição? — Sam olhou para ela.

— Sim, porque não? E brindes com batidos de chocolate! — Mordi o lábio para conter um sorriso ao ver a cara de estupefação de Sam, à medida que Leah gesticulava entusiasmada. — Nada de champanhe. Podem servir-se doses individuais de bolos e pastéis. Ou até de gomas!

— Isso... não tenho a certeza...

— Faremos isso — interrompi Sam.

Adorei que Leah não quisesse uma daquelas exposições pomposas e requintadas com que muitos artistas sonham. Não é

que fosse melhor ou pior, simplesmente assim tinha mais que ver com ela.

— Suponho que assim seja mais original — acedeu Sam.

— Falas tu com o Justin? — Leah olhou para mim.

— Sim, vou estar com ele ao meio-dia, queres vir?

Leah moveu-se, desconfortável, antes de pousar o café.

— Prometi aos teus pais que ia almoçar com eles.

— Pareço aquela miúda do liceu que ninguém convida para o baile de finalistas. Vou chorar — brinquei, recebendo uma cotovelada de Sam.

— Vou pagar a conta — disse Sam, levantando-se.

Leah deslizou o dedo pela asa da sua chávena antes de olhar para mim. E, mais uma vez, reparei na tensão que fluía entre nós, mas, apesar disso, também reparei no carinho que ainda palpitava entre tantas memórias.

— Desculpa-me. Acho que a tua mãe pensou que seria estranho e quis evitar.

— Sim. — Não afastei o olhar dela. — E para ti, é?

— Às vezes, sim. Outras vezes, não.

— Sempre tão ambígua.

Leah sorriu ao levantar-se.

Desejei morder-lhe aquele sorriso.

¹ *Vegemite*: extrato de levedura para barrar ou temperar (produto originário da Austrália). (NT)

Leah

Despedi-me de Axel quando ele fechou a galeria ao meio-dia e fui a pé até casa dos Nguyen. Senti o impulso de tirar os auscultadores do bolso e parei para pôr música. Enquanto seguia pelo passeio, passei várias músicas à frente até chegar às que tinha ouvido menos nos últimos dias. Premi o botão e os primeiros acordes de *Hey Jude* começaram a soar.

Retomei o passo ao ritmo da música.

Georgia recebeu-me com um abraço daqueles que quase nos deixam sem conseguir respirar, e Daniel limitou-se a dar-me umas palmadinhas nas costas ao acompanhar-me até à sala. A mesa já estava posta e cheia de comida.

— Que exagero, isto é muito.

— Sei que gostas de carne assada. Senta-te, querida, antes que arrefeça — convidou-me enquanto eles também se sentavam. — E, para sobremesa, fiz um *cheesecake*.

— Obrigada. — Tentei não me comover.

— Estás tão bonita, que comprido está o teu cabelo! — Georgia serviu-me um pouco de água antes de pegar nos talheres para começar a cortar a carne. — Vá, tens de nos contar tudo sobre essa exposição, não é, Daniel?

— Claro — sorriu ele, afável. — Nós sabíamos que conseguirias.

— Bem, a verdade é que é graças ao Axel.

Não sei porque é que precisei de o esclarecer; talvez não tenha sido o mais apropriado, porque vi que Georgia teve de beber um gole de água para engolir o pedaço que acabara de levar à boca. Mas, ao fim e ao cabo, era verdade. Apesar de tudo, aquilo era obra de Axel, como tantas outras coisas. E todos os seus erros não omitiam o resto.

Georgia olhou-me um pouco nervosa. Em troca, o seu marido sorriu com orgulho.

— O meu filho é muito intuitivo, mexe-se bem no negócio.

— Imagino. Parece gostar do que faz.

— Esperemos que dure. — Georgia soltou um suspiro e vi que torcia o guardanapo de papel entre os dedos. — E quanto ao que aconteceu com ele, nós...

— O que a minha mulher quer dizer é que não nos diz respeito — Daniel tentou interromper, mas ela olhou-o irritada antes de prosseguir.

— Na realidade, diz-nos respeito, sim. Quer dizer, sei que o Axel pode ser complicado e que o que fez está errado. Mas não é um mau rapaz, como sabes. Não gostaríamos que te voltasses a afastar, Leah, estes anos têm sido difíceis para todos.

— O que ele fez? — perguntei com um nó na garganta.

— Tu sabes. Eras muito nova.

— Mas ele não fez nada de mal.

— Tinhas acabado de passar um mau bocado.

Pestanejei, magoada. Foi estranho. Senti um ligeiro aperto no peito. Para mim, a única coisa que Axel tinha feito mal fora ser um covarde, não enfrentar os outros nem a si próprio, falhar-me a mim e a si próprio. E era isso que eu não lhe perdoava. No entanto, ante aquele comentário da sua mãe, compreendi um pouco o seu fardo. Não é que o justificasse, apenas compreendi que pudesse ter medo, foi tudo tão difícil...

E quis libertá-lo disso, pelo menos, junto da sua família. Pousei os talheres e suspirei profundamente.

— Sei que não falámos disto antes, acho que era mais fácil ignorar o assunto e seguir em frente, como se nada fosse — disse, enquanto Georgia me olhava com atenção, um pouco atrapalhada e expectante —, mas a verdade é que não me apaixonei pelo Axel durante aqueles meses em que vivemos juntos, mas sim muito antes. Sempre gostei dele. E queria estar com ele. O que aconteceu entre nós não foi nada errado, pelo contrário.

— Leah, não precisas de falar disso. — Daniel estendeu uma mão sobre a mesa para segurar na minha.

Mas eu queria continuar, porque precisava de esclarecer as coisas e porque o silêncio de Georgia me estava a matar. Pisquei os olhos

para conter as lágrimas.

— Se estou onde estou hoje, é graças a ele. Eu não queria pintar. Não queria falar. Não queria viver. E o Axel... despertou-me. Além disso, de algum modo, apesar de tudo, deu-me o futuro que tenho agora.

Georgia levantou-se com os olhos brilhantes e saiu da sala de jantar. O silêncio apoderou-se de tudo durante um longo minuto que me pareceu uma eternidade, antes de os braços de Daniel me rodearem com carinho num abraço paternal.

— Não lhe liguês, ela achava que tinha de te proteger. Talvez porque naquela altura tu parecias muito jovem e muito frágil, ao passo que ele...

— Às vezes, as pessoas fortes escudam-se nessa aparência, para não mostrarem todos os seus medos e fragilidades.

Ele assentiu, entendendo o que eu queria dizer. É que Axel não era tão forte como todos pensavam, nem eu tão delicada. Mas as aparências enganam.

— Vou falar com ela.

— Não, eu vou.

— Tens a certeza?

Assenti e sorri, dirigindo-me para a cozinha.

Georgia estava a cortar o *cheesecake* que acabara de tirar do frigorífico em pequenas porções triangulares. Enterneceu-me lembrar-me de que, sempre que ficava nervosa, ela tinha de ter as mãos ocupadas. Aproximei-me dela por trás sem fazer barulho e abracei-a. Georgia ficou imóvel, mas percebi, em cada movimento, os soluços que se lhe escapavam. Quando se virou e me olhou com os olhos húmidos, esqueci-me do motivo pelo qual me chateara tanto com ela, porque é isso que acontece com a família, quando te queres lembrar do que te fez ficar chateada, isso deixa de ter importância.

— Peço desculpa — sussurrou. — Sentia que tinha a obrigação de te proteger, que era o que a Rose me teria pedido e, quando tudo aquilo aconteceu... foi como se lhe tivesse falhado. Já me custara não poder tomar conta de ti quando o Oliver se foi embora por

causa daquele emprego, não ter espaço em casa, e tudo se complicou...

Sorri e neguei com a cabeça.

— Preocupas-te muito.

— Muito pouco — brincou.

— Já não sou uma criança, Georgia.

— Pois, parece que não. — Suspirou e olhou-me. — Então, sempre gostaste do Axel. Como é possível eu não ter percebido uma coisa dessas?

Sorri e encolhi os ombros.

— A mãe sabia.

— A Rose? E nunca se opôs?

— Acho que ela não se preocupava muito com isso... — Cravei o olhar nos azulejos da cozinha, enquanto Georgia me segurava nos ombros com carinho. — Além disso, já passou, já não interessa.

Leah

Nos dias que se seguiram, trabalhámos lado a lado até terminarmos a distribuição das obras nas salas e os quadros estarem emoldurados. E foi fácil. Como antes.

Fazíamos uma pausa para almoçar com Sam no café da esquina, e depois regressávamos ao armazém da galeria, ou, às vezes, ultimávamos detalhes no escritório de Axel, como naquele dia quente, a meio da tarde.

— Então, está tudo pronto — comentei.

— Sim, e amanhã ao final do dia vamos provar o *catering* que o Justin preparou. Não são muitos pratos, mas parece que se empenhou.

Mais parecia que tinha sido o Axel a preparar.

— Muito bem. Mais alguma coisa?

— Há um jornal local que está interessado; não é grande coisa, mas querem fazer uma pequena entrevista contigo que aparecerá na secção de Cultura. — Folheou alguns papéis que tinha em cima da secretária. — Depois de colocarmos as obras no sítio, estudaremos bem a iluminação. E falta a parte mais importante da exposição: tu, como artista.

— Estás a falar de socializar e essas coisas?

— Sim. Isto não deixa de ser um evento. Quando as pessoas vêm ver as obras, querem falar com o artista, fazer perguntas, conversar...

— Acho que isso não vai correr nada bem.

— Eu aposto no contrário.

— Tens muita fé em mim.

— Ensaíamos, não te preocupes.

— Está bem. — Olhei-o, um pouco indecisa, sem saber se tinha chegado o momento de me despedir e ir embora, ou se ainda tínhamos mais pormenores pendentes.

— Tens alguma coisa para fazer agora?
— Nada de especial. Porquê?
— Estava a pensar... — Axel olhou-me sem rodeios. — Hoje, estão boas ondas, pensei que talvez te apetecesse, sei lá, ir buscar a prancha.

— Não acho que seja boa ideia...
— Porque não?
— Para começar, porque há três anos que não faço *surf*.
Axel pestanejou, confuso, antes de apoiar os braços na secretária e se inclinar para mim.

— Há três anos que não fazes *surf*? Eu percebi bem?
— Muito bem. — Não consegui evitar rir-me.
— Não me gozes, Leah.
— Pois, é assim. — Suspirei e levantei-me.
— Espera. Vem esta tarde.
— Axel...
— Vá lá, é só um bocadinho.
— Vou pensar nisso — disse antes de sair.

Axel

A verdade é que não esperava que ela me aparecesse à porta de casa, mas, mesmo assim, a sua ausência doeu. O sol já estava a cair no horizonte, quando decidi agarrar numa das pranchas e avançar pelo caminho que ia dar à beira-mar. Naquele dia, o mar impunha respeito e as ondas estavam boas; meti-me na água e não pensei em mais nada enquanto deslizava e caía e me voltava a levantar.

Não sei há quanto tempo ali estava quando a vi.

Leah estava a chegar à beira-mar com uma prancha grande debaixo do braço, que tinha ido buscar ao meu terraço, e um biquíni vermelho minúsculo que captou a minha atenção de imediato. Porque... porra, queria tirar-lho e lambe a pele que estava por baixo e que tudo voltasse a ser como dantes. Sentir essa possibilidade tão longe era como levar um murro no estômago cada vez que me lembrava da realidade.

Aproximei-me dela a nadar.

— Achava que não vinhas.

— Também eu — admitiu.

— E que te fez mudar de ideias?

— Como tu mesmo disseste, é só «um bocadinho», e ontem já passei a tarde fechada no albergue. Mas olha, estás proibido de te rires, ouviste? Porque há muito tempo que...

— Não me vou rir — assegurei-lhe.

Olhámo-nos durante um instante antes de ela desviar o olhar e entrar mais na água. Segui-a com uma sensação morna no peito ao tê-la ali novamente, no meu pedaço de mar, sob o céu alaranjado do entardecer, ainda que por um momento fugaz... porque era melhor do que nada, qualquer coisa seria.

Tinha medo de estragar tudo com ela, de dizer alguma coisa que pudesse afastá-la, por isso, estive calado a olhá-la enquanto ela

tentava surfar as ondas, embora na maioria das vezes ela tivesse caído antes do tempo. Quando o cansaço a venceu, deitou-se na prancha apoiando a face na superfície. Estava linda.

— Acho que não me consigo mexer.

Ri-me e sentei-me na prancha, ao seu lado.

— Espero não causar muitos problemas ao Justin. Sabes, por causa do *catering* inesperado.

— Está todo contente. Por fazê-lo e por saber que lhe fico a dever um grande favor.

— Continuas na mesma.

— Não, estava a brincar. — Semicerrei os olhos ao olhar para ela, porque os últimos raios de sol me estavam a cegar. — Na realidade, agora as coisas estão muito diferentes. Somos amigos.

— Estás a falar a sério? — perguntou, incrédula.

— Sim. Há pouco tempo, levei-o a beber um copo e acabou por devorar um bolinho de canábis e dançar com um grupo de miúdas. Acreditas? — Ri-me.

Leah olhou para mim com curiosidade e endireitou-se.

— Que é que mudou na vossa relação?

— Nada. — Engoli em seco. — Tudo. Tu. Acho que, às vezes, a pessoa que menos esperas que te compreenda te surpreende e te apoia. Foi isso que aconteceu.

Ela fixou o olhar no horizonte e ficámos ali em silêncio, a contemplar a oscilação suave das ondas e o mar banhado pela luz do final do dia. E, como sempre que Leah estava por perto, aquele entardecer foi diferente. Único. Intenso.

Leah

É curioso como o ser humano se adapta às novas situações. Estava apenas há uns dias em Byron Bay e tinha a sensação de que tinha ali passado os últimos três anos. Como se nunca me tivesse ido embora. Talvez por conhecer cada rua demasiado bem. Ou por, apesar de tudo, aquele lugar continuar a ser a minha casa. E não há nada mais confortável do que a nossa casa.

Naquela manhã, não fui à galeria, porque tinha combinado com o tipo que me queria entrevistar para o jornal local. No início, senti-me tão nervosa, que ele se ofereceu para me trazer um copo de água antes de me fazer a segunda pergunta, mas depois, à medida que me limitei a responder aquilo que sentia, sem pensar, tudo fluiu e tornou-se mais fácil do que esperava.

Almocei com Blair e, à tarde, aproximei-me, a pé, da pastelaria dos Nguyen, aquele sítio que sempre tinha feito parte da minha vida. Tinha passado ali longas tardes com os meus pais ou com Georgia, quando eles tinham alguma coisa para fazer e me deixavam com ela. Apesar da remodelação que Justin tinha feito ao ficar com o negócio, conseguia reconhecer cada traço daquele sítio.

Quando cheguei, estavam lá todos. Emily, os gémeos, Georgia e Daniel.

De Axel, nem rasto. De repente, foi estranho ter passado todo o dia sem o ver. E voltei a pensar na maneira como nos adaptamos a tudo, como esponjas. Em tempos, custou-me muito deixar de sentir a falta dele e, naquele momento, depois de anos de ausência, pareceu-me estranho não saber nada dele durante vinte e quatro horas.

— Anda cá. — Justin recebeu-me com um sorriso e levou-me pela mão até à mesa que tinha preparado. Estava cheia de bolinhos pequenos. — Senta-te. Hoje, mandas tu.

— Eu?! — Desatei a rir. — Dizes isso como se eu tivesse um grande paladar!

O pequeno Max sentou-se ao meu lado e os restantes instalaram-se à volta da mesa. Adorei estar ali com eles, rodeada por aquela família que também era minha, e da qual tinha tido tantas saudades, porque, apesar de os ter visto durante aqueles anos, fazíamos-lo só de vez em quando e já não era a mesma coisa, não como estar ali, em Byron Bay.

— Prova o pastel de laranja e chocolate.

— Estás a sufocá-la, Justin! — Emily sorriu.

— Filho, isto é... *fantastixe*. — Daniel lambeu os lábios.

Georgia revirou os olhos antes de se desmanchar a rir e abanar a cabeça. Olhou para mim, cheia de ternura, e reparei que me estava a emocionar de tanta felicidade, pelo que me forcei a piscar os olhos ao tirar um bolinho.

— Gostas? — Justin parecia inquieto.

— Está incrível, a sério. Está tudo perfeito. — Olhei novamente para a mesa cheia de pratos. — Acho que vai ser a exposição mais espetacular de sempre.

O meu sorriso vacilou um pouco quando olhei para a porta da pastelaria e confirmei que continuava fechada. Abanei a cabeça. Talvez Axel tivesse coisas para fazer. Talvez nem sequer lhe tivesse passado pela cabeça estar presente numa reunião que não deixava de ser mais familiar do que profissional, embora fôssemos servir aquele *catering* na galeria.

— Sabes que já uso uma prancha mais pequena? — disse-me Connor, orgulhoso.

— A sério? Desde quando? — perguntei.

— Há um mês! E eu também — acrescentou o seu irmão Max.

Despentei-o e o pequenote resmungou como resposta, antes de dar um gole no seu batido de chocolate. Imitei-o; estava delicioso.

— Justin, obrigada por tudo, mesmo.

— Eu é que devia agradecer-te, porque estou a pensar escravizar Axel durante metade da vida por causa disto. E, acredita, gosto muito do meu irmão, mas nada me faz mais feliz do que tirá-lo do sério.

— Há coisas que nunca mudam. — Emily olhou para mim, contendo um sorriso.

— E por falar em Axel, onde é que ele está?

Todos os olhares se centraram em mim. E senti-me estranha, muito exposta.

— Não te ligou? — perguntou Justin. — Estava com dor de cabeça. Uma daquelas enxaquecas que por vezes tem. É melhor ficar a descansar, porque quando está mal... bem, é completamente insuportável.

— Não digas isso do teu irmão! — queixou-se Georgia.

— É verdade — encolheu os ombros. — Mãe, admite que aturá-lo quando está doente é pior do que tortura chinesa. Todos sabemos disso.

— É porque não suporta sentir-se mal — justificou ela.

Daniel sorriu com doçura e acariciou a face da esposa com as costas da mão; um gesto tão pequeno e tão bonito... Devia ser incrível perceber que tudo aquilo tinha sido criado por ele: uma família, os filhos, os netos, o negócio.

Acabámos de comer sem nunca pararmos de conversar. Contaram-me as novidades e eu contei-lhes mais pormenores do que já sabiam sobre a minha vida em Brisbane. Georgia e Daniel foram os primeiros a ir-se embora, depois, seguiram-se Emily e os miúdos, mas eu fiquei um pouco mais porque, primeiro, não tinha nada melhor para fazer e, além disso, queria ajudar a limpar tudo. Por isso, lado a lado com Justin, arrumei a mesa e organizámos os pratos na máquina da louça.

O silêncio era confortável. Estendeu-me um pano ao acabar.

— Finalmente, vais conseguir. Tudo aquilo que sempre quiseste.

— Não tenho a certeza do que é que quero — admiti.

— Não é isto? Viver da pintura?

— Sim, acho que sim. Mas nunca tive um sonho concreto, queria apenas pintar. Soa muito conformista, não achas? Ou simples, não sei.

— Não. Eu só queria ter uma pastelaria. Não há sonhos grandes ou pequenos, Leah.

— Tens razão. — Tirei o avental e saímos da cozinha. — E posso sempre ir tentando perceber aquilo que procuro pelo caminho.

Despedimo-nos com um abraço quando já estava praticamente a anoitecer e apeteceu-me caminhar até ao albergue. E talvez me devesse ter surpreendido mais quando os meus passos mudaram de direção, duas ruas mais à frente, mas isso não aconteceu. Porque uma parte de mim queria fazê-lo, ainda que a outra me gritasse que desse meia-volta.

Por isso, quinze minutos depois, cheguei àquele sítio que conhecia tão bem. Não toquei à campainha, porque pensei que ele podia estar a dormir, e dei a volta à casa para ir àquele terraço das traseiras em que tínhamos passado tantas horas. As pranchas de *surf* estavam de um lado, apoiadas na parede, o vento fazia a cama de rede baloiçar e uma trepadeira selvagem subia pelo varandim de madeira. Estava tudo igual, como se o tempo ali tivesse parado.

Detive-me antes de subir os degraus do alpendre.

Inspirei. Ainda estava a tempo de me ir embora. Mas não o fiz. Debati-me durante uns instantes, nervosa, até que decidi abrir a porta e entrar naquela casa cheia de recordações.

Avancei devagar. A sala estava vazia. Comecei a sentir um buraco incomodativo no peito conforme ia reconhecendo cada móvel, cada objeto, cada pormenor. Senti-me como se tivesse viajado atrás no tempo, mas sendo outra pessoa, a que era naquele momento, contemplando tudo de uma perspetiva muito mais ampla.

Dei um passo a seguir ao outro, deixando o medo para trás.

Ao chegar ao quarto, sustive a respiração.

Axel estava a dormir. Tinha apenas os calções de banho vestidos e tinha um braço por cima do rosto, como se tivesse tentado proteger-se do sol da tarde que entrava pela janela horas antes. O seu peito subia e descia em cada respiração. E, por cima dele, o quadro que um dia pintámos juntos, ao mesmo tempo que fazíamos amor, continuava pendurado na parede. Segurei-me à ombreira da porta e reparei que as pernas me tremiam.

Porque é que ele ainda tinha o quadro?

Quis despertá-lo e gritar-lhe todas as coisas que nunca lhe tinha dito. Que me tinha feito mal. Que me partira o coração. Que não

entendia como tudo o que vivemos podia ter significado tão pouco para ele. Que tinha adormecido muitas vezes com lágrimas nos olhos. Que continuava a ser a mesma menina tonta que pensava no que não fazia e fazia o que prometia que não voltaria a fazer.

Porque ali estava eu.

A olhar para ele...

A tremer...

Dei a volta e regresssei à sala.

Estive ali um bocado até conseguir serenar e lembrar-me porque é que tinha ido ter com ele. Fui até à cozinha e abri uns armários para ver o que lá tinham dentro, por curiosidade. Demasiado álcool, para começar. Pouca comida. Sorri ao ver alguns restos de sopa de pacote que, seguramente, Georgia continuava a comprar regularmente. Tirei um e acendi outra luz para ler as instruções, porque já não me lembrava das medidas exatas de água. Quando parte da sala deixou de estar mergulhada na penumbra, entrevi, em cima da sua secretária, o quadro de que ele tinha gostado, semanas antes, no estúdio, o do nosso pedaço de mar.

Suspirei profundamente e tirei uma panela, na qual pus água a aquecer. Iria preparar-lhe o jantar, acordá-lo e certificar-me de que estava bem antes de me ir embora.

Apenas isso.

Axel

Quando acordei, não sabia que horas eram.

A dor tinha diminuído, mas a cabeça ainda estava a latejar. Levantei-me devagar, evitando fazer movimentos bruscos, e caminhei descalço até à sala. Detive-me quando senti o cheiro que pairava por toda a casa e vi-a lá, sentada num dos bancos da cozinha, com o olhar cravado em mim. Um silêncio denso abraçou-nos.

— Ainda estou a sonhar? Se for isso, não percebo bem porque é que ainda estás vestida.

Leah revirou os olhos e sorriu.

— Queria ver como estavas — disse.

Sentei-me no banco que estava livre do outro lado da bancada de madeira, em frente a ela. Olhei-a com o sobrolho franzido, tentando compreender que fazia ela ali, porque, por muito que me alegrasse vê-la, também estava surpreendido.

Fiquei calado enquanto ela se levantou, serviu a sopa numa tigela, que colocou à minha frente, e me deu uma colher. Eu estava com dificuldade em encarar a situação.

— Já me sinto melhor. Não é preciso isto.

— É só um jantar normal — contestou ela.

— Agradeço-te, mas não me apetece muito.

Tinha passado a tarde com náuseas. Agora, já estava bem, mas nos dias de enxaquecas preferia agarrar-me a uma garrafa ou à minha cama. Nada de sopas quentes.

— A tua família tem razão. És insuportável, Axel — resmungou. — Quando alguém passa por tua casa para te ajudar, basta um «obrigado» e meteres na boca o que quer que te tenha preparado. Chama-se boa educação.

— Já sabes que não tenho disso.

— Certo. Então se calhar é melhor ir andando...

— Não, espera. Janta comigo. Dividimos.

Apontei para a tigela com a colher e olhei para ela, suplicante. Porra, se aquele olhar de imbecil não a conseguisse amolecer, nada o faria, porque começava a ter vergonha de mim mesmo.

Leah hesitou, mas acabou por se sentar.

Dividimos a sopa em duas tigelas e comemo-la perdidos entre silêncios que diziam demasiado. Ou talvez só eu é que dava conta deles. Talvez me fosse mais fácil pensar que ainda havia uma réstia de «nós» do que aceitar a realidade, a dor.

Levantei-me para arrumar as tigelas.

— Agora, é melhor ir andando — disse Leah.

— Não vais a pé de noite.

— Não digas disparates — replicou.

— Eu levo-te. Espera só um minuto, o tempo de fumar um cigarro. Anda. — Peguei no maço de tabaco. Ela olhou para mim desconfiada e seguiu-me até ao terraço. — Se alguém te visse agora, ia pensar que te raptei ou algo assim. Não faças essa cara.

Leah bufou e eu acendi o cigarro. Ficou ao meu lado, com as mãos sobre o varandim. As estrelas salpicavam o céu escuro da noite.

Quando o silêncio se tornou denso, olhei-a fixamente.

— Então... achas que isto faz algum sentido? — perguntei.

— Sentido? Como assim?

— Que estejas aqui...

— Queria saber como estavas — repetiu.

Enchi-me de coragem para lhe fazer a pergunta que mais temia, porque se calhar já a conhecia tão bem, que era capaz de sentir através da sua pele, sabia... sabia que me faria sofrer. E continuava a ter dificuldade em enfrentar as coisas. Em aceitá-las.

— Isso significa que me perdoaste?

Leah inspirou antes de se atrever a responder:

— Perdoei o Axel que era meu amigo, da minha família.

— E o que fazia amor contigo? — A minha voz estava rouca.

— Não, esse não. — O seu olhar atravessou-me. E magoou-me.

Porém, de algum modo, no meio de toda aquela dor, entendi a sua necessidade de separar as coisas, talvez aquela tivesse sido a

única maneira que ela encontrara de se aproximar de mim sem recriminações. Não tínhamos falado de nada. Não me tinha pedido explicações. Não tinha reagido como eu esperava que reagisse. Foi como se aquilo nunca tivesse acontecido e ela tivesse retido o que tivéramos antes, até ambos decidirmos atravessar a linha que mudara tudo.

Dei uma passa longa e expeli o fumo.

— Percebo — sussurrei.

Leah desviou o olhar, desconfortável.

Apoiei a anca no pilar. Ela deu uma passo atrás, como se precisasse de se afastar, e percorreu nervosamente o terraço. Não sei o que fazíamos ali no meio do silêncio que se esvaía entre os minutos que deixávamos passar. Dado o que acabávamos de dizer, só conseguia pensar na vontade que tinha de encurtar a distância que nos separava e de a beijar até que nos esquecêssemos de quem éramos e da história que arrastávamos.

Agarrei-me com força ao varandim.

— Está bem, Leah, para... para de fazer isso. — Ela ficou quieta. Passou uma mão pelo pescoço e engoliu em seco. — O que te disse era a sério. Percebo como te sentes...

— Uma merda.

— Querida...

— Nunca vais perceber, Axel.

Inspirei bastante ar e percebi que não iria ganhar aquela batalha. Ela acabava de fechar uma porta e de atirar a chave para longe, e eu não tinha a certeza se a melhor opção era abri-la com um empurrão ou esperar que me deixasse entrar.

— E ele percebe, é isso? — perguntei.

Ela abriu os olhos, surpreendida, e negou com a cabeça.

— Não estou a pensar falar disso contigo.

— Porquê? — Decidi apostar tudo numa carta. — Perdoaste-me como amigo, não foi? Mostra-mo. Estou aqui e só quero falar. Segundo a tua lógica, deveria ser fácil.

Os nossos olhares entrelaçaram-se por instantes.

— É boa pessoa — sussurrou.

— Como se chama?

Não sei se precisava de me torturar, mas só queria puxar mais e mais a corda frágil e gasta que ainda nos unia, até que estivéssemos tão perto que apenas houvesse espaço para respirar. E já não me importava se doesse. Já nada me importava.

— Landon.

— Estuda contigo?

— Não.

— Não pinta?

— Não. E tu?

— Eu? — perguntei baralhado.

— Continuas sem pintar?

— Sim, esperavas que o fizesse?

— Não sei, contigo nunca sei o que esperar.

— E isso é bom ou é mau?

Negou com a cabeça, como se estivesse muito segura do que estava ali a fazer, no meu terraço, e levou os dedos à ponta do nariz.

— Axel, podes levar-me ao albergue?

— Posso. Agora pergunta-me se quero.

Olhou-me fixamente sob o céu estrelado.

— Queres levar-me...?

la responder. la dizer que não, fónix, que o que queria era que ela ficasse ali comigo para sempre, na casa que um dia foi nossa, mas mudei de opinião ao ver a súplica que os seus olhos escondiam; conseguia quase escutá-la dentro da minha cabeça: «Por favor, não me faças isto. Por favor, por favor, por favor.» E pensei que, por mais lixado que fosse, seria sempre melhor ter um pouco da sua amizade do que voltar a perdê-la.

— Espera aqui, vou buscar as chaves.

Cinco minutos depois, estávamos no carro.

Mal falámos ao deixarmos as ruas para trás. Parei em frente ao albergue; não desliguei o carro, encostei-o a um lado do passeio.

— Obrigado por teres vindo. E pelo jantar.

— Não foi nada — sussurrou.

Olhámo-nos na escuridão. A luz de um candeeiro distante refletia-se no vidro do carro, a rua estava deserta e tinha começado a

chuviscar ligeiramente.

— Então... amigos? — perguntei.

— Amigos — respondeu suavemente.

Leah ia abrir a porta, mas segurei-a.

— Espera, estás a pensar ir-te embora sem me dares um beijo?

— Axel... — Perfurou-me com o olhar.

— Vá lá, que estou doente...

Apontei para a minha face e vi que ela reprimia um sorriso, mas inclinou-se e deu-me um beijo tão leve, que mal o senti no rosto. Saiu do carro antes que eu pudesse protestar e fiquei ali a sorrir como um idiota, enquanto ela atravessava a rua e subia os degraus do albergue.

Leah

Estava a ler uma revista no alpendre da casa dos meus pais, quando Axel apareceu. Lembro-me de que era verão, porque estava de férias da escola, e que não conseguia tirar da cabeça o que uma colega chamada Jane Cabot nos tinha contado, a mim e a Blair, uns dias antes: que tinha beijado um rapaz. Era a primeira da nossa turma a fazer algo do género.

— Que estás a fazer aqui fora, querida? — Axel olhou para mim. Parecia tão mais velho do que eu...

Na semana anterior, ele tinha feito vinte anos e tínhamo-nos reunido todos no jardim para festejar, apesar de ele ter protestado, porque dizia que não tinha idade para aquelas coisas. Eu não percebia porque é que tinha de haver uma «idade» para as festas de aniversário e queria sempre que almoçássemos todos juntos, mesmo se alguém fizesse mais de noventa anos e tivéssemos a pele cheia de rugas.

— Vieste ter com o meu pai? — perguntei.

— Sim. Está lá dentro? — Apontou para a porta de casa.

— A discutir com o Oliver por causa de uma parvoíce. — Revirei os olhos e ele desatou a rir e despenteou-me o cabelo. — Espera, fica aqui um bocadinho. Preciso de saber uma coisa.

Axel ergueu uma sobrancelha, intrigado, e sentou-se ao meu lado, no chão de madeira. Soprava um vento morno e ele tinha uma camisa com desenhos de palmeiras, de mangas arregaçadas, que captou a minha atenção.

— Que queres saber?

Quase me esquecera. Larguei a revista que estava a ler, porque na capa dizia qualquer coisa como «Três truques infalíveis para um beijo estonteante». Corei ao tentar encontrar as palavras certas e acabei por dizer subitamente:

— Como é beijar, Axel?

— Beijar? — olhou para mim, espantado.

— Sim. Quando um rapaz beija uma rapariga.

Ele ficou calado uns segundos, reprimiu um sorriso e coçou o queixo, com uma expressão pensativa. Deixou escapar um grande suspiro antes de responder.

— Na tua idade, isso não te deveria interessar.

— No outro dia, uma amiga minha deu um beijo a um rapaz.

— Pois... — franziu o sobrolho. — Essa tua amiga enganou-se. O problema de nos enganarmos com os beijos é que não há volta atrás. Só devemos dá-los a pessoas de quem gostamos muito, percebes, Leah?

— Sim. E eu gosto muito de ti — repliquei, corando.

Axel sorriu de lado antes de abanar a cabeça.

— Não dessa maneira, querida. O que estou a tentar dizer é que um dia vais encontrar alguém de quem gostas tanto, que não saberás dizer-lhe o que sentes sem usar a boca.

— Ugh! Isso é nojento, Axel! — ri-me.

— Nessa altura, já não vai ser, vais ver.

Fiquei pensativa enquanto tocava numa das tranças que a mãe me tinha feito nessa tarde.

— E tu, já beijaste muita gente?

— Eu? — Axel surpreendeu-se novamente.

— Sim, tonto, quem é que havia de ser? — sorri.

Olhou para mim muito sério. Eu gostava disso em Axel, que, ao contrário do meu irmão e dos outros, falava sempre comigo como se confiasse que eu compreenderia tudo o que me dizia. Com ele, sentia-me mais forte. Mais crescida. Quando precisava de uma resposta sincera sobre qualquer dúvida, ia ter com ele.

— Posso contar-te um segredo? — Assenti imediatamente. — Eu fui um pouco como essa tua amiga e enganei-me muitas vezes. Por isso, posso aconselhar-te sobre o que deves fazer. E sabes? Nunca dei um beijo a sério.

Pestanejei, um pouco confusa, porque não tinha a certeza a que é que ele se referia com «um beijo a sério». Talvez tivesse que ver com o tempo que durava o beijo, pensei; estava prestes a perguntar-lhe, quando o meu pai saiu para o alpendre.

— Axel! Não sabia que já tinhas chegado. — Deu-lhe uma palmada nas costas quando ele se levantou. — Sê um bom rapaz e sobe um bocado ao estúdio comigo antes de ires ter com o Oliver.

Fiquei deitada no chão enquanto eles entravam em casa e as suas vozes se afastavam. E, naquela tarde de verão, pensei em beijos e no quão difícil parecia ser não nos enganarmos, e que tinha de contar tudo a Blair o quanto antes.

Axel

Sentei-me à secretária e contemplei o quadro em que Leah tinha desenhado o nosso mar debaixo de uma tempestade. Passei os dedos por cima dele, como o havia feito noutras vezes, reparando nas arestas irregulares, nas camadas de tinta, nos erros que ela tinha tentado tapar. No final, fi-lo; fui buscar uma colher à cozinha e, muito devagar, com a ponta, raspei a tinta de uma das extremidades. Inclinei-me e sustive a respiração ao distinguir entre as pinceladas mais escuras algumas de um tom mais claro, de um azul-cobalto.

Em algum momento, aquele céu sombrio tinha estado limpo.

Axel

Preparar a exposição foi fácil com a ajuda de Sam e a colaboração de Leah. Trabalhámos sem descanso durante os dias que se seguiram. Não voltei a ter dores de cabeça, talvez por ter usado mais os óculos — que tanto pareciam divertir Leah sempre que me via com eles postos —, e concentrei-me em conseguir que tudo estivesse perfeito.

Na sexta-feira de manhã, estava tudo pronto.

Com Leah sempre junto a mim, circulei pelas três salas admirando o resultado final como se não o tivesse visto já uma dezena de vezes.

— Satisfeita? — sorri-lhe.

— Sim. E nervosa também.

— Em pouco mais de vinte e quatro horas, esta sala estará cheia de gente. — Tinha-se espalhado a notícia de que a artista era a filha dos Jones, o que tinha despertado ainda mais interesse. E, como se isso não fosse suficiente, na tarde anterior tinha convencido os meus sobrinhos a colarem alguns cartazes nas ruas mais próximas; em troca, deixei-os usar a minha prancha de *surf*.

— Então, acho que chegou o momento de fazer um ensaio, que achas?

— Acho que vou ter um ataque de coração.

— Sempre tão exagerada — ri-me.

Leah seguiu-me quando voltei para trás, até chegar à porta da galeria.

— Que estás a fazer? — perguntou.

— Uma simulação. Imagina que as pessoas estão à tua volta a petiscar qualquer coisa, a conversar e a observar os quadros, e eu sou um visitante muito exigente, acabado de entrar. — Caminhei pelo corredor até à primeira sala. Ali chegado, demorei-me uns

segundos a olhar os quadros. Depois, virei-me para Leah e perguntei: — Você é a artista?

Ela começou a rir-se, mas depois ficou séria.

— Sim. — Ficou calada e eu dirigi-lhe um olhar que insinuava que devia continuar a falar, então, apressou-se a fazê-lo: — Desculpe. É a minha primeira exposição e estou um pouco nervosa.

— Mas tem talento, para principiante.

— Obrigada. Na realidade, pinto desde sempre.

— Interessante. Então, este sempre foi o seu sonho? — perguntei, ao dar um passo para ver o resto das obras daquela sala. Ela seguiu-me.

— Pintar? Sim. Expor? Não sei.

Saí do meu papel por instantes, porque a resposta me deixou um pouco atarantado. Olhei-a fixamente, como se uma parte de mim pensasse que, se o fizesse com intensidade suficiente, conseguiria ver para lá da sua pele.

— E porque pintaria senão para expor?

— Porque sim. Pelo prazer de o fazer. De o sentir.

— Não pensa no que as outras pessoas podem pensar acerca do quadro que está a criar?

— É um visitante muito curioso, não?

Ergueu as sobrancelhas comicamente e eu abanei a cabeça, porque ela tinha razão, tinha perdido um pouco o controlo.

— Está bem, vamos começar outra vez. — Saí daquela sala e fui para a seguinte. — Imagina que estás aqui e, de repente, alguém se aproxima de ti para te fazer uma pergunta concreta.

— Adiante! — pediu.

Apontei a obra da rapariga que segurava um coração.

— Que significa, exatamente, este quadro?

Reparei que ela estava a ficar mais nervosa. Tudo aquilo não deixava de ser pessoal, seu, e no dia seguinte estaria exposto ante os olhos de todas as pessoas que quisessem ver.

— O desamor.

— Não percebo.

Talvez não estivesse a fazer um jogo totalmente limpo, mas precisava de saber. E, apesar de tudo, não era nada que Sam ou

outra pessoa qualquer não lhe pudesse perguntar. Os colecionadores e amantes de arte compareciam à inauguração das exposições por isso: para conhecer o artista, os segredos que cada obra escondia, e decidir se valia a pena pagar por ela, porque desejavam encontrar aquele «extra» que a tornava diferente, especial, única.

— É aquele momento exato em que uma pessoa decide devolver-te o teu coração, apesar de tu lho teres dado. Por isso, tem-lo nas mãos. Porque tinha renunciado a ele e agora não sabe que fazer com uma coisa que já não lhe pertence.

Foda-se. Aquela miúda conseguia acabar comigo só com as palavras. E com os traços. Com olhares. Com qualquer coisa. Tinha a capacidade de me deixar paralisado num sítio, mesmo quando eu pensava que estava muito à frente. Naquele momento, percebi que ela ganharia sempre. Sempre.

— Como posso comprá-lo?

— Fale com o meu agente — sorriu-me. — Deve andar por aí. É alto, costuma franzir o sobrolho e tem uns óculos, assim, cómicos.

Grunhi em resposta, mas acalmei-me logo de seguida, ao perceber que a tensão se dissipava. Continuámos a fazer aquilo mais um pouco, estudando as diferentes perguntas que lhe poderiam fazer e a melhor maneira de responder. Quando chegou a hora de fechar a galeria, despedimo-nos de Sam e acompanhei-a a pé até ao albergue.

— Já não falta nada para o grande dia — suspirou.

— Continuas nervosa? — perguntei.

— Duvido que consiga dormir.

— Imagino...

— Amanhã chega o meu irmão.

— Eu sei. E também o teu namorado, não é?

Reparei que as suas costas ficaram mais rígidas e humedeceu os lábios, sem saber que aquele gesto me dificultava bastante as coisas, a mim e ao meu autocontrolo. Apanhou uma flor da trepadeira que crescia de um lado da rua, depois da vedação do edifício, e tirou-lhe as pétalas devagar.

— Na realidade, não é meu namorado. Não exatamente. Queria ter-te dito antes, mas a verdade é que não me apetecia falar disso contigo — admitiu. — O Landon é... Tenho uma relação com ele. Sem rótulo. Diferente.

— Diferente... — saboreei a palavra.

— Estamos juntos — reforçou ela.

— Percebo. Depois apresentas-mo.

Ainda um pouco nervosa, Leah engoliu em seco e olhou-me agradecida, antes de me dar um beijo na face e desaparecer pela porta do albergue. E sim, uma parte de mim pensara imediatamente que, se não havia nenhuma porcaria de namorado, que raio estava ali a fazer parado como um imbecil, em vez de devorar a sua boca, arriscando-me a que ela não me quisesse, mas, outra parte de mim começava a entender que às vezes as coisas não são assim tão fáceis, podendo ou não fazer alguma coisa. Às vezes, há mais, muito mais.

Leah

Sempre pensei que a memória associativa era perigosa. Refiro-me àquela que não controlamos, aquela que desperta sensações esquecidas só com um toque ligeiro. Eu tinha muitas coisas guardadas em caixas que tinha vindo a amontoar dentro de mim.

A minha mãe era o cheiro a alfazema, as mãos a desembaraçarem-me o cabelo antes de me fazer uma trança, a sua personalidade. O meu pai era o riso vibrante, o cheiro a tinta e a cor. O sabor de um chupa-chupa de morango e a brisa marinha eram as tardes a passear por Byron Bay e os dias na escola. Os Nguyen eram os domingos, o *cheesecake* e a familiaridade. E Axel...

Axel era muitas coisas. Era esse o problema.

Associá-lo a tantos pormenores tinha essas consequências perigosas, porque as memórias dele atrapalhavam-me sempre. Axel era o amanhecer e o entardecer, as luzes ténues. Era as camisas estampadas desapertadas até meio, o chá depois do jantar e as noites no seu terraço. Era o mar, a areia e a espuma das ondas. Era a tatuagem que eu tinha na zona das costelas, aquele *Let It Be* desenhado pelas suas mãos. Era as primeiras vezes que passara horas entre os lençóis. Era o movimento de levantar o queixo para olhar as estrelas e a música suave que envolvia...

A única pessoa que, se *Yellow submarine* comesse a tocar em qualquer lugar, também ouviria um «amo-te» por cada «todos vivemos num submarino amarelo».

E não importava o quanto corresse, porque não é possível fugir de uma coisa que já fomos, a menos que queiramos apagar essas partes de nós próprios.

Leah

Não foi nenhuma surpresa não conseguir adormecer, por isso, tentei serenar, após dar outra volta na cama, e fixei o olhar no teto do quarto. Pensei em tudo o que iria acontecer dentro de algumas horas e percebi que o meu estômago se encolhia. Os meus quadros estariam pendurados nas paredes de uma galeria e diante de um monte de olhos que veriam coisas diferentes, traduzindo as pinceladas à sua maneira, tirando o que quisessem daqui e dali... e isso assustava-me. Não poder transmitir o que pretendia. Renunciei a isso, inevitavelmente, quando os deixei ir, a que fossem só meus e a que tivessem apenas um significado, porque passariam a ter vários e a ser de quem quer que desejasse vê-los.

Suspirei profundamente e fechei os olhos. E foi então que ouvi.

Um *tic* suave fez-me franzir o sobrolho, seguindo-se mais alguns. *Tic, tic*. Afastei os lençóis e levantei-me. *Tic, tic, tic*. Aproximei-me da janela e puxei-a com força para a abrir. Tive de esfregar os olhos para ter a certeza de que o que estava a ver era real. Axel deixou cair ao chão as pedras que ainda tinha numa mão e encolheu os ombros, ante o meu ar desconcertado. Reprimi um sorriso.

— Tens trinta e três anos, demasiados para fazer estas coisas.

— Talvez me sinta jovem quando estou contigo.

— Não acredito nisto... — sussurrei.

— Sabia que estavas acordada.

— Axel, é meia-noite.

— Vá, desce. É sexta-feira, há sítios abertos.

Pensei durante um momento, mas, quem queria eu enganar? Estava há horas às voltas na cama e não ia dizer que não. Deixei escapar um suspiro e disse-lhe que estaria pronta em cinco minutos. Vesti um vestido de verão azul-pálido salpicado de luas brancas, pus umas sandálias de salto raso e saí do albergue.

Axel estava apoiado na vedação.

- Não podias ter-me ligado para o telemóvel?
- Pensei que isso seria muito normal — brincou.
- E as pedras na janela não?
- Pareceu-me mais divertido.

Sorriu daquela maneira que parecia paralisar o tempo, congelando-o na curva dos seus lábios. Eu detestava isso. O seu magnetismo. O quão fácil era tudo para ele. Abanei a cabeça e avancei ao seu lado, quando começou a caminhar rua abaixo.

- Onde vamos? — perguntei.
- Beber um copo, por exemplo.
- Estou muito nervosa. Tenho o pressentimento de que vai correr tudo mal, de que vou ter uma branca, ou de que vou abrir os olhos e vou estar despida no meio da galeria.
- Fónix, espero que sim. Estarei na primeira fila.
- Idiota! — Dei-lhe um empurrão e ele riu-se.
- Vai ser espetacular — acalmou-me antes de me olhar de soslaio. — Foi por isso que te vim buscar, porque te conheço e sabia que ias estar assim, em modo dramático. Além disso, preparei uma surpresa. Acho... acho que vais gostar. — Engoliu em seco, um pouco inseguro, e eu não consegui decifrar a sua expressão, porque logo a seguir voltou a estar como estava sempre.

Senti novamente aquele formigueiro que anos antes se apoderava de mim sempre que ia receber um presente, ou quando alguém me queria surpreender. Ansiosa e entusiasmada, lembro-me de rasgar o papel apressadamente, sem pensar em mais nada. Era como se aquelas ruas familiares reavivassem partes da rapariga que eu achava que ficara para trás.

Mas controlei a vontade e não perguntei.

Chegámos à marginal da praia e continuámos a andar um pouco mais até à zona em que havia mais movimento. Decidimos parar num estabelecimento aberto quase à beira-mar e, ao entrarmos na pequena cabana onde serviam as bebidas, tirei as sandálias e senti a sensação do chão de madeira e da areia nos pés.

- Os *mojitos* ainda são a tua bebida preferida?
- Sim — respondi, e ele pediu dois.
- Ensinei-te bem, hã?

Sustive a respiração ao recordar aquela noite em que Axel cedeu, quando lhe disse que me queria embebedar e dançar *Let It Be* de olhos fechados. Ele preparou um jarro de *mojito* e, mais tarde, beijou-me pela primeira vez sob as estrelas.

Que distante parecia isso... E que próximo, ao mesmo tempo.

Dei um gole grande na minha bebida. Em fundo, ouvia-se *Too Young To Burn* e, como já não era cedo, havia gente com os copos a fazer figuras tristes no meio do bar, a dançar e a rir enquanto, ao longe, alguns davam um mergulho noturno.

— Pago-te o próximo *mojito* se me disseres em que estás a pensar. — Axel olhou-me.

— É uma proposta impossível de recusar — disse, com ironia. — Não vou beber mais nenhum.

Tirei o gelo do *mojito* e bebi o pouco que restava pela palhinha. Axel apoiou o braço no bar e lançou-me um daqueles sorrisos malandros que antes viravam o meu mundo de pernas para o ar.

— Recorda-me qual de nós é dez anos mais velho — brincou.

— Recorda-me tu qual de nós ainda é um puto crescido — repliquei.

Desatou a rir. Tinha uma camisa clara e larga, com os primeiros botões desapertados. O vento morno dessa noite de verão sacudia-lhe o cabelo e ele continuava a ter o mesmo olhar cativante que me atraía e me assustava ao mesmo tempo.

Pedi outra bebida. Não sei porque mudei de opinião. Ele também pediu e brindámos.

— Pelos êxitos que estão por chegar — disse ele, e eu sorri e bebi um gole sem deixar de o olhar. Axel ergueu uma sobrancelha com um ar divertido quando viu que eu não tirava os olhos dele. — Das duas uma, ou sou incrivelmente atraente, ou estás a tentar perceber qual é a melhor maneira de acabar comigo e esconder o meu cadáver.

— A segunda, claro — ri-me.

— Já devia imaginar. — Pousou o copo no bar.

Fiquei séria e senti um arrepio.

— Na realidade, há dias que ando a pensar nisso... acho que ainda não te agradei por tudo o que fizeste por mim.

— Já agradeceste, Leah, e não é preciso.

— Deixa-me acabar. Foi uma coisa desinteressada. Acolheste-me em tua casa. Cuidaste de mim. E conseguiste que voltasse a sentir, a pintar, a viver. Só tu e eu sabemos o que aconteceu durante aqueles meses, e não me interessa o que os outros pensam, porque nunca vão conseguir entender. Então, obrigada por isso. Porque foste muito generoso. Um amigo. Família.

Os seus olhos eram um mar revolto e cheio de sentimentos que eu não conseguia compreender bem, pois estavam demasiado emaranhados. Parecia emocionado, mas também inquieto, agitado. Humedeceu os lábios e o meu olhar parou, suspenso nesse movimento, até que ele sussurrou:

— Mas continuas sem me perdoar...

— Não mistures as coisas.

Foi quase um pedido. Porque eu queria ficar com as coisas boas. A sua generosidade. A sua lealdade. A sua sensibilidade. Mas, se pensasse no Axel com quem fizera amor, via outras coisas. A sua cobardia. O seu egoísmo. A sua fragilidade. Os seus medos. As suas palavras acutilantes.

Ele percebeu que não era um caminho que nenhum dos dois quisesse percorrer, porque a seguir mudou de assunto, pediu mais duas bebidas ao empregado, apesar dos meus protestos, e voltou a mostrar-me aquele sorriso malandro atrás do qual se escondia.

Axel

Leah falou-me das aulas da universidade, de que só lhe faltava uma cadeira, do projeto final que teria de fazer no ano letivo seguinte, de que não tinha bem a certeza do que faria depois, das férias que tinha passado com Oliver e Bega nos verões anteriores, das novas técnicas de desenho que tinha experimentado...

Eu limitava-me a ouvi-la, absorto, seguindo o movimento dos seus lábios à medida que a madrugada nos abraçava e íamos bebendo uma e outra bebida. Acabámos por partilhar a última, ante a minha insistência, uma de cor vermelha que era de morango, porque aquele sabor fazia-me sempre recordá-la. Corou, quando lho disse ao ouvido.

Começou a dar a música *Payphone* e levantei-me.

— Dança comigo. — Estendi-lhe uma mão.

— Não — começou a rir-se. — Bebi demasiado.

— Vá lá, não te deixo cair. Seguro-te bem.

Voltou a rir-se e afastou-me quando tentei mostrar-lhe a força com que a seguraria, porque percebeu que era uma desculpa para estar encostado a ela. Agarrou na minha mão, decidida, e levou-me até ao meio da pista. Continuava descalça. E eu também. Os seus pés moviam-se junto dos meus, e eu não conseguia parar de olhar para ela como um palerma e de pensar em tudo o que ela me tinha contado acerca da sua vida em Brisbane.

— Então, conheceste muitos rapazes...

— Bastantes. Não era isso que querias, Axel? — Deu uma volta sobre si mesma sem soltar a minha mão.

Retive-a junto ao meu corpo e deixei que os meus dedos deslizassem desde a sua cintura até à anca, que se moviam ao som da música. Os seus olhos atravessaram-me e eu quis ficar para sempre naquele olhar, debaixo das suas pestanas fartas.

— Como é que disseste, exatamente? Deixa ver... — Levou um dedo aos lábios.

— Não é preciso, lembro-me perfeitamente.

— Então, que queres saber?

— Qualquer coisa.

Continuámos a dançar como se não houvesse ninguém à nossa volta. E talvez tenha sido o álcool a falar por ela, mas, apesar das palavras de agradecimento que me tinha dito uma hora antes, naquele momento, encontrei raiva nos seus olhos. E também ressentimento e decepção.

— Não te lembras de nada mais interessante?

— Sobre os rapazes com quem estive?

— Sim.

— Não há muito que contar.

— Gostaste? — Segurei-a mais perto de mim. Foda-se, estava excitado e chateado e com ciúmes.

— Às vezes. Mais com uns do que com outros.

Tive de fazer um esforço para seguir o ritmo da música, imaginando ao mesmo tempo outras mãos a acariciá-la e a minha própria voz pedindo-lhe que vivesse, que saísse, que fizesse sexo, quando o que realmente queria era ser o único a tocar-lhe.

— Conseguias sempre atingir o orgasmo?

Os seus dedos pressionaram a minha nuca.

— Axel, estás a esticar-te.

— Os amigos não fazem este tipo de perguntas?

— Não estragues a noite... — Foi quase uma súplica.

Não queria fazê-lo, por isso fechei a boca e limitei-me a dançar, a olhar para ela e a sentir como a minha pele se eriçava sempre que os nossos corpos roçavam um no outro. Leah deixou-se levar, com os olhos fechados, desinibida e tranquila. Sorri ao dar conta de que, pelo menos, tinha conseguido que ela não passasse aquela noite nervosa, às voltas na cama. Quando percebi que faltavam apenas algumas horas para amanhecer, convenci-a de que estava na hora de ir para casa.

Voltámos ao balcão para ir buscar as sandálias.

— Não estão aqui! — Leah franziu o sobrolho, indignada.

— Espera, eu ajudo-te a procurá-las.

Calcei os meus chinelos e tentei encontrar as sandálias dela entre os bancos em que nos tínhamos sentado, mas Leah tinha razão, não havia rasto delas.

— E agora? — gemeu um pouco tocada.

— Vais descalça, como é que havia de ser, querida?

— Não me chames assim — balbuciou. — E temos de atravessar um caminho de terra. As pedrinhas vão espetar-se nos meus pés! — Estava muito cómica assim, chateada e exaltada.

— Eu levo-te. Vamos.

Seguiu-me até à marginal da praia. Ao chegar ao troço de terra, uma parte que estava por asfaltar, baixei-me e disse-lhe que subisse para as minhas costas.

— Estás a gozar? Nem sequer sei quanto é dois mais dois.

— Acho que são cinco. Vá lá, sobe!

— Que ridículo! E se nos veem?

— Desde quando é que te preocupas com o que os outros pensam?

Aquilo foi o suficiente para que Leah avançasse para mim. Adorava desafiá-la. Consegui trepar pelas minhas costas e pôs as pernas à volta da minha cintura e os braços à volta do meu pescoço, como um macaco. Levantei-me e comecei a caminhar. Ela moveu-se.

— Fónix, não faças isso com a perna.

— Porquê? — perguntou a rir.

— Fazes-me cócegas, porra.

Leah desmanchou-se a rir e, quando ainda caminhava com ela às costas pelo troço de gravilha, voltou a roçar a sua perna de lado e as minhas pernas vacilaram. Ri-me. Rimo-nos os dois ao mesmo tempo, rompendo o silêncio da noite. E, fónix, foi o melhor som do mundo.

— Axel! Cuidado, vamos cair! — gritou.

Tentei manter o equilíbrio, mas balancei e acabámos no chão, deitados com o olhar cravado no céu enquanto ainda nos ríamos sabe-se lá de quê. Levei uma mão ao estômago e suspirei

profundamente quando consegui parar de me comportar como um puto e virei a cabeça para a olhar.

— Tinha tantas saudades disto... — murmurou Leah.

— Da minha maravilhosa companhia?

Riu-se outra vez e suspirou, satisfeita.

— Disto. De Byron Bay. Das suas estrelas. De ti também.

— É bom saber isso — respondi agradecido.

— E da tua família, do perfume do mar.

— Então, volta. Fica aqui — atirei.

— A minha vida agora é lá...

As suas palavras foram uma dura constatação da realidade.

Pus-me em pé, lentamente, e segurei-lhe as mãos para a puxar. Com algum esforço, consegui que subisse novamente para as minhas costas e carreguei-a até o caminho voltar a estar asfaltado. Pousei-a no chão com cuidado e continuámos até ao albergue. E, em frente aos degraus, segurei-lhe no pulso.

— Estás a esquecer-te do meu beijo de boa-noite.

Leah revirou os olhos, mas inclinou-se e, desta vez, o beijo não foi um simples toque, foi um beijo sincero que me aqueceu a face.

— Boa noite, Axel.

Leah

Doía-me horrivelmente a cabeça.

Não sei muito bem como, mas consegui levantar-me da cama e meter-me no duche. A água ajudou um pouco, mas o estômago ainda estava às voltas. Maldito Axel e a sua capacidade de me convencer com um pestanejar, sem pensar nas consequências. Muito provavelmente, passaria um dia terrível, cuja primeira etapa era um almoço combinado com o meu irmão e Bega em casa dos Nguyen.

Nem sequer tive tempo de ficar nervosa, pois tinha dormido até tão tarde que, depois de me arranjar um pouco e pentear o cabelo, saí e caminhei durante alguns minutos até à zona mais central de Byron Bay. Fui a última a chegar.

Engoli em seco ao entrar em casa dos Nguyen. Não sei se o estômago me doía por causa da ressaca ou por vê-los todos reunidos ao fim de três anos; mas, quando Oliver se levantou e me veio abraçar, escondi a cabeça no seu peito, para que ninguém visse que me tinha escapado uma lágrima. Detestava ser tão emocional e não conseguir agir como se nada fosse, mas é que... éramos família, estávamos unidos por laços que iam além do que as palavras podiam explicar, e a sensação que me invadiu ao encontrá-los a todos à volta da mesa foi calorosa e confortável.

— Sempre dorminhoca, anãzinha — brincou o meu irmão.

— Isso não é verdade! — protestei. — Deitei-me tarde.

Cumprimentei-os a todos, conforme se foram levantando, começando por Bega e acabando em Axel, que foi o último a aproximar-se e a dar-me um beijo suave no rosto.

Depois, ocupei o meu lugar de sempre. Ao seu lado. E em frente ao meu irmão. Enquanto Georgia organizava os pratos e nos berrava a todos para que nos servissemos de mais comida, pensei que a reunião seria desconfortável, porque era a primeira vez que

Axel e eu partilhávamos o espaço com o meu irmão desde que ele descobrira o que se passava entre nós. No entanto, Oliver não tinha os ombros tensos nem o vi bater com os dedos na toalha da mesa; estava tranquilo, com um braço pousado nas costas da cadeira de Bega.

— Ontem, não conseguiste dormir — adivinhou ele.

— Deves estar muito nervosa. — Bega olhou para mim.

Assenti com a cabeça ao pegar num pãozinho. Não conseguia evitar sentir uma certa inquietude por estar ao lado de Axel diante da sua família e da minha, da nossa. E, se não o conhecesse tão bem, ia pensar que ele estava imperturbável, como sempre, mas não estava, porque reparei na rigidez dos seus movimentos.

— Oliver, a pergunta que se impõe neste momento é... — Axel olhou para o meu irmão com um sorriso matreiro curvando os seus lábios. — ...como raio conseguiste enganar esta rapariga para ela aceitar casar contigo?

Daniel desatou a rir, apesar do olhar irritado de Georgia, e Justin reprimiu uma gargalhada, sem deixar de mexer a salada. Oliver correspondeu ao sorriso de Axel e houve qualquer coisa nessa expressão, nesse silêncio de palavras que só eles entendiam, que me emocionou.

— Eh, pá, para dizer a verdade... ainda não sei.

Bega deu-lhe uma cotovelada e olhou-o com ternura.

— É mais dócil do que parece — disse ela.

— Eu sei. Muito dócil. — Axel engoliu a garfada que acabara de levar à boca. — Queres que te conte piadas de quando ele era pequeno? Tenho para dar e vender.

— Axel, nem penses... — Oliver tentou dar-lhe um pontapé por baixo da mesa, mas ele desviou-se e de algum modo, ali, naquele momento, voltaram a ser os miúdos pequenos que prometeram nunca se separar quando nem sequer sabiam o que isso significava. — Eu também sei muita merda sobre ti — avisou-o.

— Atenção à linguagem, rapazinho! — exclamou Georgia.

Foi engraçado ver como o meu irmão baixava a cabeça imediatamente, apesar de já não ser propriamente um «rapazinho».

— Não me deixes com água na boca — queixou-se Bega.

— Uma rapariga decidida que sabe o que quer. Sim, senhor — Axel sorriu, satisfeito.

— Na realidade, sou o único que pode falar dos dois. — Justin dirigiu-lhes um olhar malévol. — Esses dois, Bega, com essas caras de anjinhos, já foram detidos três vezes. Duas delas por fazerem figuras ridículas.

— Que fixe! — exclamaram Max e Connor em uníssono.

— Desculpa?! — Georgia levou uma mão ao peito. Justin olhou para Axel e ergueu as sobrancelhas.

— A mãe não sabia?

— Optámos por não a preocupar — começou Daniel a dizer, mas calou-se quando a sua mulher o olhou como se quisesse arrancar-lhe a cabeça. — Querida, foi para o teu bem. Douglas e eu pensámos que seria o melhor. Além disso, demos-lhes um grande raspanete, não foi, filho?

— Acho que sim. Um raspanete inesquecível.

Axel fez uma careta quando a sua mãe se levantou para levar alguns pratos à cozinha e Daniel a seguiu apressadamente. Então, inclinou-se para Bega e sussurrou:

— Na realidade, detiveram-nos por causa de uma briga, tiraram-nos da esquadra e saímos com eles o resto da noite até amanhecer.

Bega e eu rimos baixinho, e Oliver sorriu ao recordar aquele dia, sem desviar os olhos de Axel. Quando os Nguyen voltaram para a mesa, a conversa voltou a centrar-se em temas menos complicados, como a exposição, a vida de Oliver e Bega em Sidney, e os planos que tinham para o futuro próximo.

— Não pensaram em mudar-se para aqui?

O meu irmão franziu o sobrolho ante a pergunta de Georgia.

— É complicado por causa do trabalho, sabes como é. A Bega é a diretora da empresa, tem muitas responsabilidades e tem um cargo muito importante.

— Mas isto aqui é maravilhoso — interrompeu ela.

— Sim, pois é — acrescentou Axel.

— Nunca se sabe — concluiu Bega, e o olhar surpreendido e esperançado do meu irmão não me passou despercebido.

Não falei muito durante o resto do almoço, porque me limitei a ouvir e a olhar para todos eles, a tentar gravar aquele momento na minha memória. Depois do almoço, Daniel abriu uma garrafa de champanhe e, após garantir que a exposição seria um êxito e servir os copos, levantou o seu para brindar.

— À família — disse, orgulhoso.

Leah

Abracei Landon antes de ele conseguir fechar a porta do carro. Como sempre, cheirava ao perfume que costumava pôr todas as manhãs e que eu já associava a ele. O seu corpo encaixava no meu da mesma forma que encaixara uma semana antes, apesar de eu ter a sensação de não o ver há muito mais tempo, como se tivéssemos passado um mês separados.

— Parece que voltei da guerra — brincou.

Desatei a rir, ao afastar-me dele. Landon inclinou-se e deu-me um beijo doce e bonito, e detestei não ter sido eu a tomar a iniciativa, devia ter sido esse o meu primeiro impulso. Pus-me em bicos de pés para chegar aos seus lábios.

— Ainda é cedo? — perguntou.

— Sim, faltam algumas horas. — Tinha vindo embora cedo do almoço para o receber antes da exposição. — Queres ir dar uma volta? Quero mostrar-te tudo. Sabes? Não sei porque não tinha voltado aqui antes. Devíamos ter vindo. Vir aqui e passar um dia na praia e ir comer um gelado à melhor geladaria do mundo e...

— Leah, respira — riu-se, olhando para mim.

— Desculpa-me. Estou emocionada. E nervosa.

— Vai correr tudo bem. Prometo.

E, apesar de Landon não ter nada que ver com arte nem exposições nem com nada relacionado com o assunto, acreditei nele. Porque, ao contrário das promessas de Axel, as de Landon tinham sido sempre verdadeiras e sentidas, com aquela serenidade que não dá motivos para questionar nada.

— Obrigada por estares aqui.

— Não ia perder isto.

Sorri e puxei-o suavemente.

— Anda, vamos — convidei-o.

Quando chegámos à galeria, já estava a anoitecer. Quis chegar mais tarde, quando estivesse aberta ao público, para evitar passar cada minuto prestes a ter um ataque de coração sempre que visse alguém entrar ou, ao contrário, caso as salas estivessem vazias; ambas as opções me pareciam terríveis. Portanto, passámos a tarde entre passeios, histórias engraçadas da minha infância, que ele escutou com interesse, e partilha de gelados. Depois, fomos ao albergue para eu mudar de roupa.

— Pronta? — Landon apertou-me a mão.

— Nem por sombras. — Porém, dei um passo em frente e depois outro, e outro até chegar aos degraus da entrada. Aproximei-me dele e sussurrei: — Se vires que estou com ar de quem vai vomitar, tenta levar-me logo para a casa de banho.

O seu riso acalmou-me um pouco.

— Combinado.

Não lhe disse que, além dos nervos por motivos óbvios, também me inquietava o momento em que Axel e ele se cruzassem. Não sei porque me custava tanto vê-los no mesmo espaço, era como se alguma coisa não encaixasse e eu sentia-me desconfortável. E esse mero pensamento fazia-me sentir culpada; Axel já não me era nada e eu tinha de aprender a viver com isso sem que cada situação despertasse situações adormecidas.

Já havia gente na galeria. Muita gente.

Tinha um nó na garganta à medida que avançava até às salas da exposição. Entre todas as emoções do dia, havia-me esquecido da tal surpresa de que Axel me falara na noite anterior. E então, de repente, compreendi. Ou melhor, escutei.

Soava baixinho uma canção dos Beatles através dos altifalantes repartidos pelas diferentes zonas da galeria. E, quando terminou, começaram a ouvir-se os acordes da canção seguinte por entre as vozes dos visitantes, que conversavam animados sem darem conta de que eu estava prestes a desmoronar-me, de que, de algum modo, entre a pintura e a música da minha vida, senti que os meus pais estavam ali comigo, a acompanhar-me através de recordações.

— Leah, estás bem? — Landon preocupou-se.

— Sim, desculpa. — Consegui esboçar um sorriso.

Forcei-me a respirar fundo antes de me misturar na multidão. Para ser sincera, só reparei no que estava a acontecer na meia hora seguinte. Estava angustiada e um pouco enjoada. Deixei-me levar quando o meu irmão me abraçou orgulhoso e quando os outros fizeram o mesmo; não só os Nguyen, também Blair, Kevin e alguns conhecidos e antigos colegas da escola que tinham passado por ali. As salas estavam cheias, Justin organizava o *catering* na receção, e a música não parava de tocar, como um presente inesperado.

Estava tudo perfeito. Quase tudo.

Detive Sam quando nos cruzámos.

— Viste o Axel? — perguntei.

— Acho que há pouco foi ao seu escritório — franziu o sobrolho, como se até àquele momento não tivesse dado conta da sua ausência. — Vou chamá-lo.

— Não, eu vou — respondi.

— Está bem. Espera, Leah — pousou uma mão no meu ombro e sorriu. — Queria que soubesses que vendemos um quadro e há pessoas interessadas em mais três. A inauguração está a ser um sucesso e acho que isto é só o princípio.

Estive quase a perguntar que quadro tinha sido comprado, porque desligar-me de algo tão meu incomodava-me, mas esqueci-me disso quando voltei a lembrar-me de Axel, ao mesmo tempo que os acordes de *Let It Be* pairavam à minha volta. Avancei pelo corredor, deixando a multidão para trás, e abri a porta do seu escritório sem bater.

— Axel?

A minha voz perdeu-se na penumbra e uns braços vigorosos abraçaram-me e puxaram-me contra um peito que conhecia demasiado bem. Sustive o fôlego ao sentir a sua respiração morna na nuca e depois... senti-o agitar-se contra mim. E a humidade na pele. Os dedos agarrados à minha cintura. O alívio. Também a dor.

Estremeci quando percebi que ele estava a chorar.

Pisquei os olhos para conter as lágrimas, mas foi em vão.

Abracei-o com mais força e desejei poder fundir-me nele, ver tudo o que ele estava a sentir, esgravatar o seu coração. E não sabia que significava aquilo, nem queria pensar nisso, porque durante uns

minutos de silêncio e escuridão, fomos apenas duas pessoas que, apesar de tudo, continuavam a amar-se e a partilhar tanta coisa.

— Prometi... — A sua voz rouca envolveu-nos.

Fechei os olhos quando percebi.

A promessa que tinha feito ao meu pai quando percebeu que ele próprio nunca conseguiria expor e, em troca, lhe disse que conseguiria que eu o fizesse.

Agarrei-me a ele. Apoiei a cabeça no seu peito.

— Obrigada por tudo, Axel. Pela música.

— Obrigado a ti, por me deixares voltar à tua vida.

Axel

Uma parte de mim continuava a ser covarde e só queria ficar naquele escritório para sempre, com Leah nos meus braços. Mas a outra parte estava a tentar ganhar terreno, pouco a pouco, e sabia que tinha de aprender a enfrentar a realidade. Como, por exemplo, saber que aquele abraço era efêmero. Ou que a escassos metros de distância nos esperava um monte de gente que queria partilhar aquela noite com ela. Então, apaziguei-me e afastei-me de Leah devagar.

— Temos de voltar.

— Eu sei — murmurou.

— Vai. Eu vou a seguir.

Leah percebeu que eu precisava de uns minutos a sós para me acalmar e saiu quase sem fazer barulho, quase em bicos de pés. Respirei fundo quando a porta se fechou. Tinha conseguido. Tinha cumprido a promessa que fizera a Douglas. Ser-se fiel à própria palavra tinha qualquer coisa de reconfortante, e era algo a que eu nunca tinha dado valor.

Suspirei, satisfeito, antes de sair.

Percorri o corredor até à sala maior, cumprimentei algumas pessoas conhecidas e fui abordado por uma mulher interessada numa das obras. A partir desse momento, e apesar da ajuda de Sam, não tive um minuto livre durante toda a noite. De vez em quando, via a minha família a divertir-se. E também a via a ela, iluminando cada sala em que entrava.

Quando o serão chegou ao fim e a galeria começou a ficar vazia, Leah aproximou-se. Vinha de mão dada com ele e caminhavam lado a lado. Obriguei-me a respirar, apesar de me arderem os pulmões, sentia... não, na verdade, não era capaz de dar um nome ao que sentia, porque nunca me tinha sentido assim. E se pensava que estava preparado para aquele momento, enganara-me.

A ela pareceu-lhe falhar a voz.

— Landon, apresento-te o Axel — conseguiu dizer.

O tipo tinha um olhar amigável e o seu aperto de mão foi simples e afável. Ainda assim, era impossível não ignorar a tensão. Quem me conhecesse conseguiria perceber que eu estava desejoso de sair dali, como acontecia sempre com tudo o que fosse complicado, quando sentia que as coisas me sufocavam e optava por desistir delas.

Então, aguentei-me...

— Muito prazer — disse.

— Igualmente. — Landon olhou à volta antes de voltar a fixar os seus olhos castanhos em mim. — Isto está impressionante. Fizeram um trabalho espantoso.

— Obrigado.

Teria adorado que ele fosse um palerma. Mas não era. Emanava cordialidade. E, seguramente, era mil vezes melhor do que eu. Mais atencioso. Mais corajoso. Mais lutador. Engoli em seco para desfazer o nó que me sufocava.

Como que por milagre, Oliver apareceu.

— Como vai isso? Foi do caraças, não?

Assenti, ainda um pouco subjugado por tudo.

— Na verdade, é melhor ir ver como está a Sam.

Só quando cheguei a uma das outras salas é que dei conta de que não tinha olhado para Leah uma única vez, mas custava-me imenso fazê-lo naquela situação. Era dor. Ciúmes. Porra. Eu nunca tinha sentido ciúmes. Não sabia que merda era a angústia e a insegurança até me ter apaixonado por ela.

Um pouco mais tarde, fechámos a galeria.

Ao sair, encontrei a minha família e os outros à porta. Quando me perguntaram se me apetecia ir beber um copo com eles para celebrar, abanei a cabeça.

— Dormi pouco. Vou para casa.

— Anda lá, tu nunca dizes que não — insistiu Oliver.

Leah manteve o olhar cravado no chão.

— Acho que nós também vamos andando — apoiou-me o meu irmão e, fónix, adorei-o por isso, por me compreender tão bem,

mesmo quando nem eu o conseguia fazer.

— Vemo-nos amanhã — dei uma palmada no ombro de Oliver. — Boa noite.

Continuei a andar até que já não me pudessem tentar convencer. E agradeci que a minha casa ficasse a um par de quilómetros, porque precisava de caminhar e de desanuviar, de deixar de pensar nas mãos deles a tocarem-se.

Tentei dormir, mas era impossível.

Então, acabei por ir para o terraço para fumar outro cigarro; já não sei quantos tinha fumado desde que regressara da exposição. Estava a contemplar a lua minguante, e a pensar em todas as coisas estúpidas que tinha feito ao longo da minha vida, quando ouvi um barulho no matagal que crescia à volta da cabana.

Antes que conseguisse raciocinar, Oliver apareceu.

— Porra, assustaste-me! Que fazes aqui?

Ele riu-se e subiu para o alpendre.

— Passei para estar um bocadinho contigo.

— São quatro da manhã.

— Sabia que estarias acordado.

Agarrou no maço para tirar um cigarro. Estendi-lhe o isqueiro, ainda ligeiramente baralhado, e a seguir ficámos calados uns minutos, até que consegui que me saíssem as palavras.

— Prometi ao teu pai, sabes? Que faria isto.

Oliver expulsou o fumo lentamente.

— Eu sei, Axel.

— Sabias? Ele disse-te?

Assentiu com a cabeça. Parecia incomodado.

— Falou-me dessa noite.

— Contou-te que me convenceu a deixar de pintar?

Ele apagou o cigarro e suspirou.

— Tu não percebes, Axel.

— Então, explica-me.

— O meu pai disse-te o que tu querias ouvir.

— Não sabes o que estás a dizer...

Caminhei de um lado para o outro no terraço com uma tensão estranha. Por tudo, por essa noite, e por todas as dos últimos três

anos em que tinha estado estagnado. Não percebia. Eu nunca tinha falado com Oliver em relação ao que Douglas e eu partilháramos naquela noite, porque, para mim, tinha sido uma merda mesmo importante; havia um antes e um depois, e para Oliver... nada, nunca dissera nada. Tentei tranquilizar-me e parei em frente a ele.

— Quero perceber — quase lhe supliquei.

— Tu não querias pintar, Axel. Porque era um esforço que não estavas disposto a fazer, porque, para isso, terias de te abrir, e não estavas a pensar em fazê-lo. E, foda-se, eu percebo-te, está bem? Eu não sabia o que era uma pessoa sacrificar-se a sério até os meus pais morrerem.

— Isso não é verdade.

— É, sim. Tu sofrias, porque querias uma coisa que te negavas a ti próprio. Era como tentar correr uma maratona arranjando obstáculos. Um pouco irónico, não?

— Não sei do que estás a falar...

— Axel, olha para mim. — Fi-lo. — Disseste ao meu pai que a única coisa que se interpunha entre a tela e tu eras tu próprio. Eu sei, porque insisti durante meses para que ele me contasse, e sabes porquê? Porque fiquei lixado por nunca teres falado comigo, mas sim com ele, sobre uma coisa tão importante para ti, quando eu era teu irmão e não te conseguia esconder nada, nem a merda que tinha comido no dia anterior.

— Oliver...

— Não, deixa-me acabar. Disseste-lhe isso, e ele respondeu-te que não precisavas de fazer mais isso, que ninguém te obrigava, que te tinhas metido numa guerra em que só lutavas contra ti próprio e que nunca poderias ganhar.

Porra, não ia chorar outra vez naquela noite. Por isso, fiquei com vontade de lhe dar um murro, ao lembrar-me das minhas próprias palavras. Era assim que eu estava, muito coerente: chorar ou esmurrar. Inspirei fundo.

— O teu problema está aqui. — Tocou-me na cabeça com a mão.

— Apetece-me matar-te — grunhi.

— Eu sei — respondeu baixinho.

— Quando olho para ti, em metade das vezes apetece-me bater-te. Juro. Na outra metade, sinto-me culpado. E no meio desta merda toda, continuas a ser uma das pessoas de quem mais gosto neste mundo, e detesto gostar de ti, porque o contrário seria mais fácil. Muito mais fácil...

Oliver tirou outro cigarro e acendeu-o. Deu uma passa. Reparei que a mão que tinha apoiada no varandim lhe tremia ligeiramente.

— A mim, apetece-me estrangular-te cada vez que te vejo, e então pergunto-me por que raio quero ir ter contigo. Como agora. Quando te vi a olhar para ela, percebi que me enganara.

Sustive a respiração. Por aquilo não esperava eu, raios.

— Enganaste-te? — perguntei.

— Estás apaixonado por ela.

— Já chegas com três anos de atraso — repliquei.

O coração batia-me com força no momento em que ele começou a rir-se sem vontade. Não percebia porque aparecera em minha casa às quatro da manhã, nem como era possível estarmos a ter aquela conversa após tanto tempo de silêncio.

— Não chego tarde, Axel. Fiz o que tinha de fazer. Porque era a minha irmã, porque a minha obrigação era protegê-la, porque sacrifiquei tudo por ela para que fosse para a universidade, porque confiava em ti e tu falhaste-me, porque me mentiste.

— Então, que é que queres, caralho? Acabou-se! Foi-se tudo à merda! Estás contente? Queres falar de mais alguma coisa? Pensava que tínhamos esclarecido tudo.

— Queria que percebesses que não é que tenhas chegado tarde, é que nunca chegaste. — Foi como uma punhalada a sério no peito.

— Pediste-me que a deixasse ir-se embora — disse, com um fio de voz.

— E tu fizeste-o. Sem lutar. Sem tentar.

— Tu pediste-me — repeti.

— Foda-se, Axel, não compreendes? Se não te conhecesse como te conheço, podia ter pensado que te estavas a cagar para a minha irmã. Como acontece com a pintura. Como com tudo o resto.

— Vou dar cabo de ti...

Sentia... sentia lava a correr-me nas veias.

Mal conseguia respirar. E, apesar da fúria, da raiva e daquele momento de cegueira em que mal conseguia entender se estava mais chateado comigo, se com Oliver, notei que a parede de ladrilhos que nos separava se estava a desfazer nos nossos pés, conforme gritávamos a merda toda que tínhamos dentro.

— Lembras-te do que me disseste no outro dia?

— Não. Não, porra. Neste momento, não consigo pensar.

— Axel, respira. Olha para mim — pediu-me e fi-lo, alterado, com o coração a martelar-me dentro do peito por causa de tanta coisa...

— Depois de teres ido à exposição. Nesse dia, disseste-me que eu era importante para ti, mas que ela seria sempre mais. Nesse dia, confrontaste-me e mandaste-me à merda.

O aperto que sentia no peito foi crescendo cada vez mais...

Precisava de uma merda de uma máquina do tempo.

— Não posso mudar o que disse...

— Eu sei.

— Falhei-te.

— Está esquecido,

— Sou um estúpido.

— Sempre foste.

Ri-me sem vontade e esfreguei a cara.

— Nem sequer sei porque estás aqui.

— Estou aqui porque és meu amigo. Porque, depois de ver como olhavas para ela, sabia que estavas fodido. E porque todos fazemos merda de vez em quando, Axel. Eu sou o primeiro.

Devia ter respondido com palavras, dizer alguma merda profunda, mas não fui capaz de falar. Por isso, simplesmente, aproximei-me dele, abracei-o e deixei escapar o ar contido. E foi um conforto. Alívio. Nos últimos tempos, muitas coisas me aliviavam, e isso só podia significar que tinha passado demasiado tempo todo lixado.

Oliver apertou-me o ombro e separámo-nos.

— E quando caíres, levanta-te — disse ele.

Assenti com a cabeça e soltei um grunhido antes de pegar num cigarro. Ele imitou-me. Ficámos calados algum tempo. Não parava de pensar que me custava horivelmente enfrentar as coisas, ir em frente, dar tudo. E, em parte, tinha vergonha de que, depois de tudo,

tivesse sido Oliver a vir procurar-me dois anos e meio depois, que tivesse sido ele a ter saudades, ele a tentar resgatar a nossa amizade...

Tal como nessa noite. Tal como sempre.

Expeli o fumo e olhei para ele.

— Olha, Oliver, gosto de ti.

— Foda-se, isto está a ficar estranho.

— ...mas sabes que as palavras não são o meu forte.

— Não me digas — soltou uma gargalhada.

— O meu discurso vai ser uma merda do caraças.

— Axel... — começou a sorrir.

— Mas, se ainda quiseses que seja teu padrinho...

— Quem havia de ser, senão tu?

Eu também acabei por sorrir.

Axel

— Vendemos seis quadros. Seis — repetiu Sam. — É incrível. Pode saber-se porque é que não estás tão surpreendido como devias?

— Porque já imaginava.

— A rapariga tem talento, mas...

— Não estás a perceber. — Levantei o olhar dos papéis que estava a folhear na secretária. — A Leah não é a melhor e ainda tem muito para aprender. Há por aí milhares de artistas que têm uma técnica melhor do que a dela, que sabem mais e que podiam encontrar mil erros em cada um dos quadros dela, e tu sabes disso. No entanto, tem alma. Quando alguém olha para um quadro dela, consegue ver as emoções que ela quis expressar e senti-las. Ela transmite alguma coisa. E, afinal, não é disso que se trata?

Leah

Nos últimos dias em que estive em Byron Bay, mal vi Axel; segundo ele, esteve ocupado com a gestão das vendas dos quadros e a tratar de outros assuntos. Quase senti que me evitava e, apesar da distância me permitir respirar, estar ao seu lado ainda era muito cativante para mim. Um pouco como aquele bolo de chocolate que te põem à frente quando estás de dieta, ou aquela coscuvilhice que dizes não querer ouvir, mas que tens de ficar a saber.

Não tive muito tempo para pensar nele porque, depois de Landon se ter ido embora na manhã seguinte à exposição, estive quase sempre com os Nguyen, o meu irmão e a namorada. Na segunda-feira, quando almoçámos todos juntos pela última vez, Axel parecia mais pensativo do que o normal, ausente, no seu próprio mundo. Tanto que mal abriu a boca.

— Filho, sentes-te bem? — perguntou Georgia.

— Sim, ótimo. — Olhou para ela distraído, voltou a concentrar-se no seu prato e não levantou a cabeça até ao momento de nos despedirmos.

Deu-me um beijo no rosto e garantiu-me que me ligaria nessa semana, para tratarmos de alguns assuntos. Depois, foi-se embora e nós fomos a pé até ao hotel em que Oliver e Bega estavam hospedados. Quando ela disse que ainda tinha de fazer a mala e tomar um banho, o meu irmão perguntou-me se queria ir dar uma volta e eu disse que sim, porque ainda não tínhamos passado tempo nenhum só os dois, e eu estava muito mal habituada a tê-lo só para mim sempre que me ia visitar a Brisbane.

Dei-lhe o braço enquanto caminhávamos.

— Foi bom voltar aqui — suspirei profundamente.

— Muito bom — sorriu. — Tinha saudades disto.

E então, ocorreu-me uma coisa. Na realidade, já tinha pensado nisso durante os últimos anos, mas nunca tinha tido coragem para o

fazer realmente.

— Gostavas de... ir à nossa antiga casa?

— Leah, não sei se é boa ideia para ti.

— Mas eu quero ir — assegurei-lhe.

— Está bem. Vamos. — Deu-me a mão.

Fizemos aquele caminho, que ambos conhecíamos tão bem, em silêncio. Era quase possível ver as emoções de Oliver a misturarem-se com as minhas, como se fossem cores: a confiança do azul, a incerteza de um amarelo intenso, a nostalgia do lilás...

Tínhamos crescido numa propriedade que ficava nos arredores, mesmo ao lado da antiga casa da família Jones. Ambas eram vivendas de dois andares com um pequeno jardim nas traseiras, rodeado de árvores que cresciam livremente.

Estava tudo igual, mas, ao mesmo tempo, tão diferente...

— Está abandonada — gemi, olhando a casa.

— Não é isso — Oliver apertou-me a mão. — Foi comprada por uns ingleses há uns anos, como sabes. Querem mudar-se para aqui quando se reformarem e, nessa altura, vão deitá-la abaixo e construir uma nova. Pelo menos, foi o que me disseram.

Apesar da dor, e de imaginar aquelas paredes convertidas num monte de escombros, pensei que seria melhor assim. Aquele lugar encerrava demasiadas recordações para que se criassem outras por cima. Se nunca mais seria o mesmo, e é claro que não seria, talvez fosse melhor começar do zero.

— Lembro-me de trepar àquela árvore — Oliver quebrou o silêncio. — Subias como um macaco e ficavas ali horas, pendurada nos ramos. Só o Axel conseguia fazer-te descer.

— E a mãe ameaçou cortá-la.

— Pois foi — riu-se. — Ela era extraordinária.

— Tinha muito carácter.

— Como tu. Tão emocional...

— Tu és mais parecido com o pai.

— Achas? A sério?

— Sim. És honesto. Transparente.

Oliver sorriu e apertou-me mais a mão.

— Gosto tanto de ti. Sabes disso, não sabes?

— E eu de ti. Sempre.

O vento da tarde agitava as copas das árvores e arrastava para longe algumas folhas que tinham caído ao chão.

— Oliver.

— Diz.

— Que fizeste com as coisas todas?

— Levei o que consegui — disse, desviando o olhar. — Os Nguyen ajudaram-me. Tenho algumas caixas e eles guardaram outras. Doei dois quadros do pai a uma galeria que quis ficar com eles e o resto...

— O resto, o quê?

— Ficou aqui.

— Dentro de casa? Achas que já tiraram tudo?

— Não sei e prefiro não pensar nisso — suspirou e esfregou o pescoço. — Devíamos voltar, Leah. Está a ficar tarde, temos de te deixar em Brisbane e o nosso voo sai pouco depois.

Enquanto regressávamos ao hotel, tentei afastar aqueles últimos pensamentos da cabeça. Gostaria de poder dizer que consegui. Mas não.

Fevereiro

(VERÃO, AUSTRÁLIA)

Leah

Voltei a Brisbane. Voltei à rotina. A pintar.

Sem ter de ir às aulas, os dias sucediam-se uns aos outros. Passava horas nas águas-furtadas, saía de vez em quando para tomar qualquer coisa com as minhas amigas a meio da tarde, ou ia ter com Landon ao seu apartamento à noite, para jantar e dormir aninhada ao seu lado.

Mas havia uma brecha naquela monotonia.

E essa brecha chamava-se Axel.

Leah

— Então, uma feira de arte — comentou Landon enquanto me ajudava a tirar uma panela de um dos armários mais altos. Acabara de lhe dizer que iria participar numa, nesse fim de semana, com Axel, e que exporia cinco obras. — Vens dormir a casa?

— Sim, fica só a uma hora de carro. Queres vir connosco? — Olhei-o, um pouco hesitante, porque sabia que, se ele dissesse que sim, a situação seria estranha para mim, mas, ao mesmo tempo, precisava desesperadamente de que tudo comesse a ser normal e, naquele momento, estava longe de o conseguir.

Landon abanou a cabeça e suspirou:

— Não consigo, tenho coisas para fazer.

Admirava a serenidade de Landon, a sua tranquilidade. Talvez por eu ser exatamente o contrário, nervos e impulsividade pura. Deixava-me levar pelas minhas emoções; podia chorar por qualquer parvoíce ou rir-me da mesma coisa até a barriga me doer, ir do branco ao preto num abrir e fechar de olhos, e dar tantas voltas às coisas, que às vezes me sentia uma centrífugadora.

— Diz-me em que estás a pensar.

Aproximou-se de mim e deu-me um beijo suave.

— Estou a pensar que tu és incrível.

— Estava a falar a sério — ri-me.

— E eu também. Que te preocupa?

— Tu sabes, esta situação. — Sentei-me em cima da bancada da cozinha ao mesmo tempo que ele punha água a ferver e tirava um pacote de massa da despensa. — Se em algum momento, alguma coisa te incomodar, quero que me digas o que sentes. Não fiques calado, por favor.

Ele respirou fundo antes de olhar para mim.

— Só ia complicar as coisas.

— Então, faz isso. Complica.

Eu sempre preferi isso ao silêncio.

— Preocupa-me a maneira como ele olha para ti — atirou.

— Não olha para mim de maneira nenhuma.

Landon pôs a massa na água fervente.

— E também que tu o negues.

— Se conhecesses o Axel, ias perceber.

Mordisquei o lábio. Não quis alongar-me e contar-lhe que não se fiasse nas primeiras impressões relativamente a Axel, que, na realidade, era mais fraco do que o seu olhar fazia crer, que, no fundo, «não queria assim tanto as coisas», tal como ele me dissera.

— Vocês falaram? — perguntou.

— Estás a falar de quê, exatamente?

— Porra, Leah. De vocês. Do que se passou.

— Em relação a isso, não há nada para falar.

— Como é que podes dizer...?

— Somos amigos — interrompi-o alterada. — E prefiro esquecer que tivemos mais alguma coisa, porque se me lembrar disso tudo, sou incapaz de o perdoar. Não falámos, e duvido que alguma vez o façamos; já passou, há coisas que é melhor deixar lá atrás para seguir em frente sem carregar peso, percebes? Porque não dá para ser de outra maneira.

Landon assentiu e olhou-me sério.

— Já não lhe guardas rancor?

— Já não. — E menti. Menti, porque não era capaz de enfrentar a verdade e não estava preparada para responder sinceramente àquela pergunta. Se dissesse que sim, deitaria por terra toda a estrutura frágil sobre a qual tinha construído a minha nova relação com Axel.

Axel

A primeira vez que senti necessidade de pintar tinha treze anos. Nesse dia, Oliver não tinha ido às aulas porque estava com febre, por isso, ao regressar do colégio, passei pela casa dele para o ver. Rose abriu-me a porta, sorriu-me e deixou-me entrar.

— Entra, querido. O Oliver está a dormir.

— Ainda? Que fraquinho — grunhi.

Rose começou a rir-se e segui-a até à cozinha.

— Queres que te prepare um sumo de laranja?

— Pode ser. — Encolhi os ombros. A verdade é que não tinha nada melhor para fazer nessa tarde e não me apetecia estar sozinho. — E o Douglas, não está?

— Está, sim, no estúdio. Vai lá ter com ele. Já te levo o sumo.

Subi as escadas de par em par até ao segundo andar. Os acordes de *I Will* guiaram-me até ao seu estúdio e, quando lá cheguei, observei tudo com curiosidade. Douglas cantarolava a canção com um pincel na mão, enquanto Leah dançava à sua volta. Fiquei a olhar para eles, embasbacado, até que ele reparou na minha presença.

— Ei, rapaz! Vem cá.

Parou a música e sorriu-me.

Entrei. Tinha ali estado noutras ocasiões, mas, normalmente, com Oliver ao lado e sem prestar demasiada atenção aos quadros cheios de cor que inundavam aquela divisão. Só uma vez tinha parado a olhar um deles com determinação, anos antes, quando Douglas pintou uns escaravelhos com as vísceras à mostra e cheias de malmequeres.

— Que estás a fazer? — perguntei.

— Que te parece? — desatou a rir.

— Estava a falar da música tão alta.

— A música é inspiração, Axel. — Voltou a pôr a mesma música e olhou para mim sério, depois de tirar das mãos de Leah um pincel que tinha caído ao chão. — Nunca te contei como é que soube que estava apaixonado pela Rose?

Neguei com a cabeça, um pouco envergonhado por Douglas falar comigo de forma tão aberta sobre um assunto como aquele, que era desconfortável. Naquela idade, bastavam-me os beijos roubados que dava a uma colega, de vez em quando, ao sair do colégio, e a palavra «amor» dava-me vontade de rir.

— Foi muito fácil. Estava na marginal da praia com uns amigos quando a vi ao longe. A Rose estava a patinar, tinha o cabelo revolto e parecia uma selvagem, mas, conforme se aproximava, comecei a ouvir os acordes desta música na minha cabeça e também a letra. Tudo. Escutei a maneira como me apaixonei por ela.

— Isso é impossível — murmurei.

— Foi mesmo assim. Juro.

— E depois, que aconteceu?

— Andei semanas à procura dela.

— Devia pensar que eras maluco.

Ele sorriu e pôs a mesma música uma vez mais. Fiquei a olhar a maneira como misturava duas tintas diferentes na paleta cheia de cores e, à medida que os minutos iam passando sem que nenhum dos dois dissesse nada, sentei-me no chão com as costas apoiadas a uma das paredes do estúdio. Dali, contemplei-o a pintar. Leah voltou a dançar à sua volta ao som da música, sem parar, até que, cansada, se aproximou de mim.

Apesar de já ter três anos, ainda usava chupeta de vez em quando, como naquele dia. O cabelo louro e ondulado chegava-lhe aos ombros e as suas faces estavam rosadas. Deixei que se sentasse ao meu colo. Eu não lhe costumava ligar muito, na verdade, porque, naquela idade, a única coisa que me interessava era sair com Oliver por aí e fazer disparates, passar as tardes a admirar os surfistas e a tentar imitá-los, ou a olhar para o rabo das miúdas que usavam biquínis minúsculos.

E, no entanto, nessa tarde, não precisei de mais nada.

Havia algo de relaxante em observar a maneira como Douglas movia a mão e deslizava o pincel pela tela em branco, enchendo-a de cor. Quando Leah suspirou suavemente, desviei o olhar, e percebi que tinha adormecido nos meus braços com a chupeta em forma de joaninha na boca.

— Espera, eu tiro-a daí.

Deixei que Douglas lhe pegasse ao colo e a levasse para a cama. Quando regressou, eu já estava de pé, pronto para me ir embora, mas fiquei a olhar para o quadro por uns instantes.

— Gostas do que vês?

— Sim — respondi.

— Queres experimentar? — Douglas estendeu-me um pincel.

Franzi o sobrolho, um pouco inseguro.

— Acho que não sou capaz. Ia estragar.

— Nada disso — insistiu, até que cedi e ele colocou-se ao meu lado com o seu sorriso habitual, sincero e imenso. — Eu digo-te o que tens de fazer, pode ser?

— Está bem — assenti.

— Fechas os olhos, deixas de pensar, abres os olhos e pintas.

— E já está? — repliquei, incrédulo.

— É só um primeiro contacto.

— Pois, tens razão. Está bem.

— Preparado?

Assenti com a cabeça. Depois, fechei os olhos com força e obriguei-me a afastar qualquer ideia que me passasse pela cabeça, até que só vi um céu limpo à minha frente. Então, abri os olhos. Estiquei a mão até à paleta de cores, tirei um pouco de azul, e deixei um pequeno rasto no céu daquele campo aberto que Douglas tinha estado a pintar. A insegurança daquele primeiro traço dissipou-se conforme o branco dava lugar a mais azul, mais e mais; a algo que se traduziu numa estranha satisfação, a de inventar alguma coisa, a de registar, deixar, depositar, descarregar, vomitar, derramar, expressar, gritar...

— Ena, é claro para ti que o céu está limpo.

— Gosto assim. Gosto de céus limpos.

— Eu também — respondeu ele. — E disto?

— Disto? Pintar? — Torci o nariz. — Sim.

— Podes fazer isto sempre que quiseres.

Pensei que era um disparate. Claro que Oliver se riria se lhe dissesse que queria começar a pintar como o seu pai. Encolhi os ombros com uma indiferença fingida.

— Talvez, sim. Um dia — limitei-me a dizer.

— Estarei à tua espera.

Anos depois, entendi que há sorrisos que escondem verdades. Que há tardes que se transformam em memórias importantes. Que os momentos determinantes ocorrem quando menos esperamos. Que o encanto da vida está nesse elemento imprevisível.

Leah

Dentro do carro, olhei Axel de soslaio enquanto ele agarrava o volante. Dois dias antes, tínhamos selecionado os poucos quadros que levaríamos e tinham vindo embalá-los e buscá-los. Na feira de arte, só podiam expor artistas que fizessem parte de uma galeria e, neste caso, Axel tinha decidido levar-me a mim.

— Não havia ninguém melhor? — perguntei.

— Não estás satisfeita?

— Sim, mas... não sei.

— Achas que te escolhi por outra razão, Leah? Enganas-te. Em primeiro lugar, foi uma decisão da Sam, ela é que se encarrega destas coisas. Em segundo lugar, talvez devesse começar a aceitar que tens talento. De todos os artistas que agenciamos, tu foste a que mais vendeu durante uma exposição inaugural. Serve-te de resposta?

— Serve — admiti.

— Ainda bem.

Axel aumentou o volume da música e não disse mais nada durante toda a viagem. Eu não queria pensar demasiado, por isso, limitei-me a contemplar a paisagem; desde a exposição, passara algumas semanas a pensar no meu futuro, nas minhas expectativas, a tentar decidir o que havia de fazer com a minha vida. E a verdade é que não sabia muito bem. Queria pintar, mas não sabia que mais. De algum modo, estava a deixar-me levar pela mão de Axel, mas sem saber com toda a certeza se me conduziria pelos caminhos certos, ou se podia fechar os olhos e segui-lo sem ter de me preocupar com mais nada.

A feira de arte realizava-se num edifício grande com inúmeras salas. Quando entrámos, deram-nos as credenciais e informaram-nos de que o nosso espaço estava reservado no segundo andar, à direita. Ao chegar, as minhas obras já lá estavam. Eram apenas

cinco, mas não havia espaço para mais e confiava no que Axel dizia sobre ser bom começar a dar-me a conhecer em certames como aquele. Apesar do cheiro intenso a desinfetante e das paredes lisas e impessoais, o espaço era bastante amplo.

Axel estava a ajeitar o colarinho da camisa. Tinha-se arranjado e eu não estava habituada a vê-lo assim, de calças compridas, camisa escura justa e a barba acabada de fazer. Mas estava tão atraente que, durante um segundo de fraqueza, senti que a sua presença inundava tudo. Que me inundava a mim.

Abanei a cabeça e franzi o sobrolho.

— Porque estás tão calado? — perguntei, uma vez que preferia o Axel bem-disposto ao que estava diante de mim, ligeiramente perdido nos seus próprios pensamentos. Era como se, depois do dia da inauguração, alguma coisa nele tivesse mudado.

— Não dormi muito.

Não soube que mais dizer.

O dia passou devagar. Muito devagar.

Se Axel fosse o mesmo de sempre, despreocupado, sem filtros, que me fazia rir mesmo quando estava chateada com ele, os minutos não teriam, provavelmente, parecido horas; limitou-se a ficar encostado a um lado sempre que alguém se aproximava e se interessava pelas obras, como se não se quisesse envolver. Pelo menos, até vendermos um quadro a um casal e ele se encarregar da papelada.

Por volta das seis da tarde, fomos embora.

— E os outros quadros?

— Não te preocupes, vão ser levados para a galeria.

— Está bem. — Mordi o lábio. — De certeza que não tens nada?

Axel remexia na chave do carro e, em vez de a enfiar na ignição e arrancar, encostou a cabeça ao assento e soltou um suspiro cansado. Levou um dedo à ponta do nariz e deu um estalido com a língua.

— No mês passado, falei com o Oliver... — Fiquei em silêncio à medida que a inquietude ganhava espaço dentro de mim. — Falámos de ti. De tudo o que aconteceu há três anos. E de mim. Daquilo que fiz mal, das coisas que disse naquele momento e...

— Não, por favor — pedi-lhe.

— Leah...

— Não.

— Porquê?

E percebi que aquele era um momento importante, um daqueles momentos que fazem a balança mover-se de um lado para o outro. Pensei nisso enquanto o meu coração batia com força dentro do meu peito. Tinha a resposta, mas magoava-me ter de lha dar.

— Porque assim vou odiar-te, Axel — gemi. — E, neste momento, não consigo fazer isso. Acabas de reaparecer na minha vida e... preciso de ti. Não quero pensar em tudo o que aconteceu nem na razão pela qual o fizeste. Pior ainda, em como conseguiste fazê-lo. Não quero pensar no que teria acontecido se não tivesse feito a exposição com a universidade, talvez tu jamais tivesses tido coragem para voltar à minha vida. Não quero que nada se estrague agora, quando ainda estamos a reconstruir a nossa amizade.

Axel olhou para mim. Vi-o inspirar.

— Teria ido procurar-te, mais cedo ou mais tarde.

— Pois. Mas nunca saberemos.

— Sei-o eu, querida. Juro-te que sei.

Engoli em seco para desfazer o nó que tinha na garganta. Sentia um gosto amargo, como se as palavras deixassem essa sensação à sua passagem e tudo estivesse tão emaranhado entre nós, que era impossível encontrar a ponta do fio e puxá-lo para o endireitar.

— Axel, não quero voltar a perder-te.

— Eu nunca deixaria que isso acontecesse.

Nunca o tinha visto assim. Inseguro. Frágil.

— Preciso de mais tempo — consegui dizer —, e quem sabe um dia...

«Quem sabe um dia serei capaz de te olhar nos olhos, ao mesmo tempo que me explicas como foste capaz de renunciar ao que tínhamos, àquela história pela qual estava disposta a sacrificar tudo. Como conseguiste adormecer sem chorar em cada noite. Como é possível que as coisas tenham sido tão fugazes para ti. E, nessa altura, talvez comece a acreditar em ti quando dizes que terias ido procurar-me mais cedo ou mais tarde, porque três anos... três anos

é demasiado tempo, em três anos constroem-se coisas novas, em três anos quase me esquecera da forma da cicatriz que tens na testa e da tonalidade exata do azul-escuro dos teus olhos.»

Pensei em tudo aquilo com o coração agitado.

— Que queres de mim, agora? — Havia medo na sua voz, mas também impaciência, como se precisasse de saber, de uma vez por todas.

— Quero que sejas meu amigo. Quero voltar a ter-te na minha vida. Tu não, Axel? Que possamos passar bons momentos juntos, como na outra noite — lembrei-lhe, e esbocei um sorriso trémulo ao relembrar-me da maneira como tínhamos acabado os dois deitados no meio do passeio, depois de eu lhe fazer cócegas enquanto estava às suas cavalitas. — Quero o Axel de sempre — concluí.

Axel

Talvez a vida sejam momentos. Só isso. Momentos. E, às vezes, chegas ou não chegas no instante certo. Às vezes, um segundo muda tudo. Às vezes, o tempo é determinante. Às vezes, quando queres falar, a outra pessoa já não está disposta a ouvir-te. Suponho que sejam coisas que acontecem. Que em certas ocasiões desejamos uma coisa e, algumas semanas mais tarde, já mal nos lembramos disso, ou isso já perdeu todo o seu valor.

E o pior de tudo é que eu compreendia Leah.

Tinha demorado três anos até estar preparado. Três anos de silêncio, depois de lhe dizer que se calhar não gostava muito dela e de ver como o seu rosto se desfazia entre a dor e as lágrimas, antes de ela sair a correr no meio da noite. Três anos a ser um imbecil. A situação merecia uma explicação. Ela merecia-a. Ainda nem tinha bem a certeza do que lhe dizer nem de como me expressar, mas precisava de tentar, pelo menos, até parar para pensar no que Leah precisava, e compreendi que, pela primeira vez, devia pôr os seus sentimentos à frente dos meus, porque é isso que acontece quando se gosta tanto de alguém.

Então, engoli todas as palavras.

Leah

Axel não disse mais nada, limitou-se a assentir, devagar e pensativo, antes de pôr o carro a trabalhar.

Continuei calada à medida que deixávamos para trás as ruas e nos afastávamos da cidade. Em breve, circulávamos por uma estrada ladeada pela floresta tropical. Ele sorriu-me quando olhou para mim de soslaio durante um troço de estrada reto, e isso acalmou-me.

Então, comecei a descontrair, porque estava esgotada do dia de nervos e daquela conversa pendente que parecia pairar entre nós. Ponderei na hipótese de dormir um pouco, mas depressa desisti quando vi que nos desviávamos para a direita, entrando num caminho estreito de terra.

— Onde vamos? — Franzi o sobrolho.

— Não gostas de aventuras?

O seu olhar maroto fez-me recordar o Axel de sempre, o que lhe tinha pedido que fosse, e essa sensação de familiaridade aqueceu-me por dentro.

Travou em frente a uma praia deserta.

— Que estamos aqui a fazer?

Não respondeu. Saiu da *pick-up*, dirigiu-se à parte de trás e abriu o fecho da capa em que guardava as pranchas de *surf*.

— Espero que estejas a gozar — murmurei.

— Não te apetece? Anda lá, sai do carro.

— Não é essa a questão. Não tenho biquíni.

— Nem roupa interior? — O idiota sorriu quando percebeu que eu corava. Apertei os lábios. — Não vou ver nada que não conheça bem, querida.

Revirei os olhos e ele afastou-se, andando até à beira-mar. Fiquei ali um bocado, a observá-lo a caminhar sob o sol do entardecer e a perguntar-me se não seria melhor confrontar o Axel desconhecido

do que aquele que me encurralava sempre contra a parede, como se quisesse puxar pelo meu lado mais impulsivo, aquele que eu tentava dominar e controlar.

Insultei-o mentalmente umas quantas vezes, antes de me deixar levar pelo desejo e pela inveja que senti ao vê-lo na água. Tirei o vestido e dei graças por estar a usar um conjunto de roupa interior escura. Depois, peguei numa das duas pranchas que restavam e encaminhei-me para a praia, contemplando o céu alaranjado.

— Demoraste — reprovou quando o alcancei.

— Peço desculpa, estava a enumerar todas as razões estúpidas pelas quais caio no teu jogo.

— Adoro quando te irritas.

Afastou-se, submergindo na água, e seguiu-o.

Não consegui apanhar as três primeiras ondas boas, mas, à quarta tentativa, consegui manter-me de pé na prancha, com o corpo fletido para a frente, deslizando com suavidade enquanto o mar e o seu perfume me envolviam; e foi tudo perfeito. Perfeito. Aqueles momentos de plenitude que surgem quando menos esperas e que te sacodem, como se te viessem recordar de que sim, são possíveis e que te encham de energia.

Ao fim de muitas quedas, percebi que estava dorida e exausta, pelo que saímos da água e sentámo-nos à beira-mar, na areia molhada, para nos secarmos um pouco. O sol já quase tinha desaparecido; os raios avermelhados e alaranjados salpicavam o céu, que começava a escurecer, e os pássaros que deixavam rastros pareciam pequenas sombras sobre o murmúrio do mar.

— Como pintarias isto? — perguntei sem pensar.

— O céu? — Axel franziu o sobrolho. — Não sei.

— Deves ter alguma ideia — insisti.

Deixou escapar um suspiro e descontraiu os ombros.

— Com as mãos...

— Desculpa? — Ri-me.

— Sim. — Sorriu. — Com as mãos. Agarrava na tinta com os dedos e esticava-os para cima — explicou, colocando os dedos como uma garra.

Imaginei os raios assim, desenhados de uma só vez com a ponta suave dos seus dedos, e estremei.

— Está na hora de irmos.

— Sim. Vamos — disse, levantando-se.

Não falámos durante o trajeto de regresso, mas não foi desconfortável. Tinha a sensação de que tínhamos encaixado algumas peças que estavam soltas há muito tempo, e talvez o *puzzle* não fosse perfeito e houvesse peças fora do lugar, mas, para já, servia assim. Porque, quando olhei para ele, conduzindo e cantando em voz baixa a canção que dava na rádio, percebi que precisava dele novamente na minha vida. Afastar-me dele já não era uma opção. Nunca fora, na realidade, pelo menos até me obrigar a que assim fosse. Axel era como aquele chupa-chupa de morango que passara anos sem saborear, mas que, a partir do momento em que o fiz, passou a ser novamente o sabor do meu dia a dia. O mais viciante.

Quando chegámos a Brisbane, levou-me à residência.

Avistei Landon sentado no degrau da porta. Abri a porta do carro ainda antes de Axel puxar o travão de mão e saí.

— Que estás aqui a fazer?

— Pensei que nos podíamos ver esta noite.

— Claro. Não sabia a que horas terminávamos. — Reparei que Landon estava a olhar fixamente para o meu cabelo despenteado e para a areia da praia. Quis eliminar o sentimento de culpa que me prendia a garganta, porque não gostava de me sentir assim, nem de que tudo fosse tão tenso, tão incómodo. — Parámos depois de a feira acabar e ficou um bocado tarde.

— Correu tudo bem? — Deu-me um beijo na face.

Assenti, mas não continuei a falar ao ver que Axel também saía do carro e se aproximava para o cumprimentar. Estendeu a mão a Landon com uma expressão imperturbável, aquela máscara que tanto detestava quanto me intrigava, em partes iguais. Landon perguntou-lhe se lhe apetecia tomar alguma coisa, e Axel recusou o convite dizendo que ainda tinha uma longa viagem até casa. Despediu-se de mim com um beijo na face.

— Porque é que fizeste aquilo? — perguntei.

— O quê? — Landon entrou pela porta quando a abri.

— Tu sabes. Aquilo. Convidá-lo para ficar.

— Tem algum mal?

— Não, mas...

— Disseste que não lhe guardavas rancor.

Suspirei ao chegar ao quarto e sentei-me na cama. Brinquei, distraída, com um fio que pendia do meu vestido, e Landon observava-me, pensativo. E, pela primeira vez desde que nos conhecemos, tivemos um daqueles silêncios estranhos dos quais é difícil escapar.

Inspirei ao levantar a cabeça.

— É desconfortável — sussurrei.

Landon coçou o queixo, tenso.

— Mas não devia ser, Leah.

— Que significa isso?

— Nada. Não significa nada.

Landon aproximou-se da janela e abriu-a; o ar morno da noite entrou no quarto. Não sei quanto tempo estivemos ali calados, cada um a pensar nas suas coisas, mas levantei-me quando não aguentei mais aquela inquietação que parecia apoderar-se de todas as coisas bonitas que tínhamos construído durante aqueles anos: a amizade, a confiança, a segurança.

Abracei-o por trás e apoiei o rosto nas suas costas.

Ele não se mexeu, mas eu também não me afastei.

E, naquele momento, aquilo foi suficiente.

Axel

Justin olhou para mim. Estávamos no terraço da minha casa, depois de uma semana em que mal falara com Leah. Acendi um cigarro e bufei.

— Que se passa? — perguntou o meu irmão.

— Nada. Sufoca-me pensar nisto tudo.

— Se não me contares, vou-me embora.

— Espera, estou a tentar encontrar as palavras... — Detive-o e inspirei fundo. — Ultimamente, tenho andado a pensar em mim. E nas pessoas, de uma maneira geral. Acreditas que a realidade se aproxima da ideia que temos de nós mesmos? Quer dizer... Não tenho a certeza de ter sido sempre honesto. Acho que, no fundo, todos queremos vir a ser de uma maneira concreta e tentamos alcançar esse ideal.

— E isso é mau? Parece ser um bom propósito.

— Mas, afinal, quem somos realmente?

— Acho que não há uma resposta para isso.

— Devia haver. — Apaguei o cigarro. — Às vezes, não me encontro em mim mesmo. Tenho a sensação de que cheguei tarde à minha vida, de que não estou no lugar em que devo estar no momento certo; é como se estivesse a perder alguma coisa, mas não sei o quê. E tenho medo de não saber parar isto, porque, cada vez que tento, acabo por dar um passo atrás.

Axel

Sam bateu à porta do escritório antes de entrar.

— Tens o Hans na linha dois, tem estado a tentar localizar-te desde ontem à tarde.

— Foda-se. — Tinha-me esquecido do telemóvel em algum sítio de que não me lembrava. Peguei no telefone fixo que tinha na secretária e atendi a chamada do dono da galeria. — Hans? Desculpa-me. De que precisas?

— Ouve, esta rapariga nova... a filha de Douglas...

— Creio que te referes à Leah Jones.

— Sim. A Sam disse-me que venderam quase metade dos quadros da exposição e, na semana passada, enviou-me as fotografias das obras que catalogaram. Creio que é perfeita para um projeto que tenho entre mãos. Mas precisava de que tu tratasses de tudo. E que ela aceitasse, claro.

— De que se trata? — perguntei.

— Estás sentado? Muito bem. Aqui vai.

Leah

— Estás feliz? Era o que esperavas?

Assenti ao sair da aula com Linda Martin. Era o final de dia de sexta-feira, os corredores estavam cheios de alunos, e eu tinha ido à universidade para falar com a minha professora sobre o estágio que deveria fazer no ano letivo seguinte.

— A verdade é que não esperava nada concreto — admiti, após um minuto de silêncio às voltas com a sua pergunta. — Por isso, acho que qualquer coisa serve. Estou... expectante. Sim, acho que é essa a palavra.

— É bom experimentar coisas, para saber o que queremos e o que não queremos. — Tinha começado a choviscar. — O mundo da arte é difícil, como sabes, creio que o segredo consiste em encontrares o teu lugar, aquele em que te sentes confortável. E quanto ao estágio, pensa nisso, ambas as opções são boas, mas é uma decisão tua, Leah.

— Eu sei, vou tentar dizer-lhe alguma coisa rapidamente.

Despedimo-nos e fui até à porta principal do *campus* à chuva, que caía cada vez com mais intensidade. Protegi a pasta, abraçando-a contra o peito ao lembrar-me de que tinha lá dentro duas gravuras que queria que permanecessem intactas, e praguejei em voz baixa por me ter esquecido do guarda-chuva, mesmo sabendo que as tempestades de verão eram frequentes. Gemi ao meter um pé numa poça e voltei-me ao ouvir ao meu lado um riso rouco familiar.

— Axel? — Semicerrei os olhos.

— Anda, tenho o carro aqui perto.

— Que fazes aqui? — Segui-o.

— Disseste-me que te irias reunir com a professora Martin hoje. — Tínhamos trocado umas quantas mensagens dois dias antes e, não sei porquê, tive o impulso de lhe falar do estágio e das dúvidas que tinha, porque nenhuma das opções me convencia completamente, e

sabia que Axel conseguiria compreender. — Vim tratar de uns assuntos. E falar contigo.

O seu olhar inquieto não me passou despercebido.

Entrámos no carro e, enquanto voltávamos a entrar na estrada, contemplei o movimento dos limpa-para-brisas.

— De que querias falar? — perguntei.

— É um assunto delicado. Podemos esperar?

— O Landon vem buscar-me à residência daqui a meia hora. — Engoli em seco ao contemplar o seu perfil. — Estás a assustar-me, devo preocupar-me?

— Não, não é nada de mal. Pelo contrário.

Ficou em silêncio até parar em frente ao meu edifício. Tirou as chaves da ignição, a chuva caiu com força contra o vidro e ficou ali, a cobrir tudo. Pensei que seria bonito pintar algo assim; desfocado, difuso, caótico.

Axel respirou fundo e olhou para mim.

— Há uns dias, o Hans ligou-me, porque está interessado num projeto relacionado contigo. Precisa de uma pessoa jovem, com menos de vinte e cinco anos, para preencher uma vaga de uma bolsa de estudo e participar em algumas exposições, juntamente com outros artistas de países diferentes. É uma oportunidade excelente e a bolsa cobre todas as despesas, incluindo a estada e um estúdio...

— Mas eu já tenho um estúdio — disse.

— O projeto é em Paris.

— Estás a gozar? — repliquei.

— Não, Leah, ouve...

— Isso é uma loucura! Não me posso ir embora!

— Porquê? — perguntou.

— Por mil razões. Tenho de começar o estágio. E a minha vida é aqui, Axel, não está nos meus planos mudar-me para um sítio que fica a mil quilómetros de distância. Sabes que é difícil para mim estar sozinha, tu sabes o quanto me custou vir para Brisbane, o medo que eu tinha...

Segurou-me no queixo com os dedos.

Os nossos olhares entrelaçaram-se.

— Eu iria contigo para Paris, querida.

E aqueles olhos... aquela maneira de me tocar...

Afastei a cara e abri a porta do carro. Saí, apesar da chuva, e corri até à residência. Tinha acabado de meter a chave na fechadura quando senti a sua presença atrás de mim. Não me virei. Entrei decidida e fui até às escadas. Subi com ele mesmo atrás de mim, deixando um rasto de água por onde passávamos.

— Axel, tens de te ir embora — disse ao chegar ao quarto.

Ele ignorou-me. Ficou no meio do quarto com as costas rígidas e o maxilar tenso, enquanto eu abria o armário para tirar roupa seca.

Estava tão nervosa que me deu vontade de rir. Como é que ele tinha considerado uma coisa daquelas? Ir com ele para o outro lado do mundo parecia-me mais arriscado do que jogar roleta russa. Tinha começado a tolerar a sua presença fazia apenas um mês, obrigando-me a relembrar-me de que era meu amigo, que o que acontecera naquela casa fora apenas um pormenor da nossa história... se pensar que sempre fez parte da minha família.

Axel impediu-me de passar para a casa de banho. Os seus olhos inquietos passeavam-se pelo meu rosto e fixaram-se nos meus olhos.

— De que é que tens tanto medo?

— Tu sabes de quê. Já to disse.

— E eu prometi-te que não estarás sozinha.

— Não quero saber. Deixa-me passar, tenho de mudar de roupa.

Não se moveu. Ficou ali no meio, fazendo com que as minhas pernas tremessem ante a nossa proximidade.

— Diz-me. Tens medo do que possa acontecer?

— Não sei do que estás a falar.

— Sabes, sim. De nós.

Franzi o sobrolho e levantei a cabeça.

— Isso nem sequer é uma possibilidade.

Axel afastou-se e eu entrei na casa de banho. Respirei fundo após fechar o trinco, como se acabasse de tirar um peso de cima de mim e voltasse a sentir-me protegida, longe dele. Não tinha a certeza do que tinha acontecido e que me assustava tanto, nem queria pensar

nisso. Não dei conta de que os meus braços tremiam, até os levantar para tirar a camisola encharcada.

— Está bem, vou falar através da porta — disse.

E não consegui evitar apertar os dentes ao ouvir a sua voz abafada. Como é que ele podia ser tão teimoso e impassível quando queria mesmo uma coisa e, ao mesmo tempo, deixar de querer com tanta facilidade?

— A bolsa só tem a duração de dois meses, por isso é que te estou a pedir que deixes a tua vida aqui, Leah. E, quanto ao estágio, bem, tenho a certeza de que poderia falar sobre isso com a tua professora e arranjar maneira de teres equivalência; seria como um dois em um.

— Estou a ver que já pensaste em tudo — murmurei.

— Claro, sou o melhor agente do mundo.

Revirei os olhos após desapertar as calças.

— De certeza que há outras pessoas interessadas.

— Não temos mais nenhum artista tão novo.

— Então, procura um.

— Podemos ter esta conversa cara a cara e não através de uma porta?

Abri pouco depois. Pelo menos, estava mais serena; porque tinha voltado a sentir-me pequena e trémula em frente a ele, e não queria estar tão vulnerável outra vez.

— Axel, a sério, parece espetacular e sei que é uma ótima oportunidade.

— Uma excelente oportunidade. O Hans tem muitos contactos.

— Sim, mas não é para mim, peço desculpa.

Fui buscar um elástico para o cabelo à secretária.

— Então, que é que tu queres?

Percebi uma certa frustração na sua voz.

— Em relação a quê, exatamente?

— Em relação à tua carreira. Em relação à pintura. Diz-me qual é o teu objetivo e tentarei fazer com que o alcances, mas acho que devíamos ter esta conversa antes de dar mais algum passo. Que pensas fazer quando terminares os estudos? Queres trabalhar

noutra área e pintar nos teus tempos livres, ou pretendes vender quadros para viver? Acho que mereço uma resposta.

Fechei os olhos com força.

Sabia que ele tinha razão, que tinha de optar por uma direção. Não tinha intenção de o fazer perder tempo nem estava a levar aquilo tudo como uma brincadeira. Porém, a verdade é que não tinha pensado muito num objetivo concreto. Só sabia que pintar era a minha vida, mas não sabia como expressar essa ideia. A única coisa que me vinha à cabeça era a certeza de querer continuar a pintar, por mais simples que pudesse parecer. E depois? Ou, mais importante, para quê? Qual era a finalidade? Não tinha um sonho concreto, como expor numa galeria em Nova Iorque e ficar famosa, ou vender os meus quadros por uma fortuna e ficar rica. Nunca tinha pensado nisso. E também não me tinha preocupado muito, porque acho que ter um trabalho que permita pagar as contas é uma preocupação que nos assalta apenas quando damos conta de que teremos de a enfrentar dentro de pouco tempo. Por muito que tentasse imaginá-lo, não me via a fazer outra coisa.

— Sim, a ideia é essa, poder viver disto, acho eu — respondi baixinho.

Axel tinha o cabelo todo molhado e lembrei-me de quando o via chegar a casa à tarde, depois de ir apanhar umas ondas.

— Então, não te percebo...

— É tudo muito complicado.

— O problema somos nós, Leah?

Não queria responder, porque se dissesse que sim, daria a entender que as coisas não estavam bem. E não estavam. A nossa relação era tão confusa... tinha tantos nós que nem sabíamos como começar a desfazê-los...

Abri uma janela e respirei fundo.

— Não, não é isso. Estou a sentir-me pressionada, Axel. Preciso de tempo, está bem? Não é boa ideia continuarmos a falar agora.

— Isso quer dizer que vais pensar no assunto?

Debati-me, nervosa. Mas, antes que conseguisse responder-lhe, bateram à porta e lembrei-me de que tinha combinado com Landon. A última coisa de que precisava nesse momento era de gerir uma

situação desconfortável. Abri e tentei dissimular a tensão quando Landon me deu um beijo rápido nos lábios. Expulsei o ar que tinha estado a conter e ele e Axel cumprimentaram-se com um aperto de mão.

— Tenho de ir andando — disse Axel.

— Está bem. — Queria chorar. Não sei porquê, mas, dentro daquele quarto, que parecia deixar-me sem ar, e na companhia dos dois, a única coisa que senti foi isso: vontade de chorar.

— Pensa nisso, está bem? E dá-me uma resposta.

Estremeci quando os seus lábios roçaram o meu rosto. Fechei a porta e Landon e eu olhámo-nos fixamente durante um minuto que me pareceu denso e incómodo, tudo aquilo que não queria associar a ele, tudo aquilo...

— Em que é que tens de pensar?

— É melhor sentares-te.

Axel

— Juro-te que este foi o melhor exercício de autocontrolo que fiz em toda a puta da minha vida. Quando o vi a dar-lhe um beijo... eh, pá, quis matá-lo. E é apenas um puto. Um puto que, ainda por cima, parece um tipo porreiro...

O meu irmão serviu-me um café.

— Preferias que fosse um imbecil?

— Não, porra, não.

«Se assim fosse, já estaria morto», pensei. Bufe enquanto Justin atendia outros clientes que tinham acabado de entrar na pastelaria. Eu nunca tinha sentido ciúmes, mas nos últimos meses sentia um desassossego no peito que estava a crescer. A insegurança corroía-me. E o medo. O quanto me assustava passar o resto da vida assim, confuso dentro de mim mesmo, sem nunca mais lhe poder tocar.

Vi o meu pai através do vidro e forcei-me a pôr uma boa cara quando entrou e me deu uma palmada nas costas, antes de se sentar no banco ao meu lado.

— Como vai isso, companheiro? — perguntou, animado.

— Já tive dias melhores — admiti.

— Conta lá as tuas aventuras.

Justin fingiu que ia buscar um pano na zona inferior do balcão, para não se rir em frente a ele, e eu acabei por lhe fazer um sorriso malandro, enquanto pensava na sorte que tinha por ter uma família assim; porque, apesar dos seus defeitos e virtudes, não mudaria nada neles.

— A minha aventura chama-se Leah. Acho que a conheces.

O meu pai olhou para mim com cautela, porque tínhamos falado do assunto, mas não depois de ela ter aparecido novamente na minha vida. Não como nesse dia, em que eu parecia não ter filtro. Justin recebeu um pagamento e aproximou-se de nós.

— Posso ouvir, sou bom nisso — animou-me.

— Está bem. — Cocei o queixo. — Tenho vários problemas. O primeiro é que tenho de a convencer a aceitar ir para Paris com uma bolsa que lhe propuseram.

— Ela devia aceitar. É uma grande oportunidade. Talvez a tua mãe possa falar com ela...

Do outro lado do balcão, Justin parecia expectante, como se estivesse a gostar de ver o espetáculo. Às vezes, surpreendia-me comprovar o quão bem o meu irmão me conhecia, tendo em conta todos os obstáculos que lhe havia colocado para que o fizesse, anos antes.

— O segundo é que quero matar o gajo que anda com ela.

— Filho, isso não é... — Suspirou. — Não está certo.

— E o terceiro problema é que quero comê-la.

— Axel... — O meu pai engoliu em seco, um pouco nervoso.

— De facto, só penso nisso. Algum conselho, pai?

— Foi melhor do que eu pensava. — Justin desatou a rir com uma gargalhada rouca e, quando dei conta, estávamos os três a rir, embora o meu pai continuasse com as faces ruborizadas, e acabou a tossir, algo inquieto.

— Tens muitas frentes abertas — comentou.

— Não é nada *fantastixe* — brinquei.

— Não, não é — sorriu-me.

— Anda, vamos dar uma volta.

Despedimo-nos de Justin e saímos da pastelaria. Caminhámos até à marginal da praia e percorremo-la em silêncio, somente desfrutando desse momento juntos. Quando nos sentámos no muro que ladeava a areia, olhei para o meu pai; os seus óculos de massa, o seu sorriso eterno e o cabelo mais comprido do que a minha mãe gostaria e um pouco despenteado pelo vento. Apeteceu-me fumar um cigarro, mas não o fiz porque sabia que ele preferia que eu não tivesse esse vício.

— Pai...

— Diz, companheiro.

— Se algum dia tiver filhos, só quero ser metade daquilo que és connosco.

— Vocês tornam essa tarefa muito fácil.

Piscou os olhos para conter a emoção, e eu sorri e limitei-me a pôr um braço à volta dos seus ombros, enquanto contemplávamos juntos o azul do mar e os surfistas que procuravam ondas sob o sol daquela manhã tranquila.

Leah

Por alguma razão, quando pensava em Paris, vinha-me sempre à cabeça Claude Monet. No segundo ano, fiz um trabalho sobre ele e a pintura impressionista. Fascinava-me a sua determinação, apesar da rejeição inicial da burguesia, por ir contra os valores tradicionais da arte da época; também a sua obsessão pela procura de cor e da expressão etérea da luz. As pinceladas livres, curtas e carregadas, o toque vibrante e luminoso. Aquele interesse por captar o instante, o impalpável, o efémero. Transmitia-me uma sensação reconfortante, como os momentos que guardamos na memória e que sabemos que não poderão repetir-se. Era mágico. Expressar o volátil com as suas cores puras e justapostas.

A sua obra mais importante, a que dá nome ao movimento, intitula-se *Impressão, nascer do sol*. Quis convencer-me de que não era um sinal. O amanhecer. Ele.

Naqueles dias, só pensava em Monet.

Só pensava em Paris...

Leah

Tínhamos ido jantar fora e passáramos a noite a esforçar-nos para que tudo aparentasse estar bem. Nem sequer tinha a certeza de qual era o problema, mas os silêncios incómodos eram palpáveis, os temas que evitávamos, os olhares que escondiam medos e dúvidas.

Tirei os sapatos quando chegámos ao seu apartamento e fui descalça até à cozinha, para ir buscar um copo de água. Quando o bebi e me virei, Landon estava apoiado na bancada e olhava-me com um ar sério.

— Que se passa? — Dei um passo para ele.

— Temos de falar sobre Paris.

— Achas que não devia ir?

— Não. Na realidade, penso que é uma oportunidade irrepetível e que tens de a aproveitar. Mas isso só complica tudo o resto... — Passou uma mão pelo cabelo, atrapalhado. — Eu gosto de ti, Leah, mas vais para lá, com ele, para um sítio a milhares de quilómetros de distância, e não sei se consigo continuar a fingir que não se passa nada.

— Que estás a tentar dizer? — Engoli em seco.

— Que logo vemos, quando voltares...

— Estás a acabar comigo?

— Não, porque não há nada para acabar. Foste tu que nunca quiseste pôr rótulos à nossa relação, por isso, nem sequer sabemos o que temos — bufou e o seu olhar triste atravessou-me. — Vai para Paris, aproveita isso e... decide-te. Descobre o que realmente queres. Não quero saber do que possa acontecer entre vocês nesses meses.

— Mas não vai acontecer nada.

— Leah, foda-se, não sou cego.

— Que queres dizer? — Estava quase a começar a chorar.

— Que bem vejo como ele olha para ti. E que a ti te conheço demasiado bem para saber que ainda sentes alguma coisa por ele.

— Fechou os olhos, inspirou fundo e mordeu o lábio enquanto punha as mãos nas ancas. — Só... faz o que tens a fazer, mas, quando voltares, dá-me uma resposta. Se nessa altura quiseres continuar comigo, teremos algo real, seremos um casal normal. Porque não consigo continuar com isto assim, percebes?

Assenti devagar, com um nó na garganta.

— E que somos agora, Landon?

Limpou-me as lágrimas e suspirou.

— Somos dois amigos que vão sempre gostar um do outro, aconteça o que acontecer.

Leah

Quando saí do autocarro, já era quase de noite. O meu coração batia rápido no peito à medida que avançava pelo caminho que conduzia a sua casa, mas precisava de fazer aquilo. Precisava... não sei muito bem de quê, na realidade, mas tinha entrado naquele autocarro por impulso com uma ideia na cabeça. Uma ideia que sabia que o meu irmão ou Landon teriam considerado uma loucura, mas que, muito provavelmente, Axel iria achar tão tentadora como eu. Porque, no fundo, havia algumas coisas que eu só podia partilhar com ele, como se temesse que o resto do mundo não as fosse entender da mesma maneira.

Decidi bater à porta principal, em vez de dar a volta e aparecer pelo terraço das traseiras e deparar com a possibilidade de Axel não estar sozinho.

Não gostei da reviravolta que o meu estômago deu.

Bati com os nós dos dedos e esperei, nervosa.

Axel abriu a porta e olhou-me, surpreendido.

— Posso entrar?

Afastou-se, entrei e deixei a mala em cima do sofá. Quando olhei para ele, tentei lembrar-me das palavras que pensara dizer-lhe, mas distraí-me enquanto ele tirava uma camisa das costas da cadeira e a vestia. Contemplei o movimento dos seus ombros e os músculos das suas costas, as linhas retas que terminavam numa curva, a sua pele dourada...

— Que fazes aqui?

— Queria ver-te. E pedir-te uma coisa.

— É sobre Paris? — Neguei com a cabeça. A verdade é que ainda não lhe tinha dado uma resposta sobre isso. — Aconteceu alguma coisa, Leah?

Os seus olhos azul-escuros brilharam inquietos naquele rosto tenso, e deram-me vontade de estender a mão e acariciar as rugas

que se formavam entre as suas sobrancelhas.

— Não. É só que preciso de fazer uma coisa.

Inspirei, nervosa, e ele ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Se essa coisa passar pela minha cama, só tens de dizer, querida. — Perfurei-o com o olhar e ele desatou a rir, conforme ia para o terraço. Segui-o. — Vá, conta lá, Leah. Não me deixes preocupado. Sabes que podes pedir-me qualquer coisa, certo?

Apoiei-me no varandim, ao seu lado.

— Qualquer coisa? — perguntei baixinho.

— O que quer que seja, Leah. Tudo.

— Inclusivamente entrar numa casa?

— Desculpa? — Pestanejou.

— Entrar numa casa abandonada.

— E por que raio haverias de querer...? — Fechou a boca ao perceber o que eu pretendia e mostrou-me um sorriso minúsculo. — Quando?

— Esta noite?

— Está bem. Já jantaste?

— Não. — Dirigiu-se à cozinha e fui atrás dele.

— Qualquer coisa serve.

— Não tenho muita coisa, lasanha que sobrou de ontem e...

— Perfeito — interrompi-o antes de me sentar num dos bancos.

Ele aqueceu os pratos e jantámos em silêncio, olhando-nos de vez em quando, cada um a pensar nas suas coisas. Foi como viajar ao passado durante um instante fugaz. Esvaziei o copo de água quase de uma vez.

— Como vamos fazer?

— Não há muitos vizinhos na zona. Vamos pela parte de trás e trepamos pelo muro. Levo qualquer coisa para abrir a porta. — Olhou para mim. — Tens a certeza disto, certo?

— Absoluta — respondi.

Axel

Queria perguntar-lhe porque é que não tinha pedido a Oliver. Ou a Landon. Ou a outra pessoa qualquer. Teria poupado quase três horas de autocarro e, suponho, o desprazer de me ver, uma vez que, apesar daquela nossa «amizade», por vezes parecia que ela não aguentava olhar para mim. Pelo menos, foi essa a conclusão a que cheguei quando compreendi que um dos aspetos que a faziam hesitar em relação a Paris era que eu a acompanharia.

No entanto, estava tão feliz por vê-la, que uma parte de mim sabia que faria qualquer coisa que ela quisesse, porque o meu coração acelerava sempre que ela estava por perto. Porque ficava duro só de olhar para ela. Porque tinha o rosto mais bonito do mundo e queria beijá-la em todo o lado. Porque estava louco por ela.

— Estás preparada? Vem cá, Leah.

Tínhamos circundado a propriedade e tínhamos as lanternas apagadas, por isso, só víamos o que a Lua conseguia iluminar. Ela pisou uns arbustos, segurei-a pela cintura e levantei-a suavemente, até ela alcançar a beira do muro. Saltou e eu fui atrás. Estendi-lhe o braço.

— Dá-me a mão — pedi-lhe.

Os seus dedos encontraram os meus no meio da escuridão e ignorei o arrepio que me percorreu enquanto a puxava, avançando até à casa entre as ervas daninhas demasiado grandes. Subimos ao alpendre das traseiras e soltei-a ao chegarmos diante da porta. Inspirei e fiz figas para que a porta se abrisse facilmente.

— Eu alumio-te — disse ela, acendendo a lanterna.

Dei uma pancada na madeira com o ombro e o rangido cortou o silêncio da noite. Fechei os olhos e dei outra pancada, com mais força, e a porta abriu-se com um estalido.

— Estás pronta? — perguntei, e ela assentiu.

Desta vez, a sua mão procurou-me por vontade própria e, quando atravessámos a ombreira da porta — do que tinha sido a sua casa durante tantos anos —, apertou-me com força. Engoli em seco, porque as recordações amontoavam-se em cada canto e em cada um dos móveis que alguém tinha tapado com lençóis.

— Querida, se precisares de sair, é só dizeres.

— Estou bem — fungou. — Estou bem, a sério — repetiu, como se tentasse convencer-se. — Estão aqui muitas coisas, muitas...

O feixe de luz da sua lanterna iluminou a sala movendo-se consoante a deixávamos para trás e nos aproximávamos das escadas. Os degraus rangeram com o peso dos nossos passos, mas eu só conseguia ouvir o bater do meu coração. Deixei que Leah desse uma vista de olhos ao seu próprio quarto e esperei pacientemente à porta.

Depois, dirigimo-nos ao estúdio de Douglas.

Eu não estava preparado para tudo o que senti ao entrar ali. Para ver os seus quadros encostados à parede, tintas e dois cavaletes. Engoli em seco e obriguei-me a permanecer sereno quando ouvi o primeiro soluço de Leah.

— Está tudo bem — sussurrou no meio da escuridão. — Foi só... um momento de fraqueza. Mas eu consigo fazer isto, Axel. Quero fazê-lo.

Começou a mover os quadros e eu ajudei-a, afastando alguns. Quando me vi em frente a um deles, fiquei sem ar.

— Espera. — Peguei nele.

— Que foi?

Leah aproximou-se. Tentei tirar o pó que cobria a tela e coloquei-o em cima de um dos cavaletes que estavam abertos. Respirei fundo.

— Este vou ter de levar.

— Que é que tem de especial?

— Foi a primeira vez que pintei. Não sei porque é que o teu pai o guardou. Nem me tinha passado pela cabeça. — Levei uma mão à boca enquanto Leah continuava a iluminar. — Tu tinhas três anos e estavas aqui a dançar enquanto ele pintava. Deixou-me pegar no pincel e isto aqui fui eu que fiz. Um céu limpo... — Deslizei as mãos por aquela zona.

— Tu e o céu limpo.

Virei-me para Leah e distingui a curva do seu sorriso na penumbra. Olhámo-nos em silêncio, ligados de um modo que eu não conseguia entender. Ouvi a sua respiração.

— Obrigada por teres vindo comigo...

Assenti com a cabeça e continuámos a ver o estúdio. Talvez aquilo fosse roubar, mas, porra, estava a pensar levar comigo muitos daqueles quadros. Não tinham valor. Não para os atuais proprietários da casa, mas para nós, sim. Um valor incalculável.

Por certas coisas, vale a pena arriscarmo-nos de olhos fechados.

Quando saímos, prometi-lhe que voltaríamos noutro dia com o carro, para levarmos alguns quadros e recordações. Levantei-a novamente para que alcançasse o muro e tentei ignorar o perfume feminino que se desprendia dela, bem como a vontade que tinha de a apertar contra o meu corpo. Quando começámos a caminhar rua abaixo, dirigimo-nos vários olhares divertidos. Se pensava que Leah tinha mudado, porque parecia mais mulher, mais serena e mais ponderada, enganara-me. Continuava a ser a mesma miúda disposta a cometer loucuras e a viver aventuras, a deixar-se levar quando eu a desafiava, a passear comigo de madrugada sob o vento morno da noite de uma qualquer quinta-feira.

— Que estamos a fazer? — perguntei.

— Não sei — riu-se, mas consegui ver, à luz dos candeeiros da rua, que ainda tinha os olhos avermelhados. — Não tenho onde dormir.

— E apanhaste um autocarro sem pensar.

— Estava a improvisar!

— Vamos para casa — estendi-lhe uma mão, ela olhou-a, negou com a cabeça e seguiu em frente. — Que queres, minha doidinha?

— Vamos ficar acordados a noite inteira. Só a passear, a falar, ou sentando-nos em algum sítio. — Não disse que ainda não estava preparada para dormir em minha casa, mas às vezes conseguia lê-la através da sua pele e da súplica que os seus olhos escondiam.

— Parece-me um plano estupendo.

E, então, foi isso que fizemos.

As horas foram passando à medida que percorríamos as ruas vazias, conhecendo-as de uma perspectiva diferente da diurna, quando estavam cheias de gente. Descemos até à marginal da praia e tentei não fazer nenhum disparate, quando, deitada na areia, ela me confessou que a sua relação com Landon não estava no seu melhor momento. Esforcei-me por a escutar. Esforcei-me por ser seu amigo. Esforcei-me por não desejar fazer amor com ela ali mesmo, embora tenha sido em vão. E depois, quando regressámos e parámos num parque infantil solitário, sentámo-nos nos baloiços. Ri-me enquanto ela se baloiçava e o vento da noite lhe despenteava o cabelo. Ali, a agarrar as cordas do meu baloiço e sem tirar os olhos de Leah, senti-me vivo outra vez. Quando estávamos juntos, parecia que o mundo era mais colorido, mais vibrante, mais intenso. Era isso que ela era para mim.

— Tem cuidado — disse ao vê-la torcer-se para um lado.

— Se eu cair, apanhas-me?

— A que propósito vem essa pergunta?

Leah travou com a ajuda dos pés.

Olhou para mim. Fixei o olhar na sua garganta ao vê-la engolir em seco.

— Se eu cair em Paris, vais apanhar-me, Axel?

Sustive a respiração quando percebi.

— Sempre, querida. Prometo.

— Tenho medo de caminhar sozinha.

— Eu sei. Mas eu vou lá estar.

Ela assentiu, ainda hesitante, e inspirou.

— Quando é que vamos?

Há anos que não sorria assim.

Leah

Há feridas horríveis, em carne viva; e há outras piores, daquelas que não sangram, daquelas que parecem ter cicatrizado, mas que, se lhes tocares, doem como no primeiro dia.

Axel era a minha ferida.

Março

(PRIMAVERA, PARIS)

Axel

Contemplei o mar azul e imenso através da janela oval, com o coração ainda ligeiramente sobressaltado, já que voar não era para mim.

— Em que estás a pensar? — perguntou Leah.

Virei a cabeça para a olhar. Estava linda.

— Acredita, não queres saber.

— Diz lá — insisti.

— Está bem. — Aproximei a minha cabeça da sua para lhe falar ao ouvido. — Estou a pensar que estamos a mais de vinte mil pés de altitude, a voar num bocado de lata que não me inspira confiança nenhuma, mas do qual nenhum dos dois consegue sair... — Deslizei o olhar até aos seus lábios, quando ela os humedeceu. — Portanto, se procurasse um momento perfeito para te dizer que continuo louco por ti, este seria o ideal. Ou se quisesse contar-te que, não sei como, mas vou tentar fazer com que me perdoes em cada dia que passe. Também podia dizer-te que já estive prestes a beijar-te várias vezes...

— Axel... — Ficou tensa no seu lugar e reparei como a sua respiração acelerava.

— Mas, como te disse, são apenas suposições.

Sorri, inocente. Leah expulsou o ar contido.

Leah

Todos temos os nossos mecanismos de defesa. Ante a dor, a traição, o perigo. Expressar as emoções, saber digeri-las e interiorizá-las nem sempre é fácil. No meu caso, o que mais me custava era aprender a pôr um ponto final. Pensava, pensava e pensava na mesma coisa, dando voltas à cabeça, observando-o de diferentes ângulos e perspectivas, até que chegava a uma conclusão que, para mim, era válida. E então... não sabia o que fazer com essa conclusão. Que fazes com os sentimentos, assim que consegues rotulá-los mentalmente? Ordena-los por cores? Guarda-los numa gaveta? Deixas que te acompanhem no dia a dia e aprendes a trazê-los contigo, como se fossem um cachecol que cada vez te aperta mais?

Eu não sabia soltá-los. Deixar esses pensamentos ir.

Talvez por isso ainda não tivesse falado com Axel, por causa dessa parte de mim que resistia. Tinha as mãos cheias de acusações, mas era incapaz de as deixar sair, ainda que carregá-las às costas me fosse consumindo, pois a cada dia me pareciam mais pesadas. Tinha medo. Não queria abrir aquela caixa em que guardava as coisas feias, tudo o que acontecera entre nós.

Tinha medo de que a linha que separava o ódio do amor fosse tão fina e estreita, que pudesse ir de um extremo ao outro só com um salto. Eu amava Axel, amava-o visceralmente, com o olhar, com o coração; todo o meu corpo reagia quando ele estava por perto. Mas outra parte de mim também o odiava. Odiava-o com as recordações, com as palavras nunca ditas, com o rancor, com esse perdão que era incapaz de lhe oferecer de mão beijada, por muito que desejasse fazê-lo. Ao olhar para ele, via o negro, o vermelho, um púrpura latente; as emoções a transbordar. E sentir algo tão caótico por ele fazia-me mal, porque Axel era uma parte de mim. Sê-lo-ia sempre. Apesar de tudo.

Leah

Um taxista esperava-nos no aeroporto.

Levou-nos ao apartamento em que iríamos passar os meses seguintes e, depois de nos ajudar a tirar as malas, entregou a Axel a chave que Hans lhe dera. A seguir, foi-se embora e ficámos os dois ali parados no meio da rua, erguendo o olhar até ao céu cinzento para contemplar o edifício antigo de estilo Haussmann.

Axel abriu a porta e eu segui-o. Havia um elevador, que devia ser pré-histórico, com um aviso na porta: «Ça ne marche pas», que, a julgar pelo cadeado que o mantinha fechado, devia significar que não funcionava. As escadas eram estreitas e escuras, e eu sentia um formigueiro à medida que íamos subindo, arrastando a bagagem a muito custo.

— Se as malas forem demasiado pesadas, deixa-as.

— Estou bem — repliquei.

Chegámos ao último andar, o terceiro. Axel abriu a porta do apartamento e acendeu as luzes antes de se afastar para o lado. Dei uma volta sobre mim mesma contemplando os tetos altíssimos com as suas molduras e rosáceas, e as enormes janelas. A luz refletia-se no soalho claro de madeira e perguntei-me como era possível que aquele edifício, com aspeto de ter tantos anos, escondesse uma casa tão bonita.

Uma escada de metal que se enrolava na parte superior conduzia ao que pareciam ser umas águas-furtadas, e deduzi que esse seria o meu estúdio durante os meses seguintes. Tirei o casaco fino que levava vestido e deixei-o no braço de um dos sofás, antes de abrir as três portas que escondiam uma casa de banho e dois quartos.

— Podes ficar com o que tem a cama maior — disse, e sustive o ar, porque até esse momento não tinha querido pensar no quão difícil seria ver Axel todas as manhãs, todas as noites, todos os dias.

— Acho que faz sentido. Que durmas mais à larga e isso. Tu sabes o que quero dizer. Além disso, gosto da vista do outro.

— Boa — respondeu sem dar muita importância.

Enquanto ele punha as malas nos quartos, aproveitei para subir às pequenas águas-furtadas. Sorri ao descobrir um espaço confortável e limpo, com um par de cavaletes abertos, telas em branco e algum material, mas não o suficiente, pelo que necessitaria de comprar mais utensílios.

Ouvi os passos de Axel atrás de mim.

— Uau, tem uma boa iluminação.

— É perfeito — admiti.

Ele abriu uma janela e o ar fresco arejou o meu novo estúdio. Suspirei, satisfeita, ao revistar cada canto e dando conta da sensação de impaciência que se apoderava de mim, porque tinha vontade de estrear aquele espaço e de pintar ali, contemplar a rua durante horas e deixar-me levar sem pensar em mais nada, aconchegada por aquelas paredes.

— Estás contente?

— Muito. Sim. E nervosa, também.

— Vá, depois vemos isto com mais calma. Combinámos com o Hans daqui a menos de meia hora e espero que o sítio seja perto, porque não faço ideia de onde estamos.

Saímos para a rua. O vento era frio, sobretudo se comparado com as temperaturas suaves a que estávamos habituados. Levávamos roupa fina e confortável; à medida que caminhávamos, seguindo as indicações do telemóvel, pensei que teríamos de comprar alguma roupa quente, a não ser que o bom tempo chegasse de repente.

Por acaso, o restaurante em que tínhamos combinado com Hans era perto do apartamento, a apenas algumas ruas do famoso Moulin Rouge, por baixo do bairro boémio de Montmartre. Le Jardin d'en Face tinha uma fachada de um verde veronês e, por dentro, era confortável, quase rústico.

Um tipo de cabelo grisalho e sorriso pronunciado levantou-se quando entrámos, e Axel e ele deram um abraço breve. Depois, Hans olhou para mim e surpreendeu-me, dando-me dois beijos.

— Prazer em conhecer-te, Leah.

— Igualmente, senhor Hans.

— Podes esquecer o «senhor», ainda me sinto jovem — brincou.

— Venham, reservei uma mesa. Que vos apetece beber? Peço uma garrafa de vinho?

Respondemos que sim, enquanto nos instalávamos.

— Que tal a viagem? — perguntou, interessado.

— Correu bem, mas ainda não sei muito bem que horas são — respondeu Axel, fazendo-o rir. — O apartamento é incrível. E o estúdio também, não é, Leah?

— É lindo. Adoro a luz.

— Esplêndido, era essa a ideia.

Pedimos os pratos e concentrei-me na minha salada, enquanto eles punham a conversa em dia relativamente à galeria de Byron Bay e aos nossos planos para Paris; para começar, teríamos de comparecer a um salão de arte nessa mesma semana. E, pela quantidade de propostas que Hans fez, iríamos estar bastante ocupados.

Quando Axel se levantou para ir à casa de banho, Hans observou-me pensativo e deixou-me ligeiramente nervosa.

— Então, a arte está um pouco nos genes...

Olhei-o de lado, surpreendida.

— Conhecia o meu pai? — perguntei.

— Sim. Comprei umas das suas obras, há muitos anos. Tinha talento. E a tua mãe também, embora não a fascinasse tanto o mundo da arte quanto a ele, mas quando se dedicava... — Brincou com o guardanapo entre os dedos. — Não precisas de estar nervosa, Leah. Confio nas tuas capacidades quase mais do que tu própria. Vai correr bem.

— Gostava de acreditar nisso — sorri.

— Que é que te preocupa?

— Tudo. A novidade. As pessoas. A língua.

Hans olhou para mim compreensivo e ergueu as sobrancelhas.

— A minha mãe era australiana e o meu pai, francês, por isso, passei grande parte da minha vida a viajar de um lado para o outro. Acredita, aqui, tudo o que precisas de saber nos primeiros dias é como cumprimentar as pessoas.

Axel voltou a sentar-se ao meu lado e sorriu.

— Os parisienses gostam de cumprimentar?

— Muito. E de uma maneira muito peculiar. Vais ver, às segundas e terças-feiras é preferível dizer *bonne semaine*, às quartas e quintas, usar *bonne fin de semaine*, e às sextas, *bon week-end*.

Desatei a rir, porque, sem nenhuma razão, aquilo pareceu-me muito cómico. E, de certo modo, a tensão que me envolvia desde que chegáramos a Paris dissipou-se repentinamente. Tomei notas daquelas expressões num guardanapo e Axel não parou de fazer troça disso. Depois, limitei-me a apreciar o almoço sem pensar mais nos meus medos, degustando as sobremesas e escutando as histórias com que Hans nos entreteve.

Axel

Tinha a cabeça quase a estalar. Tentei aguentar até terminar o almoço e, quando chegámos ao apartamento, fui buscar um comprimido à mala.

— Não te sentes bem? — Leah olhou para mim.

— Já passa. Depois, podemos ir dar uma volta, sair para ver a zona e jantar em algum lado, que tal?

— Claro. Precisas de alguma coisa?

Sorri, travesso, e apontei para a face.

— Nunca digo que não a um beijo teu.

— És um idiota, Axel. — Subiu as escadas, mas vi a curva dos seus lábios antes que desaparecesse no estúdio, e isso aqueceu-me por dentro.

Suspirei profundamente, tomei o comprimido e deixei-me cair na cama do meu quarto com os braços atrás da cabeça, a olhar o teto e a pensar... a pensar que uma parte de mim sentia que estar ali, em Paris, era como começar do zero. Apesar de isso não ter lógica nenhuma, tinha a sensação de que ao sair do avião era uma pessoa diferente daquela que lá entrara, e perguntava-me se, ao regressar a casa, continuaríamos a ser os mesmos ou não; porque, de algum modo estranho, Leah e eu dedicávamo-nos a despir camada após camada sempre que as nossas vidas se encontravam numa daquelas encruzilhadas em que temos de decidir qual a direção a seguir.

Leah

A primeira semana foi tranquila. Mal tivemos tempo livre, porque, quando não estávamos a comprar material, roupa ou comida, tínhamos de ir à galeria de que Hans era sócio e conhecer montes de gente, embora eu não fosse capaz de reter os seus nomes.

— Como é que ele disse que se chamava aquele?

Axel reprimiu um sorriso e inclinou-se para mo sussurrar ao ouvido. Estremeci ao sentir a sua respiração morna tão próxima, quase fazendo cócegas no meu pescoço. Nessa noite, tinha umas calças escuras e uma camisa branca formal, muito mais formal do que me lembrava de alguma vez o ter visto. Estava dolorosamente ciente de como ele me atraía: do queixo com a barba acabada de fazer, do cheiro do perfume que tinha posto antes de sair e do seu olhar penetrante.

— Armand Fave — recordou-me.

Com um trago, acabei a bebida que nos tinham servido e sorri ao fixar o olhar no colarinho da camisa de Axel e na gravata mal apertada. A verdade é que não tínhamos nada que ver com aquele ambiente. Que fazíamos nós ali?

— Que é que tem tanta graça? — perguntou.

— Nada, vem cá, deixa-me ajeitar-te isto...

Estávamos num canto do espaço imaculado, cheio de pessoas que conversavam, bebiam e comentavam os quadros de artistas consagrados que tinham participado na inauguração daquele salão. Por azar, eu não conhecia nenhum deles, por isso, sentia-me um pouco perdida.

Dei um passo para Axel, encurtando a distância que nos separava, e ele respirou fundo, quando deslizei as mãos pela sua nuca para lhe ajeitar o colarinho da camisa, antes de tentar arranjar o nó da gravata, apertando-o ligeiramente.

A sua respiração morna acariciou-me.

— Não te devias aproximar tanto.

— Por acaso, estarei em perigo?

— Tenho a certeza de que o Capuchinho Vermelho fez a mesma pergunta ao Lobo Mau — replicou com a voz rouca, e eu apertei o nó mais do que devia. — Fónix, querida — franziu o sobrolho, levando uma mão ao pescoço para o afrouxar.

Sorri, satisfeita, antes de dar um passo atrás, embora por dentro estivesse a tremer. Porque as suas palavras, a sua voz, o seu olhar... ainda estava a tentar recuperar do que me tinha sussurrado no avião, e de como era complicado vê-lo a toda a hora, tê-lo tão perto e tentar lembrar-me de todas e de cada uma das razões pelas quais não devia baixar a guarda.

— Aqui estão vocês — Hans sorriu-nos. — Queria apresentar-vos a um dos sócios da galeria, William Parks. E esta mulher deslumbrante é a sua esposa, Scarlett.

Cumprimentei ambos. Tinham um sotaque britânico marcado e um certo ar distinto, perante o qual era difícil ficar indiferente, porque pertenciam àquela classe de pessoas detentoras de um encanto fascinante que captam todas as atenções quando entram nalgum sítio. Tudo neles emanava elegância, luxo e sofisticação.

Após uns instantes, em que Axel se encarregou de fazer conversa, Scarlett deu-me o braço com a desculpa de ir buscar uma bebida. Não consegui recusar. Atravessei a sala com ela e comecei a ficar nervosa quando parou diante de um quadro imenso com formas geométricas, linhas quebradas e cores frias.

— Que pensas desta obra? — perguntou-me.

— É interessante. — Não acrescentei que, apesar disso, na minha opinião, faltava-lhe algo difícil de explicar. A alma, a emoção, a intenção.

— O artista chama-se Didier Baudin e, até há pouco menos de um ano, só expunha em algumas feiras e nuns quantos restaurantes conhecidos que aceitaram dar-lhe uma ajuda. O meu marido e eu vimos nele talento e futuro. Acredita, há anos que nos dedicamos a isto, sabemos distinguir um diamante escondido numa montanha de pedras, e o catálogo das tuas obras que Hans nos mostrou pareceu-nos... refrescante. Sim, creio que é essa a palavra. Algo inesperado

no meio da monotonia. Confia em mim quando te digo que, se trabalharmos juntos, podemos conseguir grandes resultados.

Piscou-me um olho e eu agradei-lhe, quase num sussurro, porque não soube o que responder, nem até que ponto o seu interesse me alegrava ou incomodava.

Quando a inauguração terminou e fomos embora, eram onze horas da noite e as ruas de Paris estavam quase vazias. Estava frio, mas, sobre o vestido, tinha o casaco que comprara na semana anterior. Por azar, tinha também os únicos sapatos de salto alto com que tinha saído da loja.

— Estão a matar-me — protestei.

— Então, tira-os — Axel encolheu os ombros.

— Não estamos em Byron Bay — lembrei-lhe.

— Que é que isso interessa? Anda, eu levo-te.

Ri-me e neguei com a cabeça, era engraçado ver como o ambiente quase não influenciava Axel. Agarrei o braço que me ofereceu para caminhar mais facilmente e aguentei até chegarmos ao apartamento. Tirei os sapatos quando cruzámos a porta.

— Vamos ter de ir a mais festas destas?

— Receio bem que sim — respondeu. — Uma bebida?

Neguei com a cabeça e ele serviu-se com dois dedos de um licor âmbar. Sentou-se ao meu lado no sofá e deu um gole grande. Engoli em seco quando o seu olhar desceu pelo meu pescoço até se fixar no decote do meu vestido preto.

Tremi. Por dentro também.

E odiei o desejo que senti.

A vontade. As memórias.

Levantei-me quando percebi que o meu coração começava a bater mais depressa e dei-lhe as boas-noites quase sem olhar para ele. Suspirei profundamente ao fechar a porta do meu quarto, tirei o vestido e vesti o pijama, antes de me aproximar da janela e contemplar em silêncio as luzes da cidade, o céu em que apenas se distinguiram estrelas, tão diferente do de casa, as chaminés e os telhados de Paris...

Axel

Tentei dar-lhe espaço durante os dias que se seguiram. Leah não estava muito satisfeita com o seu próprio trabalho, apesar de passar horas fechada no estúdio, perdida no seu próprio caos. Quando levava, distraída, um chupa-chupa à boca, não o saboreava devagar, mordia-o, partindo-o em pedaços. Tinha posto de parte três telas que deixara a meio, e eu concordara, porque sabia que ela conseguia fazer muito melhor e, principalmente, porque queria que ela estivesse contente com o resultado. Era evidente que se sentia pressionada por ter de mostrar alguma coisa a Hans na semana seguinte, mas não dei muita importância a isso; estávamos ali com uma bolsa, queria que ela levasse tudo com calma e que aproveitasse a cidade, a experiência. Era isso que dizia a mim próprio, sempre que olhava para a porta do estúdio fechada e sentia que as horas se esticavam, cheias de silêncios.

Rapidamente, criei uma nova rotina: subir a Montmartre ao amanhecer.

Já que não me podia cansar no meio das ondas, acabei por me perder pelas escadarias íngremes e as encostas que conduziam até ao bairro mais boémio. Em cada manhã, enquanto Leah ainda dormia, cruzava a praça dos pintores e desviava-me para a direita, onde era recebido pelo Sacré-Coeur. Ali, sentava-me num degrau qualquer e contemplava a forma como a cidade se espreguiçava, lentamente. Depois, voltava para trás e, antes de regressar ao apartamento, tomava o pequeno-almoço na pastelaria da esquina da nossa rua, sem pressa, pensando nela, pensando em como derrubar as portas fechadas à chave que ainda nos separavam, aquelas que estavam cheias de tudo o que ainda não tínhamos dito um ao outro.

Leah

Demorei vários dias a criar uma coisa com que me sentisse satisfeita, embora não fosse, nem de longe, o melhor que já tinha feito. «Mas é aceitável», pensei, ao dar uma última olhadela à tela no cavalete. Suspirei e comecei a limpar os pincéis e a organizar um pouco o desastre que ali estava. Desci e tomei um duche. Só nesse momento, ao secar o cabelo com a toalha depois de vestir roupa confortável, dei conta de que não sabia nada de Axel há horas, quando habitualmente ele andava à minha volta, espreitando o que eu ia fazendo ou propondo-me mil planos que eu costumava recusar, por medo de me aproximar demasiado dele e de me queimar.

Ao passar junto do seu quarto, vi que a porta estava entreaberta e o interior, às escuras. Hesitei, mas abri tentando não fazer barulho. Axel estava deitado na cama com as cortinas corridas, impedindo a luz do entardecer de entrar. Endireitou-se ao notar a minha presença.

- Estás bem? — perguntei, insegura.
- A cabeça, enxaquecas de merda.
- Devias usar os óculos mais vezes.
- Pois — resmungou de mau humor.
- Espera aí, vou buscar alguma coisa.

Fui à cozinha buscar um copo de água e um comprimido, e molhei uma toalha pequena em água fria. Ao regressar ao quarto, acendi uma luz de presença e Axel semicerrou os olhos.

- A luz incomoda-me — grunhiu.
- Não sejas tão queixoso. Vá, toma o comprimido.

Axel recostou-se na cabeceira da cama e o lençol resvalou pelo seu torso. Como se não se lembrasse de que já não estávamos no outro lado do mundo, continuava sem se habituar a usar camisolas. Afastei o olhar quando me devolveu o copo de água e o deixei na

mesa de cabeceira. Apaguei a luz, pedi-lhe que se voltasse a deitar e pus-lhe a toalha molhada sobre a testa.

— Não te alivia um pouco?

— Alivia-me que estejas aqui.

Revirei os olhos e suspirei.

— Se precisares de alguma coisa, chama-me...

— Espera. Fica um pouco. Por favor.

Moveu-se para me dar espaço na cama. Havia desportos de risco menos perigosos do que aquele pequeno espaço no colchão. Não sei durante quanto tempo fiquei em silêncio, indecisa, e Axel parecia desafiar-me, como sempre. Estremeci.

— Tens medo de quê?

Era como se ele conseguisse ouvir todas as palavras que eu calava e, enquanto me sentava ao seu lado e ele me puxava suavemente para que me deitasse, desejei ser opaca aos seus olhos. Fiquei rígida, com o olhar cravado no teto e os nossos braços a tocarem-se no meio da cama. Conseguia sentir a sua respiração pausada ao meu lado e a situação pareceu-me tão íntima, tão perigosa...

— Que é que queres, Axel?

— Não sei. Fala comigo, conta-me qualquer coisa.

E foi o que fiz. Confessei-lhe que não me sentia completamente confortável com o que tinha pintado naqueles dias, embora ele já o soubesse. Também lhe falei do breve encontro com Scarlett, na inauguração do salão de arte, e de que aquilo tudo estava a ser um bocado excessivo.

— Lembra-te de que é temporário, Leah.

— Sim. Mas mesmo assim...

Não acabei a frase. Sentia um formigueiro na pele. Tinha o estômago encolhido. Inspirei fundo e tentei descontrair. Houve um momento em que deixei de contar os segundos que passava junto de Axel e de amaldiçoar as cócegas que sentia sempre que ele se movia e o seu braço tocava no meu. Fechei os olhos e só vi cores; tons pastel, claros, suaves...

Pestanejei, baralhada.

E depois, senti-o. O seu corpo junto ao meu, a sua mão na minha cintura, os seus lábios junto à minha face, a sua presença envolvendo-me num abraço quente. Concentrei-me em respirar, quando dei conta de que estava a conter a respiração. Depois, fiquei ali quieta, muito quieta, e perguntei-me porque não me levantava e ia embora.

Talvez por desejar, durante um instante, viver dentro daquela possibilidade que ambos tínhamos perdido. Não. Que ele tinha deitado fora. E não conseguia evitar recordar que ali dentro, entre os seus braços, tinha sido feliz, muito feliz.

Axel moveu-se e senti os seus dedos a agarrar com suavidade as minhas costelas. Nesse momento, compreendi como parecia percorrer sobre a camisola o contorno das letras que um dia desenhara sobre a minha pele e que eu quis tatuar para sempre: *Let It Be*.

— Axel... — sussurrei quase sem voz.

— Deixa acontecer, querida.

E um segundo depois os seus lábios encontraram os meus e eu só conseguia sentir. Como uma vez ele me ensinou, com a mente em branco e o coração aberto, senti a sua boca perfeita, a sua língua a acariciar-me, o seu estômago a vibrar quando deixou escapar um gemido rouco, as suas mãos a passarem por baixo da minha camisola, cada toque das pontas dos seus dedos a queimar-me a pele, deixando um rasto invisível, mas permanente.

Senti tudo. Senti o desejo, o ódio, o amor, a amizade, o mar, a desilusão. Senti todas as coisas que Axel tinha sido para mim, e vi as emoções a espalharem-se sobre uma gravura pintada com aguarelas demasiado aguadas que acabavam por sair do contorno.

Axel

Não conseguia pensar. Não conseguia. Não conseguia.

Porque a sua boca era viciante.

Porque estava fora de controlo.

Porque a amava tanto... Grunhi quando Leah me mordeu o lábio, mas a dor só me incendiou mais. Puxei-lhe a camisola para cima e inspirei com sofreguidão. Ela gemeu com força quando pressionei a anca contra a sua coxa e ela percebeu como eu estava duro. Precisava... precisava de ar. E de estar dentro dela. E de fazer amor com ela até que ela percebesse que tinha de me perdoar, que ninguém poderia sentir por ela tudo aquilo que me enchia o peito e me sufocava.

Mas isso não ia acontecer. Porque antes que pudesse arrancar-lhe a roupa, fiquei paralisado, ao sentir nos lábios o sabor salgado das suas lágrimas entre beijos e saliva.

— Não faças isso. Não chores comigo, foda-se.

— Afasta-te. Por favor, Axel. Por favor.

Acho que nunca outras palavras me tinham magoado tanto, mas deixei de a abraçar e larguei-a. Leah levantou-se a soluçar, saiu do quarto e percebi que se tinha fechado no seu ao ouvir uma porta fechar-se, ressoando por todo o apartamento. O meu coração batia agitado e perguntei-me se iria fazer o mesmo de sempre, ficar ali sem lutar, sem reagir, a deixar que os dias passassem como se não tivesse acontecido nada.

Tinha de ir ter com ela. Não, precisava de ir ter com ela.

Leah

Levei uma mão trémula aos lábios e toquei-lhes como se fossem os de uma desconhecida, porque não sabia bem quem era a rapariga que minutos antes tinha gemido debaixo do corpo de Axel, enquanto o mundo se desfazia entre beijos e escuridão.

Queria apagar essa memória. Queria ficar com ela.

Queria... ser outra pessoa. Mais forte. Mais dura.

Axel era o selvagem, a necessidade, o impulso. Mas não conseguia deixar de pensar em Landon, que era o ternurento, o seguro; nem de os comparar, ao perceber que ia perder Landon. Que talvez já o tivesse perdido. E, apesar do que tínhamos falado antes de me vir embora para Paris, não estava preparada para enfrentar isso. Porque precisava de um pilar sólido. Porque, com Axel, jamais teria os pés no chão, seria sempre como estar a voar; a vertigem, o risco.

Axel abriu a porta sem bater e entrou.

Tinha o olhar incendiado e uma ferida no lábio. Não me saiu a voz para lhe pedir que se fosse embora. Ouvi-o respirar agitado, percorreu o meu quarto de um lado ao outro e levou uma mão à nuca. Parou e fixou os seus olhos em mim, atravessando-me.

— Temos de falar, Leah.

— Não aconteceu nada — gemi.

Baixou-se em frente à cama, onde eu estava sentada, e fechou os olhos como se estivesse a fazer algum tipo de exercício de autocontrolo, apoiando a testa no rebordo de madeira. Quando levantou a cabeça, quis morrer ao ver a angústia em cada um dos seus gestos, no seu olhar.

— Eu tentei... juro que tentei. Mas não aguento continuar assim, a fingir que não sou doido por ti. Mas é o que eu faço. E todas as manhãs, quando passo pelo teu quarto, tenho de travar o impulso de te acordar com beijos, de te abraçar durante o resto do dia, e à

noite... nem queiras saber no que penso. Preciso de saber o que é que tenho de fazer para que me perdoes. Diz-me, apenas... diz-me. E assim farei. Seja o que for.

Limpei as lágrimas com as costas da mão.

— Falas como se fosse muito simples — a voz tremia-me. — Mas não é, Axel. É muito mais do que isso. É passar anos sem compreender nada. É tudo o que está estragado. É tudo o que ainda se pode estragar. E é outra pessoa no meio.

Um músculo do seu maxilar ficou tenso.

— Estás apaixonada por ele?

Quis gritar-lhe que sim, mas não o fiz. Porque já havia demasiadas mentiras e palavras vazias entre nós. Veio-me à cabeça aquela música que dançámos juntos, no dia em que pensei que Axel era finalmente meu, quando ainda estava tão iludida e acreditava que as coisas podiam ser tão simples. Os acordes de *The Night We Met* abraçaram-me enquanto eu o olhava e percebi que ele não me tinha feito a pergunta certa. Porque a questão não era se estava apaixonada por Landon, a questão era porque é que já não queria estar apaixonada.

— Com ele as coisas são diferentes.

— Em quê? Explica-me.

— Não discutimos...

— Os casais discutem, Leah.

— Não fazemos mal um ao outro...

Axel engoliu em seco bruscamente.

— Porra, eu nunca te quis fazer...

— Eu sei — interrompi-o.

— Que te dá ele que não tenhas comigo?

Custou-me deixar sair as palavras, ser sincera.

— Segurança. Confiança — respirei fundo.

— E por acaso não confias em mim, querida?

— A confiança conquista-se, Axel.

Ignorei a súplica que os seus olhos escondiam, e tive de desviar o olhar quando a dor os cobriu por completo. Não lhe queria fazer mal, nem mentir, porque aquela era a única verdade a que me agarrava: com Landon, sentia-me protegida. E com Axel, sentia-me como se

tivesse acabado de me atirar de paraquedas. Talvez por isso, o que calei foram as outras coisas que também pensei naquele momento: que a confiança se conquistava, sim, e que qualquer um podia consegui-lo com esforço, boas intenções e honestidade. Mas... o amor? Não, o amor passional, aquele que nos faz estremecer dos pés à cabeça ou que nos aperta as entranhas com um olhar, esse não se conquista, porque nasce até quando uma pessoa não quer. Porque o coração ganha à razão. Porque não há uma fórmula secreta que nos impeça de nos apaixonarmos por essa pessoa que se mostra imprópria, ou cheia de defeitos, ou que tem namorada, ou que jamais dará conta de que tu existes...

E isso era o que me assustava. Muito.

Sustive a respiração e Axel levantou-se. Tinha um nó na garganta.

— Não devias ter perguntado isso.

Pôs a mão na maçaneta da porta.

— E que devia ter dito, Leah?

— O que é que procuro. Porque... sabes uma coisa? — funguei, sentindo-me tão despedaçada e tão vazia e tão perdida. — Tu tinhas razão. Devia ir para a universidade, sair de Byron Bay e enfrentar as coisas sozinha. Mas, ao fazê-lo, percebi que não precisava de ti. A vida continuou.

Havia tantas emoções presas no seu olhar...

— E isso faz-me sentir orgulho em ti.

— Mas não devia. Porque depois percebi que não eras imprescindível, Axel. Compreendi que nada o é, que esse tipo de romantismo não existe. E uma parte de mim perdeu-se no dia em que apaguei essa ideia da minha cabeça. A de que existem amores idílicos pelos quais vale a pena lutar contra o mundo. Dito em voz alta até soa ridículo, não é? Acho que é porque o é. Porque, como sempre, tu ganhas.

Axel hesitou. O seu peito despido subia e descia.

— Porra, Leah. Desculpa-me por to dizer, mas enganei-me, por isso, acho que perdemos os dois. Tu, por acreditares em mim e não confiares em ti mesma. Eu, por ser um palerma.

Depois, saiu do quarto.

E eu tentei respirar, respirar...

Leah

Nos três dias que se seguiram, mal falámos. Se Axel cozinhava, dizia que me tinha deixado comida no frigorífico. Se eu ia às compras, perguntava-lhe se precisava de alguma coisa. A tensão instalava-se em cada canto, como bocados de algodão. E os silêncios. E os olhares esquivos. O curioso é que tudo me parecia familiar, porque não era a primeira vez que vivíamos debaixo do mesmo teto desta maneira, evitando-nos e procurando-nos ao mesmo tempo, caminhando em círculos em torno um do outro, como se estivéssemos à espera de alguma coisa.

Uma parte de mim, que eu queria silenciar, não parava de recordar a sensação arrebatadora que me tinha sacudido ao sentir de novo os seus lábios sobre os meus. Tão quentes. Tão ansiosos. Tão selvagens. E sentia-me culpada por isso, irritada comigo mesma por me lembrar disso.

A outra parte continuava chateada com ele.

Tinha andado a remoer durante muitos anos o que acontecera. Remoí, remoí, remoí... mas não digeri. Talvez fosse por isso que não o conseguia perdoar. Não pelo que fez, mas pela maneira como o fez e pela razão por que o fez. Desiludiu-me que fosse tão covarde e, sobretudo, que tomasse uma decisão por mim, pior, apesar de mim. Que voltasse a tratar-me como uma criança, depois de tudo o que tínhamos vivido juntos. Que no fim não fosse, afinal, o rapaz sincero pelo qual eu me tinha apaixonado. Que me dececionasse...

Era essa a palavra. Deceção. Suponho que parte da culpa fosse minha, por acreditar que ele era perfeito, por o idealizar desde sempre, derretendo-me ao ver o seu sorriso malandro, o seu olhar intenso, a sua maneira de andar despreocupada. O mais triste era que Axel se escudava nesse ar sincero e livre, para esconder que, na realidade, sempre tivera as mãos atadas. Ele mesmo o disse;

atou-as, limitou-se, decidiu que era muito mais fácil ficar na beira do precipício do que atrever-se a saltar. E o pior de tudo é que, por o saber desde o princípio, tinha o pressentimento de que a nossa história não tinha mudado muito. Porque Axel sempre me atraía pelas suas luzes e sombras, pela sua complexidade e contradições.

Tudo aquilo que era em Paris, mas com mais intensidade.

E eu tinha pavor de cair na tentação, na curiosidade.

Axel

Ter de a ver a toda a hora era como uma tortura lenta e dolorosa. Queria aproximar-me dela, mas não sabia como. Queria poder dizer ou fazer alguma coisa que não lixasse mais a situação. Queria que ela confiasse em mim. E a única coisa que fazia era enganar-me uma e outra vez.

Nessa noite, quando saiu do estúdio e a vi a descer as escadas, não consegui ignorar as olheiras que ensombravam o seu olhar.

— Não correu bem?

— Não muito, não.

Ficámos calados. Expirei.

— Queres que vá ao restaurante lá de baixo e traga comida chinesa para o jantar?

— Pode ser.

Não escondi o quanto a sua resposta me surpreendeu, embora já devesse estar habituado às manias de Leah. Às vezes, olhava para mim como se eu fosse o centro do mundo. Outras, com ódio e decepção. Perguntei-me como conseguiria ela viver perto de mim sentindo emoções tão extremas e contraditórias; ela, que mal sabia gerir as situações mais sensíveis sem que se lhe escapassem por entre os dedos.

Desci à rua e regressei pouco depois carregado com um saco de comida. Deixei-o na mesa pequena que havia em frente ao sofá, enquanto ela trazia copos e guardanapos. Dei-lhe um par de pausinhos antes de abrir as caixas de cartão. Leah escolheu a de *noodles* e provou-os distraidamente, sentada no tapete com os joelhos junto o peito. Imittei-a e instalei-me ao seu lado. Olhámo-nos de soslaio. Havia tanta coisa no seu olhar...

— Não chores, por favor — pedi-lhe.

— Odeio isto. Odeio estar assim. Odeio odiar-te.

— Então, não odeies — foi quase uma súplica.

— A sério que já tentei...

Encostei a cabeça na beira do sofá.

— Algum dia vamos ter de falar.

— E achas que isso vai resolver tudo?

— Não, mas eu preciso. E a única razão para ainda não o ter feito foi por estar a tentar perceber de que é que tu precisas. — Leah apertou os lábios e adivinhei em que estava a pensar. — Vais dizer que agora é tarde para isso?

— Porque é que me conheces tão bem?

— Porque te vi nascer, porra. Não literalmente, graças a Deus. Mas já vou uns anos à tua frente.

Ela mostrou um sorriso débil ao mesmo tempo que enrolava os *noodles* com os pauzinhos, soltava-os e voltava a enrolá-los. Estávamos tão próximos que respirávamos o mesmo ar e tive de me recordar de que beijá-la não seria a melhor opção.

— Axel, tenho medo... — Levantou o olhar para mim. — Tenho medo de tudo o que sinto, o que fui guardando nestes anos todos, aquelas partes feias... sabes que não canalizo bem as emoções, o que é um problema sério, e sinto... sinto que se abrir a porta te farei mal.

— Eu aguento — sussurrei.

— Mas é que eu gosto muito de ti. — Estremeci e senti saudades de a ouvir dizer: «Todos vivemos num submarino amarelo», porque aquilo era só nosso e outra maneira de amar. — E pensava que com o tempo os sentimentos se tornariam mais calmos, e que tu e eu poderíamos voltar a ser amigos, mas já nem sequer tenho a certeza disso. Porque ainda dói. E ainda é complicado. E ainda não consigo perceber o que penso na maior parte do dia...

— Respira, querida.

Acariciei-lhe o rosto com os nós dos dedos, ela fechou os olhos em resposta e inspirou fundo. Ficámos perdidos nos nossos pensamentos até começarmos a jantar em silêncio. Bastava-me sentir que a tinha ali ao lado e que uma parte dela ainda queria estar junto a mim, queria pensar que significava que, pelo menos, ainda nos restava alguma coisa. Perguntei-me se isso poderia ser suficiente, conformar-me com o facto de ela voltar a fazer parte da

minha vida e nada mais, mas o aperto que sentia no peito aumentou e afastei a ideia.

Quando acabei, levantei-me para levar as caixas vazias para o lixo. Preparei um pouco de chá, abri a janela da sala e apoiei-me no parapeito, antes de acender um cigarro. Dei uma passa profunda ao contemplar a cidade adormecida.

— Como é que está a correr lá em cima? — Indiquei o estúdio com a cabeça.

— Não está a correr — corrigiu-me. — Não está a acontecer nada.

— Por minha causa? — Dei uma passa curta.

— Não.

Percebi que estava a mentir, e acho que ela reparou que eu percebi, porque deixou de olhar para mim ao deslizar os dedos no pelo comprido do tapete.

— Acho que é por causa da mudança, sabes? Estava habituada a trabalhar no meu espaço.

Apaguei o cigarro e espreguicei-me.

— Queres vir comigo amanhã ao amanhecer?

— Está bem. — E olhou-me fixamente antes de sorrir.

Leah

Subir a Montmartre todas as manhãs teve um efeito mágico em mim. Não tanto pelo passeio em si, mas para enfrentar o resto do dia de uma maneira diferente. Descarregar a frustração. Tentar manter a calma. Ali, sentados no alto da cidade depois do esforço da subida, Axel e eu deixámos passar os minutos até que o Sol subia alto no céu e o dia começava.

Na terceira manhã, Axel olhou-me, intrigado.

— Estás a pensar em quê?

— Em joaninhas. — Ergueu uma sobrancelha e eu ri-me enquanto as luzes da alvorada banhavam os telhados de Paris. — Estava a lembrar-me de que, quando era pequena, adorava deitar-me na relva do jardim de casa e passar horas a observar as joaninhas que costumavam esvoaçar junto ao tronco de uma árvore. Veio-me à cabeça aquela sensação que se tem, quando se é criança, de não ter obrigações nem objetivos, e de não viver dependente de um relógio. Era bonito. Poder olhar para tudo daquela perspetiva de calma. Quem me dera que agora fosse igual. Mas só consigo pensar que na próxima semana o Hans vai querer ver alguma coisa e não tenho nada que valha a pena. E, raios, só me apetece passar o dia a olhar para um monte de joaninhas a esvoaçar entre as flores.

Axel sorriu. Sorriu com ternura. Sorriu com amor.

Leah

Estava a olhar para a tela em branco há horas. Bloqueada, mas, ao mesmo tempo, com as emoções a borbulhar dentro de mim. O problema era que, se as deixasse sair, sabia que Axel entenderia todos e cada um dos traços; se falavam de Landon, de mim ou, pior, dele.

Sobressaltei-me quando ele bateu à porta e entrou com um saco e um embrulho que deixou no meio do estúdio, enquanto eu o olhava espantada.

— Que é isso?

— Não é óbvio? Um presente.

— Mas...

— Vá, abre!

Ajoelhei-me diante do embrulho retangular e, segundos depois, o papel de embrulho e o laço vermelho-intenso estavam desfeitos. Sorri. Sorri até que a face me tremeu de felicidade e levantei-me para o abraçar, apesar de o meu corpo me gritar que não o fizesse, porque tê-lo tão perto... era complicado; ouvir o seu coração bater contra o meu peito, sentir as suas mãos nas minhas costas, a sua respiração quente no pescoço...

— Obrigada, é lindo!

— Espera, vou ligá-lo.

Axel pegou no gira-discos e deixou-o em cima de uma prateleira de madeira que estava cheia de material de trabalho. Era clássico, parecido com o que ele tinha em sua casa.

— Onde é que o compraste?

— Numa loja de objetos em segunda mão.

— Mas não temos discos aqui...

Estendeu-me o saco que ainda tinha na mão e concentrou-se em pôr o gira-discos a funcionar. Afastei algumas coisas da mesa e tirei os discos. Pisquei os olhos para não chorar, apesar do sorriso que

tinha na cara. Frank Sinatra, Nirvana, Elvis Presley, Supertramp, Bruce Springsteen, Queen... e os Beatles. Sempre os Beatles. Deslizei os dedos devagar pela capa que tinha um submarino amarelo desenhado e tremi ao reparar que ele olhava para mim.

— Porque fizeste tudo isto?

— Já te disse. É um presente. Pensei que ias gostar, pensei... que te ajudaria a trabalhar. Ouve, Leah — disse sem me olhar, pegando num disco e colocando-o com cuidado no gira-discos. — Se tens de pintar alguma coisa que achas que não vou gostar, faz isso. Há artistas que representam coisas externas, paisagens ou rostos, mas tu não és assim. Isso para ti não funciona. Portanto, faz simplesmente jus a essa tua tatuagem e «deixa acontecer» o que quer que tenha de acontecer. Estás a perceber? Porque reprimires o que sentes é um problema, quando os teus quadros se baseiam nisso. Sempre foi assim — concluiu baixando a agulha.

Começou a tocar *My Way*. Estremeci.

— Acho... acho que consigo resolver isto.

— Fico contente — suspirou e sorriu.

— Então e tu? — perguntei. — Alguma vez vais conseguir fazê-lo?

— A que te referes?

— Tu sabes. A isto. A pintar.

Ele riu-se sem grande vontade e abanou a cabeça.

— Já desisti há muito tempo — sussurrou.

E então vi como a sua expressão mudou, ao tomar consciência das suas próprias palavras, aquelas que um dia usou também em relação a nós.

— Não queria dizer... Para mim é diferente, Leah. Quem me dera conseguir, mas...

O meu coração começou a bater com força.

— Deixas-me experimentar uma coisa?

Axel olhou-me desconfiado, mas quase não ofereceu resistência quando lhe pedi que se sentasse no banco de madeira em frente à tela.

Coloquei-me atrás dele.

— Descontraí.

— Conheço técnicas mais eficazes...

- Chiu! Espera um pouco.
- Que é que queres, exatamente?
- Pintar através de ti. Ou contigo. Não sei.
- Fónix, isto não é boa ideia.

Segurei-o pelos ombros quando tentou levantar-se e voltou a ceder, após suspirar sonoramente. Peguei na paleta e observei as cores, que ainda estavam húmidas. Que tonalidade era Axel? Vermelho, de certeza. Vermelho-vivo. Como o das cerejas. Ou um vermelho-entardecer, mais enigmático. Engoli em seco antes de molhar o pincel na tinta.

Ele estava tão perto de mim que o meu corpo tocava nas suas costas e o odor do seu cabelo me distraía. Peguei na sua mão quando ele a fechou em torno do cabo do pincel. A voz de Frank Sinatra rodopiava pelas paredes daquelas águas-furtadas perdidas no meio de Paris, mas, durante um segundo perfeito, senti que estávamos sozinhos numa cidade-fantasma. Axel, eu e a cor, a música, a pele áspera dos seus dedos...

- Fecha os olhos, tens de sentir.

Enterneceu-me vê-lo tão indefeso, tão tenso.

- Porque é que estás a demorar tanto? — grunhiu inquieto.

— Há uma frase de Pablo Picasso que diz: «A pintura é mais forte do que eu, consegue sempre fazer o que quer» — sussurrei-lhe ao ouvido. — É exatamente isso que acontece quando me sento em frente a uma tela, e o que gostaria que também te acontecesse. Não digas que não queres, Axel. — Fechei os meus dedos com mais força sobre os seus, aproximando a sua mão da tela, guiando-o. Ele continuava de olhos fechados e respirava devagar. — Acho que seria maravilhoso se te levantasses numa manhã qualquer e descarregasses noutro sítio tudo o que sentes, essas emoções que estão aí bem fundo... — A sua mão deslizou por baixo da minha e os traços de cor mancharam a tela. Vi neles contenção, sobrevivência, temor. — Sabes? Houve alturas em que pensei que, por um lado, terei medo de estar perto de ti quando isso acontecer. No dia em que voltares a pegar num pincel por vontade própria... que achas que vai acontecer?

- Fónix, Leah, não faças isso.

— Abre os olhos. Não está bonito?

Eram somente salpicos e linhas vermelhas, algumas com mais precisão do que outras, grossas e finas, seguras e trémulas, mas todas elas feitas pelas nossas mãos. As nossas mãos. Axel não disse nada durante um minuto eterno.

— Estás bem? Axel...

— Sim, estou bem.

Mas não estava. Levantou-se e soltou o pincel antes de se virar. Deu-me um beijo na testa e foi-se embora, deixando-me sozinha no estúdio.

Naquele momento, eu já sentia os dedos a queimar da vontade que tinha em transformar cada batimento do coração numa cor, e cada cor num batimento que agitasse a tela até lhe dar vida.

Leah

Os dias voltaram a estar cheios de música, pintura e amanheceres partilhados. Todas as manhãs, ao regressarmos de Montmartre, tomávamos o pequeno-almoço juntos, café e torradas, ou uma baguete com manteiga e marmelada; depois, eu subia para o estúdio e começava a trabalhar e Axel ia ter com Hans ou perdia-se até à hora de almoço.

Deu-me espaço. Não voltou a entrar no estúdio e eu concentrei-me na tela que tinha à minha frente como se não houvesse mais nada à minha volta. Quando dei por mim, tinha terminado algo com que me sentia satisfeita. Nesse dia, enquanto olhava de soslaio a obra acabada e limpava os pincéis, tentando dar um pouco de ordem ao espaço, o telemóvel tocou.

Levantei a agulha do gira-discos e atendi.

— Como vai isso, anãzinha? — saudou Oliver.

— Bem. Está melhor.

Uns dias antes, tinha desabafado com ele e contara-lhe como me sentia sufocada pela sensação de estar a pintar para alguém e não apenas para mim. Ele tinha-me tranquilizado, assegurando-me de que era o passo seguinte que devia dar.

— Consegui acabar algo decente para a exposição.

— Eu sabia que conseguias.

Sentei-me no banco, exausta e a pensar que dentro de alguns dias voltaria a estar numa sala cheia de gente e esperava não me sentir tão deslocada como na última vez. Nesta ocasião, seria uma exposição de vinte obras de artistas jovens e promissores, pelo menos, foi o que Hans me explicara quando almoçámos com ele, dias antes.

— Como estão as coisas com a Bega?

— Bem, estamos a preparar o casamento, o facto de ainda faltar quase meio ano não lhe interessa nada. E que tal está o Axel? Não

falo com ele desde a semana passada.

— Como sempre. — Mordi o lábio.

— Estás... a ter problemas? — hesitou.

— Não. Sim. É complicado — admiti.

— Ele gosta de ti. E tu sabes.

— Porque é que estás a fazer isto agora?

— Tens razão, esquece. Não tenho nada que ver com isso.

— Eu não queria dizer isso, mas...

— Basta-me saber que estás bem. Liga-me se precisares de alguma coisa, está bem? — despediu-se antes de desligar.

Tentei mostrar o meu melhor sorriso sempre que Hans se aproximava para me apresentar a alguém ou se algum visitante tivesse interesse na minha obra, embora, na realidade, eu não entendesse quase nada se falassem em francês e, além disso, passei grande parte do serão junto de Axel, observando-o a conversar com William e Scarlett. Talvez fosse a única pessoa da sala a reparar no seu sorriso falso, na rigidez dos seus ombros por baixo daquela camisa justa que, provavelmente, ele estava desejoso de tirar. Além disso, penso também que ele era o único capaz de ver o que escondiam os traços do quadro que estava pendurado na parede: o amor, o ódio, as dúvidas, a culpa, a contenção das linhas que mudavam de direção, quando já pareciam saber para onde se dirigiam.

De algum modo, tudo nos ligava.

Como se conseguisse ouvir os meus pensamentos, virou-se e olhou para mim. Aproximou-se devagar e semicerrou os olhos.

— Que tal está a correr a noite? — perguntei.

— Bem. Interessante — respondeu.

— Não precisas de mentir.

Axel reprimiu um sorriso e ajeitou o punho da camisa antes de suspirar, olhando em redor e tirando uma bebida quando o empregado passou por perto.

— Nunca fui muito bom a aturar excessos de ego.

— E há aqui muito disso? — Tirei-lhe a bebida.

— Porra, não sei como é que estas paredes não caem com o peso de tantos egos.

Sorri, mas disfarcei, quando vi que Hans se aproximava de nós para nos felicitar pelos comentários que tinha recebido do público e dos seus amigos. E não pude evitar sentir uma sensação de satisfação. Ficámos calados enquanto ele voltava a dar uma olhadela ao meu quadro; assentiu com a cabeça quase sem dar conta.

— Um trabalho prometedo, sim. A rapariga tem talento.

Reparei numa pequena alteração na expressão de Axel à medida que Hans se afastava para cumprimentar umas pessoas conhecidas, mas não fui capaz de decifrar o seu significado.

Axel

Quando a exposição terminou, já tinha anoitecido. Apesar de Hans insistir para irmos jantar com ele e alguns dos seus convidados, foi um alívio para mim que Leah se tivesse escusado por estar muito cansada. Então, ali estávamos, a dar um passeio noturno pelas ruas da Cidade Luz, como se nos tentássemos encontrar a nós próprios naquele labirinto de paralelepípedos.

— Devíamos festejar. Jantar qualquer coisa ou beber um copo.

— Está bem — respondeu com o olhar cravado nos telhados.

— Está bem? Assim tão fácil? — trocei.

Leah não respondeu, de modo que continuámos a caminhar até ao apartamento. Pouco antes de chegarmos, decidimos parar num bar decorado com madeira em estilo *vintage*; ao fundo, além da mesa em que nos sentámos, havia uma máquina de dardos e uma mesa de *snooker*, que me trouxeram boas recordações das noites que Oliver e eu passámos em Brisbane durante a nossa época universitária.

Pedimos duas cervejas, um prato de pasta e outro de legumes.

Ela soltou o cabelo, que estava apanhado num coque, e deixou que as madeixas deslizassem pelas suas costas até lhe tocarem na cintura. Tentei não me distrair demasiado com o decote do seu vestido, embora não fosse tarefa fácil. Jantámos e conversámos de trabalho e das semanas que estavam por chegar. Quando terminámos, pensei que a última coisa que me apetecia era regressar àquela casa que partilhávamos e vê-la a fechar-se no quarto. Já não aguentava mais noites a fingir que não queria abrir a porta e mostrar-lhe que merecíamos uma segunda oportunidade. E queria respostas, palavras; os nossos problemas não se resolveriam com silêncios.

— Um jogo! — Olhei para o *snooker*. — Que dizes?

— Está bem, mas não sei jogar muito bem.

Pedimos mais duas cervejas e fomos até à mesa verde. Na zona mais afastada do bar, as luzes eram ténues. Meti uma moeda após lhe passar um taco e pegar noutro.

— Uma pergunta por cada bola?

Leah olhou para mim desconfiada, assentiu com a cabeça e passou um pouco de giz na ponta do taco, antes de me pedir para ser ela a dar a tacada inicial. Dei-lhe essa vantagem. Ela inclinou-se, semicerrou ligeiramente os olhos e deu uma tacada forte. Não enfiou nenhuma bola.

— Azar, querida. Sou eu. — Acertei com força na bola branca e meti uma bola. Suspirei, pensativo, ao mesmo tempo que nos olhávamos, a hesitar... a hesitar, até que mandei à merda a voz que me sussurrava que não era boa ideia fazer as coisas assim. — O que tens com ele é parecido com o que nós tivemos?

Leah abriu os olhos, surpreendida.

— A sério, Axel?

— Vais responder?

— Queres ter esta conversa junto a uma mesa de *snooker*, a sério? — Deu um estalido com a língua e negou com a cabeça. — Estás doido.

— Preferes perguntas mais fáceis? Como, sei lá, gostas mais de praia ou de montanha? Doce ou salgado? Gatos ou cães? — Vi como ela ficava tensa, mas não quis parar.

— Está bem, se é isso que queres... — Olhou para mim. — Não é parecido. É mais real.

Ignorei a punhalada que senti no peito.

— Mais real? O que tivemos foi uma brincadeira, é isso?

— Isso é uma segunda pergunta — indicou.

— Porra. — Inclinei-me e meti outra bola.

— «Mais real» no que toca a como as coisas devem ser. Viver isolados numa casa, para que ninguém visse como olhavas para mim, não era real. Era um capricho. Uma aventura. Ou, pelo menos, foi assim que tu lidaste com o assunto. É a tua vez.

Durante alguns segundos, custou-me afastar o olhar daqueles olhos que pareciam atravessar-me. Não sei se foi porque as mãos me tremiam, mas falhei e não acertei na bola vermelha.

— És tu. — Dei um passo atrás.

E, porra, a visão do seu rabo metido naquele vestido fez com que eu não conseguisse pensar em mais nada. Quando ela se virou com uma careta satisfeita, eu ainda estava a tentar não ficar excitado no meio da conversa mais importante da minha vida.

— Alguma vez pensaste em me procurar?

— Todos os dias, fónix.

Leah afastou o olhar. Voltou a jogar. Percebi depressa que o «não jogar muito bem» era *bluff*. Sorri quando a segunda bola que enfiou mo confirmou.

— Porque é que ainda tens o quadro por cima da tua cama?

— Porque às vezes olhava para ele, recordava aquele dia e masturbava-me a pensar em ti.

Ela respirou agitada e apertou os lábios.

— Agora a resposta a sério.

— A outra resposta não era mentira.

— Axel... — sussurrou, suplicante.

Inclinou-se sobre a mesa de *snooker* e reparei como os joelhos lhe tremiam sobre aqueles saltos que ela não gostava nada de usar. Desejei tirar-lhos e beijar-lhe os tornozelos, subir pelas pernas até às coxas e arrancar-lhe a roupa interior...

— É a tua vez. — Afastou-se.

Para minha satisfação, meti uma bola amarela.

— Se o que tens com o Landon é tão real, porque é que não estás com ele? — Vi como os seus olhos se humedeciam. — Tudo bem, não respondas. Alguns silêncios valem como resposta.

— Vai-te foder...

— Quem me dera, querida, quem me dera... — Tinha-me encostado às suas costas para lho sussurrar ao ouvido, e deslizei uma mão pela sua cintura.

Leah ficou quieta, apesar de estar a tremer, e eu obriguei-me a não ser um estúpido e concentrei-me em acertar na bola branca. Falhei. Senti-a mover-se para se colocar em posição, mas mantive o olhar fixo na mesa de *snooker*, porque a tensão que se formava à nossa volta estava a sufocar-me e os meus próprios impulsos

fugiam-me das mãos. Agarrei o taco com força quando ela meteu uma bola verde.

Levantei a cabeça ante o silêncio denso.

— Não vais perguntar nada?

— Fico por aqui — sussurrou.

— Que piada é que isso tem?

— E aquilo em que estou a pensar agora tem alguma piada? — atirou, magoadada, deu meia-volta e afastou-se com passo decidido.

Praguejei baixinho, paguei a conta e segui-a rua abaixo. Graças aos sapatos de salto que ela tinha calçados, alcancei-a rapidamente.

— Espera, Leah. Por favor.

Continuou até chegar à porta do nosso apartamento e deteve-se, ao perceber que não tinha as chaves. Fiquei a olhá-la, parecia indefesa, embrulhada naquele casaco branco e com as faces ruborizadas pelo frio da noite. E senti-me como anos antes, quando a única coisa que queria era abraçá-la e acalmá-la, mas acabava por a pressionar, puxando aquela corda que ela se esforçava por manter segura e apertada. Apesar da dor, uma parte de mim sabia que tinha de o fazer. Que com Leah era sempre assim. Forçá-la para que abrisse as comportas do seu coração e deixasse que as emoções saíssem de uma vez, mesmo correndo eu o risco de acabar por ser arrastado por aquele remoinho incontrollável.

— Faz a pergunta — pedi-lhe.

— Abre a porta, Axel.

— Faz, Leah. Pergunta-mo.

Uma rajada de vento despenteou-lhe o cabelo.

— Naquela noite, quando fui ter contigo... — Falhou-lhe a voz ao erguer o olhar para encontrar o meu. — Gritei-te que não percebia porque não lutavas pelas coisas que querias. Como pela pintura. Como por mim. E então... então tu...

— Disse que talvez não as quisesse assim tanto.

— E era verdade? — murmurou.

Dei um passo para Leah morrendo um pouco por dentro ao vê-la assim, tão encolhida sobre si mesma, à espera de uma resposta que, para mim, sempre tinha sido óbvia; pelo menos, até ter feito o

esforço de me colocar no seu lugar e entender que há três anos que ela esperava aquelas palavras, há três anos que se perguntava o mesmo.

— Menti-te, porra. Menti-te.

— E como é que foste capaz de estragar tudo assim? Que é que tens aí dentro? — Bateu-me no peito. — Porque ainda não sei, Axel. Depois de tanta coisa... e não sei.

Reprimi a dor das suas palavras com os meus lábios. Beije-a com raiva, com a culpa, com o desejo que já não conseguia ignorar, com os dentes, com o meu corpo a pressionar o seu contra a porta do edifício e as suas mãos trémulas contra o meu peito. Queria fundir-me nela, fazê-la entender que a amava como nunca tinha amado ninguém e que aquilo que lhe dissera antes estava tão longe da realidade, que ainda não sabia onde arranjar coragem para o pronunciar.

Não sei bem como, enfiei a chave na fechadura e empurrei-a para dentro, sem deixar de a beijar. Tremeram-me as mãos quando as enredei no seu cabelo e subíamos o primeiro lanço de escadas. E o segundo. E o terceiro. E mais alguns até perceber que não íamos conseguir chegar ao último andar.

Mal via o seu rosto na penumbra. Segurei-a pela nuca e pressionei os meus lábios contra os seus com força, mordendo-a, lambendo-a e abandonando qualquer resquício de sensatez.

— Vou dizer-te o que quero, porque não faz sentido continuar a fingir que consigo ser teu amigo sem esperar mais nada — falei sobre a sua boca suave. — Quero dar-te o primeiro beijo de bom-dia. E quero fazer amor contigo todas as noites. Quero vir-me em cima e dentro de ti. Quero ser o único a tocar-te aqui — disse, deslizando uma mão por entre as suas pernas enquanto ela reprimia um gemido. — Quero que grites o meu nome e que voltes a morrer por mim.

— Axel... — gemeu contra o meu rosto.

la pedir-lhe que me confirmasse se eu tinha sido claro ou se precisava que fosse mais específico, mas a verdade é que nem sequer conseguia usar a boca para falar. Só conseguia beijá-la, tentar subir mais um lanço de escadas... e beijá-la de novo.

Levantei-lhe o vestido e rasguei-lhe as meias de uma vez antes de ela as tirar. Leah segurou-se ao corrimão quando deslizei os meus dedos nela, e estava húmida, estava... a tremer de desejo tanto quanto eu. As suas mãos encontraram a fivela do meu cinto e tive de respirar fundo, para não me vir ao sentir o calor da palma da sua mão. Fechei os olhos e levantei-a, segurando-a nos braços. Acho que ela pensou que a levaria até ao apartamento, mas eu não conseguia... não conseguia pensar... não conseguia aguentar mais... não conseguia fazer outra coisa que não fosse apertá-la contra a parede da escadaria com as suas pernas entrelaçadas na minha cintura.

— Alguém nos pode ver, Axel.

— Quero lá saber.

Leah mordeu-me o pescoço quando entrei dentro dela com força. Reprimi um gemido de prazer e de dor antes de investir, agora mais fundo, mais duro, porque queria que ela gritasse e que já não se conseguisse conter, que só pensasse em mim, em nós, juntos, na perfeição que era tudo aquilo. Afundei-me novamente no meio das suas pernas, gemendo, louco por ela. Senti como me cravava as unhas através da camisa e como gemia junto ao meu ouvido, os seus dentes na minha pele, os seus lábios... Aqueles lábios. Procurei-os, e Leah agarrou-se aos meus ombros enquanto fazíamos amor, desesperados, e eu tentava dizer-lhe com beijos que aquilo era mais, era muito mais...

Reparei que ela ficou tensa e o seu corpo tremeu.

— Olha para mim, amor. Olha para mim, por favor.

Precisava que ela o fizesse quando atingisse o clímax, e ela estava mesmo quase, à espera da minha próxima investida. Fi-lo. Separou os seus lábios dos meus e abriu os olhos devagar, procurando-me no escuro. Colei a minha testa à sua e respirei o seu ar quente antes de me afundar em Leah outra vez, empurrando-a contra a parede, sentindo-a tanto... perdendo-me tanto... Gemi quando me vim com ela, nela, contendo a respiração e com o coração a palpitar com força contra o dela.

O silêncio abraçou-nos. Pousei-a no chão quando percebi que os braços me falhavam e procurei a sua boca de novo, mas Leah

afastou-se. Antes que pudesse apertar as calças e tentar retê-la, ela pegou nas chaves e afastou-se pela escadaria acima.

— Merda. Espera, Leah. — Mas já era tarde.

Leah

Fechei-me na casa de banho e abri a torneira da banheira. Ignorei as pancadas na porta e a sua voz suplicante, porque não conseguia encará-lo. Contive um soluço ao mesmo tempo que me sentava no chão com as costas apoiadas na parede.

— Fala comigo, por favor. Dá-me uma trégua.

— Não consigo. Agora, não consigo... — respondi.

Sentia-o ali, somente a alguns centímetros de mim, separados por uma parede e por um passado que era um caminho poeirento, cheio de recordações e de problemas.

— Leah, por favor...

— Preciso de tempo.

Houve um silêncio tenso. E depois, a sua voz:

— Dou-te meia hora para te acalmares e depois falamos de uma vez por todas. Se não abrires a porta, juro que a deito abaixo.

Fiquei encolhida no chão com o murmúrio da água a acompanhar-me. Sentia-me como se Axel acabasse de abrir com as mãos aquelas feridas que eu tinha vindo a fechar e a curar durante tanto tempo. E eram feridas cheias. Cheias dele. De mim. De nós.

Comecei a despir-me devagar. Peça a peça. Camada a camada. O telemóvel, que estava no bolso do casaco, caiu ao chão e fiquei a olhá-lo durante uns instantes, a decidir o que fazer. Baixei-me para o apanhar. Suspirei profundamente, com as lágrimas a queimar-me as faces, e procurei o número dele entre os contactos. Foram apenas quatro palavras, mas demorei uma eternidade a escrevê-las, e muito mais a enviar a mensagem a Landon.

«Não esperes por mim.»

Só assim. Sem um «amo-te» no final, nem um «desculpa», porque queria que fosse explícito, que ele levasse a mensagem a sério. Conhecia-o o suficiente para saber que, apesar da conversa que tínhamos tido antes de me ir embora, ele esperaria por mim. E eu

não queria que ele o fizesse. Talvez fosse egoísta, sim, mas ao entrar na banheira cheia de água quente, percebi que nunca conseguiria amá-lo como ele merecia, de uma maneira louca e plena, e queria que outra pessoa tivesse a oportunidade de o fazer. Nem sequer tinha a sensação de o ter perdido por Axel ter entrado na equação. Uma parte de mim sabia que o perdera mesmo antes de começar alguma coisa com ele, porque nunca lhe dei essa parte mais visceral e impulsiva de mim, nunca dei tudo nem me lancei nos seus braços de olhos fechados.

Inspirei fundo e mergulhei a cabeça na água. Ali em baixo, parecia que o mundo fazia mais sentido, tão desfocado, tão agitado e turvo. Emergi e respirei. O silêncio envolvia tudo e eu não conseguia parar de olhar para as minhas pernas e pensar que, minutos antes, tinham estado à volta do corpo de Axel à medida que ele entrava dentro de mim uma e outra vez e eu... naquele instante só sentia, só o sentia a ele em todo o meu corpo, incapaz de pensar em mais nada ou de parar aquilo, porque uma parte de mim continuava a ser dele.

Na realidade, não me perguntava se me tinha voltado a apaixonar por ele, mas sim se alguma vez tinha deixado de estar apaixonada por ele. E isso assustava-me muito...

Ser tão frágil. Voltar a ceder o controlo. Cair.

Não gostava dessa imagem fraca e frágil.

Saí da banheira quando me cansei de chorar. Embrulhei-me num roupão branco e passei as costas da mão no espelho para que deixasse de estar embaciado. Encontrei o meu reflexo. Um reflexo que me assustou, porque era demasiado parecido com a rapariga que eu fora, anos antes. Era igual. Tão igual... como se uma parte de mim tivesse tido medo de mudar e de se perder nessa mudança inesperada. E, de repente, precisei disso, de me perder para me voltar a encontrar.

Peguei na tesoura que estava na primeira gaveta, deslizei os dedos por uma grande madeixa de cabelo e cortei-a. Deixei o cabelo no lavatório antes de pegar na madeixa seguinte.

Axel bateu à porta.

— Abre, Leah. — Não respondi. Voltei a usar a tesoura. — Abre ou deito a porta abaixo.

Talvez por saber que ele seria capaz de o fazer, tirei o trinco, abri a porta e deixei-o entrar, embora ainda não estivesse preparada para ter aquela conversa. O problema era que, provavelmente, nunca estaria.

— Que estás a fazer? — Axel olhou para o meu cabelo desigual.
— Porra, Leah, não quero que fijas de mim, não aguento mais isto...

Aproximou-se e deixei que o fizesse. Fechei os olhos quando me segurou no rosto com a palma da mão e os seus lábios tocaram na minha testa. Tão familiar. Tão quente. Desejei viver dentro daquela carícia para sempre. O seu polegar traçou círculos sobre a minha pele e depois a sua voz rouca e profunda sacudiu-me, despertando-me:

— Vamos tentar outra vez.

— Não é assim tão fácil, Axel.

— Porque não? Olha para mim, querida.

E, subitamente, todas as fendas se abriram, uma a uma.

— Porque estragaste tudo! Estragaste-me a mim!

Dei um passo atrás, a tremer, incapaz de o olhar.

— Deixa-me resolver isso, Leah.

— Sabes fazer isso, por acaso?

— A única coisa que sei é que gostamos um do outro.

Ergui o olhar para ele, para o seu rosto cheio de incertezas, para os seus lábios ainda vermelhos dos meus beijos, para o seu pescoço marcado pelos meus dentes, para os seus olhos daquele azul-escuro de mar profundo, para o cabelo que parecia salpicado pela luz daquele sol e para aquela sua maneira de me olhar, que me fazia sentir tão transparente, tão vulnerável...

— Axel... tu... tu és o passado.

— Pois, mas o passado está aqui, porra, à tua frente, cheio de vontade de ser o teu presente. E este passado sabe que cometeu o pior erro da sua vida no dia em que te deixou ir embora, e não está disposto a deixar que aconteça nada parecido sem lutar pelo que quer. — Segurou-me no queixo com os dedos para que olhasse para ele. — Querida, sei que fiz merda mesmo a sério, mas dá-me outra oportunidade.

— Não me faças isto — soluzei.

— Leah, por favor, quando te foste embora...

— Não! A questão é que não fui! Tu é que me tiraste da tua vida!

— Eu sei e peço desculpa, pensava que era...

— ...o mais fácil para ti. O mais confortável.

— Que era o melhor para ti — corrigiu-me, e reparei como o seu maxilar ficou tenso. — E menti-te, porque não sabia como te afastar de mim, e se te tivesse dito que na realidade o problema era que te amava demasiado, tu nunca terias desistido. E queria que vivesses, Leah. E que, depois de viveres, me escolheesses a mim.

— Porque é que tinhas de dizer que não me amavas? Porque é que não podias fazer as coisas de outra maneira? Como, sei lá, falar comigo, decidirmos dar um tempo e que logo veríamos como podíamos resolver as coisas — gritei. — Mas não. Destroçaste-me. Fizeste-me acreditar que não querias saber de mim e foi isso que pensei durante meses e meses, e agora, afinal, fui demasiado para ti. Que irónico, não achas? Porque, tal como fazes com tudo o resto na tua vida quando te cansas, desististe de mim como se eu não fosse nada. Como desististe da pintura. Como desistes de tudo, foda-se!

Axel segurou-me quando tentei sair.

— Solta-me — cuspi, furiosa.

— Esta conversa ainda não acabou.

— Acabou quando percebi que não ias ser sincero. Devia ter percebido há muito tempo que nunca serias, que arranjarias desculpas...

Algo se agitou no seu rosto, mas não me soltou, abraçou-me com mais força contra o seu peito, e os seus lábios tocaram na minha orelha quando falou em sussurros, com a voz quebrada:

— Desculpa-me por ter sido fraco, Leah. Por ter sido tão cobarde. Juro que ainda me custa reconhecer-me quando penso nisso, mas é a realidade. Quero que seja diferente, estou a esforçar-me para o conseguir, mas tens razão. Eu não era perfeito, não era na altura, nem sou agora. Se calhar, tenho culpa de tentar sê-lo, e a única verdade é que sou um erro andante de merda e que passo cada dia

a tentar mudar isso e arrependo-me de todas as coisas que fiz mal; de ter sido um irmão horrível, um amigo pior e, quanto a ti, isso...

Tapei-lhe a boca com a palma da mão.

— Para. Não digas mais nada, por favor.

Funguei antes de o abraçar e esconder o rosto no seu peito, aliviada e grata, porque precisava que ele admitisse a sua cobardia e os seus erros, precisava de saber que ele tinha consciência disso, mas não queria que se continuasse a torturar daquela maneira, porque Axel era todas aquelas coisas más, mas também muitas outras, muito melhores. E aquilo que lhe tinha dito, no primeiro dia em que o deixei entrar no meu estúdio de Brisbane, era verdade. Eu tinha-o odiado, odiado muito, quase tanto quanto tinha sentido a sua falta.

Ficámos ali abraçados durante uma eternidade. Uma eternidade perfeita, porque eu não o queria largar.

— Quero mostrar-te um sítio — sussurrou.

— Agora? — Afastei-me para olhar para ele.

— Sim. Ou quando resolvermos isto — respondeu, enfiando os dedos no meu cabelo e esboçando um sorriso que desejei guardar na minha memória. — Vá, senta-te.

Foi buscar o banco e colocou-o em frente ao lavatório antes de me puxar suavemente para que me sentasse. Através do espelho, vi-o segurar na tesoura.

— Estás a gozar? — Ri-me por entre as lágrimas.

— Deixa lá que tu não fizeste muito melhor.

Tentei não me mexer enquanto ele pegava num pedaço de cabelo comprido; ouvi o som delicado da tesoura e o chão em meu redor encheu-se de cabelo louro.

— Estou só a tentar pô-lo todo igual, mas acho que amanhã tens de ir a um cabeleireiro. E conseguir que te entendam em francês, quando lhes tentares explicar isto — disse em tom jocoso e, quando terminou, os nossos olhares encontraram-se através daquele reflexo. Axel deslizou os seus dedos pela minha nuca e beijou-me a cabeça. — Estás perfeita.

— Sei que achas isto divertido, mas não é.

Levantei-me. Ele reprimiu um sorriso.

— Estava a falar muito a sério — assegurou-me e estendeu a mão, e eu agarrei-a após uma breve hesitação. — Vamos, antes que passe o último metro.

Leah

Ele era a ponta das estrelas.
Que picava. Que magoava.
Mas noutros dias...
Era a curvatura da Lua,
o seu sorriso, a sua boca.
E o calor do Sol. A sua luz.
Eu percorri todas essas linhas,
perdendo-me entre os seus vértices,
estremecendo ao encontrar-me com ele.

Leah

— Aonde vamos, Axel? — perguntei enquanto atravessávamos o Sena e os nossos passos ressoavam sobre a calçada da ponte de Arcole.

Não respondeu, caminhou simplesmente mais rápido até chegarmos à praça da Catedral de Notre-Dame e nos encontrarmos diante do célebre monumento parisiense. Segurou-me pelos ombros e guiou-me com suavidade uns metros para trás. O frio da noite mordida-me a pele e estremeci dentro do casaco.

— Que estás a fazer?

— Fica aqui parada.

E afastou-se, traçando uma linha reta.

Olhámo-nos fixamente e, apesar da distância, ouvi-o bufar baixinho antes de levar os dedos à ponta do nariz. Ergueu o olhar para o céu escuro e voltou a baixá-lo até mim. A luz dos candeeiros iluminava a inquietude do seu rosto.

— Ambos sabemos que há momentos maus, mas quero que penses em todos os momentos bons que também vivemos juntos. Naquelas coisas a que não renunciarias, apesar da dor causada pelo resto, em tudo isso... — Mordeu o lábio inferior, nervoso. — E, cada vez que uma boa recordação aparecer, dás um passo na minha direção.

— Não estou a perceber nada.

— Faz só isso. Por favor.

— Isto é estranho, até para ti.

— Querida...

— Está bem.

Cedi ante a súplica na sua voz, apesar de não ter bem a certeza de que aquilo fizesse algum sentido, porque, se fosse pelos bons momentos que tinha passado com ele, teria corrido em vez de caminhar. Mas talvez Axel não soubesse disso. Talvez também ele

tivesse as suas dúvidas e os seus medos. Então, fiz o que me pediu. Fechei os olhos e pensei em nós, no tempo que me dedicava quando ainda era criança e ele tinha coisas melhores para fazer com o meu irmão, nas tardes em que passava pelo meu quarto para ver os meus progressos sempre que visitava o meu pai, em como cuidou de mim e me abriu as portas da sua casa, na sua insistência ao tentar fazer-me despertar, em todas as conversas que tivemos, e no dia em que ele cedeu quando lhe pedi que me desse um beijo, enquanto dançávamos *Let It Be* e tudo começou a mudar, a encher-se de cor e de felicidade e da sua pele contra a minha...

Tal qual nesse momento, quando dei conta de que não conseguia dar mais nenhum passo, porque o tinha à minha frente olhando-me como se o mundo fôssemos apenas nós os dois.

— Podia ter percorrido uma distância muito maior — sussurrei, quando me passaram pela cabeça todas aquelas memórias que deixara de parte.

Axel ofereceu-me um sorriso malandro.

— Queria pensar que, se chegasses até mim, seria um sinal de que dirias que sim.

— Dizer que sim? — Franzi o sobrolho.

— Olha para os teus pés.

Havia uma pedra circular incrustada no solo e, no centro, uma rosa dos ventos de bronze.

— Estamos no quilómetro zero do país e pensei... pensei que seria o lugar perfeito para saber se ainda há alguma hipótese de nós também começarmos a partir daqui, deste zero. Porque quero... tudo o que tivemos. Quero ter um encontro a sério contigo; que nos voltemos a conhecer, tal como somos agora. Que dizes, Leah?

Não disse nada, mas só porque estava a tentar convencer-me de que aquele Axel que estava à minha frente era o mesmo de sempre. O rapaz que nunca tinha namorado com ninguém a sério, que tinha passado metade da vida a olhar para o seu umbigo, que quase de certeza nunca se imaginara a fazer uma coisa tão ridiculamente romântica e perfeita. Pestanejei para conter as lágrimas, ao pensar no quão complexos nós, humanos, éramos, a começar por mim; com as nossas ideias inquebráveis, que acabavam por se estilhaçar

numa noite qualquer, ou no quanto nos conseguíamos moldar e mudar, avançar ou retroceder.

— Tu queres ter um encontro comigo?

Axel sorriu e inclinou a cabeça para olhar para mim.

— Sim, quero. Não é assim tão estranho.

— É uma ideia... desastrosa.

— Adoro os desastres quando são contigo.

E então, pela primeira vez depois de todos aqueles anos, pus-me em bicos de pés e puxei a extremidade do seu casaco, para que se aproximasse de mim e o pudesse beijar. Foi um beijo bonito, sem raiva nem dor. Foi um daqueles beijos que refletem somente o presente, sem promessas futuras nem recordações passadas. Um beijo que me fez querer chorar e rir ao mesmo tempo.

Abril

(PRIMAVERA, PARIS)

Axel

Um encontro. Ia ter um encontro. Já não me lembrava de como isso era. A única vez que fizera algo parecido fora no liceu, quando convidei a rapariga de quem gostava para jantar, só porque queria que, depois, quando a fosse levar a casa, ficássemos na marmelada no banco de trás do meu carro. Ou, durante o último ano de universidade, quando namorisquei com uma professora e não me enganei ao pensar que um pouco de conversa bastaria para que, mais tarde, ela subisse ao meu apartamento.

Mas, naquele momento, não queria nada.

Bem, fazer amor com Leah era sempre um desejo. Mas também era mais do que isso. Queria que ela desfrutasse daquilo que não tivera três anos antes: da liberdade, de podermos passear simplesmente pela rua de mão dada, ou de nos beijarmos em frente a qualquer porta. Queria ser corajoso, abrir-me com ela e dar-lhe tudo o que quisesse ter de mim. Queria... sei lá, queria tantas coisas que estava angustiado e nervoso e apetecia-me conquistar o mundo.

Apoiei-me no parapeito da janela da sala e liguei o telemóvel, ao mesmo tempo que fumava um cigarro. Tinha mensagens de Justin, uma chamada dos meus pais e um par de assuntos de trabalho, mas ignorei tudo e procurei o nome de Oliver na lista de contactos. Respondeu ao terceiro toque.

Falámos de como iam as coisas sem entrarmos em muitos pormenores; contei-lhe como tinha corrido a exposição e os progressos que Leah estava a fazer.

— Nem sei como é que estás a aguentar tanto tempo aí. Tu, sem mar, numa cidade enorme. Ver para crer. Então, a Leah está bem? Está feliz?

— Acho que sim. Assim espero.

— Cuida dela, está bem? Desta vez, estou a falar a sério.

Reprimi um sorriso antes de dar outra passa no cigarro.

— Na realidade, liguei-te para te contar que esta noite tenho um encontro com ela. Tinhas razão, não fui um amigo exemplar, menti-te e fiz merda, por isso, tenho estado a pensar muito e cheguei à conclusão de que talvez seja melhor contar-te tudo. E, para isso, tenho de voltar uns dias atrás, quando a beijei e, apesar de as escadas não serem o sítio mais confortável, acabámos a fazer ali mesmo...

— Porra, Axel, cala-te! Fónix.

— Queres que te filtre a informação?

— Sim, quero que filtres muito. Basta-me saber que hoje à noite vais sair com ela e que é uma coisa a sério, que não a vais magoar. E pronto, chega, percebes?

— Sim. Pronto, é isso tudo.

— És um imbecil — desatou a rir. — Tenho de ir, a Bega está à minha espera para continuarmos a ver mais uns vinte catálogos de casamentos. Uma maravilha.

— Força — despedi-me entre risos.

Leah

Scarlett mexeu o seu café com calma e elegância enquanto me olhava. Dos seus olhos, grandes e expressivos, brotava o seu magnetismo peculiar. Quando recebi a sua chamada, dissera-me que Hans lhe dera o meu número de telemóvel, porque queria beber um café comigo e falar a sós, e eu inquietei-me, mas a verdade é que estava a ser agradável, embora eu me limitasse a escutar todas as histórias incríveis que Scarlett me contava com o seu forte sotaque britânico.

— Então, essa noite que passámos na Tailândia foi uma das mais rocambolescas de que me lembro, pensei que não viveríamos para a contar — disse entre risos.

— Já viajou muito — notei.

Ela tinha contado pormenores das suas viagens em várias das nossas conversas; desde Nova Iorque, passando pelo Dubai, até Tóquio ou Barcelona. Perguntei-me se ela alguma vez acordaria simplesmente em sua casa e se faria alguma coisa pouco interessante e normal, como passar o dia deitada na cama a comer comida de plástico, ou cozinhar e ouvir música sem pressas...

— Então, e tu? — perguntou-me interessada.

— A verdade é que é a primeira vez que saio da Austrália.

— Não te preocupes, tenho a certeza de que a partir de agora visitarás um monte de sítios e conhecerás muitas pessoas interessantes. Será como abrir os olhos, Leah. Sabes do que mais gosto no meu trabalho? Disso, precisamente. Como te disse, não é fácil encontrar um diamante no meio de pedras, mas apanhá-lo e poli-lo até que brilhe a sério é uma coisa única.

Olhei-a com curiosidade, porque não tinha uma opinião sobre ela. Por vezes, parecia frívola e superficial, mas sentia-me atraída pelo seu sorriso genuíno e pelos seus gestos cheios de segurança.

— Não sei bem se me encaixarei...

— Todos encaixam na boa vida, acredita. — Olhou à volta, fixando-se nos pratos de comida das pessoas da mesa do lado. — Apetece-te ir jantar a outro sítio?

— Lamento, mas hoje não posso, porque... — «Tenho um encontro» soava tão ridículo, que me deu vontade de rir, mas também senti uma sensação agradável ao pensar nisso; qualquer pessoa que nos conhecesse acharia que estávamos loucos. — Tenho um compromisso. Mas podemos combinar para a próxima semana.

— Perfeito. Eu ligo-te.

Scarlett levantou-se, pagou a conta e foi-se embora antes de eu acabar de apertar o casaco e de pegar na minha mala. Quando saí para a rua, caminhei devagar até ao apartamento, contemplando a cidade. Aquilo era o que Axel costumava fazer todos os dias, perder-se naquele labirinto de edifícios. Já eu, tinha a sensação de que mal tinha saboreado Paris, tão fechada no estúdio e tão nervosa com tudo o que estava a viver. Mas, naquela noite, ao pensar que tinha um encontro na cidade do amor, só consegui sorrir.

Axel

Desapertei o primeiro botão da camisa, porque me começou a sufocar, e afinal decidi que levar a camisa por dentro das calças era uma estupidez, portanto, acabou por ficar amarrotada e um bocado mais solta. Olhei-me ao espelho da sala. Já estava de barba feita, vestido e pronto para sair, quando Leah chegou, olhou-me de alto a baixo e depois sorriu.

— Peço desculpa, distraí-me com as horas. Vou-me já vestir.

— Avisa-me se precisares de ajuda para tirar a roupa mais depressa.

Ouvi o seu riso antes de ela desaparecer no seu quarto. Fumei um cigarro enquanto esperava por ela, e adorei vê-la de calças de ganga justas e de ténis confortáveis. Dei-lhe a mão ao sairmos do prédio.

— Que tens planeado? — perguntou.

— Sinceramente? Nada. Vamos improvisar.

Ela mordeu o lábio, divertida, e eu apenas me dirigi ao lugar de que mais gostava na cidade, aquele que, após tantos amanheceres, se tinha tornado um pouco «nosso». Caminhámos pelo Boulevard de Clichy, entre as luzes do famoso Moulin Rouge, e por locais próximos, que se destacavam sob a cúpula escura do céu. O meu estômago rugiu ao sentir o aroma dos crepes das bancas ambulantes que tentavam os turistas que passeavam por ali, pelo que parei diante de um deles.

— Gostas da ideia de jantar num restaurante fino ou algo do género? Podemos ir ao restaurante mais caro da cidade, se quiseses. Ou a um em que coloquem tantos garfos que tenhamos de ir ver à *net* como os devemos usar. Mas, se não te apetecer nada dessas coisas, podemos simplesmente comprar um par de crepes e cervejas e subir ao alto de Montmartre para jantar. Também podemos ir a qualquer sítio normal.

Olhei-a, nervoso, e ela riu-se, como se estivesse a gostar de me ver assim. Naquela noite, ela estava linda, com o cabelo cortado pelos ombros e os olhos brilhantes e alegres. Como estavam sempre, antes, quando era tão feliz, que isso não lhe cabia no sorriso da cara.

Passou por mim para se aproximar da banca.

— Quero um crepe com *fromage*, *thon* e *oignon* — arranhou ao homem, antes de olhar para mim. — Que peço para ti? Um de cogumelos e queijo?

— Sim. E outro de *Nutella*, para dividir.

Subimos os quase duzentos degraus e avançámos pela Rue du Mont-Cenis, antes de deixarmos o Sacré-Coeur para trás, a basílica que se eleva imponente no alto da colina. Acabámos por nos sentar nas escadas mesmo debaixo dela. Cheirava às flores que salpicavam o jardim do lado; havia alguns turistas perto do varandim e um rapaz tocava guitarra.

Dali, víamos a cidade a nossos pés. É um daqueles sítios cheios de gente durante o dia e vazios ao amanhecer e ao anoitecer, quando realmente parece tornar-se mágico e em que se pode relaxar e contemplar a vista. Dava a sensação de que o tempo se detinha e que os silêncios passavam a ser confortáveis, quase necessários.

— Toma, este é teu.

Leah deu-me o crepe e tirei o papel de alumínio, distraído, olhando à minha volta e pensando que aquela noite de primavera era perfeita. Vi-a morder o seu, com satisfação, e dei conta de que ela sempre fora assim; nunca precisara de muito para estar feliz, e detestei todos os buracos no caminho que nos haviam conduzido até àquele instante.

— Em que estás a pensar? — Olhou-me.

— Em ti. Em que acho que merecias mais.

— Não achas que já tenho o suficiente? Estou a dedicar-me ao que mais gosto no mundo e, neste momento, estou a jantar numa colina de Paris e tu estás ao meu lado. Que mais poderia querer?

— És feliz, Leah?

— Sim, porque não havia de ser?

Quis esquecer o seu sobrolho franzido ou a forma como a sua boca se apertou numa linha fina que não me passou despercebida, mas o trejeito subtil ficou-me gravado na memória. Suspirei e dei uma dentada no meu crepe antes de pegar na garrafa de cerveja e de a levantar em frente dela.

— Um brinde?

— A esta noite.

Depois, bebi o resto que faltava e arranquei-lhe a sobremesa do colo. Leah riu-se enquanto mastigava o último bocado do seu jantar e tentou tirar-ma.

— Que estás a fazer, sua selvagem? — grunhi.

— Nem penses em comer as duas metades!

— Por quem me tomas? Estamos num encontro. E recordo-te de que a intenção é conquistar-te, e que no final da noite me deixes chegar ao nível três, ou é ao quatro? Não sei. Que me deixes comer-te — resumi, e sorri ao ver como as suas faces se ruborizavam.

— Isso não vai acontecer.

— Estás a gozar?

— Não. É um primeiro encontro. — Ergueu uma sobrancelha. — Tu é que quiseste assim, a ideia não foi minha.

— Não pensei que seria com todas as suas consequências.

Tentei meter-lhe uma mão entre as pernas, mas levei um empurrão e ela apoderou-se da sobremesa. Ri-me quando a vi trincar e sujar a cara toda com *Nutella*.

— Os beijos também estão proibidos?

— Depende da situação.

Sorri, provocador. Estávamos sentados naquela escadaria, com o braço dela a roçar o meu, e os nossos olhares entrelaçaram-se. Pensei que há uma eternidade que não passávamos um tempo assim, a divertir-nos, sem nos lembrarmos de todos os erros que arrastávamos nem pensarmos no que aconteceria no dia seguinte; estando, simplesmente, juntos, no presente.

— Acho que este é um momento perfeito. Podia limpar-te o chocolate com beijos. Ou podias fazê-lo tu, lambendo-te e depois deixando-me sentir o sabor.

Ela desatou a rir, com os olhos brilhantes.

— Axel, não tiveste muitos encontros, pois não?

— Sabes bem que não. Dá-me isso. — Tirei-lhe o crepe.

Partilhámo-lo em silêncio, ao mesmo tempo que contemplávamos os telhados irregulares, que se recortavam sob a Lua, e as luzes da cidade brilhavam e iluminavam casas, vidas, momentos. Lá longe, distinguia-se a Catedral de Notre-Dame e o Palácio dos Inválidos. Tinha passado as últimas semanas a passear pela cidade e tinha descoberto que o melhor era que cada canto levava a outro recanto, a algo «mais» que se escondia na esquina seguinte. Mas... não era Byron Bay. Nunca seria.

Perguntei-me se Leah também teria saudades.

Leah

Suspirei, contente, ao erguer a vista para a cúpula escura e quase sem estrelas. Lembrei-me da nossa casa, do quão diferente era de tudo aquilo. O tempo ali também passava de uma maneira diferente, como se houvesse mais coisas para fazer. Eu sentia isso em algum lugar recôndito de mim; as expectativas, as pressas, a pressão. Mas ainda não tinha parado para desfazer esses nós, porque tinha medo e era suposto estar ali, pintar e assistir àqueles eventos todos era o passo lógico a dar. Também não queria falar disso com Axel, depois de tudo o que estava a fazer por mim.

Estar tão longe do seu mar, da sua casa, de toda a sua vida...

— Quase não parece o nosso céu — sussurrei.

— Porque está vazio — respondeu ele.

Axel levantou-se e eu segui-o até ao muro de pedra que delimitava o miradouro. Acendeu um cigarro e o fumo serpenteou no meio da escuridão.

— Tens saudades de Byron Bay? Do mar?

— Tu és o meu mar, agora.

— Axel! — ri-me e abanei a cabeça. — Estou a falar a sério.

— Eu também. — Deu um estalido com a língua. — Acho que sim, que tenho saudades. Mas não tenho a certeza de que ter saudades de alguma coisa seja mau. Devia ser ao contrário. Serve para percebermos aquilo que mais queremos.

— E tu adoras a tua casa — recordei.

— Sim, pois. Não sei. Já não é como dantes.

— Porque não? — Olhei-o com curiosidade.

— Tu sabes porquê. Comprei aquela casa quando me apaixonei pela ideia do que lá poderia fazer dentro, mas nunca cheguei a fazê-lo. Imaginava-me a pintar aquelas quatro paredes e a ser feliz e a ter tudo. Mas começo a pensar que entre o que queremos e o que acaba por acontecer, ou o que somos capazes de fazer, há uma

grande diferença. É como se, num primeiro momento, nos olhássemos ao espelho com uma luz que nos deixa fantásticos e nos deixássemos deslumbrar por essa imagem que nem sequer é real.

— Podes mudar isso. Em breve, vamos voltar.

Um mês. Um mês depois terminaria o período da bolsa e regressaríamos à Austrália. Não tinha querido pensar muito nessa data, porque não tinha a certeza do que faríamos nessa altura. Ali, em Paris, parecia que vivíamos numa bolha, em que eu olhava novamente encantada para o rapaz que jurei não voltar a amar e em que ele parecia disposto a demonstrar-me que tinha mudado, que não queria voltar a ser cobarde. E eu tinha medo da ideia de que aquilo pudesse estalar perante qualquer mudança.

Axel olhou-me com os olhos semicerrados.

— Conta-me qualquer coisa sobre ti que eu não saiba.

Fiquei um pouco a pensar.

— Meu Deus... — Desatei a rir.

— Que foi? — perguntou.

— Não sei se é bom ou mau, mas não me ocorre nada que não saibas sobre mim. De certeza que também lá estavas no dia em que me caiu o primeiro dente.

— Claro que estava, que é que achas? — Franziu o sobrolho com uma careta divertida ao pisar a beata. — Choraste durante horas. E ficavas muito engraçada quando sorrias.

Voltei a rir e, ao olhar em redor, percebi que tínhamos ficado sozinhos. Já não havia turistas, e o rapaz que momentos antes tocava guitarra tinha desaparecido. Suspirei e lembrei-me de uma coisa que fez com que sentisse um aperto na barriga. Olhei para Axel.

— Há uma coisa que não sabes. Durante os primeiros meses que passei em Brisbane, ganhei o hábito de pôr os auscultadores, ouvir os Beatles e caminhar pela cidade sem rumo. Num desses dias, fui dar a um mercado cheio de bancas com coisas curiosas. E, não sei porquê, juro que hesitei durante uma eternidade, mas acabei por comprar um búzio. Às vezes, quando me ia deitar, ouvia o mar, porque me lembrava de ti.

Axel inspirou fundo sem afastar os olhos de mim, levantou a mão lentamente e acariciou-me a face com os nós dos dedos. Fechei os olhos. Depois, senti os seus dedos no meu cabelo, o seu corpo cada vez mais próximo do meu, a sua respiração quente sobre os meus lábios.

— Devo ter sido o maior imbecil do mundo, por deixar escapar uma miúda que tinha sabor a morango, pintava emoções e ouvia o mar num búzio. — Aquilo fez-me sorrir. — E não paro de pensar em todos os beijos que não te dei nestes anos.

A sua boca tocou na minha devagar, suavemente.

Foi um beijo intenso e profundo; segurei-me nos seus ombros, quando reparei que os joelhos me tremiam, e Axel abraçou-me como se quisesse proteger-me do frio e de tudo o que nos rodeava, isolando-nos naquele contacto húmido e doce. Percebi que ele se continha, travava a ânsia e o impulso selvagem que aquele beijo despertara, e gostei de que o fizesse, que simplesmente nos descobríssemos com a boca, no alto da cidade, sem querermos mais nada. Fizemos isso durante tanto tempo que, quando nos afastámos, voltei a sentir-me como uma criança com os lábios avermelhados e as faces quentes.

— Vamos para casa — pedi-lhe.

Demos as mãos e iniciámos o caminho de volta.

Falámos, apenas. Quando chegámos ao apartamento, tirei o casaco e deixei-o em cima do braço do sofá.

— Gostaste do teu encontro?

— Muito — sorri-lhe.

— O suficiente para ter um segundo? — Assenti com a cabeça e ele aproximou-se, após colocar as chaves na entrada. Pôs o meu rosto entre as suas mãos e deu-me um beijo na ponta do nariz antes de me tocar nos lábios. — E o suficiente para dormir comigo esta noite? — grunhiu, e eu tentei conter o formigueiro que senti na barriga.

— Isso já não — brinquei.

— Vá lá, querida. Só dormir. Juro.

— Na próxima vez, talvez. Boa noite.

— Não vai ser boa sem ti — replicou.

Reprimi um sorriso e meti-me na cama depois de vestir um pijama largo de algodão. Fiquei a olhar o teto e a relembrar a noite que tínhamos passado juntos. Quando estávamos bem, estar com ele era sempre assim: simples e divertido, confortável e fácil, excitante e diferente de tudo o resto. Suspirei profundamente e virei-me. Passado um bocado, virei-me outra vez. E meia hora depois, percebi que não ia conseguir dormir, pelo menos, enquanto não deixasse de pensar no quão perto estava o quarto dele do meu e na sua voz rouca a pedir-me que dormíssemos juntos...

Não sei que horas eram quando me levantei da cama.

Fui em bicos de pés até ao quarto dele e entrei sem bater. As pernas tremiam-me, mas avancei devagar até chegar à cama dele e deitei-me ao seu lado. Contive a respiração quando ele se moveu, me abraçou a cintura e me apertou contra o seu peito. Fechei os olhos. Sentia a sua respiração pausada na minha nuca e concentrei-me nesse som perfeito antes de adormecer abrigada naquele abraço.

Axel

Quando regressei do supermercado, Leah não estava em casa. Conforme guardava as coisas no frigorífico, lembrei-me de que naquele dia ela tinha de se reunir com Scarlett e outros artistas, para falar sobre a exposição que teriam nesse fim de semana, numa pequena galeria. E, não sei porquê, subi as escadas até ao estúdio, para dar uma olhadela ao que ela tinha estado a fazer. Tinha-a visto tão aflita nas primeiras semanas, que tinha tentado não intervir demasiado e dar-lhe espaço.

Contemplei a obra em que ela tinha estado a trabalhar.

Era diferente, mas gostei. Uma rua de Paris, solitária, com as cornijas e os telhados dos edifícios a derreter como se fossem feitos de água, e a neve a salpicar cada canto, em contraste com aquela sensação de calor e de falta de solidez.

Quando ela chegou, eu já estava a preparar o jantar. Pousou os cadernos que tinha levado e a pasta, aproximou-se da cozinha e sentou-se num dos bancos, enquanto eu cortava alguns legumes às rodelas. Perguntei-lhe que tal tinha corrido o dia.

— Muito bem — admitiu. — É uma galeria diferente, mais autêntica, sabes? Estou desejosa de expor lá. Vai ser só um quadro, mas acho que se vai destacar, porque quase todos os outros artistas levam obras mais modernas e minimalistas. E a Scarlett disse que talvez passem por lá pessoas importantes que analisam as novidades, a ver se alguma lhes chama a atenção. Anda, quero que vejas o quadro.

— Eu fui ao estúdio há pouco.

— E que te pareceu? — conteve a respiração.

— É bom. É caótico. A mim, diz-me qualquer coisa.

Leah

Naquela manhã, Axel tinha acordado com uma dor de cabeça e, depois de muito insistir, seguiu o meu conselho, tomou um comprimido e voltou a deitar-se mais um pouco. Por isso, fui a Montmartre sozinha pela primeira vez, em silêncio, estando muito consciente de cada passo que dava, porque me perguntava se as pessoas tinham sempre de se dirigir para uma direção concreta, se era aquilo que eu fazia quando pintava, conduzir-me em cada traço. O problema era que ainda não sabia para onde queria ir. Uma parte de mim começava a sentir uma sensação de orgulho sempre que Scarlett me assegurava de que, se me deixasse guiar, poderia ir longe. E outra parte de mim só queria voltar para casa, pôr um vinil a tocar ao entardecer e pintar descalça no terraço, enquanto o céu se tingia daquele tom vermelho que me lembrava Axel.

Era tão contraditório...

Sentei-me nos degraus ao mesmo tempo que a cidade acordava e pensei que, se calhar, se tivesse sabido o que queria para o futuro desde o princípio, naquele momento não me sentiria tão desconfortável na minha própria pele.

Mexi no telemóvel até que me decidi a ligar-lhe. Landon atendeu ao quarto toque e, após os cumprimentos iniciais, houve um silêncio incómodo que tentei quebrar rapidamente.

— Só... liguei para saber como estavas.

— Bem — suspirou. — A acabar o trabalho final.

Inspirou. Landon não tinha respondido à mensagem que lhe enviara uns dias antes, embora, na realidade, eu não esperasse que o fizesse. Desde essa noite que pensava muito nele, em nós e em como as coisas aconteceram. Começar a organizar a confusão de sentimentos que eu mesma tinha criado não estava a ser uma tarefa simples, mas valia a pena tentar. E Landon era uma das peças-chaves.

— Desculpa-me — sussurrei.

— Não faças isso, Leah. Já falámos antes de ires embora. Deixámos as coisas claras.

— Mas não paro de pensar que nada disto foi justo para ti. E não é pelo Axel, a sério. É por mim. Não devia ter-te prendido a mim durante tanto tempo só porque precisava de ti e não era capaz de te deixar ir...

— Precisávamos ambos um do outro, Leah.

— Isso não é verdade. — Fechei os olhos.

— É, sim. Tu precisavas de alguém em quem te apoiasses e eu precisava de te apoiar a ti. Sabia desde o princípio que nunca o esquecerias mas, mesmo assim, para mim chegava o que tínhamos, sentir-me útil contigo, o quão fácil era tudo...

— Talvez demasiado — gemi.

— Provavelmente, sim.

Ficámos calados um bocado tão grande, que cheguei a pensar que Landon tinha desligado, mas não, continuava ali, a respirar do outro lado da linha.

— É como se estivesse a ver o amanhecer contigo, ainda que estejas longe. Estou no alto da colina e nem imaginas como isto aqui é bonito, quando a cidade começa a despertar e se enche de barulhos. Aqui há sempre barulho, na verdade. É estranho. Como um murmúrio que nunca cessa.

— Vemo-nos quando voltares?

— Sempre que quiseres.

— Então, rapidamente, Leah.

Fiquei ali mais um pouco depois de desligar, a pensar na sorte que tivera em me cruzar com Landon naquela noite. Talvez nem todas as histórias estejam destinadas a ser um «para sempre», mas nem por isso o caminho percorrido vale menos a pena. Gostava da ideia de ficar com tudo o que tínhamos dado um ao outro antes de tocarmos no fundo vazio de uma gaveta na qual já não havia muito para resgatar.

Leah

Doíam-me as bochechas de tanto sorrir sempre que alguém se aproximava do meu quadro. Tentava ser agradável com cada um dos visitantes, apesar de mal compreender o que me diziam, exceto quando Hans ou Scarlett se aproximavam, para se encarregarem da situação e me darem uma ajuda com a língua.

Fixei-me nos outros artistas. Todos pareciam sentir-se muito à vontade, orgulhosos, tranquilos. Obriguei-me a parar de mexer os pés e mantive as costas direitas. Ao levantar o olhar, tropecei nuns olhos azuis-escuros que olhavam para tudo de um canto da sala. Axel parecia tão desconfortável naquela roupa apertada, tão contido, tão pouco ele próprio...

A parte de mim que ainda queria andar descalça e pintar sem pensar quis aproximar-se dele e sussurrar-lhe ao ouvido uma piada qualquer que só nós entendêssemos. A outra parte travou aquele impulso e esboçou um sorriso ainda maior quando William, o marido de Scarlett, se aproximou para me cumprimentar e perguntar que tal estava a ser a tarde.

Axel

Foi um alívio quando, por fim, a exposição terminou e fomos embora dali. Cada vez me custava mais fingir diante de todas aquelas pessoas que não estava desejoso de me ir embora o mais depressa possível, porque a verdade é que estava cansado de ter conversas pouco interessantes e de tentar ser tão certinho, quando quase todos pareciam estar a representar um papel num filme de baixo orçamento e a oferecer bajulações pouco sinceras.

— Estás bem? — Leah deu-me a mão enquanto caminhávamos rua abaixo, à procura de um sítio para jantar. — Parecias desconfortável lá dentro.

— E estava.

— Porquê?

— A ti fazem-te sentir confortável?

— Não sei. Sim, às vezes, sim.

Não respondi. Não sabia o que responder. Continuei a andar até que vimos um sítio que parecia agradável e sentámo-nos numa mesa. Serviram-nos bebidas.

— Vá lá, conta-me o que se passa — pediu.

— Não tenho a certeza. É uma sensação estranha, instintiva, como quando alguma coisa te faz ter um mau pressentimento. E a maioria destas pessoas faz-me isso. Esquece. É o nosso segundo encontro e, em menos de três semanas, voltaremos para casa, quero desfrutar da noite.

Leah sorriu, embora fosse um sorriso trémulo. Reparei que havia algo que ela não estava a dizer, mas preferi deixar passar, em vez de ficar a dar voltas ao assunto, porque uma parte de mim percebia que ela estivesse deslumbrada, e queria que ela aproveitasse, se isso a fazia feliz.

Pedimos o jantar e a tensão dissipou-se.

— Onde vamos esta noite?

- Desta vez tenho tudo planeado.
- Uau, tu a planear alguma coisa?
- Sim, e janta depressa, senão chegamos tarde.

Meia hora depois, olhei para o seu sorriso ao chegarmos à porta de um pequeno cinema parisiense debaixo da fachada clássica de um edifício. Dei-lhe a mão, comprei dois bilhetes e pipocas, e entrámos numa sala quase vazia, que me recordou as que se viam em filmes europeus, com as largas cadeiras *bordeaux* e a iluminação escassa.

Leah mostrou-se entusiasmada quando surgiram as primeiras cenas de *O Garoto de Charlot*, um filme mudo. Respirei satisfeito, levei um punhado de pipocas à boca e inclinei-me para lhe sussurrar ao ouvido.

— É isto que os casais normais fazem. Têm encontros aqui, no cinema. Interessante. Pouco prático, mas não se pode ter tudo...

— Pouco prático? — Leah ergueu uma sobrancelha.

— Sim, pelo menos, se não tiveres saia.

Riu-se antes de me dar uma cotovelada.

Tentei concentrar-me no filme e mantive o olhar fixo no ecrã, até perceber que Leah se movia ao meu lado. E, a seguir, senti os seus lábios no meu pescoço. Sustive a respiração. Girei a cabeça para apanhar a sua boca e ela gemeu baixinho quando lhe lambi o lábio inferior. Mordemo-nos. Beijámo-nos. Procurámo-nos uma e outra vez no meio da escuridão daquele cinema, até que senti a sua mão a acariciar-me por cima das calças e tive de fazer o esforço da minha vida para manter a compostura e não lhe arrancar a roupa ali mesmo.

— Querida... isto vai ter consequências.

— Eu sei — sorriu contra a minha boca.

— Porra, e o que é que estamos aqui a fazer?

Levantei-me e puxei-a ao mesmo tempo que ela se ria baixinho. Caminhámos aos tropeções até ao apartamento, parando em cada esquina para nos voltarmos a beijar, ou para que lhe pudesse sussurrar ao ouvido que me deixava louco por a ver assim novamente, tão impulsiva, tão selvagem, tão desperta para mim.

Respirei fundo depois de entrar no prédio.

— Tens um minuto para subir, ou os vizinhos vão voltar a ter um espetáculo grátis, porque juro que não aguento mais. Um, dois... — Segui-a enquanto o seu riso vibrante deslizava pelas escadas. — Três — grunhi exatamente quando ela enfiou a chave na fechadura.

A porta fechou-se com uma pancada seca e, um segundo depois, as minhas mãos perderam-se no seu corpo. Leah arqueou as costas e eu procurei o botão das suas calças de ganga enquanto lhe chupava o pescoço, deixando-a marcada, deixando um rasto na sua pele...

Tirei-lhe a blusa pela cabeça com um puxão brusco, antes de lhe baixar as calças. Os meus olhos perderam-se no seu corpo despido, apenas coberto pelo conjunto de roupa interior preta. Reparei que ela tremia, mas não se moveu, deixou-me olhar para ela, deixou-me... desejar pintá-la assim, uma coisa só para mim, que mais ninguém pudesse ver. Desapertei os primeiros botões da camisa, porque sentia que estava a ficar sem ar, mas não cheguei a tirar o resto da roupa.

— Despe-te — pedi com um gemido.

— E tu, não estás a pensar fazê-lo?

— Depois — engoli em seco.

Houve um indício de vulnerabilidade no seu olhar antes de mover os braços e desapertar o sutiã. Deixou-o cair no chão e eu humedeci os lábios, conforme os meus olhos se perdiam naquela imagem perfeita e ela tirava o resto da roupa. Dei um passo para ela, seguido de outro e mais outro. Cobri-lhe o peito com uma mão. Leah estremeceu. Inclinei-me para capturar aquele tremor da sua boca, beijando-a ao mesmo tempo que a percorria com as mãos, tão devagar, que me doíam os dedos da vontade que tinha de os deslizar pela sua pele, por todo o lado, por cada curva e cada linha do seu corpo nu.

Desci devagar pelo seu pescoço, segui pelo arco do ombro e a seguir deslizei a língua pelo seu peito, detendo-me ali quando a ouvi ofegar, até que me desviei para as costas, para procurar aquelas três palavras que eu mesmo traçara, anos antes. Beije aquela recordação. Depois, continuei a descer, percorrendo a sua barriga

com os lábios, mordendo ou lambendo ou saboreando-a como há tanto tempo desejava fazer. Desenhando-a com a boca.

Ajoelhei-me diante dela ainda vestido, com a camisa amarrotada e tão duro que as calças começavam a magoar-me. Mas só conseguia olhar para ela ali de baixo. E adorar o seu olhar turvo, sumarento e cheio de tanta coisa... cheio de tudo o que um dia tivemos e ainda continuava vivo...

Acaricieei-lhe as pernas com suavidade.

— Gostas disto? De me ver de joelhos à tua frente. De saber que podias fazer-me passar toda a vida assim, se quisesses.

A respiração de Leah acelerou. Gostei que ela se sentisse poderosa, que soubesse que tinha o controlo. Sorri, provocador, antes de subir lentamente pela sua coxa até me perder entre as suas pernas. E então, beijei-a ali. Estava húmida, trémula, ofegante. Os seus dedos enredaram-se no meu cabelo quando precisou de marcar o ritmo, e eu deixei que o fizesse, porque gostava dela assim, exigente e atrevida. Percorri-a com a língua. Entrei nela com os dedos. No final, lambi mais devagar, atrasando o momento em que ela gemeu o meu nome e a agarrei com força nas coxas quando percebi que ia atingir o orgasmo e as pernas lhe começaram a tremer. Continuei até lhe arrancar o último gemido, até memorizar o seu sabor e reparei que ela precisava que me levantasse e a abraçasse para se sustentar. Apertei-a com força contra o meu peito.

— O teu sabor é melhor do que me lembrava.

— Foda-se, Axel.

— Espero que seja uma ordem e não apenas uma expressão, porque juro que me faltou pouco para me vir sem me tocar e preciso... preciso de ti, não sabes quanto...

Leah

O meu coração batia com tanta força, que só conseguia ouvir as minhas próprias palpitações enquanto o puxava para o seu quarto e lhe desapertava os botões da camisa. Arranquei-a pelos ombros antes de agarrar no cinto e deslizar as mãos por cima das calças, acariciando a sua ereção ao cruzarmos a ombreira da porta.

Fiquei sem ar quando, por fim, o vi nu diante de mim, depois de tanto tempo... tão perfeito, ainda com a pele bronzeada, que parecia gritar para que as minhas mãos lhe tocassem. Dei-lhe um empurrão para que caísse na cama e ele deixou-se cair, com os braços apoiados sobre o colchão, olhando-me com tanto desejo, que tremi ante aquela intensidade, ao mesmo tempo que subia pelo seu corpo até os nossos sexos se tocarem.

Fechei os olhos. Era um misto de dor e de amor. Precisava tanto de o ter dentro de mim que a espera era dolorosa, mas, ao mesmo tempo, queria atrasar o momento o mais possível, para sentir mais, mais e mais. Embora Axel não parecesse estar a pensar no mesmo.

Endireitou-se, sentando-se, e abraçou-me pela cintura, para me levantar e se posicionar entre as minhas pernas antes de começar a deslizar dentro de mim. Abracei-lhe o pescoço enquanto o sentia abrir espaço dentro de mim com os nossos olhares entrelaçados e os músculos em tensão, com os seus dedos cravados nas minhas ancas e os meus a acariciar-lhe o cabelo. Grunhiu quando investiu até ao fundo com força e apertou os dentes. Vi-o suster a respiração.

— Porra, amor, porra...

— Deixa-me fazer — pedi-lhe —, por favor.

A sua respiração tornou-se entrecortada quando comecei a mover-me sobre ele, fazendo amor lentamente, muito lentamente, porque não queria que aquilo acabasse nunca, porque aquele instante era perfeito e queria saboreá-lo; a sensação de o ter assim, meu, a

olhar para mim apaixonado, como eu olhara para ele durante toda a minha vida, a dizer-me tantas coisas sem serem precisas palavras, e cedendo-me o controlo sem hesitar nem tentar esconder-se. Corajoso no que sentia, em me deixar ver cada esgar de prazer no seu rosto, os seus olhos vidrados, a sua boca à procura da minha sempre que me balançava contra o seu corpo e nos uníamos novamente.

Reparei na maneira como ele estremecia e respondi movendo-me mais depressa, mais profundamente. Queria... queria dar-lhe tudo. Quando lhe sussurrei ao ouvido que estava desejosa de o sentir a vir-se, Axel bufou e as suas mãos aferraram-se às minhas ancas com força ao aumentar o ritmo. Procurei a sua boca no meio daquela voragem de sensações: de prazer, do suor, da pele a roçar-se em cada investida, do grunhido rouco que escapou dos seus lábios quando chegou ao fim e me abraçou, e do silêncio que se estendia pelo quarto, envolvendo-nos.

Axel acabou de me pôr champô no cabelo e abriu a torneira do duche para o lavar. Senti os seus lábios quentes na minha testa enquanto a água quente caía sobre nós.

— O que te disse naquele dia era a sério, Leah. Quero dar-te o primeiro beijo de bom-dia. E quero fazer amor contigo todas as noites. Quero vir-me em cima e dentro de ti. Que grites o meu nome e que voltes a morrer por mim. Tudo isso. Que tenhamos isso. Que sejamos um casal a sério.

Sorri contra o seu peito e inspirei, antes de olhar para ele.

— Todos vivemos num submarino amarelo.

Axel desatou a rir antes de me sussurrar ao ouvido a mesma coisa, cantando-me o refrão da nossa música, cantando-me todos aqueles «amo-te».

Axel

Bufei ao descobrir que o outro lado da cama estava vazio. Era estranho ter dormido até tão tarde, quando os raios de sol já entravam pelo meu quarto, mas na noite anterior tínhamo-nos deitado quase ao amanhecer, a falar e a fazer amor e a olharmo-nos como se tudo encaixasse, enfim, no seu lugar, e as coisas voltassem a estar como sempre deviam ter estado.

Saí da cama, fui à casa de banho e passei pela cozinha. Preparei um café e uma taça com aveia e leite. Levei uma colherada à boca e olhei para as escadas que conduziam ao estúdio. Deixei o pequeno-almoço de lado, subi e abri a porta, com a intenção de a segurar nos braços e de a convencer a descer comigo para estarmos juntos um bocadinho antes de ela começar a trabalhar, mas, quando entrei, encontrei-a sentada no chão com os joelhos encolhidos junto ao peito e os olhos cheios de lágrimas.

— Que se passa? — Ajoelhei-me ao seu lado.

— Queria ver as fotografias da exposição... — respondeu, entre soluços, antes de me estender o telemóvel. — Mas encontrei isto. E eu sei que o que faço não é perfeito... mas a maneira como se referem a mim faz com que pareça muito pior.

Li o artigo que ela me mostrava que falava da exposição inaugurada na véspera e que tinha saído numa revista digital inglesa pouco conhecida. Havia comentários sobre várias obras, mas o que se referia à obra de Leah era especialmente mordaz: «Medíocre, falta de criatividade e de coerência, quase uma demonstração de ignorância.»

Segurei-lhe o rosto para que ela olhasse para mim. Tentei sorrir de modo que retirasse importância ao assunto.

— E que importa isto, querida? É apenas uma opinião.

— Mas acho... acho que tem razão.

— Eu gostei. A minha opinião não conta?

— Tu não és objetivo — soluçou.

— Claro que sou. Sobre os primeiros quadros que pintaste quando chegámos a Paris, disse que conseguias fazer muito melhor. E não aceitei todas as tuas obras para a exposição de Brisbane, porque algumas não me disseram o suficiente. Por isso, confia em mim. Porque é que te importa tanto o que este tipo escreveu no artigo?

— Porque me magoou — gemeu baixinho.

— Então não deixes que o faça.

— Tu não percebes. Não sabes como é despires-te diante do mundo inteiro, criar alguma coisa que depois é espezinhada. É pessoal. Não deixa de ser meu.

— Também é o teu trabalho — lembrei-lhe.

Pus-me de pé, procurei o vinil dos Beatles e pus a *Hey Jude* a tocar enquanto me deitava ao seu lado e a puxava para que também se deitasse. Leah abraçou-me sobre o soalho de madeira, mais tranquila, e dei-lhe um beijo na cabeça.

— Isto ia acontecer algum dia, sabes? Mais vale agora do que depois. Vais superar isto, como superaste tudo o resto. Haverá pessoas que pagam para ter quadros teus e outras a quem não dizes nada, mas o importante é como tu te sentes, percebes? Tens de estar satisfeita com o teu trabalho, nunca mostres um quadro do qual não te sintas orgulhosa, porque se te criticam nessa altura, aí vai doer a sério. E, quando voltarmos para casa, faremos as coisas à nossa maneira. Vais pintar no terraço ou nas tuas águas-furtadas, onde preferires; fazemos férias curtas em sítios onde queiras realmente estar.

— Estás arrependido desta viagem?

— Não, foi um bom empurrão e tens equivalência no estágio. Olha, hoje recebeste a tua primeira crítica negativa, isso já é despertar o interesse de alguém, e ganhaste experiência ao perceberes o que queres. Não achas?

Assentiu com a cabeça, mas não disse nada.

E senti uma pressão estranha no peito...

Leah

A casa de Hans parecia de outra época, com os seus móveis clássicos de madeira escura, os seus tetos altos e o papel de parede estampado. À medida que avançava até à sala de jantar, fixei-me nos meus próprios pés e na profusão de tapetes em todas as divisões. Quando chegámos, a mesa já estava posta; Hans tinha-nos convidado para jantar, juntamente com outros amigos seus: William, Scarlett e três americanos que acabavam de chegar a Paris e que dirigiam uma pequena galeria em Nova Iorque.

— Sentem-se — disse sorridente, indicando a mesa.

Sentámo-nos e Scarlett, que estava à minha frente, piscou-me um olho antes de se dirigir à rapariga responsável pelo *catering* que tinham contratado e lhe perguntar se em vez de vinho tinto lhe podia trazer um copo de vinho branco. Depois, sorriu tranquilamente enquanto Hans nos apresentava a Tom, Ryder e Michael.

Serviram pato confitado primeiro, por isso Axel passou diretamente para o segundo prato: *vichyssoise*. Apesar do contratempo inicial, reparei como tentava esforçar-se por fingir que um jantar quase de gala era o seu plano ideal para uma noite de sexta-feira. Conseguia ser encantador quando queria, por isso, conseguiu rapidamente deixar toda a gente a rir-se das suas piadas e fazer com que Hans o olhasse com satisfação sempre que animava o serão. Eu tentava ignorar os nervos que sentia por estar sentada ao seu lado sabendo que ele não sentia nem um pinga daquela simpatia toda, mas não o podia recriminar.

— Esta noite, estás muito calada, Leah, aconteceu alguma coisa?

— Scarlett olhou para mim daquela maneira muito fixa e direta que me deixava um pouco nervosa. — Não terás lido o artigo daquela revista... como se chamava, William? — perguntou ao seu marido.

— É uma revista inglesa, tu deste-lhe acreditação.

— Certo, falarei com eles. — Tamborilou sobre a toalha da mesa.
— O Hans e eu estivemos a falar disso há uns dias e foi desnecessariamente cruel. Mas, olhando para o lado positivo, tivemos uma ideia. Conta-lhe, Hans.

Senti a mão de Axel a tocar na minha por baixo da mesa, e aquele gesto tão pequeno acalmou-me nesse momento tenso, porque detestei ser o centro das atenções, detestei que a comida se me revolvesse no estômago e o silêncio que precedeu as palavras de Hans.

— Pensámos que seria interessante para a tua carreira reconduzir certas coisas.

— Como por exemplo? — interveio Axel.

— O trabalho dela é muito disperso — esclareceu Scarlett. — Ela tem talento e pode criar uma grande obra, mas atualmente o mercado pede um tipo de arte muito específico. Algo mais moderno, mais ousado. Poderíamos chegar a um acordo acerca de uma linha específica de obras com uma de grande formato.

— Uma linha de obras? Vamos embora daqui a duas semanas. — Axel franziu o sobrolho.

— Não, se tiveres pensado na minha oferta. — Scarlett olhou para mim.

Quando percebeu o que aquilo significava, Axel soltou a minha mão de repente. Eu ainda não tinha proferido uma só palavra, sentia-me como se tivesse alguma coisa atravessada na garganta e não me achava capaz de responder. Sabia que tinha feito mal, que ele nunca devia ter ficado a saber de uma coisa assim por outra pessoa. Consegui recompor-me naquele mar de dúvidas e de culpa que me invadiu.

— Podemos falar disto noutra altura? — pedi.

— Claro, desfrutemos do jantar. — Hans olhou para Axel. — Que te parece a *vichyssoise*?

— Deliciosa — replicou, cortante, e acho que não fui a única a perceber o tom ríspido da sua voz, mas os restantes convidados optaram por ignorar.

O resto do serão resumiu-se a uma sucessão de histórias interessantes e de silêncios da minha parte, ao mesmo tempo que

assentia e tentava mostrar-me entusiasmada. Findo o jantar e chegando a hora de voltar para casa, pedi licença e fui à casa de banho antes de ir buscar o meu casaco. Entretive-me um pouco mais do que a conta a lavar as mãos e a olhar-me naquele espelho oval — que devia ter custado uma fortuna —, ao perguntar-me quem era a rapariga do reflexo, e as palavras de Scarlett repetiam-se na minha cabeça: «Ela tem talento e pode criar uma grande obra.» Era um elogio e uma pequena punhalada ao mesmo tempo, doce e amargo.

Ainda me estava a despedir de todos, quando Axel entrou no elevador. Segurou a porta para me deixar entrar e premiu no primeiro botão sem olhar para mim. Eu queria dizer alguma coisa, algo que fosse suficiente para que ele me entendesse, mas não sabia o quê, porque nem sequer sabia muito bem o que pensar.

Começámos a andar em silêncio. Estava frio.

— Desculpa por não te ter dito antes — disse, quando ganhei coragem. — Mas não sabia... não encontrei o momento certo...

— O momento certo? Porra, Leah, vivemos juntos.

Axel parou no meio de uma rua qualquer e levou a mão ao pescoço ao bufar nervoso. Vi-o inspirar antes de olhar para mim.

— Diz-me agora. Diz-me o que ela te disse.

Engoli em seco e humedeci os lábios com inquietação.

— Que não tinha motivos para me ir embora quando terminasse a bolsa. Propôs-me que ficasse um pouco mais se quisesse continuar a trabalhar com eles, porque poderia arranjar-me um espaço na galeria.

— E é isso que queres?

Era precisamente a última pergunta que eu queria que ele fizesse e também a mais necessária, a que significava tudo e aquela a que ainda não conseguia responder.

— Não sei... — sussurrei.

Axel coçou o rosto, aflito.

— Então, avisa-me quando souberes, porque, porra, era suposto estarmos nisto juntos. E estou aqui, Leah, no outro lado do mundo contigo. Mereço saber.

Continuou a andar, mas a minha voz travou subitamente os seus passos.

— E eu não te queria pedir que te sacrificasses por mim!

— Estás a gozar? Não me vou embora daqui sem ti.

O lábio inferior tremeu-me e abracei-o, abracei as suas palavras e tudo o que implicavam, e rezei para que Axel não se afastasse. E não o fez. Os seus braços rodearam-me, protegendo-me do frio, e depois serenei, ao sentir os seus lábios na minha fonte, suaves e familiares.

Axel

Há um par de dias que fumava e pensava mais do que devia, e isso não ajudava a ter menos dores de cabeça. Os nervos também não. E, por muito que tentasse fingir, sabia que as coisas não estavam bem. Não era normal que Leah se fechasse no estúdio durante tantas horas para pintar quadros que não me pareciam ser dela. Além disso, angustiava-me que faltasse pouco tempo para ela tomar uma decisão. E, o pior de tudo, frustrava-me não a entender.

Mas não era capaz de lhe dizer o que realmente pensava, porque não queria discutir e tinha medo de que isso abrisse uma brecha entre nós. De algum modo estranho, estava novamente a ser cobarde, só que ao contrário; não para a afastar de mim, mas para evitar perdê-la.

Acendi outro cigarro exatamente quando ela saiu do estúdio. Olhei para ela enquanto descia as escadas com um ar ausente e pensei que tinha de fazer alguma coisa, de mudar aquilo.

— Veste-te, vamos dar uma volta por aí.

— Agora? Estou exausta — gemeu.

— Vá lá, estás a perder a cidade.

Leah hesitou, mas sabia que eu tinha razão, por isso, dez minutos depois estava pronta e saímos juntos do apartamento. Já tinha anoitecido. Apanhámos o metro e ela pareceu esquecer-se dos fantasmas que deixara no estúdio, e voltou a sorrir por cada disparate que dizíamos ou ao ouvir as pessoas falar francês e imaginar o que estariam a dizer, fazendo as nossas próprias conjecturas.

— Escondi o corpo no congelador do sótão — disse, recriando a conversa quando o homem da frente falou com a mulher que estava ao seu lado.

— Ao lado das ervilhas e do peru? Ótimo, trataste da ceia de Natal — continuou Leah aguentando uma gargalhada precisamente

quando a senhora que imitava franzira o sobrolho, como se estivesse realmente chateada por encontrar um cadáver junto à comida.

— Merda! É a nossa paragem! — Pus-me de pé, puxei-a e saímos a correr mesmo antes de as portas se fecharem.

Chegados à rua, caminhávamos descontraidamente. A Torre Eiffel brilhava iluminada sob o céu escuro e aproximámo-nos em silêncio, apreciando o passeio. Parámos junto ao pequeno carrossel ali ao lado e inclinei-me para lhe dar um beijo lento e ajeitar o cachecol fino que ela trazia, dado que à noite arrefecia.

Leah olhou-me fixamente, tanto que me assustou.

— Em que estás a pensar?

— Que quando estou contigo, tudo está bem.

— E quando não estamos juntos? — perguntei.

— Aí, não sei bem.

Suspirei profundamente, porque não sabia o que lhe dizer, mas não gostava disso, significava que algo estava mal. Havia pouca gente ali à volta quando lhe peguei na mão e insisti para que subisse para o carrossel que, àquela hora, já não estava a funcionar. Leah subiu para um dos cavalinhos e sorriu-me de uma maneira que fez com que se me encolhesse o estômago. Apoiou a face na cabeça do animal e eu meti os dedos no seu cabelo curto.

— Quero que fales comigo. Que me expliques o que se passa para te poder ajudar. É assim que isto funciona, Leah, superamos as coisas juntos...

— Esse é um dos problemas — admitiu num murmúrio.

— Qual? — Prendi-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Tenho muitas dúvidas, não sei o que sinto nem porque é que estou assim. Pensava que não me importava com o que os outros pensassem da minha pintura, mas importo-me. Pensava que estava acima disso tudo e parece que não estou. Sinto que isso me aflige e me bloqueia, mas, ao mesmo tempo, sou incapaz de dar um passo atrás, como se tivesse a necessidade de demonstrar que consigo fazer isto, que sirvo para isto...

Tentei ignorar que quase me magoava mais a mim do que a ela saber que se sentia assim e não poder fazer nada para o impedir, porque eu não era propriamente um exemplo a ter em conta.

— E que tem isso que ver connosco?

— Não quero voltar a precisar de ti como aconteceu há uns anos, Axel, nem quero arrastar-te para o meu caos nem que isto nos influencie. Mas tu estás aqui por mim e isso... isso não é um pormenor que eu possa ignorar ao tomar uma decisão.

— Vou achar bem o que quer que decidas.

— É esse o problema — respondeu triste.

Reprimi um suspiro e beijei-a, para que parasse de falar. Tinha a sensação de que tanto fazia o que ela dissesse; estávamos num beco sem saída e nessa noite não resolveríamos nada. Nessa noite... na realidade, só queria dar uma volta com ela e conseguir que desanuviasse e que deixasse de pensar no trabalho.

— Vem cá, vamos ser dois turistas.

Caminhei até à Torre Eiffel e esperei por ela no meio da esplanada, até que ela chegou. Tirei o telemóvel para tentar tirar uma fotografia e, entre risos, acabei por levantar Leah, de modo que ambos pudéssemos aparecer no enquadramento com o fundo. Depois, passeámos pela margem do Sena, com o famoso monumento iluminado à nossa direita e apreciando o silêncio da noite. Leah subiu ao muro de pedra que ladeava o passeio, e eu pus-me entre as suas pernas para a beijar até me cansar.

— Onde queres ir?

— A qualquer sítio. Ou a nenhum — sorri junto aos seus lábios. — Sabes o que significa a palavra *flâneur*? É a arte de passear sem pressa pelas ruas de Paris, sem objetivo, sem rumo. Hoje, devíamos ser dois *flâneurs* — disse com uma pronúncia cómica.

— Adoro a maneira como a palavra soa.

Fizemos isso até a madrugada nos surpreender. Percorremos ruas sem nome e esquinas pelas quais talvez jamais voltássemos a passar, até que chegámos a casa e acabámos na cama. Deitei-a de barriga para baixo e entrei nela com força, beijando os sinais das suas costas enquanto investia nela e os seus dedos se aferravam aos lençóis, antes de se deixar ir e de os seus gemidos me arrastarem a mim. Depois, abraçámo-nos em silêncio na penumbra do quarto até que o sono venceu a vontade de nos olharmos.

Leah

Scarlett tirou um vestido do armário e estendeu-mo.

— Este serve, embora tivesse sido muito mais fácil termos ido às compras. És demasiado teimosa; como diriam os franceses, *têtue*. Agora, já sabes o que significa se alguém to disser — disse resoluta. — Tens sapatos?

Assenti com a cabeça e Scarlett deixou escapar um suspiro cansado. Convidara-nos para uma festa no fim de semana seguinte, no mesmo hotel em que ela estava hospedada, e o meu primeiro impulso fora recusar o convite, porque, em primeiro lugar, sabia que Axel ia detestar e, em segundo, porque não tinha nada para vestir. Quando ela me perguntou que razões tinha para não ir, só consegui referir esta última. Ela insistira para que fôssemos juntas às compras, mas recusei. Escapar à sua vontade firme de me emprestar um vestido foi missão impossível. Scarlett era tão convincente e persuasiva quando se propunha a alguma coisa, que eu não sabia como é que o seu marido conseguia ter algum tipo de independência ao seu lado.

Contemplei a *suite* imensa em que nos encontrávamos. Tinha uma sala, duas casas de banho e um quarto de vestir. Mais do que um quarto de hotel, era um pequeno apartamento. Indicou-me o sofá com a cabeça, para que me sentasse.

— Vou pedir café — disse, antes de chamar o serviço de quartos. Quando voltou a sentar-se, fixou o olhar em mim. — Pensaste na minha proposta?

— Sim, ainda estou a pensar — respondi, nervosa.

— Se o que te preocupa é esse teu agente, o Axel, lembra-te de que se trata de um mero intermediário e de que, na realidade, assinaste contrato com o Hans, não com ele. Muitas vezes, podem confundir-se os papéis, mas a única coisa que importa é o trabalho

que realizas para a tua galeria e tens a sorte de o Hans não possuir apenas uma.

— O problema não é ele — repliquei.

Não gostei que ela o implicasse na minha decisão. Não queria que nada daquilo chegasse a Axel.

Scarlett levantou-se para atender o empregado do serviço de quartos quando este bateu à porta e trouxe o café, servindo-o em ambas as chávenas. Depois de o empregado sair, ela retomou a conversa.

— Não penses que deixo entrar no meu quarto qualquer miúda que começa a dar nas vistas. Se estás aqui é porque, de facto, vejo algo mais em ti, algo em grande. Mas antes de enveredar por certos caminhos, uma pessoa deve estar disposta a cumprir algumas regras.

— E que é que eu deveria saber, exactamente?

— Espera aqui. — Foi até à secretária e tirou de uma gaveta uma pasta grossa e escura que deixou sobre a mesa. Bebeu um gole do seu café, tranquila e serena como sempre, e depois abriu-a. — Isto é o que o mercado pede neste momento.

Eram fotografias de quadros. Quase todos de traços grossos, sem muitos contrastes nem pormenores. Fizeram-me lembrar aquele que Scarlett me mostrara, orgulhosa, quando a conheci na inauguração. Por sorte, nesse dia não lhe disse o que realmente pensava do quadro: que lhe faltava alma e emoção. Afastei essa memória quando dei conta de que já tinha feito coisas semelhantes, sobretudo, quando me deixava levar só pelas cores e procurava um alívio rápido. Pensei que não deveria ser assim tão difícil repetir uma coisa que já conhecia.

— Talvez... talvez possa fazê-lo.

— Talvez, não. Tenho a certeza de que consegues. Se pensasse o contrário... Leah, tenho muitos outros artistas à espera de uma oportunidade assim. Mas quero que sejas tu.

Gostava e, ao mesmo tempo, sentia repulsa daquilo que as suas palavras me faziam sentir: satisfação e inquietude, orgulho e nervosismo. Tudo misturado.

— Mas não sei se o tempo...

— Que tal ficares mais um par de semanas? Sabes que pela parte do Hans não há problema nenhum com o apartamento.

Mordi o lábio inferior, indecisa.

Quando regressei, Axel estava a cozinhar e a casa cheirava tão bem, que o meu estômago roncou imediatamente. Entrei na cozinha e pus-me em bicos de pés para chegar aos lábios dele. Ouvia-se uma música suave que vinha de cima e imaginei que ele tinha ligado o gira-discos.

— Como é que correu tudo? Bem?

— Sim. Olha. — Peguei no saco que trazia e tirei o vestido, que era de um tecido muito fino e de cor champanhe, sem costas. — Gostas?

— Eu gosto quando estás nua.

— Axel... — protestei, a sorrir.

— Está bem, pronto, também aceito o biquíni de vez em quando.

— Ri-me e ele deu uma olhadela ao vestido que eu ainda estava a segurar. — Vais ficar linda de certeza.

— Levaste o teu fato à lavandaria?

— Não, tinha de levar?

— Sim, mas não faz mal, ainda tens uns dias.

Tomei um duche rápido e, quando saí, a mesa pequena da sala de jantar já estava posta e o jantar servido. Axel abriu uma garrafa de vinho e sentou-se no chão, sobre o tapete. Instalei-me ao seu lado a pensar que aquilo era perfeito. Quando estava com ele, voltava a sentir-me como anos antes, dentro da bolha que um dia criámos em sua casa; só nós, como se isso bastasse. O problema era tudo o resto.

Não falámos demasiado enquanto jantávamos, embora de vez em quando Axel me obrigasse a jogar àquilo de tentar adivinhar que ingredientes levava cada prato que provava. Não tinha um paladar muito refinado, por isso, não costumava acertar muitas vezes, mas gostava que depois ele me explicasse a elaboração das suas receitas.

No final, levei os pratos para a cozinha.

Peguei no copo de vinho quando voltei e sentei-me novamente ao seu lado. Dei um gole. E, em seguida, mais outro. Axel ergueu uma sobrancelha ao olhar para mim.

— Vá, diz lá o que tens para me dizer, ou vais acabar por te embebedar.

— É complicado... — Inspirei. — Disse à Scarlett que ia pensar, mas não me parece que a ideia de ficarmos aqui mais um par de semanas seja assim tão má.

— Para fazer essa espécie de encomenda?

Assenti com a cabeça e Axel deixou escapar um suspiro, antes de beber de uma vez o vinho que tinha no copo. Por um momento, pensei que se ele dissesse que se ia embora, eu... também iria. E esse pensamento assustou-me. Foi como uma flecha que me atravessou e que quis arrancar toda de uma vez, porque percebi que continuava a ter medo de fazer as coisas sozinha, que precisava sempre de alguém ao meu lado.

— Então não se fala mais nisso. Ficamos.

Deu-me um beijo e respirei fundo, aliviada.

Mas também senti uma sensação amarga no estômago. Aquela sensação que surge quando tomas consciência de que és mais fraca do que pensavas, de que há alguma coisa dentro de ti que continua a falhar. Recordei as palavras que Axel dissera, semanas antes, no alto de Montmartre, no nosso primeiro encontro: «É como se, num primeiro momento, nos olhássemos ao espelho com uma luz que nos deixa fantásticos e nos deixássemos deslumbrar por essa imagem que nem sequer é real.»

Axel

Oliver atendeu ao terceiro toque e eu inspirei.

— Temos de falar — soltei à queima-roupa.

— A Leah está bem? — perguntou preocupado.

— Não sei, acho que sim. Quero pensar que sim. Falaste com ela, ultimamente? Ela disse-te que quer que fiquemos aqui mais umas semanas?

— Não, porra, não me disse nada.

Pu-lo ao corrente dos últimos acontecimentos. Falei-lhe de Scarlett, que, seguramente, não me inspirava confiança; toda ela me parecia vazia, um invólucro bonito que deslumbrava apenas durante os primeiros cinco minutos. Mas Leah parecia impressionada sempre que ela abria a boca. E depois, ela mesma refletia aquela faceta que começara a exhibir durante aquelas semanas: o ego, a vaidade.

— Não percebo. Ela não é assim.

— O que me preocupa é que não seja o que ela quer — expliquei.

— Eu percebia se ela me dissesse que era isto que procurava há muitos anos, que quer um futuro assim, mas ela nem faz ideia do que procura e isso... é perigoso.

Acendi um cigarro. Não deixava de dar voltas à cabeça. Queria entendê-la e não estava a conseguir. E era suposto que tudo se baseasse nisso, certo? Na cumplicidade, em pormo-nos na pele da outra pessoa com quem queremos partilhar a vida.

— Então, deixa-a cair — respondeu Oliver.

— Desculpa? Que caralho...?

— Volta para casa. Acredita, demorei anos a aceitar que ela não era uma criança e que não a podia controlar como eu queria. Quando a deixei em Brisbane, depois de tudo o que tinha acontecido contigo... juro, estive meses a comportar-me como um paranoico, porque pensava que era responsabilidade minha e

sentia-me na merda por a ter deixado sozinha, quando sabia tudo por que estava a passar e que adormecia todas as noites a chorar.

— Porra, Oliver, não me lembres disso.

— Não estou a dizer por causa disso. Se ela quer ficar em Paris, que fique. Que assuma essa decisão.

— Tu não percebes. — Dei outra passa profunda.

— Experimenta tentar explicar-me.

— Estamos juntos. E não estou a pensar em voltar a deixá-la sozinha.

Houve um silêncio antes de ele se desmanchar a rir.

— Nunca pensei que me alegraria por ouvir uma coisa assim.

— Fumaste alguma merda? É que devias partilhar.

— Talvez quando voltares e formos sair — troçou antes de voltar a ficar sério. — E quanto à Leah... vou tentar falar com ela. Curioso, não é? O meu pai preocupava-se sempre com o contrário. Lembro-me de o ouvir dizer, uma vez, que tinha medo de que ela acabasse por se centrar tanto na pintura, que nem quisesse participar em mercados de arte nem desligar-se dos seus quadros para os vender. No dia em que tiveram o acidente... iam a uma galeria em Brisbane e ele tinha estado a convencê-la durante dias. E agora, olha só.

Apaguei o cigarro, ainda pensativo e inquieto.

— Deixa estar, não fales com ela. Eu trato disto, não quero que vocês tenham problemas.

— Está bem. Tu estás bem? — perguntou.

— Estou. Se não contar com a vontade que tenho de meter a tua irmã numa mala, enfiar-me no primeiro avião e voltar para casa, para a nossa vida. Depois de tantos anos, de tantos problemas... tenho a sensação de que estamos mais longe do que nunca do lugar onde devíamos estar neste momento.

Axel

- Leah, acreditas no destino?
- Depende — suspirou, pensativa.
- De quê? — Olhei-a atento.
- Do dia. Às vezes, sim, outras vezes, não.
- E acreditas que nós estávamos destinados?
- Estás mesmo a pensar nisso? — Leah riu-se.
- Talvez haja coisas que não conseguimos escolher, porque nos escolhem a nós.
- Dito assim é bonito — sorriu-me. — Gosto disto. Ficar horas na cama contigo só a falar. Ou a olhar para ti. Ou a tocar-te.
- A parte de tocar interessa-me. Dá-me pormenores — sussurrei.
- Ela deixou escapar uma gargalhada antes de me abraçar.

Axel

A verdade é que estava linda com aquele vestido que deixava as costas inteiras descobertas, embora o meu único pensamento se resumisse a arrancá-lo, o que era complicado, tendo em conta que estávamos entre dezenas de pessoas que conversavam e riam à nossa volta. Concentrei-me em comer e beber para ver se a festa se tornava mais suportável, mas não era fácil. Em primeiro lugar, porque não deixava de pensar no quão fantástico seria se Leah e eu estivéssemos em casa, na nossa casa verdadeira, deitados no terraço a olhar para as estrelas; talvez a pensar em visitar uma simples feira de arte no fim de semana seguinte ou a preparar qualquer coisa para a galeria da cidade. E, em segundo, porque dei conta de que talvez quem estivesse enganado durante todo aquele tempo fosse eu. Talvez Leah quisesse aquilo. Talvez desejasse noites assim, entre desconhecidos de sorrisos falsos.

Olhei para ela. Parecia estar à vontade. Ou era o que eu diria, se não a conhecesse tão bem e não conseguisse notar a rigidez das suas costas, a tensão que parecia carregar nos ombros e aquele nervosismo que se apoderava dela quando cumprimentava Scarlett, como se a sua presença impressionante a fizesse sentir-se inferior ou a deslumbrasse.

Fiquei um pouco para trás enquanto elas conversavam.

Dei uma volta sobre mim, contemplando toda a gente vestida nos seus melhores trajes, como se fossem presentes de Natal. Era ilusão, tudo naquela festa aparentava ser feito de *papier mâché*, e a autenticidade brilhava pela sua ausência. Nem sequer me parecia real, porque sempre que olhava para aquelas pessoas só via cascas vazias. E não queria que Leah estivesse no meio delas. Havia exceções, sim, como em qualquer sítio, mas aquele ambiente contaminado sufocava-me, as aparências, as conversas triviais. Tinha passado meia hora a ouvir um grupo de convidados a debater

sobre se a cor malva havia ou não voltado a estar na moda, e sentia que a minha cabeça ia acabar por explodir.

Peguei numa bebida e saí da sala. Os murmúrios ficaram para trás quando me afastei e comecei a subir as escadas do hotel até chegar ao último andar. Cheguei ao terraço.

Corria um vento fresco, mas agradável. Respirei fundo. Acendi um cigarro sem pressa, contemplando a vista que vibrava lá em baixo, ao passo que eu estava numa festa em que não me conseguia encontrar. Assustou-me pensar que o problema fosse esse, que quiséssemos coisas diferentes, depois do que nos tinha custado voltar a caminhar juntos...

Senti-a atrás de mim. Virei a cabeça.

— Que estás aqui a fazer? — Dei uma passa.

— Vi-te a sair.

— Não consegues tirar os olhos de mim — brinquei, erguendo uma sobancelha enquanto ela apoiava os braços no parapeito. — Na próxima vez, diz-me, e não te largo.

Sorriu timidamente, mas nem a minha tentativa de quebrar o gelo conseguiu disfarçar a névoa que pairava sobre aquela noite. Tínhamos Paris aos nossos pés e eu sentia-me precisamente ao contrário, como se estivéssemos aos pés daquela cidade, percorrendo becos sem saída.

— Detesto ver-te assim. Quem me dera que fosse tudo mais fácil.

— É fácil. E estou bem — menti. — Vem cá.

Abracei-a por trás e apoiei o queixo no seu pescoço, ela suspirou.

— Sinto-me mais perdida do que nunca, exatamente no momento em que me devia ter encontrado. Às vezes, gostava de nunca ter vindo para Paris.

— Não digas isso. Então e todas as coisas boas? — Subi a mão pela sua cintura e acariciei a pele que o decote do vestido deixava a descoberto. — Quando apanharmos um avião e voltarmos para casa, entre as minhas prioridades está fecharmo-nos no quarto durante vários dias. Podemos sair de vez em quando, se houver boas ondas ou se ficarmos sem comida, mas mais nada. No resto do tempo, seremos só tu, eu e a minha cama. A nossa cama — corrigi. Porque me soava melhor.

Vi-a sorrir e mordi-lhe a face com suavidade, à medida que baixava a mão e a punha entre as suas pernas. Pensei que ela ia protestar, mas apenas se arqueou contra mim e eu sussurrei-lhe que relaxasse e me deixasse brincar um pouco, porque me parecia o melhor plano do mundo para ignorar que, uns meros andares abaixo, se celebrava uma festa onde eu não queria estar. E desejei que ela sentisse exatamente o mesmo que eu.

Maio

(PRIMAVERA, PARIS)

Leah

Recuei alguns passos para contemplar melhor a obra quase acabada. A luz do entardecer entrava no estúdio e iluminava a tela cheia de traços e tons frios e distantes, tal como Scarlett me havia pedido. Estava contente porque conseguira. Ali estava a prova de que conseguia fazer qualquer coisa a que me propusesse e senti uma estranha satisfação, antes de começar a limpar os pincéis.

Axel entrou no estúdio. Viu o quadro.

— Que achas? — perguntei.

— Gosto. — Mentiu-me, vi-o nos seus olhos.

Tentei ignorar a mágoa que senti por não o ver tão entusiasmado como esperava. Nunca me tinha importado tanto com alguém gostar ou não gostar do meu trabalho, nunca me tinha sentido tão exposta, tão vulnerável e tão fraca, mas era como se com cada quadro eu me abrisse mais e mais, de forma que qualquer pessoa era capaz de ver através da minha pele até aos ossos.

O dilema era que eu não conseguia parar tudo aquilo nem queria recuar. Aterrorizava-me a ideia de correr novamente para os braços de Axel, como fizera quando perdi os meus pais e precisei de me agarrar a ele para que me salvasse. Estava-lhe agradecida por isso, estaria agradecida para o resto da minha vida, mas tinha de aprender a abraçar-me a mim mesma, em vez de acabar nos braços de outra pessoa, e de lhe pedir que apanhássemos o próximo avião de forma que nos fôssemos embora dali. Tinha a sensação de que Paris me dava uma certa independência, longe de tudo o que conhecia, como se fosse um novo começo.

Axel pôs um disco de vinil e aproximou-se de mim a cantar e a fazer macacadas enquanto se ouvia *All You Need Is Love*. Acabei por me rir e por aceitar a sua mão quando ele quis dançar, até que, entre beijos, risos e cócegas, acabámos no chão de madeira do estúdio, a ofegar e a olharmo-nos divertidos.

— És louco — sussurrei.

— E partilho essa loucura contigo.

Deitou-se em cima de mim e segurou-me as mãos por cima da cabeça. Eu arqueei as costas, procurando-o, mas ele afastou-se ligeiramente e os seus lábios roçaram os meus numa carícia tão suave, que mal foi um beijo. Humedeceu os lábios ao afastar-se e aquilo pareceu-me tão erótico que estive prestes a pedir-lhe que não demorasse muito a despir-me.

— Quero saber uma coisa — murmurou. — Aquilo que disseste na primeira noite em que nos beijámos, que já não pensas no amor como uma coisa idílica, ainda acreditas nisso?

— Não, mas penso que é diferente.

— Melhor ou pior? — insistiu.

— Melhor. Mais humano.

— Queres dizer, com mais erros?

— Algo do género, sim. — Sorri, porque gostava que nos entendêssemos; quem me dera que fosse assim em relação a tudo o resto mas, claro, era impossível se nem eu me percebia. — Agora, acho que o amor é mais intenso, mais real, mas também tem as suas partes amargas. Nada é perfeito. A perfeição não seria tão viciante.

— Eu sou viciado...

Sorri e mordi-lhe a boca antes de começar a tirar-lhe a camisa pela cabeça. E então, fui assaltada pela memória de o ver sempre descalço e vestido só com os calções de banho, e tive saudades daquela atitude despreocupada que há tanto tempo não via no seu rosto. Pensei que, se tivesse de a desenhar, já não me recordaria dos matizes exatos, mas em vez de tentar resgatar o pouco que restava da minha memória, afastei a imagem para longe, enterrei-a como enterrei os dedos na pele nua das suas costas, enquanto o sentia a deslizar dentro de mim, ajustando-se às minhas ancas antes de se afastar para entrar com mais força e mais duro, até chegar ao fim com um gemido que se perdeu na sua boca.

Ficámos abraçados e cheios daquele momento. As suas mãos deslizaram suavemente pelas minhas bochechas, como se

estivessem a emoldurar o meu rosto, como se tentassem criar um quadro vivo. Ainda tinha a garganta seca quando falei:

— Que farias se tivesses de me desenhar?

Axel olhou-me durante um longo segundo, depois levantou-se e vestiu a roupa interior e as calças de ganga, mas não se preocupou em apertá-las. Ainda no chão, apoiei-me nos cotovelos para ver o que estava ele a fazer e fiquei admirada ao descobrir que tinha ido buscar algumas tintas acrílicas entre o material de pintura.

— Não te mexas — pediu com a voz rouca.

— Vais fazer isso, a sério? Pintar?

— Uma coisa... uma coisinha pequena... — Desviou o olhar. — É só uma ideia que me passou pela cabeça. Tu tenta ficar quieta.

Sustive a respiração à medida que Axel enchia um pincel fino de tinta azul e me segurava o braço no chão, ao lado das costas. Virou-o, deixando à vista a palma da minha mão e passando a ponta dos seus dedos pelo meu pulso, ali onde pulsava. Depois, deslizou o pincel sobre a minha pele e só após ele ter percorrido vários centímetros é que percebi que estava a seguir o contorno das minhas veias, procurando-as debaixo da pele pálida e passando por cima com o pincel até chegar ao antebraço.

Mantive-me quieta, mas não consegui evitar estremecer quando ele fez a mesma linha com tinta vermelha, misturando-as e subindo até ao ombro, à clavícula, e descendo um pouco mais.

Pousou o pincel e pintou as mãos com tinta vermelha. E, precisamente naquele instante, começaram a soar os primeiros acordes de *Yellow Submarine*, o som do mar em fundo, a voz entoando aquela letra infantil que fala das cidades em que nascemos, de um homem que fala com o mar, de submarinos amarelos...

— Sabes que, na realidade, o coração está no centro do peito? A questão é que a ponta está voltada para a esquerda e dizem que desse lado se ouve melhor. Mas o teu está exatamente aqui. — Os dedos pintados de tinta desenharam a forma cónica do coração com tanta delicadeza que, não sei porquê, tive vontade de chorar. — E adoro senti-lo a bater contra a pele e pensar que também é um pouco meu.

Nesse dia, enquanto nos desenhávamos, tomei consciência de que há palavras que são beijos, e há olhares que são palavras. Com Axel era sempre assim. Por vezes, falava comigo e eu sentia-o na pele; por vezes, olhava para mim e eu quase conseguia ouvir o que ele estava a pensar e, por vezes... beijava-me sem me beijar. Como no dia em que pintou um coração por cima de outro, seguindo os meus batimentos frenéticos.

Axel

Havíamos adormecido no sofá e, em determinada altura, o telemóvel dela tocou e Leah levantou-se para atender, reprimindo um bocejo. Afundei a cabeça entre os almofadões, até que ela regressou a saltar e a gritar, lançando-se para cima de mim.

Endireitei-me devagar, ainda sonolento.

— O quadro foi vendido, Axel! Foi vendido! Entreguei-o há poucos dias e já tem dono, acreditas nisto? Nem sequer o vão poder levar para a exposição seguinte, mas a Scarlett diz que não podiam ser melhores notícias, por isso...

— O quadro que ela te encomendou? — perguntei.

— Claro, qual é que havia de ser?

— Não sei, ainda têm o de Paris a derreter.

Leah franziu o sobrolho, como se não gostasse do nome que eu acabava de pôr à obra, porque, na verdade, não me lembrava de que ela lhe tivesse dado algum nome.

— E acho que o vão ter para sempre.

— Porque é que dizes isso?

— Nunca se vai vender.

Segui-a quando foi para a cozinha e pus água a ferver para preparar um chá. Encurralei-a contra a bancada, porque tinha a necessidade de lhe tocar a toda a hora e, além disso, queria uma resposta sincera e clara à pergunta que lhe ia fazer:

— Então, já está, conseguiste, conseguiste o que querias. Isso significa que vamos voltar para Byron Bay? — Dirigiu-me um olhar que me partiu o coração. — Porra, Leah!

Soltei-a. Fechei os olhos e tentei acalmar-me. Mas não consegui. Apaguei o lume.

— A Scarlett disse que seria um disparate ir-me embora agora, depois do que acabou de acontecer, porque nem ela o esperava.

Não estou a falar de muito mais tempo, mas talvez algumas semanas, para ver como isto corre...

— Ver como corre, para quê?

— Para tomar decisões. Não sei! — Levou as mãos à cabeça e olhou para mim, frustrada.

— Que parvoíce, o que é que tu queres?

— Quero fazer coisas. Quero ser melhor!

— Melhor para quem? — repliquei.

— Para estes idiotas todos!

— Estás a ouvir o que estás a dizer?, Leah, porra!

— Porque é que não percebes?

— Porque nem tu própria te percebes! Porque se te ouvisses ias perceber que o que dizes não tem lógica nenhuma. Se são uns idiotas, que interessa o que pensam? Pretendes adaptar-te ao que eles esperam de ti? É isso? Olha para mim.

— Não quero discutir contigo... — gemeu.

Merda. Eu também não queria discutir com ela, não queria... mas ela não estava a facilitar as coisas. Era como se tivesse perdido a perspetiva ou estivesse imersa num daqueles momentos críticos da vida em que não consegues diferenciar o que é verdadeiramente importante do que não é. Às vezes, de dentro, as coisas veem-se desfocadas. Mas de fora, era tudo tão claro, que me doía vê-la imersa naquela espiral de dúvidas e anseios.

Leah abraçou-me. Porém, nesse dia, e pela primeira vez, não consegui corresponder ao seu abraço, porque não a reconhecia. Porque, ironicamente, quando pensava, enfim, que a tinha, que era minha, era exatamente tudo ao contrário; ela não era ela própria, nem sequer era de si própria. Não sabia quem ela era.

Axel

«Deixa-a cair», dissera Oliver.

O problema é que não me conseguia esquecer da conversa que tivéramos na noite que passámos juntos em Byron Bay, percorrendo as ruas de madrugada, quando acabámos sentados nuns baloiços e falámos antes de ela decidir embarcar naquela viagem: perguntou-me se estava disposto a apanhá-la, caso ela caísse em Paris. E eu prometi-lhe que estaria sempre ali.

Leah

Sentia que estava a fazer qualquer coisa, mas não sabia se era uma coisa boa ou má. Parecia-me ser melhor do que nada, preencher uma parte de mim que até então não sabia que estava vazia. Publicaram um artigo num *site* eletrónico de arte com uma fotografia de um dos meus quadros no início, sobre o surgimento de alguns artistas ainda desconhecidos. Houve um momento, durante aquelas semanas em que estive fechada no estúdio, em que percebi que não me importava que me reconhecessem a mim, o importante eram as minhas obras. Que gostassem delas. Que, ao vê-las, inclinassem a cabeça com interesse, ou que Scarlett assentisse, satisfeita, com um sorriso. Precisava de sentir que compreendiam o que eu tentava expressar. De algum modo, era como enviar uma mensagem numa garrafa e fazer figas para que, após atravessar o mar aberto, alguém conseguisse ver luz entre as letras esborratadas.

Trabalhava desde que me levantava até que me deitava. E, quando me ia deitar, aconchegava-me no corpo quente de Axel e tentava ignorar a sua expressão fechada, a tensão dos braços que me rodeavam e os silêncios cada vez mais densos.

Queria falar com ele, mas não sabia como o fazer.

Queria dizer-lhe que não estava a pensar ficar ali em Paris para sempre, mas que naquele momento sentia que tinha de estar ali, que, se me esforçasse o suficiente, encontraria o que quer que estivesse à procura. Queria dizer-lhe isso e também que detestava prendê-lo ali, ver como se apagava a cada dia, enquanto fumava, ausente, apoiado no parapeito da janela da sala e a contemplar a cidade que parecia sempre sussurrar. Queria...

Queria que as coisas fossem diferentes.

Mas uma parte de mim não conseguia deixar de pensar que, se cedesse, se me fosse embora com Axel sem ter a certeza de o

querer fazer, seria como voltar a pôr Axel num pedestal, no centro do meu mundo, pronta para girar à sua volta. E gostava da relação que tínhamos, daquela sensação de que estávamos ao mesmo nível, olhando-nos fixamente, sem ter em conta a idade nem tudo o que tínhamos passado. Só nós. Em branco. Prontos para pintar a história que queríamos viver a partir dali.

Axel

— Tens a certeza de que queres vir? — Leah olhou-me, ansiosa.

— Claro. Não é assim tão mau. Ou, sim, é. Mas eu aguento.

Dei-lhe um beijo na testa para tentar alisar o sobrolho franzido e saímos. As noites começavam a aquecer e nesse dia deixei, finalmente, o casaco em casa. Foi um alívio, uma daquelas pequenas vitórias que me aproximavam à minha vida anterior. Leah assentiu distraída quando comentei isso com ela, mas apenas me deu a mão enquanto caminhávamos para o restaurante em que decorreria o jantar da galeria e ao qual compareceriam outros artistas e amigos dos sócios.

Chegámos cedo, por isso sentámo-nos numa das extremidades, em frente a Scarlett e a William, que nos cumprimentaram com a sua atitude condescendente habitual, embora Leah não parecesse reconhecer isso, limitando-se a sorrir com timidez. Hans não tardou em aparecer e os restantes convidados foram aparecendo logo de seguida. Por sorte, um artista chamado Gaspard sentou-se à minha esquerda; era uma das poucas pessoas interessantes com quem me tinha cruzado nos últimos meses. Sinal disso era eu não desejar ser surdo sempre que falávamos. Então, concentrei-me em conversar com ele, apesar de o seu inglês ser básico, e tentei manter as aparências. A situação com Leah estava tensa há alguns dias e queria mostrar-lhe que, acontecesse o que acontecesse, seguiríamos em frente. Juntos.

Não sei como, acabei a falar-lhe de Byron Bay.

— Esse sítio parece diferente — disse Gaspard com interesse.

— E é — interveio Hans. — Não tem nada que ver com isto. Lá, as coisas funcionam de outra maneira. Provavelmente, ias gostar.

— Ligo-te se algum dia aparecer por lá — disse Gaspard, olhando para mim.

«E se já me tiver ido embora daqui», pensei, mas deixei essas palavras contidas na ponta da língua. Afastei o prato de *ratatouille* à medida que as vozes dos convidados se elevavam e eu tentava ignorar as costas tensas e retas de Leah. A recordação de a ver descalça, deitada no chão, sorridente e com o cabelo emaranhado assaltou-me, e pousei o garfo para dar um grande gole de vinho. Tinha vontade de pedir alguma coisa mais forte. Algo que me entorpecesse um pouco.

— Atualmente, o mercado pede uma resposta imediata — indicou Scarlett, enquanto vários artistas a olhavam com interesse. — É uma pena, claro, mas isso exige produtividade. Não é uma coisa que nós procuremos, mas sim o cliente, que afinal é sempre a peça-chave de qualquer negócio. As coisas giram em torno dele.

— Acontece tudo muito rápido — notou um rapaz.

— É preciso adaptarmo-nos às circunstâncias.

— Ou mudá-las — intervim sem conseguir evitar.

Ao meu lado, vi Leah apertar o cabo do garfo.

— Como sugeres que façamos algo desse género?

— Não sugiro que se faça — esclareci. — E tem razão quando diz que o cliente é sempre quem manda, mas creio que, por vezes, o cliente não sabe o que quer até o ver. Trata-se de não lhe dar somente o que procura, mas sim algo mais; de o surpreender.

— Perspetiva interessante. — Hans assentiu com a cabeça.

— É uma coisa que funciona na galeria de Byron Bay, pelos vistos, mas aqui as coisas são ligeiramente diferentes. Não temos muita margem para cometer erros. — Scarlett suspirou e limpou a boca com o guardanapo. — Surpreender o cliente implica correr riscos.

— Arriscar deveria ser um requisito fundamental nesta profissão — repliquei secamente.

A conversa foi interrompida pelo empregado, que deixou uma bandeja de sobremesas em cima da mesa, antes de começar a levar os pratos vazios do jantar. Agradei a trégua, porque não tinha a certeza de me conseguir conter durante muito mais tempo sem insinuar que o que ela fazia não tinha valor. Ainda pensativo, tirei uma *chouquette* polvilhada de açúcar e meti-a na boca.

Não era tão imbecil e idealista, que não percebesse a perspectiva de Scarlett. E, em parte, concordava com ela, porque, em certas ocasiões, como ela mesma dizia, o mercado exigia determinadas coisas, e tínhamos de cumprir um mínimo. Havia artistas com talento, mas sem um estilo próprio, que precisavam de ser guiados para darem o melhor de si. E depois, havia os que eram como Leah, aqueles que espelhavam a sua personalidade na tela e não sabiam fazê-lo de outra maneira para conseguir bons resultados, porque tudo o resto era forçado, neutro, pouco autêntico. A esse tipo de artistas, pensava eu, era preciso acompanhá-los ao longo do caminho, mas não empurrá-los. Eram dois conceitos muito diferentes. Uma coisa era ir ao seu lado, ajudá-los a melhorar, a polir os seus pontos fortes. E outra era ficar atrás deles para lhes dar empurrões nas costas que marcassem a direção dos seus passos.

Estava convencido de que ambas as atitudes se podiam combinar, e de que não eram conceitos contraditórios, era apenas necessário estudar cada caso de uma forma individual. Exigia mais trabalho, sim, porque nem todos os artistas podiam ser vendidos da mesma maneira, mas o resultado valia a pena. Era aquilo de que mais gostava na tarefa que comecei a desenvolver na galeria de Byron Bay: procurar, encontrar, decidir onde cada artista se encaixava melhor, destacar as suas peculiaridades e tentar corrigir os seus erros. Isso implicava tempo, claro. Um estudo. Interesse. Era muito mais simples pedir-lhes a todos que fizessem a mesma obra e ignorar tudo o resto, mas não imaginava nada mais vazio; era muito mais gratificante encontrar um lugar perfeito para cada um e ajudá-los a chegar até lá. Pensei na careta de nojo que Sam faria se ouvisse aquilo, ela que mimava e cuidava de cada pormenor do seu trabalho.

Aguentei o resto do serão graças às bebidas que pedi depois da sobremesa. Quando Leah se levantou e começou a despedir-se dos restantes, imitei-a, satisfeito. Saímos do restaurante e dirigimo-nos para casa envoltos num silêncio cheio de angústia.

Ela foi direita à cozinha, tirou do armário uma garrafa de licor e serviu um copo. Reparei que a mão lhe tremia quando deu um longo

trago. Olhou para mim fixamente enquanto a tensão se instalava à nossa volta. Era densa. Era asfixiante. Tinha a sensação de que até respirar era arriscado.

— Uau, não bebeste nada durante o jantar. — Tirei-lhe a garrafa e dei um trago diretamente do gargalo. Lambi os lábios antes de olhar para ela. — Estavas com medo do que pensariam de ti? Não é bem visto na alta sociedade?

— Vai à merda. — Pestanejou. — Não... eu não...

— Não arranjes desculpas — repliquei e tirei outro copo.

Fui até à sala e ela seguiu-me. E não era por estar chateado que queria que ela pedisse desculpa, mas sim por, na realidade, eu merecer. Tinha tentado chamá-la à razão, esticar a corda, porque, quando caminhávamos juntos pela rua, tivera vontade de a sacudir pelos ombros, para que abrisse os olhos de uma vez por todas.

— Disse-te para não ires ao jantar.

— Como se isso fosse resolver alguma coisa — quase cuspi.

Não sei se era por causa do álcool, que me deixava sem filtros, ou por estar cansado de não conseguir ser feliz ao seu lado, ou que houvesse sempre um contratempo pelo caminho que nos impedia de avançar. Sentei-me no chão da sala, bebi e pensei... pensei em tudo o que estávamos a perder e em todo o tempo que já tínhamos transformado em pó. E, quando isso me sufocou, bebi mais. Leah não estava ali e ainda bem, talvez o licor estivesse a falar por mim, mas, pela primeira vez em toda a minha vida, não a queria ver. Apenas durante uns minutos... apenas uns minutos, para voltar a apagar as coisas más e a recordar todas as coisas boas que tínhamos juntos.

«Deixa-a cair.»

Saboreei aquelas palavras de Oliver por um instante, mas, logo a seguir, abanei a cabeça e afastei-as, embora não tivesse parado de as repetir nas últimas semanas.

Acabei de beber o que tinha no copo.

E, após o último trago, senti a presença de Leah atrás de mim. Levantei-me e virei-me para a encarar, mas fiquei paralisado. Estava nua, a olhar para mim com os olhos vidrados e nada mais, nada que se interpusesse entre nós. Sustive a respiração ao recordar a

primeira vez que a vira assim, na noite em que tudo começara, quando regressámos do Bluefest e a encontrei nua no meio da minha sala; só que, nessa altura, era mais nova e mais inocente, mais vulnerável e mais minha, ainda que eu não o soubesse.

Pensei que, se pudesse voltar àquele momento, teria feito tudo de maneira diferente. Na minha imaginação, nunca teríamos chegado a esta situação, porque teria mostrado a Leah o quão perto o êxito está do fracasso, que são duas ruas que por vezes se cruzam e avançam na mesma direção. Na minha imaginação, ainda a veria a pintar o que sente e eu continuaria submerso nessas pinturas, a viver através dos seus traços. Na minha imaginação, estaríamos juntos há mais de três anos e ela estaria nua sobre a areia da praia e não num apartamento de Paris com o barulho dos carros em fundo e o murmúrio da cidade.

— Não dizes nada? — sussurrou.

— Este... este não é o melhor momento...

Leah pestanejou surpreendida e olhou-me magoada.

— Estás a rejeitar-me? — subiu a voz. — Olha para mim, Axel.

Engoli em seco, obrigando-me a encará-la novamente, porque aquilo me doía tanto a mim quanto a ela. Ou talvez mais, se pensasse que ainda estávamos naquele ponto.

— Não te estou a rejeitar a ti. Rejeito fazer amor contigo como se fosses uma qualquer, que é a única coisa que conseguiria fazer agora.

Leah tinha os olhos húmidos e cheios de fúria. Fui rápido e agarrei-lhe a mão antes que me acertasse no rosto. Segurei-a pelos pulsos enquanto ela apertava os dentes e me obrigava a respirar fundo para me acalmar. Depois, soltei-a.

— Não devias beber assim se não consegues controlar o que fazes, porra.

— Estás a fazer-me mal de propósito... — A sua voz foi um gemido cheio de angústia que me deixou sem ar.

— Não te quero fazer mal. Tu estás a fazer mal a ti própria, e não percebo porquê. Tento pôr-me no teu lugar, mas é difícil, cada vez é mais difícil...

Leah foi buscar uma toalha branca à casa de banho e enrolou-a à volta do corpo, ao mesmo tempo que mordia o lábio inferior, indecisa. Quando olhou para mim, vi algo novo nos seus olhos, algo que não conhecia. A raiva, a luta interna, o medo, o ego.

— Talvez seja difícil para ti, porque nunca tentaste fazê-lo. Talvez não sejas capaz, mas os sonhos às vezes exigem sacrifícios. Nem tudo é fácil, Axel. As coisas não nos são oferecidas. Mas acho que não é preciso pensar nisso, quando podes desistir de tudo o que te exige um esforço mínimo.

A minha pulsação disparou.

— E a fidelidade a nós próprios, Leah?

— Que queres dizer com isso? — Ficou rígida.

— Tu sabes o quê. Que nada disto te representa. Que não é o que tu queres.

— Sabes lá! — Uma careta passou-lhe pelo rosto. — Estou cansada de que me digas o que é que eu quero! Estou cansada de que tomes decisões por mim! E não é a primeira vez que o fazes — cuspiu, e eu percebi que se referia à noite em que decidi o futuro de ambos, mas isto era diferente, isto... não tinha nada que ver. — Sinto-me como se fosse uma marioneta nas tuas mãos! E sabia que, se ficasses, ias fazer isto, tentar mover os fios a teu bel-prazer.

Levei uma mão ao peito de forma inconsciente, porque, porra, porque aquilo foi... uma punhalada. Respirei fundo e esforcei-me por encontrar as palavras.

— Não percebes que me parte o coração ver como te transformas numa pessoa que não és?

— E tu não percebes que já não sei quem sou? Passei por tantas fases nos últimos anos que não me encontro a mim própria quando me olho ao espelho! Isto serve, Axel?

— Não, porra, não serve merda nenhuma!

Voltávamos ao mesmo, a dar voltas naquele círculo cheio de ideias confusas do qual não conseguiríamos sair. Levei uma mão à nuca e fui à cozinha para ir buscar o pouco que restava na garrafa. Quando voltei à sala de jantar, ela estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede e o corpo coberto pela toalha branca. Tinha o rosto cheio de lágrimas e o olhar fixo nas suas próprias

pernas despidas. Contive-me para não cair de novo, para não a ir abraçar e fingir que estava tudo bem. Então, sentei-me perto dela, na parede ao lado, e os nossos olhares enredaram-se no silêncio da noite.

Não sei quanto tempo estivemos assim. Só a olhar-nos. Só a tentar compreender o que estava a acontecer. Só a transformar o silêncio e a dor em recriminações.

Estava exausto, porque sentia que, independentemente do quanto me esforçasse, nunca conseguiria remediar o que tinha feito mal, anos antes, nunca conseguiria que voltássemos a estar como naqueles dias de estrelas e música de que sentia tantas saudades. Não era capaz de apagar aqueles três anos. Não era capaz de preencher com recordações que não existiam os espaços vazios que Leah tentava agora tapar com qualquer coisa que eu já não sabia se era suficiente.

— Não podemos continuar assim.

— Eu sei — repliquei.

Esfreguei o rosto. Ela soluçou.

— Não posso continuar assim — esclareceu. — Não contigo aqui.

— Que estás a tentar dizer?

Fungou e olhou para mim.

— Que, se gostas de mim, irás embora.

A primeira coisa que pensei foi que tinha percebido mal, ela não podia estar a dizer aquilo, assim, depois de tudo o que tínhamos passado, dos obstáculos no caminho que tínhamos superado, de tanto tempo, porra, de toda a mágoa...

— Não estás a falar a sério, Leah. Não brinques com isto.

— Preciso que voltes para casa, Axel. — Ela tinha as faces molhadas e os olhos cheios de lágrimas, mas eu... eu, naquele momento, morri a tentar perceber o que estava a acontecer. — Preciso... de me encontrar. De saber o que quero. Não consigo estar contigo assim, a arrastares-te em tudo isto, a fazeres mal a ti próprio. E também não te posso pedir que te mantenhas afastado sem dar opinião, porque é óbvio que não o farás.

Senti um aperto no peito.

— A sério que queres acabar tudo?

— Só te estou a pedir um tempo.

— Não me peças isso, porra! — Pus-me de pé, irritado e com a respiração agitada, porque só conseguia ver tudo a desmoronar-se sem motivo. — Pensa só nas coisas e toma uma decisão! Não é assim tão difícil. Não pode ser assim tão difícil.

— Axel... — Olhou para mim suplicante, a tremer.

— Não, porra, não. Não me vou embora deixando-te aqui sozinha.

— Preciso que faças isso. Já não sou uma criança. Quero tomar as minhas próprias decisões sem o Oliver, sem ninguém, sem ti. Tenho a sensação de ter passado a vida dependente dos outros. Tenho essa sensação e não consigo apagá-la. E quero mostrar a mim própria que consigo...

— A ti própria ou a eles? — repliquei.

Leah olhou para mim como se acabasse de a despedaçar e senti-me uma merda, por isso, ajoelhei-me junto dela e abracei-a. Apesar de ela se ter tentado libertar, abracei-a com tanta força, que ela acabou por fazer o mesmo e agarrou-se a mim, a chorar contra o meu peito durante o que me pareceu uma eternidade. Escondi o rosto no seu pescoço, respirando-a.

— Sabes o que me estás a pedir, querida? — sussurrei ao seu ouvido com o coração a bater desenfreado. — Estás a pedir-me que volte a ir-me embora como um cobarde e que te deixe aqui, que me afaste, quando te prometi que não te deixaria cair. Estás a pedir-me demasiado, Leah.

— Disseste que farias qualquer coisa por mim.

— Porra, Leah, qualquer coisa que não fosse voltar a falhar-te e a sentir-me como da outra vez. E sei que fiz merda e que tive a culpa de que tudo acabasse; acho que foi por isso que nunca te disse como foi para mim, porque sentia que não tinha o direito de o fazer. Que me arrependi todos os dias, que imaginei mil vezes como seriam as coisas agora se tivesse tomado outra decisão, que, na realidade, não queria que nenhum gajo te tocasse e que ficava doente ao pensar que eu mesmo te pedira que conhecesses outras pessoas. Tu não percebes... tu não percebes o que dói renunciar a algo que queres tanto, porque não és capaz de o fazer.

Falou com a voz quebrada e afastou-se de mim para me olhar:

— É esse o problema, Axel. Não nos estamos a perceber.

— Acho que, desta vez, estamos de acordo.

Leah desviou o olhar quando se levantou, segurando a toalha contra o peito. Tinha os olhos vermelhos e o cabelo alvoroçado tocava-lhe nos ombros despidos. Baixou a cabeça antes de murmurar que se ia vestir, e saiu da sala de jantar. Ouvi a porta do seu quarto a fechar. Meu Deus. Detestava... detestava mais do que tudo no mundo fazer aquilo. Trazia-me recordações. Tinha detestado na altura, e detestava agora. E talvez tenha sido isso, ou o licor que ainda me queimava a garganta, ou por, nessa noite, me ter aberto completamente com ela e já não ter mais nada para lhe oferecer, apesar de a ver escapar-se-me das mãos. De qualquer modo, avancei pelo corredor e fui diretamente ao seu quarto.

Leah

Tinha a camisola do pijama vestida e roupa interior, quando Axel entrou sem bater. Foi estranho vê-lo ali, porque, desde aquela primeira noite em que eu fora ter com ele a meio da madrugada para dormir com ele, não tinha voltado a fazê-lo naquele quarto.

— Que queres agora? — consegui dizer.

— Ainda não acabámos, Leah.

— Disse tudo o que tinha a dizer...

— Uma merda. Não disseste. Não foi isso que fizeste. — Deu um passo para mim, segurou-me no rosto e beijou-me.

Fechei os olhos, envolta no turbilhão do seu odor e do sabor viciante dos seus lábios. Puxou a minha roupa interior de forma brusca e baixou-me pelas coxas rudemente, antes de me pôr na cama.

— Porque é que não o fazes?

— O quê? — Observei-o e reparei no seu sobrolho franzido, na rigidez dos seus dedos cada vez que me acariciava, na frustração que se lia no seu rosto. — Axel...

— Diz. Diz que nunca me vais perdoar.

Senti-o afundar-se dentro de mim, as nossas ancas a encaixarem-se, e pisquei os olhos ao sentir as pestanas húmidas. Investiu com força.

— Eu percebo, está bem? Eu percebo-te. Querias vingar-te. Querias fazer-me o mesmo que te fiz a ti, porque te afastei de mim quando tudo parecia estar bem, porque quis que te fosses embora...

Nenhuma dor chegava perto do que senti naquele momento. Nenhuma. Porque nada se parecia com Axel a fazer amor comigo com raiva, com decepção, com a amargura deixada pelos beijos que sabem a despedidas e pelos erros que arrastávamos.

Abracei-o enquanto ele continuava a investir dentro de mim. Abracei-o com muita força, como se os meus braços à sua volta

pudessem fazê-lo entender que estava errado.

— Nunca me vingaria de ti — sussurrei. — Nunca, Axel.

Parou, ainda ofegante. Tinha os olhos vidrados. Segurei-lhe a nuca e dei-lhe um beijo doce, ouvindo o seu coração a bater agitado contra a outra mão que apoiava no seu peito despido.

— Porra, querida, porra...

— Isto só tem que ver comigo, Axel. Perdoei-te há muito tempo, porque, por mais que dissesse a mim própria para tentar separar partes de ti, aceitar umas e continuar zangada com outras, isso não estava certo — sorri entre as lágrimas, sentindo-me outra vez tão transparente diante dele. — Podia dizer-te que me voltei a apaixonar por ti, mas acho que estaria a mentir a mim mesma e que gostaria de acreditar nisso, mas, se parar para pensar... acho que nunca deixei de estar, Axel. Sinto que estes três anos foram apenas um parênteses. Porque continuavas a estar na linha seguinte, e na seguinte, e na seguinte... sempre. Não sei o que é estar sozinha, percebes? Não sei o que é nem tenho a certeza se vou conseguir, mas assusta-me não ser capaz de o demonstrar, porque assim viverei sempre com essa dúvida. Não quero vingar-me de ti. Não te quero fazer mal. Não quero nada disso.

Nunca o tinha visto tão frágil e indefeso como quando compreendeu, enfim, que não me podia dar o que eu queria. Rodámos na cama e fiquei eu por cima, procurando-o, encontrando-o. Axel contemplava-me com tanta intensidade, à medida que eu me movia sobre ele, que o ar me obstruía a garganta e as mãos, que estavam apoiadas no seu peito, tremeram-me. Fizemos amor olhando-nos fixamente e dizendo tanto entre cada toque e cada respiração, que os beijos que nos roubámos depois foram de alívio, quando não restou mais nada a acrescentar e o vazio foi libertador.

Abracei-o ao terminar. Fiquei deitada sobre ele, a ouvir o bater desenfreado do seu coração e contendo as lágrimas. A sua voz rouca acariciou-me.

— Amo-te mais que tudo.

— E eu a ti — sussurrei.

— Mil submarinos amarelos.

— Milhões de submarinos amarelos.

Leah

Quando acordei de manhã, a cama ainda cheirava a ele, e chegou até mim o aroma do café acabado de fazer. Antes de entrar na sala, fiquei na ombreira a olhar para ele em silêncio, sem que me visse. Axel estava a fumar junto à janela, com o rosto um pouco enrugado e com marcas no pescoço que os meus lábios tinham deixado na noite anterior. Não sei porquê, mas retive essa imagem: os seus dedos fletidos sobre o caixilho de madeira, a luz do Sol a salpicar o vidro e os seus olhos fixos no céu de um novo dia.

Aproximei-me dele em bicos de pés e abracei-o por trás. Mal se moveu, mas apertou a minha mão com a que cobria o seu estômago. Beije a pele das suas costas antes de o soltar para ir buscar café. Depois, vesti-me rapidamente, porque tinha de estar na galeria dentro de apenas meia hora e já estava atrasada, por isso, despedi-me com um sussurro: «Falamos depois», ao que ele respondeu roubando-me um beijo longo.

Penso que era a rotina de todas as manhãs.

Mas, quando alguma coisa quebra essa rotina, os pequenos gestos ficam-nos na memória. Qualquer disparate. Como no dia do acidente, quando perdi os meus pais; o seu olhar divertido através do espelho retrovisor, *Here Comes The Sun* soava em fundo, antes de terminar abruptamente, ou a paisagem desfocada que se desenhava através da janela do carro.

Não damos importância a esses pormenores até pensarmos que pode ser a última vez que os vemos e, então, adquirem outro valor. Como o beijo que Axel me deu nessa manhã, a firmeza dos seus dedos na minha cintura, o sussurro rouco da sua voz desejando-me um bom dia, e o sorriso que me dedicou antes de eu sair e que não chegou aos meus olhos.

Porque, quando regressei ao anoitecer, encontrei somente o vazio.

As suas coisas já lá não estavam. Axel tinha-se ido embora.

Axel

Afastá-la de mim anos antes fora doloroso.

Afastar-me dela agora era uma tortura.

Não conseguia deixar de pensar que as situações tinham certas semelhanças, que talvez eu não estivesse a lutar o suficiente, a esforçar-me o necessário. Mas, então, lembrava-me do desespero da sua voz, que ela mo tinha pedido; por uma vez, queria deixá-la escolher, confiar nela, dar-lhe espaço para que, se acabasse por cair, aprendesse a levantar-se sozinha, sem ajuda. Ainda que só de pensar nisso me sentisse morrer por dentro.

Mantive o olhar fixo na janela oval do avião durante horas, incapaz de dormir um pouco ou de deixar de pensar nela. Ligara apenas a Oliver antes de sair daquele apartamento de Paris em que tínhamos vivido tanta coisa, porque precisava de saber que ele estava de acordo com a minha decisão e que eu não tinha enlouquecido, mas, sobretudo, para que ele pudesse cuidar dela à distância e ligar-lhe todos os dias.

Quando aterrámos, movi-me como um autómato pelo aeroporto de Brisbane até ao tapete da bagagem. Esperei, ausente, tão concentrado na confusão que tinha na cabeça, que não me teria importado que as malas demorassem a aparecer.

Foi então que senti uma palmada familiar nas costas.

Virei-me. O meu pai estava ali a olhar para mim com o seu sorriso eterno e complacente. Houve qualquer coisa que se encolheu no meu peito ao ouvir a voz de Justin ao seu lado, mas estava tão surpreendido, que mal tive consciência do que diziam, deixei-me apenas envolver pelos braços do meu pai, fechei os olhos e respirei fundo, muito fundo...

Fui acometido por um pensamento disparatado. A lembrança de quando se é pequeno e tudo se resolve com um abraço do pai, quando ainda não crescemos o suficiente e ainda o vemos como um

herói capaz de solucionar o que quer que surja quase sem pestanejar. Que fácil era a vida nessa altura. Tão simples...

Afastei-me dele. Olhei para o meu irmão mais velho.

— Fónix, que estão aqui a fazer?

— Uau, e eu que te vi chegar tão quietinho.

— Vai à merda, Justin — disse, mas puxei-o para mim e despenteei-lhe o cabelo. — Espera, acho que estou a ver as minhas malas. — Aproximei-me do tapete rolante.

Após sairmos do aeroporto, ajudaram-me a meter a bagagem no carro e pedi-lhes que esperassem um momento, pois precisava de fumar um cigarro. Então, ali estávamos os três, sob um céu limpo que há muito tempo não via.

— Então, o Oliver avisou-vos... — comentei.

— Tens sorte, esse rapaz parece disposto a perdoar-te e a preocupar-se contigo, fazas o que fizeres. Se procuravas um amigo para sempre, encontraste — disse o meu pai.

— Mas não te esqueças de que nós também somos teus amigos — lembrou-me Justin e, pela primeira vez em semanas, não consegui evitar sorrir.

Um sorriso a sério. Pus-lhe uma mão no ombro para o puxar para mim enquanto dava a última passa no cigarro.

— Vamos embora — disse, abrindo a porta do carro.

Justin passou por mim.

— Olha, Axel, se precisares de chorar...

— Mais uma palavra e és um homem morto.

Sentei-me no banco de trás e vi como o meu pai reprimia um sorriso antes de pôr os óculos na ponta do nariz. A princípio, tentaram puxar conversa, mas depois perceberam que eu tinha de fazer um esforço sempre que me perguntavam alguma coisa e deixaram-me tranquilo, talvez por me conhecerem demasiado bem para saberem que precisava do meu tempo para digerir o que acontecera.

Contemplei a paisagem à medida que nos afastávamos da cidade e a vegetação cobria tudo. Pensei que, enfim, tinha voltado para casa. Só que não tinha a certeza de poder chamar-lhe assim se Leah não estava ali.

Junho

(VERÃO, PARIS)
(INVERNO, AUSTRÁLIA)

Leah

Na primeira noite que passei sozinha naquele apartamento vazio, estive prestes a abrir a mala, a meter as minhas coisas todas lá dentro e a apanhar o próximo avião. A ir atrás de Axel. A dizer-lhe que me tinha enganado, que nada daquilo fazia sentido. Mas não o fiz. Limitei-me a ficar acordada toda a noite até que acabei por me meter na sua cama quase ao amanhecer, porque os lençóis continuavam a cheirar a ele. Associava sempre o seu cheiro ao mar e aos vestígios de sal que deixava na pele, ao sol e à luz bonita de verão.

Fiz aquilo durante uma semana: tentar trabalhar durante o dia, fechada entre as paredes daquele estúdio que às vezes parecia cair-me em cima, para a seguir passar as noites a pensar nele, nas últimas horas que passáramos juntos, amando-nos, fazendo um esforço por nos compreendermos entre tantas dúvidas e silêncios.

Depois desses primeiros dias, em que voltei a ser a miúda emocional e vulnerável que não queria ser, tomei uma decisão e, numa noite, ao descer do estúdio, tirei os lençóis da cama dele antes de ceder à tentação de me meter lá dentro. Pu-los na máquina da roupa. Sentei-me em frente do eletrodoméstico com as pernas cruzadas, no chão, a contemplar o último rasto dele a dar voltas e mais voltas, até que acabou. Parou. Ao abrir a porta, o perfume do amaciador entrou-me pelo nariz e, por um lado, foi um alívio, por outro, deu-me vontade de chorar, porque de certeza que não era saudável sentir tantas saudades dele...

Pouco a pouco, comecei a concentrar-me mais no trabalho. Ter Scarlett por trás, a interessar-se por cada passo que eu dava, serviu para me forçar a levantar-me cedo em cada manhã. Fiz algumas coisas que me pediu, dois quadros semelhantes aos anteriores. Também acabei outra coisa, mais minha, mas não lhe mostrei, porque tive o pressentimento de que ela não ia gostar.

Oliver ligava-me todas as tardes. Costumávamos falar de coisas pouco importantes, da sua vida, do trabalho, das notícias do dia ou de parvoíces nossas, embora, no fundo, eu estivesse mortinha por lhe perguntar se Axel estava bem.

— Conta-me o que fizeste hoje — pediu-me.

Tirei o invólucro de um chupa-chupa e suspirei.

— Almocei com uns colegas da galeria, depois de passar lá a manhã para falar da exposição que vai ser inaugurada neste fim de semana; sabes como é, organizar tudo, afinar os últimos pormenores.

— Então, estás satisfeita?

Detestava que me fizesse aquele tipo de perguntas; obrigava-me a pensar e eu não queria pensar demasiado nas coisas, porque, quando o fazia, não encontrava as respostas que acreditava estar à procura, e isso deixava-me ainda mais frustrada.

— Acho que sim — respondi.

— Há mais alguma coisa que te preocupe?

Lambi o chupa-chupa, distraída.

— Disseram-me que talvez fosse boa ideia frequentar aulas de francês.

— Bem, isso parece uma coisa séria. Que pensas fazer?

— Ainda não decidi.

— Também não me pareces louca de alegria.

— Pois. — Mordi o chupa-chupa até o partir.

— E que tal é cozinhar sozinha? — perguntou, porque quando eu vivia na residência, comia no refeitório do centro e não tinha de me preocupar com isso.

— Horrível. Um dia destes, vou morrer à fome.

— Estás a gozar, certo? — disse, preocupado.

— Claro que sim! Estou bem, tonto.

— Está bem. Falamos amanhã. Cuida-te.

— Tu também, Oliver.

Desliguei e fiquei sentada no sofá sem me mexer até anoitecer. Talvez nunca tivesse tido tanta consciência do quão sozinha estava. Olhei para o telemóvel e pensei que era irónico que tivesse afastado da minha vida a única pessoa com quem tinha a confiança suficiente

para partilhar um sentimento assim tão íntimo. Larguei o telemóvel na mesa de apoio, deixei-me cair sobre as almofadas e cravei o olhar no teto antes de fechar os olhos e respirar fundo.

Axel

Voltei à minha rotina. Perdia-me nas ondas durante tantas horas, que quando voltava para casa, a meio da manhã, limitava-me a picar qualquer coisa que houvesse no frigorífico. Ia à galeria apenas o estritamente necessário, embora Sam fizesse tudo o que podia para me manter ocupado, porque pensar noutra coisa qualquer durante algumas horas tornara-se num alívio. No resto do tempo, limitava-me a torturar-me, a pensar e a beber demasiado.

A minha mãe apareceu lá em casa num sábado de manhã sem avisar, justamente a última coisa de que eu precisava. Cheguei-me para o lado de forma que pudesse entrar e tirei-lhe das mãos os sacos de compras que trazia.

— Que é isto tudo, mãe? — queixei-me.

— Sopa. E fruta. Verduras. Comida a sério, Axel — disse, enquanto abria o frigorífico e analisava todas as prateleiras só com uma vista de olhos. — Há quanto tempo não te alimentas como deve ser? Estás mais magro. E pareces um náufrago. Vai fazer a barba, pelo amor da santa, ou eu mesma ta vou fazer, e aviso já que não tenho muita firmeza no pulso. Nem paciência, já agora. Ainda aqui estás?

— Mãe, não estou com disposição, a sério.

— Faz o que te digo — atirou.

Revirei os olhos, mas dei meia-volta e meti-me na casa de banho. Peguei numa lâmina e, quando acabei, fiquei uns segundos a olhar a minha imagem no espelho, perguntando-me quem era, que era feito de tudo aquilo que acreditava ser antes que Leah mudasse diante de mim. E não o pensei no mau sentido. Simplesmente, algumas pessoas entram na nossa vida para virar tudo de pernas para o ar, abrir as gavetas cheias de medos e obrigar-nos a ser melhores, mais humanos, mais reais.

Ouvi umas pancadas na porta.

— Quanto tempo ainda demoras?

Abri e olhei para ela mal-humorado.

— Eh, pá, mãe. Dá-me um descanso.

— Dei-te demasiados descansos nestes anos. Culpa minha, por não ter dado conta das coisas, acredita, todos carregamos a nossa cruz. Vá, acaba lá e senta-te, o almoço está pronto.

Deixei-me cair no sofá velho e aceitei a tigela cheia de sopa de pacote que me deu. Ela instalou-se na poltrona em frente, pegou numa colher e começou a comer em silêncio.

Olhei para ela e sorri.

— Que é que tem tanta graça?

— Nada — neguei com a cabeça.

— Diz-me, senão amanhã volto cá outra vez.

Era uma ameaça de pleno direito.

— Acho engraçado pensar que, provavelmente, és a única pessoa da cidade que compra esta sopa que sabe a... bem, não sei a quê, esse é que é o problema. Qual é a tua obsessão com elas? Lembro-me... — Senti um nó na garganta, mas obriguei-me a seguir em frente. — Lembro-me de que a Leah se ria sempre que nos fazias as compras.

A minha mão pestanejou, emocionada.

— Devia ter percebido o quanto gostavas dela, mas era difícil aceitá-lo, porque isso nunca me tinha passado pela cabeça.

— Nem a mim — ri-me.

Ri-me porque, porra, que irónica era a vida, não? Acabar louco por uma pessoa que andava atrás de mim há anos e para a qual nunca tinha olhado com atenção. E acabar tudo ao contrário. Apaixonado. Atrás dela. A desejar que ela soubesse que eu estaria ali se algum dia decidisse regressar.

— Ela volta, Axel — disse um pouco insegura, acho que por ser a primeira vez que a minha mãe e eu falávamos de uma coisa séria, assim, só os dois. — De certeza que volta.

Segui-a até à cozinha e enxaguei os pratos que ela me passava, depois de os lavar com detergente. Fiquei tenso ao seu lado, à espera da resposta de que precisava e que, no fundo, ela não ia poder dar-me. Porque só Leah a sabia.

— Como é que tens tanta certeza?

— Por ser ela, filho. O lugar dela é aqui. O que acontece é que, de vez em quando, uma pessoa não se encontra nem dentro de si mesma, e Leah passou por muita coisa durante os últimos anos. Está um pouco perdida. Nem sempre caminhamos em linha reta. Às vezes, fazemos círculos e é difícil repararmos nisso se só olharmos em frente, percebes? É uma questão de perspetiva. Se ela se pudesse ver de cima, de certeza que perceberia melhor.

— Acho que preciso de um cigarro.

Saí para o terraço e fiquei ali a pensar nas palavras da minha mãe. Ela tinha razão. O problema é que eu ficava frustrado por não ter conseguido ajudar Leah a ver as coisas da maneira certa, embora uma parte de mim começasse a entender que talvez ela tivesse de o fazer sozinha. De se conhecer a si mesma. De averiguar o que queria realmente. De aprender a levantar-se após cada queda. De sentir na sua própria pele a solidão, a nostalgia, o peso dos erros.

— Veste qualquer coisa decente — disse a minha mãe lá de trás.

— Decente? Que foi agora?

— Esta tarde há um mercado e combinei lá com o teu irmão, a Emily e o teu pai daqui a pouco, por isso não te demores muito. Os gémeos estão desejosos de te ver e disse-lhes que irias. Porque é que não experimentas aquela camisa que te ofereci no Natal?

— Porra, nada de camisas — grunhi.

— Vais ficar com rugas de andares sempre assim, com o sobrolho franzido.

Dei um estalido com a língua, porque aquilo era uma emboscada mesmo à sério, mas depois lá tomei um duche e me arranjei. Meia hora depois, passeava com a minha família por um mercado cheio de produtos e objetos de artesanato, um ambiente festivo que foi crescendo até ao anoitecer, e tive a sensação de que algumas coisas encaixavam no seu lugar, porque, pela primeira vez, durante somente umas horas, não me arrependi de me ter vindo embora, embora lá tivesse deixado a pessoa que mais amava no mundo.

Leah

Nunca tinha pintado tanto. Ou, pelo menos, não daquela maneira. Não tinha a mesma sensação dos dias em que me fechava nas minhas pequenas águas-furtadas de Brisbane e me deixava levar até que a noite caísse. Tinha outra sensação, mais estranha, mais pesada. Segurar o pincel na mão deixou de ser libertador, num momento indeterminado, e passou a ser uma obrigação. Quis pensar que tudo isso acontecia por, desse modo, ser mais real, mais ponderado; porque, ao fim e ao cabo, tratava-se de trabalho, de uma coisa a sério, embora não conseguisse evitar sentir um desconforto que se instalava pelos cantos do meu estúdio, mais e mais em cada dia.

Comecei a sair muitas vezes para passear. Talvez por precisar de desanuviar quando sentia que o apartamento vazio e os pincéis nas mãos me asfixiavam. Aprendi a valorizar aquilo que Axel descobrira, mal chegara a Paris: que era tão bonito caminhar pelas ruas sem rumo certo, somente dar um passo e outro e mais outro. Às vezes, tinha a esperança de encontrar a resposta a todas as minhas perguntas ao virar da esquina seguinte e, outra vezes, simplesmente não pensava em nada, deixava a cabeça em branco e andava sem parar.

Pintar deixou de ser um alívio libertador.

Os elogios perderam o brilho.

O meu sorriso também.

Leah

Perguntava-me se era possível esqueceres-te de ti. Não dares atenção a ti própria. Não te olhares ao espelho. Não parares para pensar no que realmente queres e, ainda mais importante, na razão pela qual o queres. Havia semanas em que os dias do calendário pareciam tão amontoados, que eu quase não tinha tempo de os ir riscando, a vida seguia mais depressa do que eu, e eu perdia-me nisso: em todas as coisas que tinha de fazer, em obrigações reais e ainda noutras, que acabei por me impor em algum momento de que nem sequer me lembro.

E então, deixas de ser tu própria. Transformas-te noutra pessoa.

Igual, mas com diferentes objetivos, expectativas, sonhos...

«Mas, quem quero ser?», repetia para mim própria.

Leah

Estava numa festa, naquele mesmo hotel onde um dia Axel subiu ao terraço para fugir de um mundo que não compreendia. Lembro-me de que, pouco antes de ele se ter ido embora, lhe disse que quando estava com ele era feliz, apesar de tudo. E talvez tivesse sido esse o beliscão de que precisava para perceber que aquele não era o meu lugar, porque, quando Axel se foi embora, só ficou aquilo: os vestidos, as festas, conhecer pessoas novas com as quais não voltaria a falar no dia seguinte, e tentar ser agradável com toda a gente. Não é que tivesse algum mal, simplesmente, não era para mim. Não me satisfazia. O vazio que tanto tentava preencher continuava ali, cada vez mais presente e mais fundo, como se se tornasse maior.

Esforcei-me por desfrutar do jantar, mas sentia um nó no estômago que nem um par de copos de vinho conseguiram amainar. Nessa noite, as pessoas que estavam à minha volta falavam francês; tinha pensado muito na ideia de ter aulas, mas uma parte de mim sabia que não ficaria tempo suficiente para fazer grandes progressos, porque após várias semanas sozinha a pintar mais do que nunca, a obter palmadinhas nas costas de incentivo e críticas melhores, não me sentia mais completa nem mais satisfeita, apenas infeliz, apática.

Quando o jantar terminou, depois de ficar a conversar um pouco com algumas pessoas conhecidas da galeria, afastei-me da multidão e subi as escadas até ao terraço. Engoli em seco e avancei devagar até ao lugar exato em que, um mês antes, tinha estado com ele, com as suas mãos a percorrer o meu corpo por baixo do vestido, enquanto me mordida as faces com um ar brincalhão e me fazia rir, sussurrando-me disparates ao ouvido.

Pousei as mãos no parapeito e contemplei a cidade.

Lá em baixo, as luzes formavam constelações. Humedeci os lábios ao pensar como seria tão bonito representar aquela imagem numa tela: Paris, a noite, as vidas que palpitavam entre as ruas e os candeeiros, as pontes e o pavimento empedrado. Fechei os olhos e senti o ar morno de começo de verão que soprava suavemente. Imaginei as pinceladas suaves, os tons escuros, o fulgor das luzes, as sombras de tinta húmida...

Suspirei profundamente e dei um passo atrás.

Regressei à festa, embora tenha percebido que, se não regressasse, ninguém sentiria a minha falta. E isso foi revelador, um clarão que me aturdiu à medida que me movia entre rostos desconhecidos e mesas cheias de copos.

— Onde é que te meteste? — Scarlett deu-me o braço.

— Precisava de apanhar um pouco de ar.

— Anda, quero apresentar-te a uma amiga.

Claire Sullyvan era uma inglesa que dirigia uma pequena galeria em Londres e que me pareceu encantadora. Tinha um olhar amável, um sorriso tímido, e não parecia sentir-se diminuída ante a presença de Scarlett. Calada ao lado de Claire, enquanto Scarlett lhe falava dos meus progressos e de tudo o que conseguira alcançar desde que chegara a Paris, perguntei-me porque é que tinha achado aquela mulher tão fascinante desde o princípio. Não é que não o fosse, tinha uma presença arrebatadora, mas fazia-me sentir... menos. Agradar-lhe chegara a ter mais valor para mim do que agradar a Axel, ou a todas as pessoas anónimas de Byron Bay que um dia, durante uma exposição, aquela sim, realmente minha, quiseram gastar o seu dinheiro numa das minhas obras. Devia ter-me sentido deslumbrada por eles e não por alguém que nunca conseguiria conquistar, porque não gostava do meu estilo nem da minha maneira de sentir através da pintura. Não gostava da forma como eu me expressava, como derramava as emoções.

Porque é que me tinha importado tanto com a sua aceitação, com o seu reconhecimento? Porque é que às vezes investimos mais em quem não merece do que nas pessoas que merecem e que estão mesmo debaixo do nosso nariz?

Sentia que o chão tremia debaixo dos meus pés.

— Estás bem, querida? — Claire olhou-me, preocupada.

— Sim, desculpe, estou só um pouco enjoada.

— Vem, senta-te. — Claire acompanhou-me até uma cadeira e Scarlett desapareceu para me ir buscar um copo de água fria. — Estás com má cara, de certeza que estás bem?

Assenti, embora não, não estivesse.

Porque algumas pancadas não se veem chegar, sobretudo quando se é quem dá a pancada e se é incapaz de impedir que isso aconteça.

— Toma, bebe um pouco.

Segurei no copo. Scarlett sentou-se ao meu lado e, quando Claire se desculpou, pouco depois, para ir procurar o marido, vi que batia no chão com o sapato de salto alto, impaciente.

— Não se pode dizer que tenhas causado uma primeira impressão extraordinária, mas vou tentar remediar isso. Estou a convencê-la a destacar algumas obras nossas na sua galeria. Não é muito grande, mas tem bastante prestígio. É boa publicidade. Depois de amanhã, visitará o armazém e, se tudo correr bem, na semana seguinte dar-nos-á uma resposta afirmativa. — Continuei calada a olhar para a sala. — Não ficas contente? — Ergueu uma sobrancelha.

— Sim, claro que sim — menti.

— Não parece.

Reprimi um suspiro. Conhecia Scarlett o suficiente para saber que não estava zangada, apenas lhe estava a faltar o seu momento de glória, aquele em que eu me desfazia em sorrisos para lhe agradecer. Era como uma criança a brincar com uma coisa que dominava muito bem.

Virei a cabeça para ela, com curiosidade.

— Nunca se aborrece disto? — perguntei.

— De quê? De festas, de viver num hotel...? Claro que não.

Naquela festa, despedi-me de Scarlett, embora ela talvez só tenha dado conta disso muito tempo depois, quando enviei uma mensagem a Hans a combinar com ele para lhe explicar que me ia embora, porque lhe devia isso, e uma parte de mim sabia que ele compreenderia.

Nessa noite, voltei a pintar algo que nascia dentro de mim, a salpicar de cor as emoções que borbulhavam em mim, ansiosas por sair: uma tela escura cheia de luzes de uma cidade da qual me começava a despedir. Mas desfrutei. De cada traço, de cada segundo.

Quando faltava pouco para o amanhecer, sentei-me na sala daquela casa, que agora parecia tão grande sem ele, e peguei na taça cheia de morangos que tinha acabado de tirar do frigorífico. Ergui um morango no alto e sorri com tristeza, ao pensar que parecia um coração um tanto disforme e que, se Axel ali estivesse comigo, eu tê-lo-ia dito entre risos antes de o levar à boca e de lhe dar um beijo com aquele sabor de que ele tanto gostava.

Leah

Li nalgum sítio uma frase que dizia que, às vezes, é preciso cair, porque o mundo visto do chão é diferente. E quando lá estás, acho que, se te quiseses mexer, só tens uma opção, a de te levatares. Nem sempre há um gatilho concreto que te faça reagir, mas, às vezes, a pancada faz com que abras os olhos. E o véu com que caminhavas desaparece. Começas a ver. A ver de uma maneira diferente. As cores que antes estavam esbatidas ganham força e vibram. Soltas-te. Ganhas impulso. E levantas-te.

E, de alguma maneira, voltas a sentir-te tu própria.

Axel

As mãos tremiam-me ao encostar o escadote ao armário. Depois, subi, degrau a degrau, com um nó no estômago e uma sensação de necessidade que achei que nunca mais voltaria a sentir. A bolsa de lona em que tinha guardado todo o material estava coberta de pó, mas peguei nela, levei-a para a sala e deixei-a lá no meio, no chão. Sentei-me ali mesmo, enquanto um disco de Elvis Presley dava voltas no gira-discos, abri o fecho e perguntei-me como era possível que tivesse demorado tantos anos a fazer uma coisa tão simples.

Suspirei profundamente e fiz um chá, embora me apetecesse qualquer coisa mais forte, e voltei para ali, com a música como única companhia.

Tirei algumas tintas. Muitas estavam secas.

Peguei num tubo que ainda estava fechado e apertei-o com força, até a tinta amarela deslizar sobre o chão de madeira. Fiquei a olhar para aquela mancha durante tanto tempo que, no final, sem saber que mais fazer, fui para a cama.

Dez minutos depois, levantei-me. Esfreguei o rosto e ajoelhei-me diante da mancha de tinta amarela. Não sei por que razão, mas aquela cor recordava-me o seu sorriso, o seu cabelo despenteado e as suas pestanas, o Sol. Acaricieei-a com a ponta do dedo e espalhei-a devagar pelo chão, cobrindo a madeira, percorrendo os veios que desapareciam por baixo daquela capa colorida...

O coração palpitou-me com tanta força que pensei que sairia do peito.

E senti o sangue a correr-me nas veias, porque soube que alguma coisa tinha mudado.

Leah

Às vezes, o tempo passa tão depressa, que mal temos consciência do seu ritmo e, outras vezes, acontece exatamente o contrário. A última semana que passei em Paris foi tranquila e vivi-a com a sensação de que os minutos se tinham transformado em horas.

Quando não estava a pintar a primeira coisa que me viesse à cabeça, continuava com o hábito de passear. De manhã, subia a Montmartre, como costumava fazer com Axel. Sentava-me nas escadas e pensava em tudo e em nada; no nosso primeiro encontro ali, no quão bela era a cidade sob o seu céu prateado, no quanto a minha mãe teria gostado de percorrer aquelas ruas, e a tristeza que sentia por isso nunca poder acontecer. Curiosamente, naqueles dias cheios de solidão e de silêncio, pensei mais do que nunca nos meus pais; talvez por continuarem a ser o ninho em que me abrigava das tempestades, ou talvez por não deixar de me perguntar se estariam desiludidos comigo, se me conseguissem ver de algum lugar.

Talvez fosse uma estupidez, mas, mesmo não estando presentes, queria que se orgulhassem de mim, demonstrar-lhes que tinham feito tudo bem, que foram os melhores pais do mundo.

E tinha-lhes falhado. A eles, mas sobretudo a mim mesma.

Acho que até ao momento em que uma pessoa se destroça completamente, não tem a noção do que tem dentro. Acontece que, afinal, também eu guardava os meus demónios: o meu orgulho, a minha vaidade. Coisas sobre mim mesma que desconhecia, porque nunca haviam despertado. Coisas ante as quais não queria voltar a cair. Pensar em Axel a ser corajoso e a encarar de frente os seus sentimentos sem medo, quando já nem eu acreditava nele, deu-me forças. Porque todos podemos aprender a ultrapassar os nossos erros.

Por isso, obriguei-me a refletir sobre mim própria, por muito que doesse. Nunca é agradável olharmo-nos ao espelho quando não encontramos a imagem que desejamos, mas sim aquela que ainda somos, aquela que tentamos deixar de ser.

E aceitei ainda que há muitos anos que precisava de ter alguém ao meu lado. Primeiro, foi Axel. Depois, quando tudo acabou, agarrei-me a Landon para não cair. E a seguir, Axel reapareceu na minha vida, lembrando-me da magia que era viver rodeada de cor.

Nunca estivera realmente sozinha.

Nisso, invejava Axel, porque ele parecia apreciar a sua solidão, não tinha a necessidade de estar ao lado de outra pessoa; se o fazia era simplesmente porque o desejava, não porque lhe afligisse a ideia de estender os braços e não encontrar nenhum pilar que o segurasse. Eu queria ser isso para ele. Livre. Não queria precisar dele, queria escolhê-lo. Quando essa ideia começou a formar-se na minha cabeça, entre passeios e noites no estúdio, compreendi aquilo que Axel me dissera uma vez: «Querida que vivesses, Leah. E que, depois de viveres, me escolheesses a mim.» Não é que concordasse com as decisões que ele havia tomado, mas começava a percebê-lo. Começava a pôr-me na sua pele no momento em que ele estava mais longe, e gostei de o sentir tão próximo, apesar de tudo.

Num dos últimos dias que passei em Paris, tropecei literalmente numa loja de discos de vinil e outros artigos em segunda mão. Caminhava distraída, com os auscultadores nos ouvidos, e não vi o pequeno quadro no meio do passeio em que anunciavam preços especiais pela compra de mais do que três vinis. Entrei. Não sei porquê, como também não sei porque passara o dia a andar de um lado para o outro; simplesmente, apeteceu-me.

Estive ali um bom bocado, a ver as capas, os títulos e as bandas que me traziam recordações. Escolhi dois de que a mãe gostava e que eu não ouvia há séculos, e, quando estava prestes a ir ao balcão para pagar, vi um que conhecia bem: *Yellow Submarine*, com aquela capa colorida tão única.

Senti um impulso. Alguma coisa que me puxava. Comprei-o.

Depois, fui diretamente ao posto de correios mais próximo. Fi-lo com um passo urgente, com aquela necessidade selvagem e intensa que há tanto tempo não sentia. Gostei de voltar a sentir-me como me sentira anos antes, quando era uma criança e não parava nem dois segundos para pensar antes de fazer as coisas, apesar dos tropeções que isso implicava.

Depois, voltei para casa, a respirar calmamente. Feliz. Cozinhei pela primeira vez em muito tempo, pus música e desfrutei da solidão. Desfrutei realmente, sem me sentir triste nem miserável. Jantei uma lasanha acabada de sair do forno, com o queijo gratinado ainda a borbulhar. E, quando me deitei no sofá e fechei os olhos, a peça do quebra-cabeças que há tanto tempo eu tentava resolver apareceu de repente, quase que por magia.

Há meses que me perguntava quem era eu, à procura de respostas atrás de portas vazias, à espera de me encontrar. O problema é que não tinha parado para pensar que isso não era, realmente, o mais importante, mas sim quem eu queria ser.

E uma pergunta errada muda tudo.

Axel

— Ontem, chegou uma encomenda para ti — disse Justin.

Surpreendido, olhei para o meu irmão e ele encolheu os ombros antes de entrar no armazém da pastelaria. Saiu um minuto depois com uma caixa nas mãos, era fina e estava embrulhada em plástico com bolhas de ar e a embalagem da empresa de transporte.

— Não tem remetente — murmurei.

— Imagino que haja muita gente que te queira matar, porque despertas esse sentimento instintivo nos seres humanos, mas tenho tanta curiosidade, que não me importo de correr o risco de que seja uma encomenda armadilhada. Anda lá, abre!

Franzi o sobrolho e grunhi ao meu irmão como um animal, antes de rasgar o invólucro e o plástico com bolhas de ar. Então, senti um aperto na barriga. Sorri como um pateta, como já não sorria há semanas, e a minha pulsação acelerou.

— Um disco dos Beatles? *Yellow Submarine*? Quem é que te mandou isso?

— A Leah — sussurrei ao acariciar a capa.

— E isso quer dizer o quê? — olhou para mim, confuso.

Levantei a cabeça sem deixar de sorrir. Feliz. Extasiado.

— Que tenho uma sorte do caracas. Que ainda me ama.

Julho

(INVERNO, AUSTRÁLIA)

Axel

Não conseguia parar. Não conseguia. Levantava-me a pensar em cores e deitava-me cheio de tinta em todo o lado; na roupa, na pele, nas mãos manchadas...

Quando segurava num pincel, estava somente ali, absorto na linha seguinte, concentrado no que fazia sem pensar em mais nada, nem sequer nela. Foi libertador. Encontrar-me entre aquelas sensações que pensei nunca mais voltar a viver. Pintar. Apenas estar nesse presente firme, com o olhar cravado na ponta fina do pincel que ia retocando arestas e cobrindo-as de cor, arredondando esquinas, salpicando a monotonia.

O tempo começou a passar mais depressa.

E, à medida que os dias passavam, envolvi tudo em cor.

Leah

Senti a tentação de alterar o meu voo e de apanhar um que fosse para Sydney. Imaginei como seria agradável encontrar o meu irmão à minha espera no terminal do aeroporto e abraçá-lo com todas as minhas forças para me encher do seu cheiro familiar, do calor. Depois, pararíamos num restaurante qualquer de comida rápida e comeríamos, pondo a conversa em dia, pouco antes de eu ir ao seu apartamento e de lá ficar alguns dias com ele e com Bega, envolta nos seus sorrisos cheios de carinho e de conversa boa.

Seria bom. Mas não o fiz. Não alterei o voo.

Tinha de aprender a deixar de me atirar para os braços de outra pessoa sempre que a vida me pregava uma rasteira. Desta vez, queria abraçar-me a mim própria.

Então, cheguei a Brisbane numa tarde em princípios de julho, em que não parava de chover. Tinha passado quatro meses fora da Austrália, mas parecia que tinha passado metade da vida longe de casa. Encharcada e a arrastar a mala, entrei no autocarro e observei, pela janela, aquelas ruas em que vivera durante três anos. Mas, até então, não dera conta de que, de certa forma, o fizera estagnada, ainda dentro de uma carapaça e com uma mochila nas costas cheia de acusações, rancores e medos.

O meu quarto da residência estava tal qual o deixara. Abri as janelas para que entrasse um pouco de ar fresco e tirei a roupa da mala para a arrumar no roupeiro, ao mesmo tempo que uma sensação estranha me invadia, porque, de repente, tive plena consciência de que Axel estava muito próximo e, ao mesmo tempo, tão longe...

Perguntei-me que estaria ele a fazer naquele instante e sorri ao imaginá-lo descalço no seu pedaço de mar, com a areia agarrada à sua pele e o sol suave de inverno a salpicar-lhe o cabelo. Tão ele, como eu sempre gostara. Diferente.

Liguei a Oliver para o avisar de que tinha chegado bem.

— Fico feliz por te ter novamente em casa — disse.

— Temos demasiadas «casas» — sorri.

— E nenhuma onde devíamos ter — replicou.

— Talvez um dia, sim, um dia...

— Que vais fazer agora? — perguntou.

— Ainda é cedo. Hei de ir ao estúdio, tenho de ir buscar umas coisas que lá deixei e quero aproveitá-lo, porque daqui a um mês acaba esta bolsa — disse, franzindo o sobrolho. — Espera um segundo, Oliver, estão a bater à porta.

Afastei o telefone da orelha e abri a porta, após ter perguntado quem era e não ter obtido resposta. Pestanejei, confusa, a tentar encaixar a cena. O meu irmão sorriu-me antes de entrar e me dar um abraço tão forte, que me deixou sem respirar.

— Queria ter ido buscar-te ao aeroporto, mas não cheguei a tempo — sussurrou-me ao ouvido, e afastou-se para me olhar. Fez-me uma festa no cabelo. — Belo corte. Estás linda, anãzinha. — Voltou a abraçar-me.

— Como é que é possível...? Que estás aqui a fazer?

— Tinha de ir a Byron Bay, por isso, esperei que voltasses para fazer tudo na mesma altura. Vou para lá amanhã cedo, mas temos o dia de hoje pela frente.

Ajudou-me a acabar de arrumar as coisas até as malas estarem vazias, depois, demos um passeio pela cidade e acabámos sentados num banco de um parque, sob o céu que começava a escurecer. Brinquei com as mangas da blusa fina que trazia vestida, enquanto tentava ser sincera com Oliver, apesar de não ser fácil.

— Sei que me enganei, que deixei que aquilo tudo me iludisse, mas, ao mesmo tempo, continuo a pensar que precisava que ele se afastasse de mim. E tive tantas saudades dele que dói, mas tinha de aprender a estar sozinha comigo mesma. — Suspirei profundamente e olhei de soslaio para o meu irmão. — Vais-te rir. Ou achar aborrecido, não sei, mas, quando apareceste, voltei a sentir-me... pequena. Porque tive a tentação de ir ter contigo a Sydney e não o fiz para tentar provar a mim mesma que conseguia suportar a ideia de não desejar um abraço ao chegar.

Oliver enrugou a testa e abanou a cabeça.

— Não faças isso. Não passes de um extremo para o outro. Percebo o que dizes e concordo que é bom para ti aprenderes a resolver os teus problemas sem pedir sempre ajuda aos outros. Mas às vezes podes pedir, Leah. Não quer dizer que tenhas de estar sozinha em tudo. Sou teu irmão e vou estender-te a mão sempre que ma pedires. É nisso que consistem as relações, dar e receber. Não é mau, isso não é mau.

— Mas é efémero. E perigoso.

— Não, se vires da perspetiva certa. Eu não preciso da Bega para viver, e muito menos do Axel ou dos Nguyen; vivi sem eles durante muitos anos e, olha para mim, continuo aqui. Consegui resolver os meus problemas sozinho, embora tivesse sido agradável contar com um pouco de ajuda, que não é o mesmo do que depender dela. Não preciso deles — repetiu —, mas quero tê-los na minha vida. É mais uma escolha. Tu também não precisavas de me ver hoje, obviamente, mas aqui estou e espero que assim seja melhor.

Abracei-o sem deixar de sorrir e propus-me aproveitar a sua companhia durante as horas que ainda tínhamos juntos. Então, fiz questão de o convidar para jantar com o dinheiro que ainda tinha, por muito que ele protestasse e tentasse pagar o jantar, namoriscando com a empregada para que ela aceitasse o seu dinheiro. Não conseguiu e olhou-me mal-humorado.

— Porque é que és tão teimosa?

— Porque é que tu és?

— Devem ser os genes.

Desatei a rir e, quando nos trouxeram a conta, vi que a empregada tinha escrito o seu nome e número de telefone por trás. Levantei uma sobrancelha enquanto caminhávamos rua abaixo e caía uma chuva fina sobre nós. Nenhum dos nós se pareceu importar.

— Uau, o engate é fácil para ti.

— São os anos de experiência.

— Às vezes, prefiro não pensar demasiado na época universitária que viveste aqui com o Axel — disse, amachucando o papel para o atirar para o lixo.

— Acredita, foi do melhor. — Soltou uma gargalhada.

— Não tem piada! — Dei-lhe um empurrão.

— Que queres que te diga? — Esboçou um sorriso nostálgico antes de ficar sério, sem parar de caminhar debaixo da chuva. — Não podemos mudar o que fomos, mas sim decidir quem queremos ser. Lembro-me de dizer isto ao Axel, que pensas que nunca vai acontecer e, quando menos esperas, aparece alguém que vira o teu mundo de pernas para o ar. Acho que estava demasiado concentrado em mim próprio para perceber que a ele isso já lhe tinha acontecido. — Deu um estalido com a língua. — Anda cá, anãzinha.

Pôs um braço à volta dos meus ombros e aconchegou-me junto de si até chegarmos à porta da residência. Ele tinha pensado em ficar num albergue, mas insisti que ficasse a dormir no meu quarto e ele acedeu. Pusemos algumas mantas no chão e depois acabámos ali deitados a falar da vida em geral, dos nossos pais, daqueles dias que devíamos valorizar mais e que agora recordávamos tantas vezes.

— A mãe adorava aquela música dos Supertramp, como era?

— *The Logical Song*, comprei o disco há pouco tempo — disse.

— Tu dançava-la com ela na cozinha.

— Era muito pequenina, lembro-me mal.

— Eu também me esqueci de coisas — suspirou com o olhar cravado no teto do quarto, apenas iluminado pelos candeeiros da rua. O som da chuva fazia-nos companhia. — Mas lembro-me de que havia sempre música em casa.

— E cor. Muita cor — acrescentei.

— Sim, cores por todo o lado.

— Amanhã tens de acordar muito cedo.

— Sim, devíamos tentar dormir.

— Boa noite, Oliver.

— Boa noite, anãzinha.

Axel

Custou-me pedir a Oliver que viesse um dia a Byron Bay, mas tratava-se de uma situação delicada e, embora eu não lho tivesse dito, queria que ele ali estivesse.

Fomos almoçar a um sítio pequeno em frente ao mar e, quando terminou a *piña colada*, já quase ao princípio da tarde, contei-lhe o que pretendia que fizéssemos nessa noite. Inicialmente, piscou os olhos, confuso, mas quando lhe expliquei os pormenores e lhe expliquei que o meu pai e Justin nos ajudariam, acabou por sorrir de orelha a orelha.

Então, fizemo-lo. Seguimos em frente com o plano.

Quando a noite chegou, fomos buscá-los. Primeiro, fui buscar o meu pai, e depois parámos o carro em frente à casa de Justin. Oliver soltou uma gargalhada quando o viu aproximar-se completamente vestido de preto, da cabeça aos pés. Entrou para o banco de trás.

— Estão a rir-se de quê? — murmurou.

— De nada. Só nos surpreendeste por teres levado isto tão a sério — disse.

— Falta-te um passa-montanhas para não chamares a atenção — acrescentou Oliver.

— Eu acho que estás muito fixe, filho. — O pai sorriu-lhe.

— Querias que me vestisse de fluorescente? — queixou-se.

— Porra, eu pagava para ver isso. — Ri-me e ele deu-me uma cotovelada. — Ei! Estou a conduzir! Pai, diz alguma coisa.

— Alguma coisa — respondeu para ter piada.

Sorri e abanei a cabeça enquanto conduzia pelas ruas silenciosas e pouco movimentadas àquela hora da noite. Quando chegámos ao nosso destino, abrandei e circudei a velha casa dos Jones, para deixar o carro nas traseiras, atrás do muro que delimitava a zona de

bosque. O silêncio atingiu-nos quando puxei o travão de mão e nenhum dos quatro se mexeu durante alguns segundos.

— Acho que devíamos sair do carro — disse.

— Dá-me uma lanterna — pediu-me Oliver ao sair do carro, fechando a porta e tentando não fazer muito barulho.

Seguimos atrás dele. Fui invadido por uma sensação estranha ao recordar a noite em que ali fora com Leah, quando ela mo pedira; o arrepio que me percorreu, quando peguei nela pela cintura para que trepasse por aquele muro que agora passávamos, a sua mão a apertar a minha à medida que avançávamos por entre as ervas, o abraço intenso e quente que demos no meio daquele estúdio cheio de poeira e quadros...

Tentei parar de pensar nela, mas foi em vão.

Esteve ao meu lado em cada passo que dava, quando abrimos a porta principal e quando percorremos a sala com os móveis cobertos por lençóis. Esteve comigo quando subimos as escadas e quando revistámos cada divisão à procura daquelas recordações que agora recuperávamos; era compreensível que para os donos daquela casa não significassem nada, e que pensassem em reduzi-las a escombros, juntamente com as paredes que ainda estavam de pé e que, em breve, deixariam de estar. No entanto, para nós, aqueles objetos e fotografias antigas eram momentos, instantes, sorrisos. Eram vida.

Com alguma dificuldade, passámos por cima do muro as mochilas cheias de quadros abandonados que estavam há demasiado tempo escondidos naquela escuridão. Justin encarregava-se de analisar cada passo que dávamos e de nos pedir que baixássemos a voz a cada cinco minutos. O pai estava emocionado ante a ideia de fazer uma coisa ilegal e de o esconder da mãe. E Oliver... a Oliver mal lhe saía a voz conforme ia reconhecendo fragmentos da sua vida familiar.

Na última viagem que fizemos lá dentro, fomos só eu e ele, enquanto o meu pai e o meu irmão enfiavam o saque no porta-bagagens do carro. Entrámos e revistámos todas as divisões pela última vez, acompanhados pela luz da lanterna.

— Estás bem? — Segurei-lhe no ombro.

— Sim. Obrigado por isto, Axel.

— Não me agradeças a mim, a ideia foi da tua irmã. Pediu-me que entrássemos aqui há uns meses, semanas antes de irmos para Paris. Eu... não sei, não sei porque é que nem me tinha passado pela cabeça que não tivessem já levado tudo.

— Foi impossível, com a Leah tão mal, com o apartamento pequeno que arrendámos... — suspirou e coçou a nuca. — Só consegui levar o mais importante. E não foi o melhor momento. Sabes? Acho que parte de mim, na altura, não queria levar estas coisas todas, porque ainda doía demasiado. Juro que às vezes ainda me surpreende ter conseguido seguir em frente.

Percebi o que queria dizer sem que ele dissesse mais nada.

A morte é assim, apanha-te desprevenido, prega-te rasteiras e desaparece deixando-te com uma sensação de dor e de vazio tão intensa, que, nesse instante, não és capaz de pensar nas pessoas que partiram. É um escudo protetor, a única maneira de continuar a viver o dia a dia como se não tivesse acabado de acontecer uma coisa que fez tremer o chão que pisas. Mas, depois, o tempo passa; dias, meses, anos. Num abrir e fechar de olhos, dás conta de que há quatro anos que tudo mudou. E, numa tarde qualquer, quando estás a ouvir música, a pintar ou no banho, és sacudido por uma dessas memórias que outrora haviam sido dolorosas e que, subitamente, são apenas bonitas.

Sim, isso, bonitas. Cheias de luz. De nostalgia.

O sofrimento muda de pele e perde intensidade.

E as cores fortes dão lugar a outras mais suaves.

— Mesmo que a ideia tenha sido da Leah, obrigado por isto, porra.

Oliver deu-me uma palmada nas costas que me reconfortou.

Dei uma última olhadela àquela sala em que tínhamos passado tantas tardes com Rose e Douglas, com os meus pais e o meu irmão e Leah a crescer em meu redor, sem que eu soubesse que se tornaria no amor da minha vida.

Ao sair, fixei o olhar numa parede e vi um quadro dela, um dos primeiros que fez e que chamou a atenção do amigo da família que os convidou a visitar aquela galeria de Brisbane, à qual se dirigiam na manhã do acidente. Passei a lanterna a Oliver.

— Segura aqui só um instante.

Arrastei o sofá até à parede e subi-lhe para as costas para alcançar o quadro.

— Estás a tentar suicidar-te? — perguntou Oliver movendo a lanterna.

— Isto é uma merda de um ato de amor pela tua irmã, podias dar uma ajudinha.

— Vou dar-te um conselho — disse entre risos ao subir ao meu lado. — Não tentes ser romântico. É de meter dó... é melhor limitares-te a ser tu próprio.

— Muito engraçado — murmurei apanhando o quadro.

Oliver ajudou-me a segurá-lo enquanto descíamos dali. Saímos da casa a rir e pensei que, se Douglas nos visse naquele momento, se alegraria. Esperei enquanto Oliver se voltou uma última vez no campo cheio de ervas para se despedir e, a seguir, saltámos juntos o muro, depois de passarmos o quadro ao meu pai.

Entrámos no carro. O silêncio foi reconfortante.

— Valeu a pena. — Oliver sorriu, feliz.

Correspondi ao seu sorriso e carreguei no acelerador.

Leah

Nos dias que se seguiram, pensei muito na conversa que tivera com o meu irmão: na ideia de querer uma coisa, mas de não precisar dela. Ao pensar naquilo, ao reconhecer que era aquilo que estava a fazer com Axel aos poucos, fui desfrutando mais da solidão, dos passeios ao entardecer a ouvir música com os auscultadores postos, a pensar em Axel, nesse «nós» que cada vez parecia mais próximo.

E à medida que comecei a precisar menos dele...

...comecei a gostar mais dele.

Saboreei a sua ausência. Valorizei-a. Sentia a sua falta na pele.

Aprendi a sentir-me bem com o que tinha. Aprendi a levantar-me cedo todas as manhãs com boa cara, ainda que me custasse. Aprendi a apreciar cada pequeno-almoço na pastelaria da esquina enquanto esmigalhava o *scone* de framboesa com os dedos e contemplava, pela janela, as pessoas que passavam no passeio em frente. Aprendi a apreciar o dia que passava nas águas-furtadas, entre pincéis e partículas de poeira que entravam pela janela quando o Sol caía, ao entardecer. Aprendi que o êxito e o fracasso são duas coisas que andam de mãos dadas, e que não se podem separar. E aprendi a deitar-me todas as noites sem chorar, mas sim com um formigueiro na barriga ao recordar a sensação que me provocavam as suas mãos ao tocar-me, os seus lábios sobre a minha boca, a sua voz rouca no meu ouvido... ele, simplesmente, ele.

E voltei a sentir aquela sensação nos dedos que me impelia a pintar, voltei a sentir que a única coisa que queria era fazer isso, desfrutar do percurso vibrante de cada traço, sem pensar no destino nem naquilo que os outros pensariam do resultado.

E um sorriso começou a bailar nos meus lábios.

Leah

Todas as manhãs me levantava mais perto de Axel. De o entender. Por fim, compreendi que, às vezes, a distância entre agarrares-te a alguém ou afastá-lo de ti é tão curta, que custa perceber onde está a linha divisória; porque temos medo do que amamos, da fragilidade, do imprevisível.

Percebi que o perdoara há muito tempo, e já não me lembrava da sensação de estar zangada com ele, mas apenas da de estar furiosa comigo própria, embora a raiva e a decepção se fossem dissipando de dia para dia, deixando um rasto que já não me apanhava, porque eu andava mais depressa, com mais confiança.

Uma semana antes de ter de esvaziar as águas-furtadas e de abandonar para sempre aquele estúdio, os meus passos dirigiram-se sozinhos para um destino diferente. Ouvia música ao percorrer a cidade sem pressa e reparei que estava a chegar àquela porta. Estava em Brisbane há quase um mês, mas tinha evitado aproximar-me daquele sítio.

Inspirei, pensativa. Não sei quanto tempo estive ali parada, a olhar para o meu reflexo no vidro, mas quando saiu um vizinho a segurar um cão pela trela, segurei a porta e não voltei a fechá-la. Entrei lá para dentro. Subi as escadas. E depois, toquei à campainha, com o coração a bater com força no peito.

Landon abriu a porta e pestanejou, surpreendido.

— Leah... — Ouvir a sua voz fez-me sorrir.

— Desculpa-me por aparecer sem avisar, mas...

— Landon? — Uma rapariga chamou-o.

Ele virou-se e disse qualquer coisa que não cheguei a ouvir.

— Desculpa, não queria incomodar...

— Não incomodas, entra. — Landon segurou-me no braço antes que eu conseguisse ir-me embora e acompanhou-me até à cozinha.

Uma rapariga morena, com o cabelo apanhado num puxo, olhou-me um tanto surpreendida, pousando a varinha mágica com que, ao que parecia, tentava fazer um sumo.

— Sarah, apresento-te a Leah.

— Muito prazer — sorriu-me.

— Igualmente. Precisas de ajuda?

Ela olhou para a varinha mágica de relance e corou.

— Acho que a estraguei. — Franziu o sobrolho.

— Uau, uma varinha mágica e um micro-ondas em duas semanas — troçou Landon com os seus olhos brilhantes, enquanto ela lhe fazia beicinho. — Acho que devia pensar bem antes de tentar marcar um quarto encontro.

Sarah deu-lhe uma palmada no braço e revirou os olhos.

— Se calhar é melhor eu voltar noutra altura... — comecei a dizer, mas ela abanou a cabeça.

— Estava mesmo de saída. Ainda para mais, a preparação do sumo para o lanche não saiu propriamente bem. — Tinha um riso estridente, que noutra pessoa qualquer teria sido irritante, mas nela soou-me terno e contagioso.

— Ligo-te mais tarde. — Vi, de soslaio, como Landon se despedia dela à porta, com um beijo rápido nos lábios.

Suspirei, contente.

— Parece muito querida — disse-lhe.

— E é — respondeu, sorrindo.

— Fazem um casal bonito. É a sério?

— Sim, para já, sim. Um passo de cada vez.

Não lhe disse que, por vezes, os passos mais pequenos são os que mudam tudo, porque isso já ele sabia. Olhámo-nos em silêncio durante alguns segundos, até que ele se aproximou e me apertou contra o seu peito. Foi um abraço bonito, cheio de carinho e de tudo de bom que tínhamos partilhado. E percebi que Landon tinha razão naquela conversa que tivéramos ao telefone, quando subi ao alto de Montmartre. Ambos tínhamos precisado um do outro. Talvez eu mais, talvez ele menos, mas não tínhamos sido completamente livres quando estávamos juntos.

— Fico feliz que estejas aqui — confessou.

— Eu também — sorri, nostálgica.
— Pensei em ligar-te um monte de vezes.
— E porque não ligaste?
— Porque sabia que devias ser tu a fazê-lo.
Assenti, dando-lhe razão, e abracei-o outra vez.
— Quero mostrar-te uma coisa, Landon.

Ele seguiu-me, sendo complacente quando lhe pedi que trouxesse um casaco fino porque nesse dia tinha arrefecido um pouco. Saímos do edifício e caminhámos em silêncio durante quinze ou vinte minutos. Landon não disse nada, mesmo quando enfiei a chave na fechadura da velha porta que conduzia às minhas águas-furtadas, aquele refúgio em que me escondera durante tantos meses, há muito tempo, quando pensava que tinha crescido, sem o ter feito.

— Tens a certeza? — Olhou-me hesitante antes de subir as escadas.

— Sim — respondi e puxei-o pela manga do casaco para o incentivar.

Chegados ao último andar, abri a porta e deixei-o passar. Ele olhou tudo com interesse, os seus olhos passearam-se de um lado para o outro até se fixarem nos quadros que eu havia pintado nessas semanas, na confusão que havia no chão, porque no dia anterior a paleta de tintas tinha caído, naquele canto tão meu.

— Desculpa-me por não te ter deixado entrar antes no meu mundo. Foi culpa minha. Queria que soubesses que tu... que fizeste tudo bem.

Landon olhou para mim. Suspirou profundamente.

— Obrigado por isto. Não era preciso.

— Isso não é verdade. Eras meu amigo, merecias. — Aproximei-me dele e sorrimos. — Vá, escolhe um, aquele que mais te transmita alguma coisa. Quero que tenhas uma coisa minha. Uma boa recordação — acrescentei nervosa, enquanto Landon voltava a olhar as obras.

Escolheu um dos meus preferidos. E gostei disso; gostei de que, apesar de ele não conseguir interpretar tão bem os quadros como Axel fazia sempre, os quadros lhe conseguissem transmitir sensações.

Depois, ficámos ali sentados durante o resto da tarde, encostados à parede de madeira e com os joelhos dobrados junto ao peito. Landon falou-me do trabalho final que tinha entregado, aquele que eu pensava começar a fazer num dia não muito distante, falou-me da noite em que conhecera Sarah num bar de *karaoke*, após um jantar de amigos da universidade, e como fora divertido o primeiro encontro que tiveram juntos. Eu confessei-lhe tudo por que tinha passado nos últimos meses: os altos e baixos, as quedas, os dias em que chorara e aqueles em que dera conta de que ainda estava apaixonada.

— E agora? — perguntou, olhando-me.

— Acho que chegou o momento de voltar para casa.

— É engraçado, porque, embora às vezes tenha desejado fazê-lo, nunca consegui odiar o Axel. Acho que era porque ele olhava para ti... olhava para ti como se olha para as coisas que sabes que não podes ter, mas que desejas com todo o teu coração.

Sustive a respiração. Há tanto tempo que não falava com alguém sobre ele que, ao ouvir outra pessoa pronunciar o seu nome, estremei.

Axel. Essas quatro letras que significavam tanto.

— Promete-me que não voltaremos a estar tanto tempo sem falar — pediu-me, olhando-me com carinho.

— Prometo — sorri-lhe e apoiei a cabeça no seu ombro.

Agosto

(INVERNO, AUSTRÁLIA)

Leah

Suponho que nem todas as histórias são uma linha reta, algumas são cheias de curvas e, às vezes, não sabes o que vais encontrar, cada vez que mudas de direção. Há troços mais difíceis, aqueles em que custa caminhar quando estás despedaçada e tens de carregar o peso dos pedaços nas mãos. Mas tudo passa. Aprendes a avançar e a limar as arestas desses erros que pesam. Também aprendes a desprender-te daquilo que um dia te auxiliou e agora já não. Ou que as cicatrizes são histórias e que, por vezes, não é preciso fazer um esforço para as tapar, mas sim ter coragem de as exibir com orgulho, as que ainda ardem e as que superaste.

Foi o que fiz, naquele dia. Enquanto dava um passo após outro, pelo caminho que conduzia àquela casa em que vivêramos tanta coisa, não me escondi. Caminhei, simplesmente, tranquila e concentrada no que me rodeava, nos ramos das árvores que desenhavam sombras sobre a gravilha e nas ervas húmidas que cresciam na beira da valeta.

Ao avistar a casa de madeira, com a trepadeira selvagem que crescia numa das laterais, comecei a sentir um formigueiro na barriga. Avancei mais depressa. Tanto que me contive para não correr. Quando cheguei à porta, tinha vontade de vomitar por causa dos nervos. Sustive a respiração e toquei à campainha. Esperei alguns minutos, que me pareceram eternos, com a desilusão a ganhar espaço, até que percebi que Axel não estava em casa.

De certo modo, durante os últimos dias, imaginara aquele momento um milhão de vezes. E era sempre... perfeito. A campainha soava. Ele abria e eu lançava-me nos seus braços, porque a necessidade de lhe tocar era mais forte do que outro pensamento qualquer. E procurava os seus lábios. Procurava... alívio.

Mas isso não aconteceu. Por isso, fiz o mesmo, como tantas vezes no passado; circundei a casa, tentando não tropeçar entre os arbustos que cresciam ali à volta e as árvores que quase tocavam nas janelas. Praguejei baixinho por ter tido a ideia parva de usar um vestido em vez de outra coisa qualquer mais prática, mas esqueci-me de tudo isso quando cheguei ao terraço e as memórias tomaram conta de mim.

Todas plenas de magia. De estrelas. De música.

Então, vi o azul. E o vermelho. E o violeta. E os joelhos tremeram-me. Engoli em seco com o coração a bater com tanta força que, inconscientemente, levei uma mão ao peito. Havia tubos de tinta vazios pelo chão; usados, vividos, sentidos.

Entrei em casa. Ou, melhor, a casa entrou em mim.

Porque quando abri a porta do terraço e dei um passo em frente, senti que o chão começava a girar aos meus pés, e que as paredes, completamente pintadas, me abraçavam com força. Segurei-me à ombreira de madeira, para não cair, e escapou-se-me um soluço que me deixou sem ar.

Fiquei paralisada a tentar compreender cada traço e cada desenho, cada linha cheia de vida. Porque tudo era cor. Tudo. Axel tinha pintado com as suas mãos as paredes, partes do chão, as pernas das cadeiras e os bancos da cozinha; a prancha de *surf* que estava apoiada numa parede e o baú em que guardava os discos de vinil.

Tinha pintado tudo. Sem telas.

Sorri, entre lágrimas, ao recordar o que me dissera uma vez: que comprara aquela casa porque se tinha apaixonado pela ideia daquilo que poderia fazer dentro dela. E, afinal, cumprira. Literalmente. Tinha-a preenchido de pintura à sua maneira, procurando cada aresta, cada superfície sem cor, cada tábuia do soalho em que ainda não tinha tocado com a ponta do pincel.

Tentei separar as cores e as linhas que percorriam as paredes, até que comecei a ver pormenores da nossa história ali representados: aqueles lábios que estavam perto de uma esquina, uma carícia suave, estrelas tremeluzentes a salpicar a noite, dois corpos entrelaçados com desejo que formavam o tronco de uma árvore de

folhas pálidas, o mar, as ondas a engolir fragmentos de culpa, sob a luz de um sol suave que me fez lembrar o perfume do verão.

Deixei cair a mala no chão. Movi-me pela sala, tocando com as mãos nos desenhos secos, nas saliências irregulares, percebendo na pele dos meus dedos as vezes que ele pintara por cima do que se conseguia ver, sentindo... tentando senti-lo em cada traço. Passei pela ombreira de madeira daquele que fora o meu quarto, aquele em que, cada noite, sonhava em me enfiar no quarto dele, para lhe roubar um beijo e para que ele deixasse de me ver como uma criança. Era um desenho étnico, bonito, colorido.

Ao abrir aquela porta, fiquei paralisada.

Na parede maior, a que estava junto à cama, pintara um imenso submarino amarelo. Era lindo. Especial. Com as janelas redondas e no meio de um oceano azul, cheio de estrelas do mar, peixes de olhos grandes e um polvo que se agarrava com os tentáculos lilases à parte traseira do submarino. Os traços deste desenho não eram como os da sala, não. Estes eram traços suaves e doces, com linhas menos aguçadas, que pareciam escorregar pela parede sem esforço.

Continuava sem conseguir sair da entrada do quarto, quando o senti atrás de mim. Virei-me. Devagar. Muito devagar. Tentando que os joelhos me parassem de tremer.

Axel estava ali, no meio da sala, vestido somente com os calções de banho, ainda molhado. O seu peito subia e descia agitado em cada respiração e os seus olhos continuavam fixos nos meus, abrasadores, intensos, cheios de tanta coisa...

Quis dizer algo. No caminho de Brisbane até ali, pensara num discurso que era mais uma declaração de intenções, mas todas essas palavras se esfumaram e fiquei vazia, a tremer e a olhá-lo.

Axel deu um passo em frente, mas deteve-se, como se tivesse medo de estragar o momento, o fio invisível que parecia ligar-nos. A minha boca secou. Sentia-me feliz, extasiante e nervosa ao mesmo tempo. E desajeitada. Muito desajeitada. Talvez por isso lhe tenha perguntado a primeira tolice que me veio à cabeça, porque precisava de quebrar o silêncio:

— Porque é que pintaste isto?

— Porque é o quarto dos filhos que vou ter contigo.

Disse-o com um ar sério, como se fosse uma coisa óbvia e estivéssemos ali a perder tempo olhando-nos com todos aqueles metros que nos separavam. Dei um passo para ele e sorri entre lágrimas. Ao recordar a noite em que me levou ao quilómetro zero de Paris, aquela em que caminhei sem hesitar, ao relembrar tudo de bom que tínhamos partilhado, uma vida inteira.

— E que terias feito se eu não voltasse?

— Não faço a mínima ideia — respirou fundo.

Parei diante dele, deixando apenas alguns centímetros entre a sua boca e a minha, respirando-o e levando comigo aquele cheiro a mar de que tinha tantas saudades. Não conseguia parar de chorar, mas, pela primeira vez em muito tempo, não era de tristeza. Era de alívio. De alegria. Do quão abençoada me sentia. Da força com que o meu coração batia. Da vontade que tinha de lhe tocar. E beijar. Beijá-lo até me cansar.

Humedeceu os lábios. Estava tão próximo, que quase consegui sentir essa carícia nos meus lábios, recordar como era o rasto húmido da sua língua, a sua respiração quente soprando suavemente. Olhámo-nos. Olhámo-nos durante uma eternidade, com a tensão a enredar-se à nossa volta. Axel deixou que uma das suas mãos deslizasse até à minha cintura e eu baixei o olhar até àqueles dedos que pareciam ter caído ali, porque precisavam de se certificar de que eu era real, de que me tinham à sua frente, e de que os nossos corpos continuavam a reagir ante um toque qualquer e quase casual. Levantei a cabeça e mergulhei no seu olhar azul, no oceano.

— Voltaste a pintar. — Engoli em seco.

Axel sorriu ante o meu comentário patético.

— Parece que sim. — Olhou para a minha boca.

— Porque é que o fizeste? Diz-me.

— Porque tive medo de me esquecer de tudo o que tinha cá dentro, eram demasiadas coisas, demasiadas... e sabes que não sou muito bom com as palavras, mas isto que vês aqui é tudo o que somos juntos. — A sua voz rouca foi como a carícia de que há tanto tempo eu sentia falta. — Somos os amanheceres na praia e o som

do mar, somos as noites de estrelas no terraço, a vontade de nos despirmos, as nossas músicas, o vermelho do entardecer, e todos os traços que fiz a pensar em ti. Somos estas paredes que te rodeiam, aquilo que já vivemos. E também o que ainda está para vir.

— Axel... — Solucei com mais força.

— Não chores, por favor. — Abraçou-me contra o seu peito e senti que, finalmente, tinha chegado a casa, que tudo o que queria estava diante de mim e que podia escolhê-lo sem sentir necessidade, depois de viver, depois de me encontrar, depois de perceber quem queria ser.

Afastei-me dele, limpando os olhos.

— Tinha pensado num discurso...

— Querida, não consigo esperar mais.

— ...mas tenho de te beijar.

— Menos mal, porra — resmungou enquanto os seus dedos tocavam na orla do meu vestido, colou a sua boca à minha e eu derreti-me entre os seus braços, naquela casa cheia de pintura, de histórias e de cicatrizes, que Axel tinha adornado com cores brilhantes.

Fechei os olhos, beijando-o lentamente com um sorriso.

E então, sim. Então, fomos o branco. Mas um branco pleno de reflexos de todas aquelas cores que chegaram antes e que fomos descobrindo e deixando para trás, pouco a pouco. Um branco alaranjado. Um branco azulado. Um branco amarelado. Um branco esverdeado...

Um branco diferente. Único. Nosso.

Epílogo

(NUM PEDAÇO DE MAR, AO ENTARDECER)

Ele está deitado em cima de uma prancha de *surf* a contemplar a maneira como a água reflete a luz suave do Sol, que está prestes a desaparecer no horizonte. De repente, lembra-se daquele dia, anos antes, quando, estando nesse mesmo pedaço de mar, se perguntou se era feliz, e encontrou um indício de dúvida agitando-se dentro de si, precisamente minutos antes de o seu melhor amigo lhe pedir um favor que mudaria a sua vida para sempre.

Agora, sabe que a felicidade é caprichosa e complicada.

Mas também é risco, busca, aprender a saltar...

E ele saltou há muito tempo. Pensa nisso enquanto sai da água e caminha em passo lento até à casa de madeira que se recorta entre duas palmeiras e a erva que tenta trepar pelo telhado. Então, vê-a. Sorri devagar. Ela levanta o olhar.

Lá de dentro, chega o ritmo alegre de *Twist and Shout*.

Olham-se fixamente à medida que ele sobe os degraus do alpendre. Detém-se ao seu lado e contempla os traços intrincados sobre a tela cheia de cor, daquele entardecer distorcido que é tão ela, tão seu, tão caótico e sentido. Não diz nada, porque não é preciso, limita-se a sorrir, orgulhoso, antes de entrar em casa.

Ela segue os seus movimentos até ele desaparecer.

Em seguida, começa a fechar as tintas e a limpar os pincéis, ao mesmo tempo que a luz alaranjada parece despedir-se do dia. Pouco depois, ouve Axel na cozinha a preparar o jantar. Uma vez, há muito tempo, Leah pensou em como era triste ter consciência do quão especiais eram certos momentos da vida apenas depois de passarem, armazenando-os na memória. Agora, tenta saboreá-los no momento em que ocorrem. Agora, esforça-se para estar nesse presente em que um dia ele a ensinou a viver. E é perfeito. É bonito.

Mesmo com as partes mais amargas, com os dias em que as sombras ganham, com o bom e com o mau. Com ele. Com a família que se escolhe. E, voltando atrás, somente para ganhar impulso e para recordar aqueles que já não estão, mas que continua a sentir tão próximos. Já sem dor. Já com um sorriso nostálgico que por vezes lhe escapa.

Algumas horas depois, deitados na cama de rede com as mãos dele a abraçá-la, relembram alguns desses instantes. E falam de pintura, de sonhos ainda por cumprir, desse futuro desconhecido que não sabem o que lhes reserva, da magia do imprevisível. Da vontade de mais. Da vontade deles. E voltam a ser música. Estrelas cintilantes. Cores que brilham. E ele cheira a mar, como ela sempre o recordou. E ela tem o cabelo revolto, como ele a desenhou um dia, só porque lhe apeteceu.

E simplesmente são. Deixaram acontecer.

Ele suspira e toca-lhe na orelha com os lábios.

— Estou a pensar em submarinos.

— O nosso submarino amarelo.

Agradecimentos

Há projetos que levam tempo a encontrar um lugar e, quando isso finalmente acontece, fazem-no aconchegados pelo carinho de todas aquelas pessoas que um dia contribuíram com o seu grão de areia e o fizeram crescer, pouco a pouco. Creio que é justo começar pela casa que abriu as portas a este conjunto de duas obras: obrigada à equipa de Marketing e Comunicação, pelo entusiasmo e pela confiança; à Raquel, David e Lola, minha editora.

Ao meu agente, Pablo Álvarez, que foi a primeira pessoa que apostou na história de Axel e Leah e se propôs a deixá-la nas melhores mãos (e conseguiu).

Às leitoras que me ajudaram a melhorar estes romances: Inés (a tua sinceridade é sempre necessária), Dunia, Lorena, Elena e a minha querida Bea.

A Nerea, que, quando ainda não sabíamos de que maneira terminaria este projeto, não hesitou em fazer parte dele com as suas ilustrações e o seu talento.

A Maria Martínez, por continuar ao meu lado.

A Neira, Saray e Abril, grata por tanto.

A Daniel, o melhor amigo que poderia desejar.

À minha família. E à minha mãe, por me ler sempre.

E ao J., que, com o seu apoio, me possibilita continuar a escrever e a perder a noção do tempo em frente às teclas do computador. E porque, quando olho para ele, só consigo ouvir, uma e outra vez, «todos vivemos num submarino amarelo».